

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 26 • 2020



**Instituições, personalidades e espólios arqueológicos
contributos para a Arqueologia portuguesa**

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2020

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular para além de contributos sobre a História da Arqueologia.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 26 • 2020 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

**A PRIMEIRA ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA METODOLOGICAMENTE MODERNA
FOI REALIZADA EM PORTUGAL EM 1879/1880: A INTERVENÇÃO DE NERY
DELGADO NA GRUTA DA CASA DA MOURA (ÓBIDOS, PORTUGAL)**

***THE FIRST METHODOLOGICALLY MODERN ARCHAEOLOGICAL EXCAVATION
WAS CARRIED OUT IN PORTUGAL IN 1879/1880: NERY DELGADO'S
INTERVENTION IN THE CAVE OF CASA DA MOURA (ÓBIDOS, PORTUGAL)***

João Luís Cardoso*

Abstract

In the 1879/1880 campaign of excavations in the Casa da Moura cave (Óbidos, Portugal) Nery Delgado chose the main room of the cave, corresponding to the area closest to the entrance and bounded on the opposite side by a large block dropped from the roof for the application of a new methodology for archaeological field works. Having an approximate sub-triangular contour, occupying the entry site one of the vertices, the excavated space was divided into orthogonal sectors, designated by letters, delimiting tendentially equal elemental excavation areas, since they had accommodated to the pre-existing cave geometry.

The publication of exhaustive and systematic inventories of the materials collected in each of the excavated sectors previously defined, according to their collection depth defined by artificial levels, revealed the exceptional quality of Nery Delgado's work as an archaeologist, and his original contribution to the methodology of modern archaeological excavations. It's name should be considered among one of the most notable pioneers of European archeology.

Keywords: Nery Delgado; Casa da Moura; methodology of excavation; pioneer; History of Archaeological Science; Nineteen Century; Portugal

1 - INTRODUÇÃO

A gruta da Casa da Moura é uma cavidade de origem cársica existente no planalto da Cesareda, do concelho de Óbidos, em calcários do Jurássico inferior, e possui as seguintes coordenadas geográficas (Fig. 1):

Latitude – 39° 19' 36'' lat. Norte

Longitude – 9° 15' 14'' long. Oeste de Greenwich

Do local onde a gruta se abre, domina-se vasta paisagem para Norte, embora a entrada daquela se encontre dissimulada pelos próprios afloramentos calcários, sendo apenas visível de muito próximo. Com efeito, encontra-se voltada para o céu, correspondendo-lhe uma pequena chaminé ou algar.

* Catedrático de História (Pré-História e Arqueologia) da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador associado do ICArEHB (Universidade do Algarve) cardoso18@netvisao.pt

Situa-se a cerca de 160 m de altitude, no rebordo setentrional do planalto da Cesareda, distando apenas cerca de 25 m da escarpa limítrofe daquela vasta superfície, que constitui a linha divisória entre a bacia hidrográfica do Tejo e as bacias dos cursos de água que afluem ao Oceano, situado para Ocidente cerca de 6 km.

O planalto da Cesareda, parte integrante dos contrafortes setentrionais da serra de Montejunto, corresponde a unidade geomorfológica de contorno alongado, de orientação geral Nordeste-Sudoeste, dominando o vale da Columbeira, a Norte, e o de S. Bartolomeu, a poente, os quais se encontram ligados por uma profunda depressão, que completa, daquele lado, o seu limite. Do lado oriental, a elevação das Cesaredas prolonga-se por outras, mais baixas, que formam o flanco esquerdo do vale do rio Real. A sul, liga-se ao Alto das Castelhanas.

Do ponto de vista espeleológico, a estreita chaminé quase vertical correspondente à entrada na gruta, com uma largura máxima de 3 m e uma altura de cerca de 4 m, dá acesso a uma sala, de planta irregular, de tendência sub-triangular, separada de uma outra, mais interior, por um grande bloco, abatido do tecto (Fig. 2). Porém, ambas as salas comunicam através de dois estreitos corredores laterais, existentes ao longo do bloco tombado, já assinalado nas plantas elaboradas no tempo de Nery Delgado e agora dadas a conhecer. Uma galeria superior assegura também a comunicação entre ambas. A soleira da primeira sala, onde actualmente aflora na sua totalidade o substrato geológico, inclina para o interior do maciço rochoso, acompanhando o andamento geral do tecto, baixo e irregular; ao contrário, na segunda sala, aquele forma cúpula com cerca de 6 m de altura. O tecto desta segunda sala possui uma estreita fenda vertical, que comunica com a superfície (o “ouvido da Casa da Moura”). Por seu turno, esta sala vai estreitando e inclinando, até terminar num poço vertical cuja terminação só recentemente foi reconhecida, conforme a planta levantada pelo Espeleo Clube de Torres Vedras (Fig. 3).

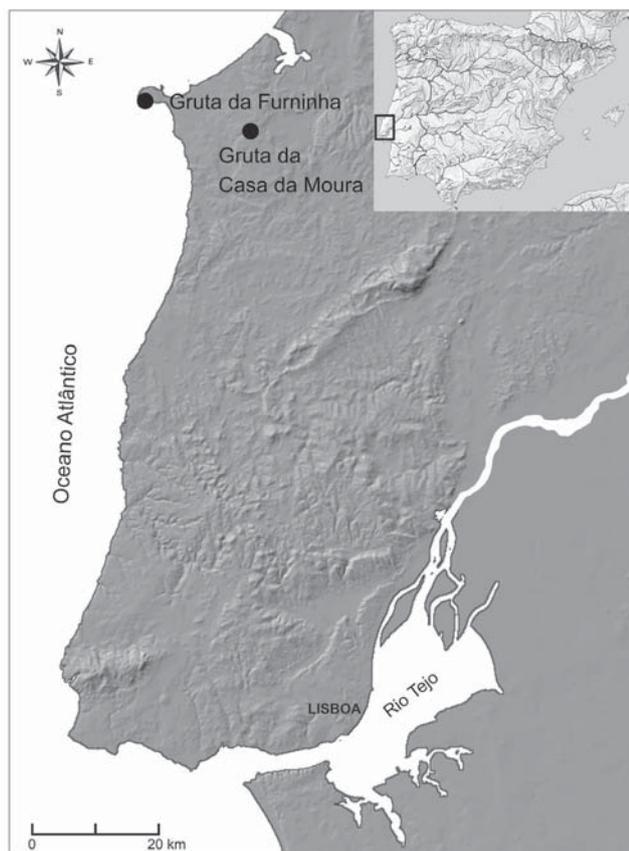


Fig. 1 – Gruta da Casa da Moura. Localização geográfica, conjuntamente com a gruta da Furninha.

2 – OS TRABALHOS DE NERY DELGADO DE 1865-1866

No Relatório dos trabalhos da Comissão Geológica de Portugal relativa ao ano económico de 1865/1866, e na parte respeitante a este membro-adjunto da Comissão, o então jovem Tenente Nery Delgado (1835-1908) pode ler-se o seguinte:

“A descoberta n’esta região de varias grutas, nas quaes existiam restos humanos misturados com objectos de indústria do homem referíveis á segunda idade da pedra, e alguns a uma epocha posterior ao conheci-



Fig. 2 – Gruta da Casa da Moura. Foto do interior (1987) a partir da 1.ª sala. Foto de J.L.Cardoso.

mento do cobre, determinou o referido membro da comissão a fazer um estudo especial de alguma d'essas grutas, e a intentar a sua descripção, acompanhando-a da dos restos humanos e dos despojos de animaes, que n'ellas foram achados” (RELATÓRIO, 1866, p. 17).

Reportando-se à gruta da Casa da Moura, prossegue o relato:

“A descripção de uma d'essas grutas, que por si só formará um fasciculo, poderá ser impressa logo que algum desenhador da comissão possa fazer a representação dos objectos que é indispensável exhibir pelo desenho para completa intelligencia do texto.” (*op. cit.*, p. 17).

Com efeito, conforme refere João Zilhão (ZILHÃO, 1997, p. 182), com base na leitura dos cadernos de campo de Nery Delgado, o início dos trabalhos de campo realizaram-se entre 19 e 23 de Janeiro de 1865, e prosseguiram, conforme se pode verificar pelas etiquetas coladas s em alguns fragmentos cerâmicos pré-históricos ainda hoje conservados nas colecções do Museu Geológico do LNEG, ao longo daquele mesmo ano e do ano seguinte (etiquetas datadas de 28-7-1865 e 28-1-1866) (Fig. 4).

O Relatório da Comissão Geológica de Portugal relativo ao ano económico de 1865/1866, embora seja omisso relativamente a trabalhos de campo relacionados com a exploração da gruta da Casa da Moura, refere que se encontrava em curso de execução tipográfica a memória sobre as grutas de Cesareda, da autoria de Nery Delgado, a qual de facto veio a sair do prelo da Tipografia da Academia das Ciências no ano seguinte (DELGADO, 1867). A mesma aborda apenas aos resultados obtidos na escavação dos depósitos do Plistocénico, deixando por estudar os espólios arqueológicos mais recentes que nessa época se recolheram, correspondentes à instalação de uma necrópole no Neolítico, prosseguida no Calcolítico.

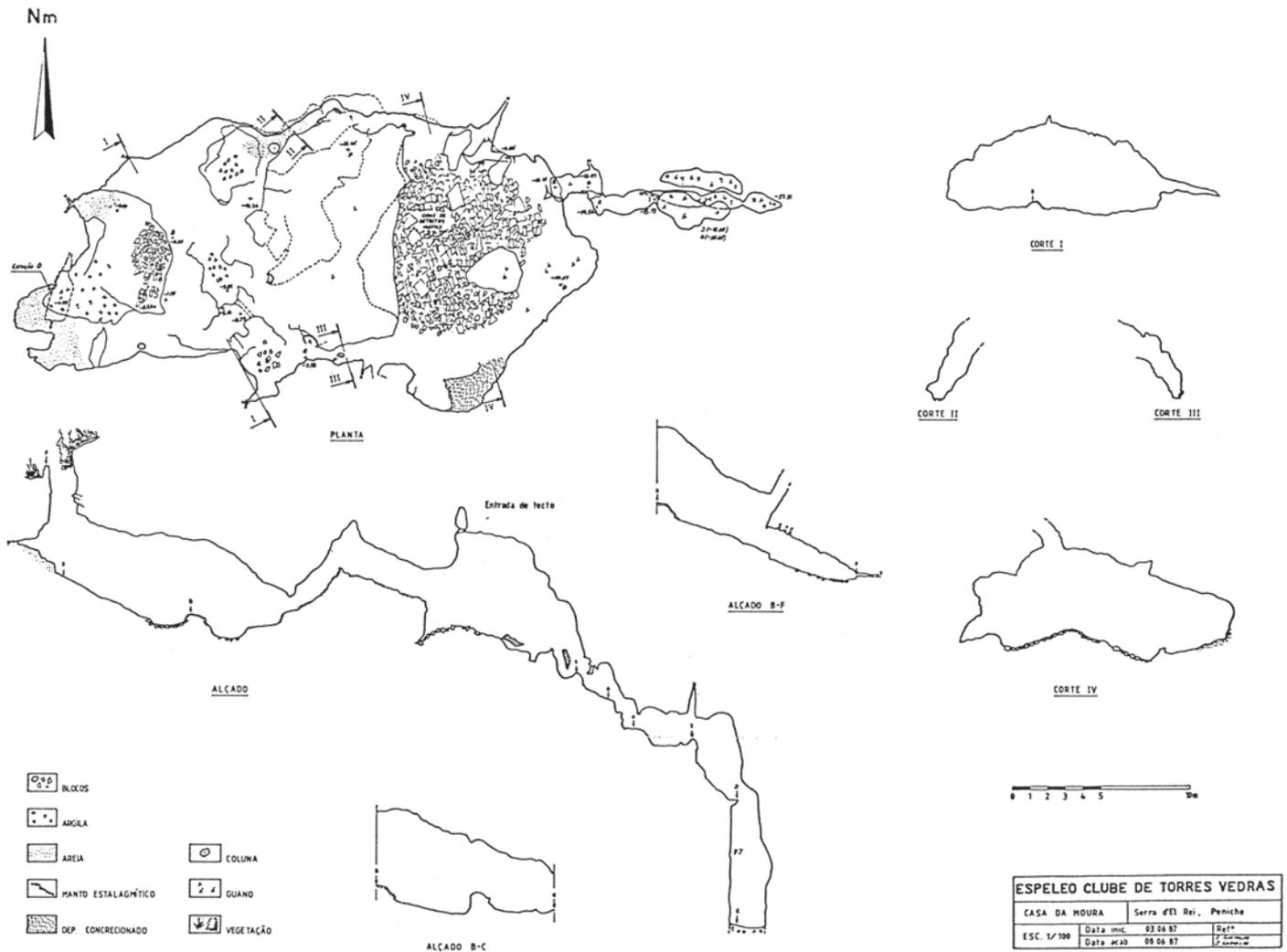


Fig. 3 – Gruta da Casa da Moura. Planta da gruta. Levantamento do Espele Clube de Torres Vedras (1987).

Os materiais arqueológicos recolhidos nos depósitos mais modernos conservaram-se em grande parte até à actualidade. Para além de escassos fragmentos cerâmicos de diminuto interesse conservados no Museu Geológico do LNEG, como os dois exemplares cerâmicos acima referidos, as peças de maior interesse foram reproduzidas em belas litografias que se destinavam à preparação de um álbum a ser apresentado aquando da Exposição Universal de Paris de 1867 coordenado pelo membro co-director da Comissão, Francisco Pereira da Costa. Contudo, este propósito jamais chegou a concretizar-se, mantendo-se aquelas ilustrações inéditas até época recente (CARREIRA & CARDOSO, 1996), em resultado da degradação das relações de trabalho entre os dois membros co-directores da Comissão, o próprio Pereira da Costa e Carlos Ribeiro, que já se faria sentir ao logo do ano de 1867. Essa dissensão teve resultados catastróficos. Com efeito, após a extinção da Comissão Geológica de Portugal, pelo decreto de 1 de Fevereiro de 1868), a generalidade dos espólios arqueológicos e antropológicos foram levados para a então Escola Politécnica, onde Pereira da Costa era Professor, por força do decreto de 23 de Dezembro de 1868, que determinou a passagem para aquele estabelecimento de ensino de todo o espólio da extinta Comissão Geológica (incluindo livraria, colecções e mobília (CARDOSO, 2018, p. 98).

Da Escola Politécnica, os espólios arqueológicos das escavações de Nery Delgado de 1865/1866 foram levados em 1905 para o então Museu Etnológico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia), por acordo então estabelecido entre os directores de ambos os estabelecimentos (VASCONCELOS, 1906), portanto ainda em vida de Nery Delgado, onde ainda hoje se conservam.

Na Escola Politécnica mantiveram-se apenas os espólios antropológicos, os quais viriam a ser destruídos pelo incêndio de 1978.

Deste modo, compreende-se que, aquando da realização da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, em Lisboa, em Setembro de 1880, não fosse possível à Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, então dirigida por Carlos Ribeiro, mostrar aos participantes nenhum exemplar que representasse aquela notável gruta pré-histórica, a primeira a ser objecto de escavações arqueológicas na Península Ibérica, e que deram origem à primeira memória publicada no território peninsular, cujo impacto foi assinalável a nível internacional (CARDOSO, 2008; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002; CARDOSO, MEDEIROS & MARTINS, 2018).

É nesta perspectiva que se inscrevem os trabalhos efectuados em 1879/1880 na gruta da Casa da Moura, sob orientação de Nery Delgado, então já Major do Exército Português, mas na verdade conduzidos no terreno por Miguel Pedroso, colector da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal nos anos de 1879/1880 (CARNEIRO, 2005, p. 163).

3 – OS TRABALHOS REALIZADOS EM 1879-1880

A monografia de Nery Delgado de 1867, resultante dos trabalhos realizados em 1865-1866 teve como objectivo essencial a publicação dos resultados da exploração do depósito plistocénico, identificado logo na primeira sala da gruta, para onde se desce por um pequeno algar com cerca de 3 a 4 m de altura.

Ali, sob uma camada de terras pouco consolidadas castanho-anegradadas com abundantes restos humanos, e materiais neolíticos e calcolíticos, desenvolvia-se depósito essencialmente arenoso, de idade plistocénica, de coloração avermelhada, com uma potência média estimada em 2,0 m, mais ou menos endurecido e concrecionado pela precipitação de carbonato de cálcio, resultante da circulação das águas de infiltração na cavidade. Assentava em camada estalagmítica basal, constituindo uma espécie de soleira, regularizando a rocha viva,



Fig. 4 – Gruta da Casa da Moura. Fragmentos de cerâmica com etiquetas datadas de 28-7-1865 e de 28-1-1866, comprovando a realização de trabalhos arqueológicos naquelas datas. Museu Geológico do LNEG. Foto de J. L. Cardoso.

constituída, como se referiu, por calcários jurássicos e continha abundantes restos de Carnívoros, Lagomorfos e Aves, dos quais os primeiros foram objecto de especial atenção na memória de 1867.

Em 1879/1880, os objectivos eram mais abrangentes, conferindo idêntica importância à exploração da camada com espólios neolíticos e calcolíticos, tendo presente a própria natureza da reunião científica onde deveriam ser apresentados, com uma presença dominante de arqueólogos de épocas pós-paleolíticas e de antropólogos.

Os trabalhos iniciados em Setembro de 1879 nas grutas de Furninha e da Casa da Moura inscreviam-se já nessa ordem de preocupações, sendo os resultados coroados de êxito, conforme foi então expressamente declarado no respeitante ao desempenho de Nery Delgado no Relatório respeitante ao ano económico de 1879-1880: “(...) se a primeira exploração d’estas grutas, feita há treze anos, fôra assaz productiva dando assumpto para uma memória que o mesmo official então publicou sobre este objecto, as explorações que ultimamente se repetiram excederam a expectativa mai exigente pela importância e número dos objectos obtidos” (RELATORIO, 1881, p. 19). No relatório respeitante ao ano económico de 1880-1881, a referência aos trabalhos de gabinete que se sucederam aos trabalhos de campo entretanto concluídos em ambas as grutas conduzidos por Nery Delgado, é clara quanto à sua importância: “Uma outra gruta da Cesareda, conhecida pelo nome de *Casa da Moura*, a qual, como se disse no relatório anterior, forneceu uma colheita abundantíssima, sobretudo de restos humanos e de produtos da indústria da epocha neolythica, também foi minuciosamente estudada pelo mesmo adjuncto da secção, e os exemplares obtidos devidamente classificados e catalogados.” (RELATORIO, 1882, p. 15).

De facto, as escavações nas duas grutas prosseguiram em simultâneo e foram objecto de um pequeno estudo conjunto publicado em Junho de 1880, ainda as escavações na Casa da Moura decorriam (DELGADO, 1880). Esta primeira notícia, que contém de forma muito esumida, algumas das linhas de força do pensamento de Nery Delgado sobre o significado dos factos de observação obtidos em ambas as grutas, antecedeu imediatamente a realização em Lisboa da IX Sessão do Congresso Internacional de Anropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido em Setembro desse mesmo ano. Nela, os espólios recolhidos foram apresentados aos congressistas no Museu da Secção dos Trabalhos Geológicos, tendo os resultado obtidos na Furninha sido os únicos apresentados sob a forma de comunicação, que suscitou acesa polémica no que respeitava à interpretação da resença da antropofagia, firmemente defendida pelo autor (DELGADO, 1884). Veremos que essa conclusão foi também firmemente defendida pelo autor, tanto na comunicação produzida logo depois (DELGADO, 1880), como nos textos manuscritos inéditos de sua autoria, agora publicados.

O rigor científico com que a escavação realizada em 1879/1880 fora executada já tinha sido constatado pelo signatário, ao observar a forma como as peças se encontram individualmente etiquetadas, com pequenas etiquetas que indicam ter sido o espaço escavado dividido por quadrícula (letra) e registada a respectiva profundidade de colheita de cada uma delas, correspondente ao número inscrito a seguir às referidas letras (CARDOSO, 2008; CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002; CARDOSO, MEDEIROS & MARTINS, 2018).

Com efeito, o conjunto depositado no Museu Geológico (e só este), resultante da intervenção de 1879/1880 possui, no verso de algumas peças este tipo de etiquetas, com uma letra maiúscula ou minúscula, seguida de uma medida em metros (variando esta entre 0,20 m e 2,0 m). A segunda etiqueta, quando existe, refere/se a uma data, que corresponde à da recolha no decurso da intervenção arqueológica (Figs. 5 a 9).

A plena confirmação do significado destas marcações foi confirmada com o estudo da documentação ora publicada relativa à intervenção de 1879/1880 na gruta da Casa da Moura. Tal documentação foi recuperada por O. da Veiga Ferreira, então funcionário dos Serviços Geológicos de Portugal, dos despejos acumulado na via pública aquando da limpeza do sótão daquela instituição, em 1975/1976, para a instalação de novos gabinetes, à semelhança de outra documentação entretanto estudada (CARDOSO, 2015 a, p. 14).

O conjunto então recolhido permitiu reconstituir em detalhe os trabalhos realizados na gruta da Casa da Moura no decurso de 1880, nos meses que antecederam a realização do Congresso. Não foi estudada a documentação que possa eventualmente existir no Arquivo Histórico do LNEG sobre esta intervenção, porque o conjunto reunido era já suficientemente rico e elucidativo para atingir o principal objectivo deste estudo: a demonstração da prioridade de Nery Delgado a nível mundial no registo diferenciado dos achados recorrendo a sistema de quadrícula de referência, progredindo o aprofundamento da escavação respeitando aqueles.

4 – A CORRESPONDÊNCIA REMETIDA POR MIGUEL PEDROSO NO DECURSO DAS ESCAVAÇÕES DE 1879/1880

O primeiro conjunto de documentos estudados corresponde às cartas escritas por Miguel Pedroso, que como acima se referiu foi colector da Secção em 1879/1880, coincidindo portanto com a exploração que dirigiu na gruta da Casa da Moura.

É com base nestas cartas, remetidas a Nery Delgado ou ao funcionário administrativo, o Senhor Carlos Calderon, que fazia os trabalhos de contabilidade da secção e a cópia do registo da correspondência administrativa e científica recebida (RELATÓRIO, 1885, p. 22), que se fica a conhecer com detalhe o progresso dos trabalhos de escavação. O envio das mesmas a Calderon, e não directamente a Nery Delgado compreende-se, dado o facto de este se encontrar por longos períodos ausente de Lisboa, por um lado e, por outro, pelo facto de toda a entrada de correspondência oficial ter de ficar devidamente registada na secretaria da Secção.

4.1 – Carta (13,3x21,1) papel pautado, escrita a tinta, 4 páginas, selo branco “Bath”, no interior desenho de gruta da Casa da Moura e inscrições a lápis

Sñr Calderon

Hoje dia 2, andei tirando o entulho, que já estava estovando o serviço. O sñr Manoel Victorino vai continuando com ajeitamento da terra, hoje encontrou proximadamente a 100 dentes humanos 5 settas, uma faca de sílex, e alguns fragmentos de ossos. (1)

Recebi a carta que o Exmo. Sñr Delgado me escreveu. Tratei logo de procurar, as rodela de calcareo que foram despresadas no perencipio do trabalho, so apenas pude encontrar uma. (2)

Remetto o desenho da gruta devedida em 28 partes. (Fig. 10)

Sou seu criado

Miguel Pedroso

Molledo 2 de Janeiro de 1880 (3)

Apontamento a lápis de Nery Delgado

¹ Trata-se de colaborador local, já que o seu nome não consta do conjunto de colectores da Secção.

² Este desenho representa a parte da gruta mais próxima da entrada e onde se registou a presença da camada com materiais arqueológicos neolíticos e calcolíticos, a qual foi dividida e escavada por sectores, conforme se indica no desenho. Trata-se de gráfico essencial para se compreender o método seguido na escavação, indicado de forma inequívoca como esta se realizou.

³ Esta carta é a primeira escrita no ano de 1880, pelo que se pode concluir que os trabalhos já se encontravam significativamente avançados nessa altura, o que é compatível com as cartas de Miguel Pedroso conservadas no Arquivo Histórico do LNEG, de acordo com os registos efectuados pela Doutora Ana Carneiro, a quem se agradece a informação, prestada em Dezembro de 2019.

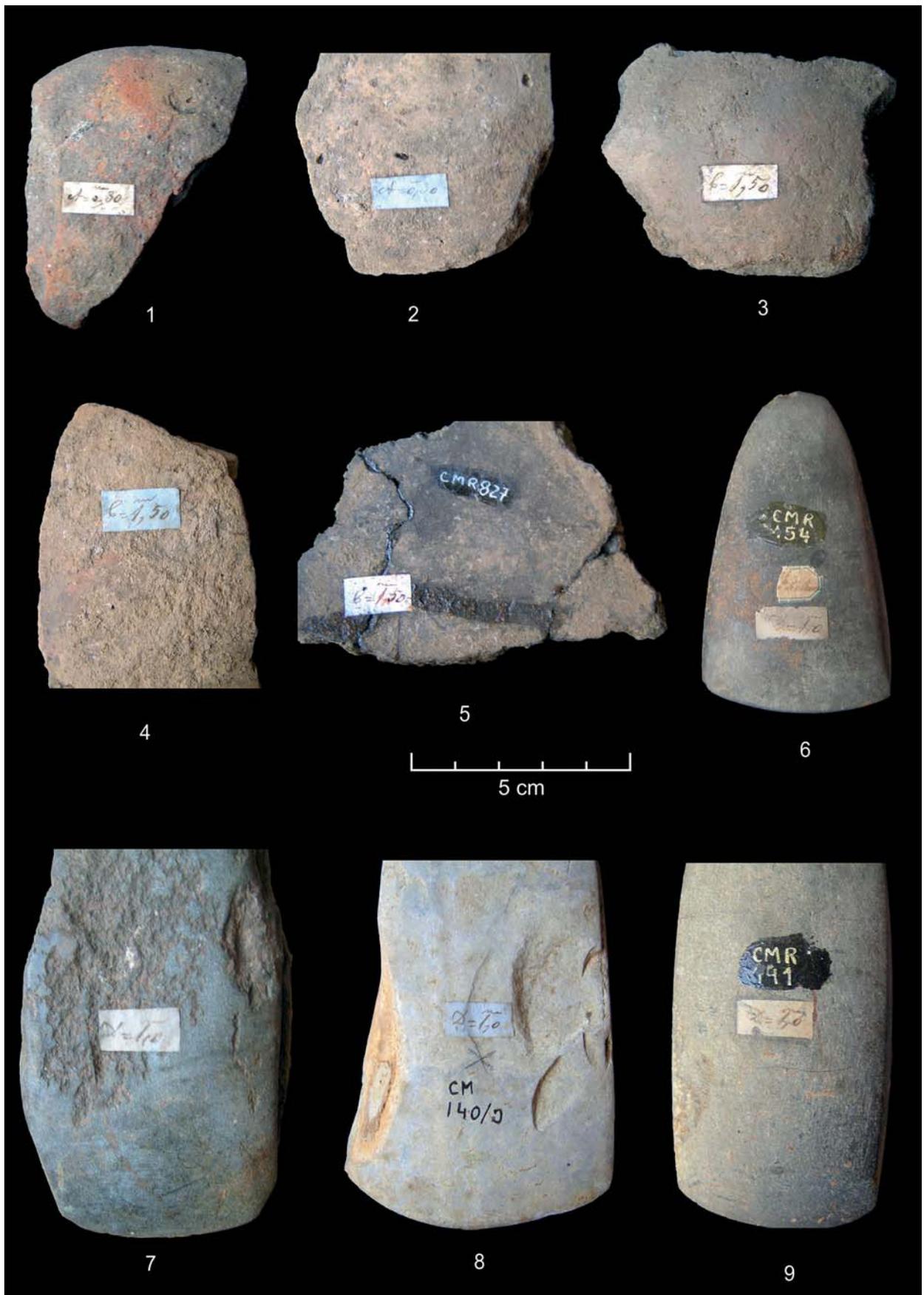


Fig. 5 – Gruta da Casa da Moura. Conjunto de artefactos recolhidos em 1879/1880 conservando etiquetas com uma letra e um número, correspondentes à respectiva localização em planta (ver Fig. 10) e profundidade de colheita. Museu Geológico do LNEG. Fotos de J. L. Cardoso.

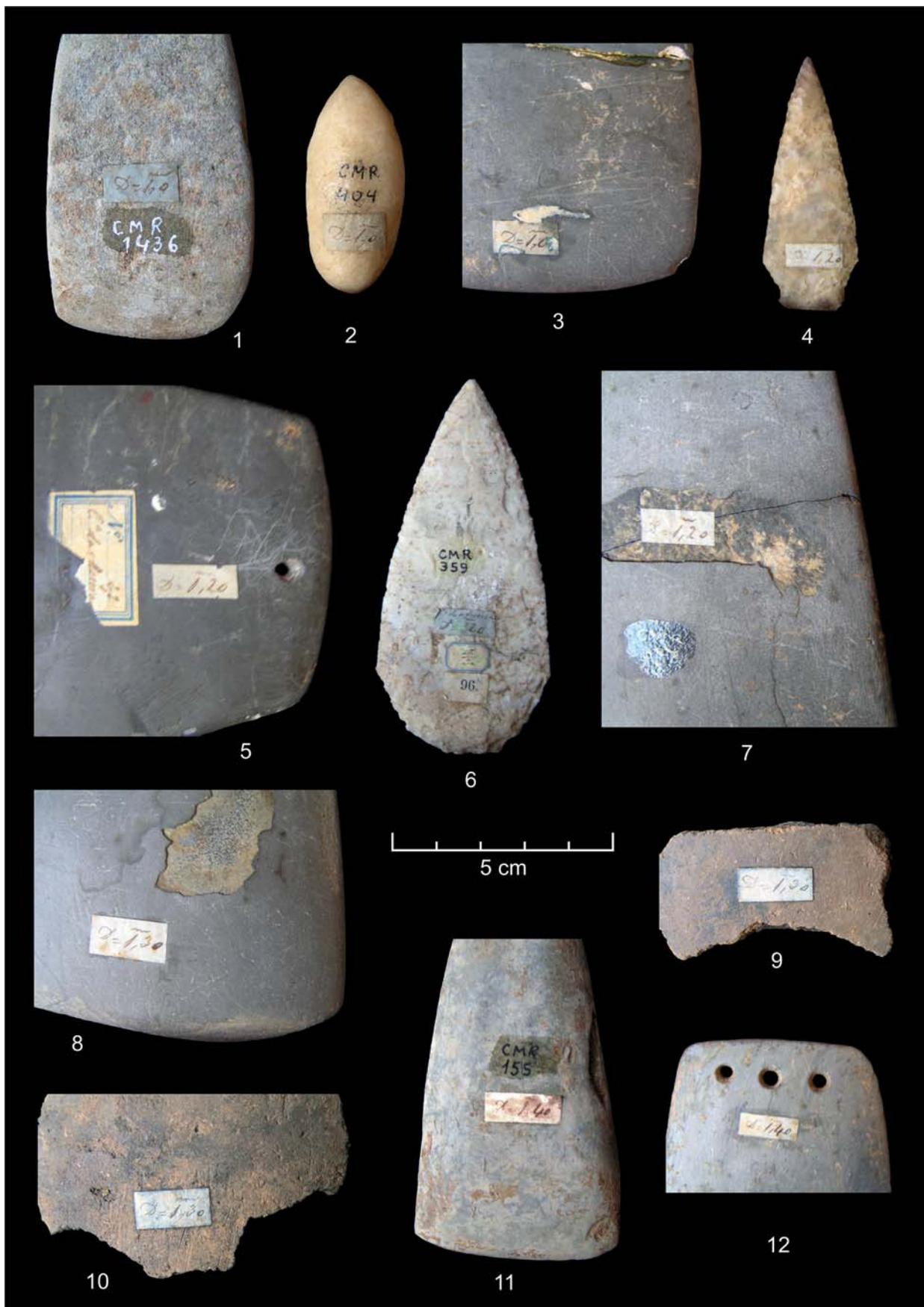


Fig. 6 – Gruta da Casa da Moura. Conjunto de artefactos recolhidos em 1879/1880 conservando etiquetas com uma letra e um número, correspondentes à respectiva localização em planta (ver Fig. 10) e profundidade de colheita. Museu Geológico do LNEG. Fotos de J. L. Cardoso.

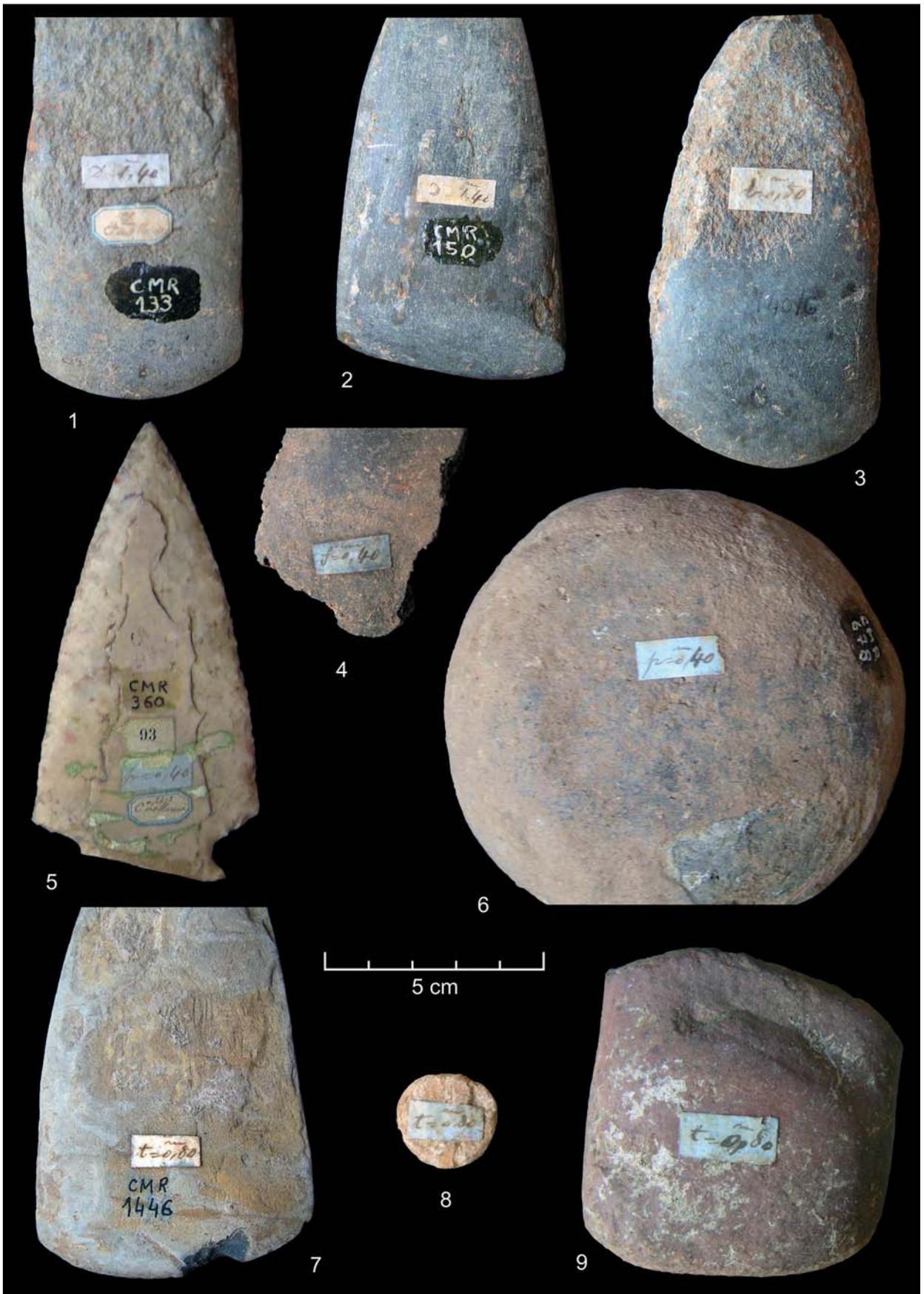


Fig. 7 – Gruta da Casa da Moura. Conjunto de artefactos recolhidos em 1879/1880 conservando etiquetas com uma letra e um número, correspondentes à respectiva localização em planta (ver Fig. 10) e profundidade de colheita. Museu Geológico do LNEG. Fotos de J. L. Cardoso.

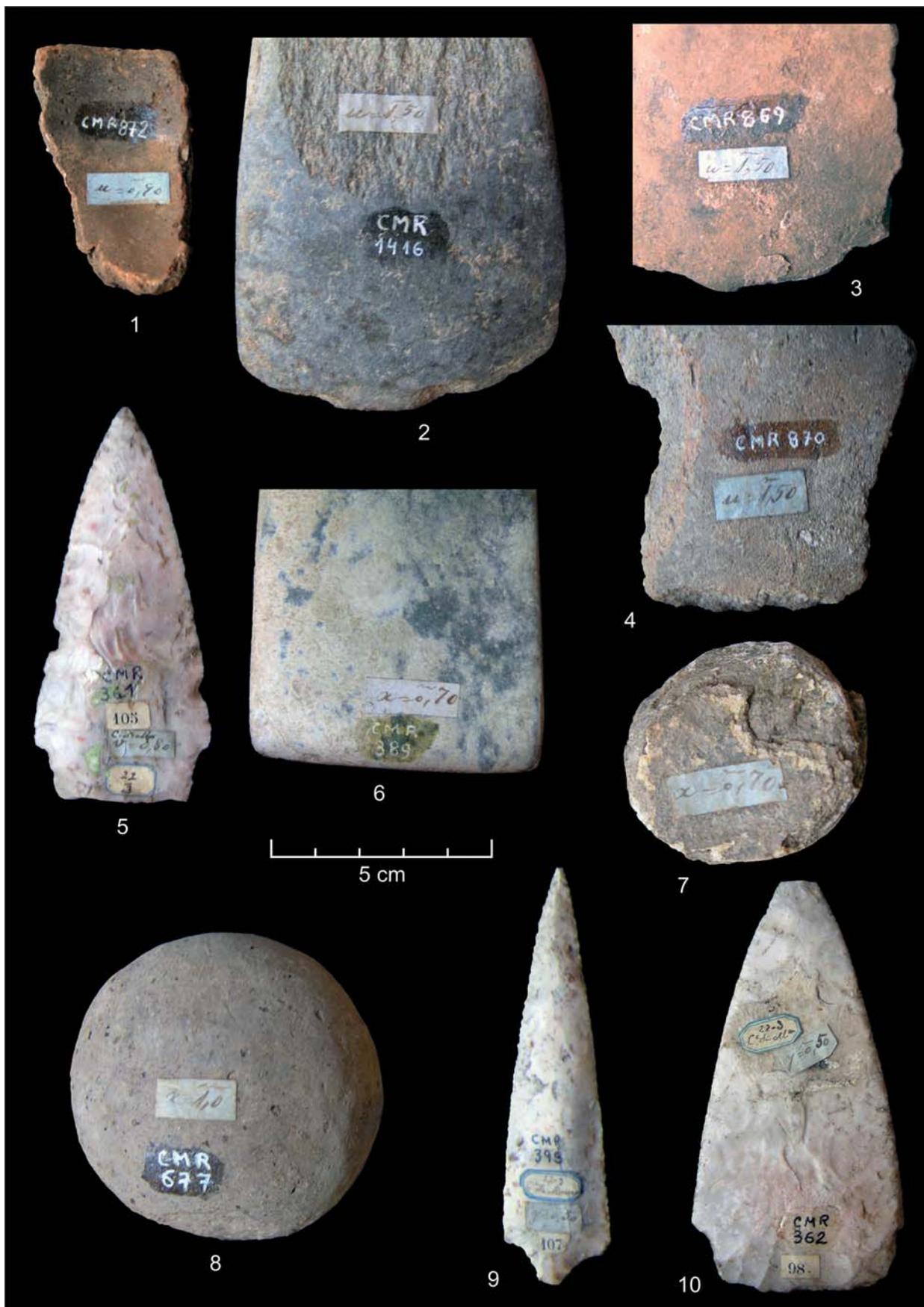


Fig. 8 – Gruta da Casa da Moura. Conjunto de artefactos recolhidos em 1879/1880 conservando etiquetas com uma letra e um número, correspondentes à respectiva localização em planta (ver Fig. 10) e profundidade de colheita. Museu Geológico do LNEG. Fotos de J. L. Cardoso.

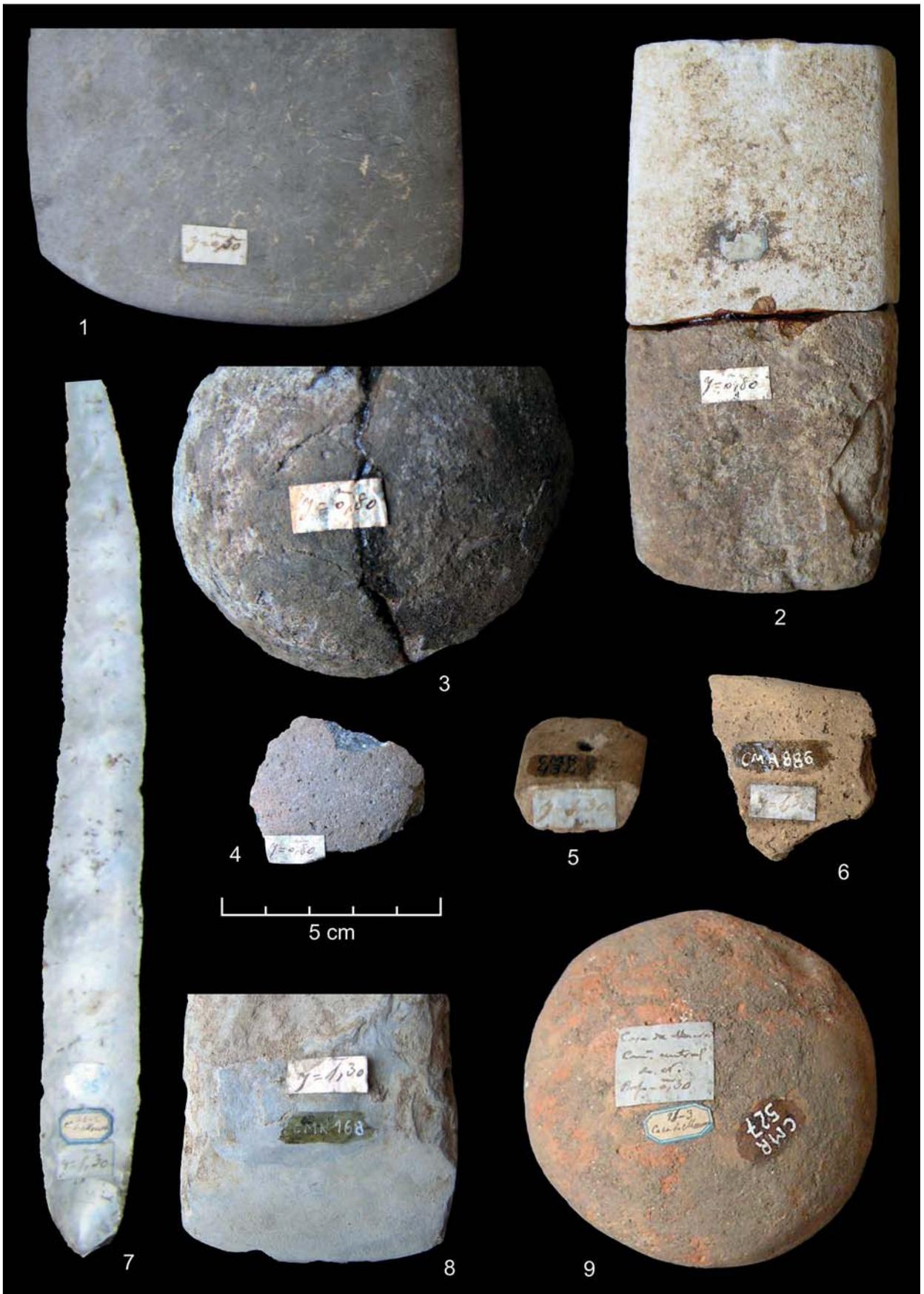


Fig. 9 – Gruta da Casa da Moura. Conjunto de artefactos recolhidos em 1879/1880 conservando etiquetas com uma letra e um número, correspondentes à respectiva localização em planta (ver Fig. 10) e profundidade de colheita. Museu Geológico do LNEG. Fotos de J. L. Cardoso.

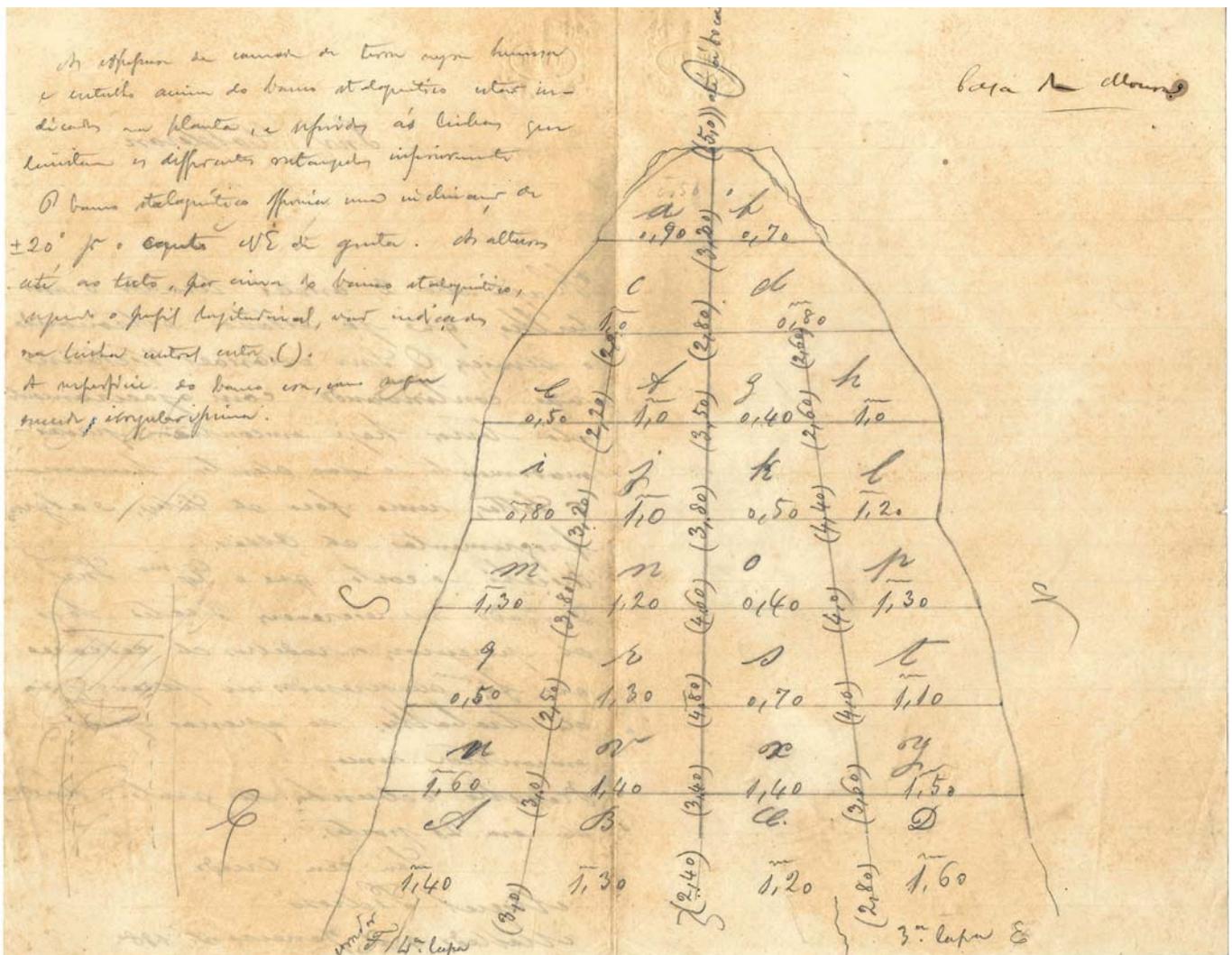


Fig. 10 – Gruta da Casa da Moura. Planta a lápis de Miguel Pedroso, ocupando todo o verso da carta que este enviou a 2 de Janeiro de 1880 a Carlos Calderon. Indicam-se os 28 sectores delimitados na 1.^a sala da gruta, sucessivamente escavados em profundidade. Note-se a entrada da gruta, por poço vertical, situado no vértice do desenho; as distâncias rigorosamente marcadas relativas a cada um dos sectores previamente delimitados; a indicação da 3.^a lapa, situada a norte e da 4.^a lapa, do lado meridional, de ambos os lados do grande bloco de abatimento do tecto que separou a 1.^a sala da 2.^a sala da gruta. Transcreve-se o apontamento manuscrito apostro por Nery Delgado: A espessura da camada de terra negra humosa e entulho acima do banco stalagmitico estão indicados na planta, e referidos às linhas que limitam os diferentes rectangulos inferiormente.

O banco stalagmitico offerecia uma inclinação de $\pm 20^\circ$ para o canto N.E. da gruta. As alturas até ao tecto, por cima do banco stalagmitico, segundo o perfil longitudinal, vão indicados na linha central entre ().

A superficie do banco era, como sempre succede irregularissima.

A espessura da camada de terra negra humosa e entulho acima do banco stalagmitico estão indicados na planta, e referidos às linhas que limitam os diferentes retangulos inferiormente.

O banco stalagmitico offerecia uma inclinação de $\pm 20^\circ$ para o canto N.E. da gruta. As alturas até ao tecto, por cima do banco stalagmitico, segundo o perfil longitudinal, vão indicados na linha central entre ().

A superficie do banco era, como sempre succede irregularissima.

4.2 – Carta (13,2x20,4) papel pautado, escrita a tinta, 4 páginas

Ex.mo Snr

Remetto a nota da despesa da semana finda a 13 de Março de 1880.

Hoje dia 13 recebi uma carta de V.Exa., em que me diz para fazer a planta da gruta, eu conforme sabe andei hoje fazendo dois borrões para mostrar a V.Exa., se é um pouco mais o menos do que V. Exa. quer que se faça, a planta n.º 1 representa a gruta quando ella tinha dentro todo o emtullo, que se tem tirado, marcando-a pelo risco que a terra deixou marcado nas paredes quando se tirou para fora cada centimetro, marca 2 metros para não a fazer em ponto maior.

Agora a planta n.º 2 representa a gruta já toda coberta com o manto stalagmitico, sendo a planta marcada o rês do manto stalagmitico, que esta pegado as paredes da gruta o traço que esta planta representa no meio, é o manto stalagmitico que faz um grande resalto.

Em partes tem 2 metros de altura, e depois de se deçer estes 2 metros começa o manto stalagmitico a cobrir outra metade da gruta, a rodella feita tambem a lapis que esta a o canto da planta do lado direito, representa, o manto stalagmitico, que sahiu da superficie do mesmo manto a altura de 1,30 centimetros o ponto de partida da planta esta marcado com o bico de um alfinete próximo o encontrado da boca.

O trabalho das tarefas é muito mais produtivo do que andar de sol a sol conheço que se faz muito mais serviço do que se fazia d'antes apesar de ser mais 5 homens, conheceu muito a diferença do serviço.

Terei todo o cuidado em acultulare o que for encaixotando, e remetendo para baixo. Não sei se V. Exa. entenderá o q eu quero diser com respeito as plantas.

(4)

Peço desculpa a V.Exa. d'ellas irem traçadas a lapas.

Nada mais se me oferece a diser n'esta ocasião ou que sou de

V. Exa. Criado

Miguel Pedroso

Molledo 13 de Março de 1880.

4.3 – Carta (13,1x20,6) papel pautado, escrita a tinta, 4 páginas

Exmo. Sr.

Remetto 2 plantas, a primeira mostra a casa com o emtullo todo dentro a segunda mostra já limpa de todo o emtullo superior a terceira mostra um buraco q se abriu para debaixo da rocha que esta ao meio da sala na planta esta marcado o sitio aonde appareçeram os machados que tem escripto 3.^a Lapa (Fig. 11). Os machados appareçeram todos proximos uns dos outros; esta marcado tambem o sitio aonde appareçeram as duas peças, a Louça e a Setta.

A 4.^a Lapa tambem e um buraco que se abriu para debaixo da mesma rocha aonde appareçeram um craneo que já esta na Secção.

A quarta lapa ainda não a explorei so apenas tirei o craneo que estava a superficie.

Tenho continuado com a exploração das areias bermelhas, tem dado alguns ossos de Coelho.

⁴ A alusão a duas plantas uma representando a gruta quando ainda continha todo o enchimento da necrópole pré-histórica, outra já indicando as cotas do manto stalagmitico em toda a área escavada, mostra o rápido progresso dos trabalhos de escavação desde inícios de Janeiro até meados de Março, podendo assim concluir-se que a totalidade do enchimento arqueológico tinha sido já retirado, seguindo a metodologia acima referida, respeitando a quadrícula imposta à superficie do terreno e o registo da profundidade dos achados.

Não sei se V.Exa. entenderá as plantas. Não marco os perfis transversaes, por que não sei como elles se marcam.

(5)

Espero as Ordens d V. Exa.
Miguel Pedroso
Molledo 29 de Março de 1880

4.4 – Carta (13,5x21) papel pautado, escrita a tinta, 2 páginas

Exmo. Sñr.

Recebi 2,200 rs para entregar a Sñr. Antonio Nunes não há diferença nas contas.

Mando tudo quanto V.Exa. aqui tinha, remetto tambem dentro da malla um diario que aqui veio ter.

Tenho continuado com a exploração da camada de areias superiores ao manto stalagmitico, tenho encontrado alguns ossos de coelho, e uma maxillia de animal, e proximo a maxillia appareceram alguns ossos pertencentes ao mesmo animal.

A 4.^a Lapa tambem tem dado alguns ossos de animal logo por baixo do manto stalagmitico.

Fis a exploração na casa de dentro mas não vejo geito de que ali aja terreno superior, como avia na Casa de fora só a um canto emcontrei uma faca de Silex, e um bocado de caco e uns ossos de coelho.

(6)

Remetto o perfil transverçal que me mandou fazer. Se não tivere isato tem a vomdade de diser para fazer outro. (Fig. 12)

(7)

A Snr^a Derothea e o Sñr. António Nunes e familia recomendoçe muito a V. Exa. A Sñr. Derothea mandolhe 2 choriços de sangue vam embrulhados em 3 papeis dentro da malla.

Espero que V. Exa. me mande dinheiro para fazer pagamento aos homes no dia 17 Sabado.

Espero as ordens d V. Exa.

Miguel Pedroso

Molledo 13 de Abril de 1880

P.S. remetto a chave dentro da carta.

4.5 – Carta (13,5x21) papel pautado, escrita a tinta, 2 páginas

Exmo. Sñr.

Tenho continuado com a exploração das areias superiores ao manto stalagmitico. Tenho encontrado alguns ossos de coelho e de outros animais. Na devisão da Letra e appareceu metido entre o manto stalagmitico um buraco com uma grande porção de ossos de coelho.

⁵ Ver Fig. 11. Trata-se do esboço referido nesta carta por Miguel Pedroso, indicando a 3.^o lapa e a 4.^a lapa, que não são mais do que covachos realizados a partir do perímetro do grande bloco de abatimento que ocupa a parte central da gruta e por baixo do mesmo, onde se conservava o depósito arqueológico correspondente à necrópole neolítica.

É interessante a ocorrência de um conjunto de machados que pode corresponder a uma deposição ritual, tal como a documentada em outras estações neolíticas.

⁶ A “casa de dentro” corresponde ao desenvolvimento interior da gruta depois de transposto o grande bloco de abatimento do tecto que ocupa toda a sua parte central. É exacta a afirmação de que o depósito arqueológico só existia na primeira sala, mais próxima da entrada, como a escavação veio a demonstrar.

⁷ A Fig. 12 corresponde a um esboço contendo o perfil longitudinal da gruta abrangendo a parte da gruta mais próxima da entrada (1.^a sala), acompanhado de um perfil transversal, que deve corresponder ao que é referido nesta carta, que remeteu a Nery Delgado, depois de ter aprendido a forma de o registar.

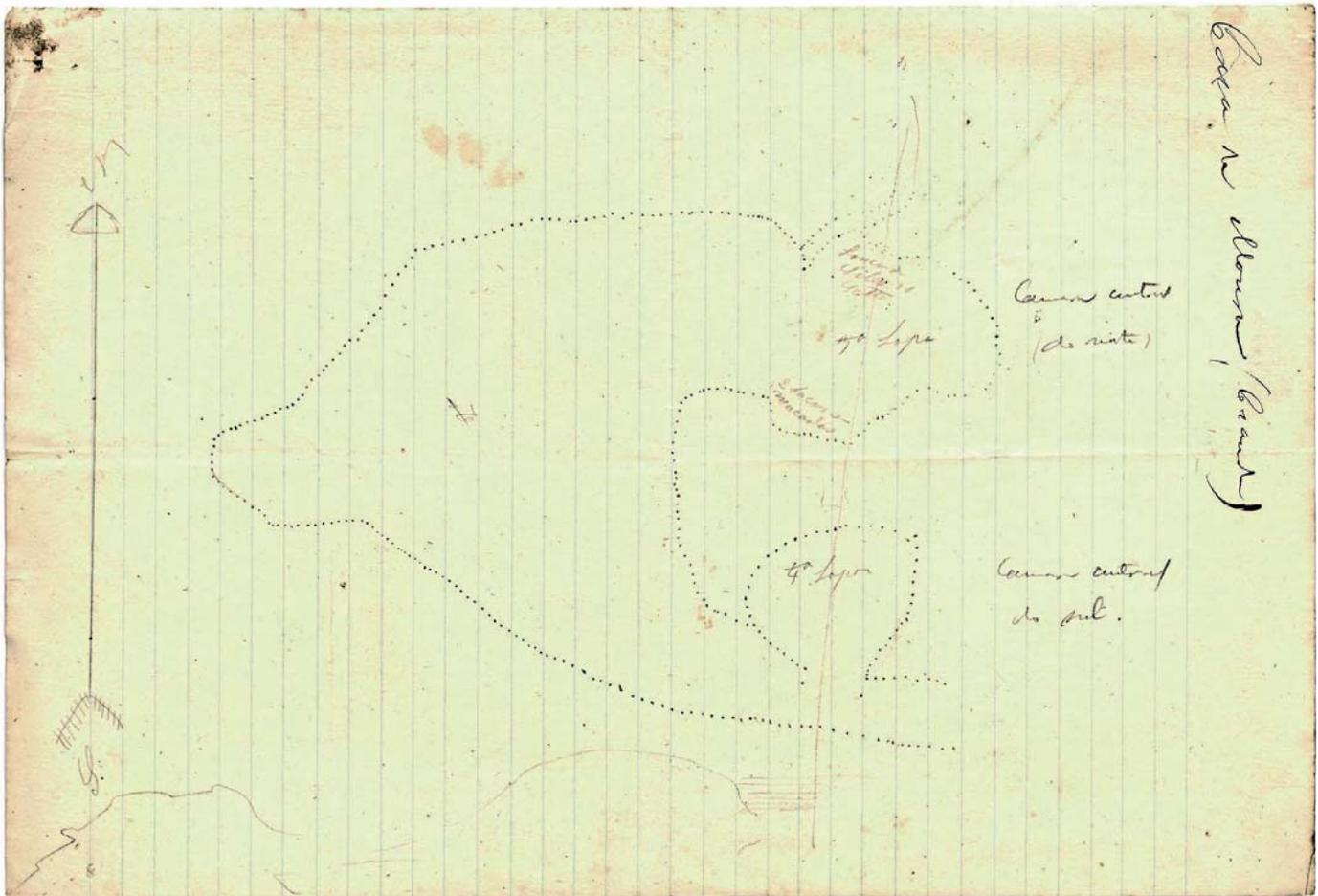


Fig. 11 – Gruta da Casa da Moura. Esboço de planta da gruta, correspondendo ao contorno definido pelos pontos determinados pelas sucessivas medições efectuadas ao longo das paredes da 1.ª sala da gruta, cuja entrada se situa do lado esquerdo da figura. Note-se o contorno do bloco de abatimento do tecto, do lado direito, que separou a 1.ª sala da 2.ª sala, ainda não registada na figura, sob o qual se escavaram artificialmente duas cavidades, a 3.ª lapa e a 4.ª lapa. De sublinhar ainda a existência de um apontamento assinalando na 3.ª lapa a localização do achado de diversas peças arqueológicas, entre as quais facas e machados.

A 4.ª Lapa também tem dado ossos de coelho e de outros animais, logo por baixo do manto stalagmítico. Tenho empregado alguns homens a romper o manto, aonde V. Exa. mandou. (8)

Tenho mil desculpas a pedir a V. Exa. de não lhe participar do meu casamento quando V. Exa. aqui esteve.

A vergonha e o respeito com q trato V. Exa. é que se appoderou de mim de tal forma, que não pude abrir boca para lhe diser nada.

Estou sempre as ordens de V. Exa. e peço desculpa d'esta falta de respeito. Tenciono casar-me no mês de Maio.

⁸ Esta carta comprova que depois de removido todo o enchimento correspondente à necrópole neolítica e calcolítica (o “entulho superior”), o qual desde há cerca de um mês se encontrava completamente removido, a escavação prosseguiu nas areias mais ou menos consolidadas subjacentes, que continham fauna plistocénica. Era o conteúdo deste depósito que, na verdade, interessava sobremaneira a Nery Delgado, por forma a completar as colecções da Secção, depois da transferência para a Escola Politécnica do conjunto recolhido nas escavações efectuadas em 1865 e 1866. A referência a uma 4.ª lapa, que se encontra registada na cartografia da gruta então realizada (ver Fig. 11), também designada por “Câmara central do sul”, corresponde a uma escavação dos depósitos arqueológicos sob o grande bloco de abatimento que separou em dois o espaço interior de gruta.

Estou sempre as ordens de V. Exa.
Miguel Pedroso
Molledo 16 de Abril de 1880
P.S. no Domingo remetto a folha de pontos
para baixo.

4.6 – Carta (13,5x21) papel putado, escrita a tinta,
4 páginas, selo branco “Bath”

Sñr Calderon

Hoje dia 17 acabo de receber a sua carta e
juntamente um vale na emportancia de 30,000 reis.

Remetto a nota de despesa das grutas,
separadas.

A 4.^a Lapa não tem verdadeiramente as areias
quarternarias descobertas, só nomeio da Lapa é
que estão duas pedras de calcario e entre estas
duas uma fenda que é essa a que esta xeia de
areias quarternarias.

Estão começando a aparecer as areias soltas
na sanja que o Exmo. Sñr. Delgado mandou abrir,
por cima das ditas areias está uma camada de
rocha preta, tirei amostras da dita rocha para
mandar. O almocreve parte daqui na segunda
feira, levando 4 caixotes que eu aqui tenho e de
caminho traz a ferramenta que ahi esta apartada.
(ver Fig. 11 e Fig. 19)

A Lapa Furada vaice rebaixando a devisão da Letra B aonde do Lado (N.) apareceu uma outra Lapa mas
ainda não se pode emtrar dentro della, e do Lado (S) vaice abrindo outro buraco, vou tendo alguma fé com esta
Lapa. (Fig. 13)

Sou seu criado

Miguel Pedroso

Molledo 17 de Junho de 1880

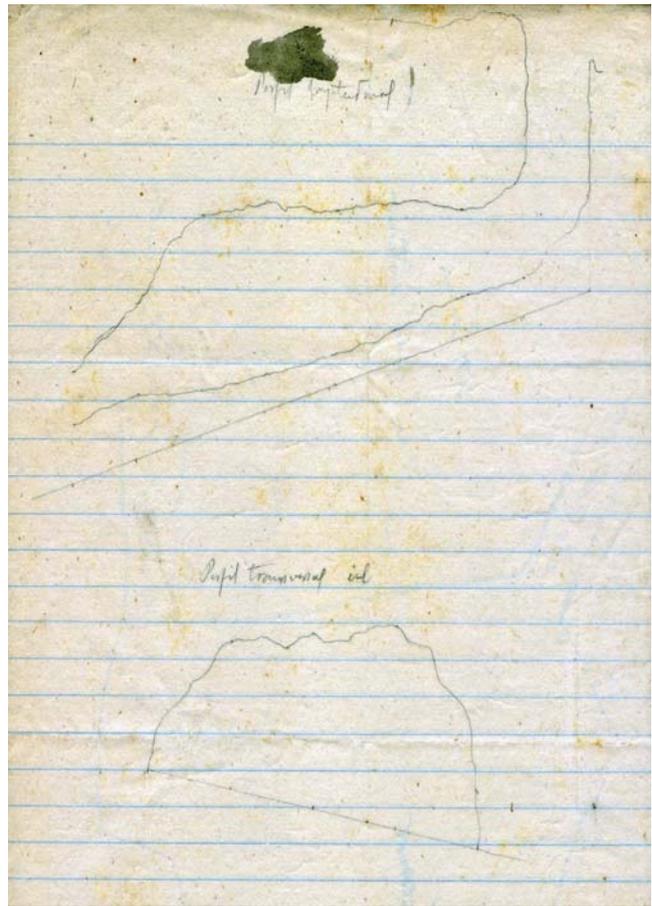


Fig. 12 – Gruta da Casa da Moura. Esboço do corte longitudinal
e secção da 1.^a sala da gruta, com letra de Nery Delgado, mas
provavelmente levantado por Miguel Pedroso.

(9)

(10)

⁹ A existência de areias brancas e soltas foi registada no corte longitudinal geral no local correspondente a esta 4.^a lapa, que não é
mais, como atrás se verificou, de uma escavação sob o grande bloco caído do tecto. Interessante é também a referência aos caixotes que se
iam transportando para Lisboa, contendo o produto das explorações.

¹⁰ A Lapa Furada foi uma das grutas exploradas simultaneamente com a Casa da Moura, situando-se próximo (Fig. 13). Tinha sido já
assinalada na monografia de 1867, mas os resultados agora obtidos, aplicando a mesma metodologia de escavação, revelaram-se muito mais
pobres. No Museu do LNEG conserva-se algum espólio pré-histórico nela recolhido, conjuntamente com o da gruta da Malgasta, também
explorada na mesma altura, que foi já objecto de publicação (CARREIRA & CARDOSO, 1992).

4.7 – Carta (13,5x21), escrita a tinta, 4 páginas, selo branco “Bath”

Sñr Calderon

O trabalho da Lapa Furada por enquanto ahinda continua no rebaixo, na devisão da Letra B. Já se tem rebaixado 5,50^m, e ainda não apareceu as areias, vâi aparecendo, é algum carvão.

A casa da Moura é que tem estado custoza de se descubrir as areias por ser muito rijo.

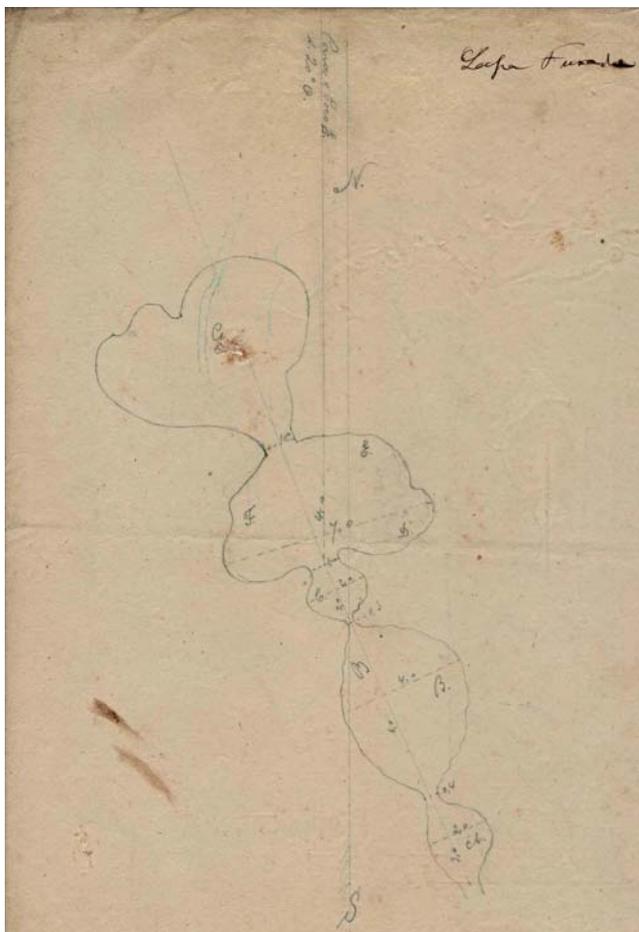
Como a sanja que eu comecei a abrir era muito rija e muito custosa de romper, comecei no meio da sanja a abrir um poço para baixo, que este já tem 4^m de fundo, e 4^m de comprido e 3^m de largo, e athe o fundo d’este Só tem aparecido a camada de areias calcinadas, agora a fundura dos 4^m e que esta aparecendo uma piquena camada de rocha christalisada emterrompida em partes com areias soltas.

A medição dos 4^m de profundidade é feita da camada estalagmytica, para baixo.

Sou seu criado

Miguel Pedroso

Molledo 1 de Julho de 1880



(11)

(12)

Fig. 13 – Gruta da Lapa Furada. Planta da gruta referida por Miguel Pedroso na correspondência, e de sua provável autoria.

4.8 – Carta (13,5x21) papel pautado, escrita a tinta, 4 páginas, selo branco “Bath” (Fig. 14)

Sñr Calderon

Remetto a nota da despesa feita na semana finda a 3 de Julho de 1880.

Hoje dia 3 acabei de receber a sua carta e juntamente um vale na empportancia de 30,710 rs que foi para findar o meu vencimento. D’este dinheiro fis pagamento aos homens.

Na Lapa Furada hoje dia 3, as 4 1/2 horas da tarde, acabo de abrir o buraco em que fallei na última carta; O buraco e na devisão da Letra B.) do Lado (N) a entrada por enquanto é so quanto cabe um homem. A entrada tem uma salla, que cabe um homem em pé depois a um corredor que vai ter a outra salla mais dentro. E d’essa emtão parte uma quantidade de corredores para todos os lados tem a largura só quanto cabe um homem. É aqui que talvez haja alguma coisa.

(13)

¹¹ Esta afirmação confirma que se adoptou na escavação desta pequena gruta a mesma metodologia de utilizada na gruta da Casa da Moura.

¹² Vê-se por esta breve afirmação a enorme quantidade de terras que foi removida do interior da gruta, justificando-se tais trabalhos com a exploração das mandas pliocénicas em profundidade, que constituam, na verdade, para Nery Delgado, o aspecto científico de maior interesse, numa altura em que as explorações se aproximavam do fim.

¹³ Pode concluir-se que escavação da Casa da Moura terá terminado no início de Julho de 1880, enquanto que a da Lapa Furada terá prosseguido. A referência à divisão da Letra B está confirmada na respectiva planta que se conservou (Fig. 13), correspondendo a uma pequena câmara intermédia de contorno piriforme situada logo a seguir à entrada da gruta.

Sr. Calderon?

Remetto a nota da despesa feita na semana finda a 3 de julho de 1880.

Hoje dia 3 acabei de receber a sua carta e juntamente com vale na importância de 30.410.000 que foi para findar o meu vencimento. - Deste dinheiro fiz pagamento aos homens.

Na Lapa Furada hoje dia 3, as 4 1/2 horas da tarde, acabei de abrir o buraco em que fallei na ultima carta, o buraco e sua divisão da Letra B) os fochos (M) a entrada por enquanto e' so quanto cabe um homem. A entrada tem uma salta que cabe um homem empurrado e a um corredor que vai ta a outro, mais dentro. E' d'essa embô portu uma quantidade de corredores para todas as partes tem a largura so quanto cabe um homem. E' aqui que talvez hoje alguma coisa Mas eu não mexo sem o Exmo. Sr. Delgado

Aqui vir. Vou começar a entrar na divisão de Letra C. para ir a Decisão da Letra D. que é aonde apparecem as areias da outra vez que eu aqui trabalhei e mais o Sr. Carreira.

Sou seu criado
Miguel Pedroso
Molledo 3 de julho de 1880

Fig. 14 – Gruta da Lapa Furada. Última carta transcrita de Miguel Pedroso de 3 de Julho de 1880, dando conta da progressão dos trabalhos indicados na planta correspondente à Fig. 13. Nesta altura já os trabalhos da gruta da Casa da Moura teriam terminado.

Mas eu não mexo sem o Exmo. Sr. Delgado aqui vir. Vou começar a entrar na divisão da Letra C para ir a Decisão da Letra D. Que é aonde appareceram as areias da outra vez que eu aqui trabalhei e mais o Sr. Carreira.

Sou seu criado
Miguel Pedroso
Molledo 3 de Julho de 1880

(14)

¹⁴ Continuou-se a escavação adoptando-se a mesma metodologia da Casa da Moura (ver nota 11). O Sr. Carreira mencionado na carta é o colector José Carreira, que colaborou com Nery Delgado entre 1879 e 1882, essencialmente no reconhecimento do Silúrico do Alentejo (CARNEIRO, 2005, p. 163).

5 – APONTAMENTOS MANUSCRITOS DE NERY DELGADO RELATIVOS ÀS ESCAVAÇÕES DE 1879-1880

O conjunto da documentação inclui diversos apontamentos esparsos elaborados por Nery Delgado, que parecem constituir a preparação para a redacção das conclusões da monografia sobre as escavações realizadas em 1879/1880, a qual porém nunca chegou a ser concretizada. A ordem por que são agora apresentados é aleatória, pois desconhece-se a sequência cronológica da sua redacção, embora tudo indique que, globalmente, estas notas tenham sido redigidas depois do inventário dos materiais recolhidos, pois retomam as observações que ali foram feitas, resumindo-as aos seus aspectos mais relevantes. Estes apontamentos podem ter sido utilizados na redacção da síntese publicada em Junho de 1880, logo após a conclusão dos trabalhos de campo, em Paris (DELGADO, 1880).

5.1 – Folha pautada (13,4x21 cm), 2 páginas manuscritas uma delas cortada com um traço oblíquo não transcrita

Passa se imediatamente do entulho superior às areias inferiores quaternarias, e é muito difficil por isso separar os ossos de animais.

O que tenho visto da Casa da Moura dá-me o seguinte resultado:

Tibias do typo platicnemicas, forma muito achatada ($y=1,30$) e ou forma ordinaria ($C=1,30$).

Humerus com perfuração olecraniana...

Femur (fragmento da letra $s=0,60^m$) de individuo novo, muito notavel porque tem uma crista agudissima formando a linha aspera. Idem de $u=1,20^m$ muitas com uma muito forte linha aspera.

Supponho que corresponderão às tibias de forma muito achatadas.

Maxilla inferior ($v=0,80^m$) com os alveolos fechados e curvatura da base alveolar ($y=1,30$) que supuz (erradamente) devido ao uso de um ????

Calote craneana com 2 grandes ossos vormicos ($y=1,30^m$)

muito deformada ($C=1,30$)

Duas raças diferentes representadas pelos fragmentos do craneo ($A=0,30$) grande espessura do craneo (3ª lapa)

Calote craneana com parte protuberancia occipital interna, formando uma crista triangular, e enorme fractura do parietal direito ($D=1,20$)

Grande saliencia das bossas nasaes e da arcada superciliar ($D=1,30$)

Ausencia da ??? da espinha nasal ($E=1,0^m$)

Fractura violenta do craneo (3ª lapa)

Humero muito grosso e torcido (3.ª lapa)

3ª lapa – Domina a ??? em que as tibias são muito achatadas, em forma de folha de sabre. De 7 completas, ou quasi, 5 são deste typo.

Coincide com esta circunstancia a ausencia de perfuração olecraniana nos humeros (proporção de 1:20 talvez).

Muitas das phalanges delgadas e longas mostram uma mão estreita e pequena.

Le nombre des humerus qui portent la perforation olécranienne ne representent que 13 pour cent de la totalité des os recueillis.

Uma parte dos corpos foram introduzidos inteiros na gruta, outros aos pedaços.

Na Casa o nº de ossos longos inteiros é bastante consideravel.

Nota: A página transcrita evidencia a utilização das referências tomadas no terreno, relativamente aos locais de colheita dos materiais mencionados, incluindo a profundidade respectiva.

No respeitante à página cortada obliquamente por um traço, a mesma não foi transcrita. No entanto reproduz-se na Fig. 15, por ter interesse documental, já que se indica nela os cálculos efectuados por Nery Delgado com base nas contagens dos dentes soltos para chegar à conclusão de terem sido encontrados restos de pelo menos 150 indivíduos no interior da gruta. Esta conclusão foi aproveitada para o artigo que em Junho de 1880 veio a lume em Paris (DELGADO, 1880), redigido e publicado logo após as escavações. No trabalho dedicado aos restos crânio-faciais, embora se aponte para um total de 842 restos humanos estudados, tal quantificação não foi efectuada (ANTUNES, CARDOSO & CUNHA, 2009).

5.2 – Folha pautada (13,4x21), 2 páginas manuscritas

Se nós vemos nas fontes *thermaes ferruginosas*, como é admitido pelas melhores autoridades, um dos campos principais de formação, ou pelo menos do alongamento ??? das cavernas, não me parece improvável que o calcareo *spathico*, a ??? e a argila ferruginosa que enchem as fendas da rocha nas paredes da gruta, e se estendem n'um manto muito irregular sobre as areias quaternárias possam ter a mesma origem. É o depósito formado por precipitação química no fundo de um tanque. É evidente que o estado cristalino ou amorfo do calcareo, e o seu grão maior ou menor da pureza depende essencialmente das condições em que se deposita.

Por outro lado, não é plausível que um manto tão possante de calcareo *spathico*, que no centro da sala exterior da gruta atingirá não menos de 0,50^m de espessura afóra as alterações da argila ferruginosa e massas lenticulares de areias que encerra, se formasse pela infiltração gota a gota das águas caíndo do tecto da gruta, sem que se formassem as correspondentes stalactites. Effectivamente o tecto da gruta exterior pode dizer-se limpo, e as pequenas stalactites que hoje se formam nas grutas d'onde a água gotteja, estão muito longe de corresponder à possante massa que cobria as areias quaternárias. O aspecto deste calcareo *spathico* é aliás idêntico ao de que se deposita nos tubos da construção d'águas carregadas de calcareo, como em Lisboa.

Os grandes desabamentos que se operaram no interior da gruta parecem ainda ser devidos à mesma causa, à corrosão do calcareo jurássico, e ao consequente isolamento de massas maiores ou menores, que de facto se veem envolvidas pelo calcareo *spathico*. Um dos exemplos mais notáveis que podemos indicar, é o que se observa na câmara de passagem, ou intermédia às salas exterior e interior da gruta. Quando começou a exploração da gruta as duas salas estavam perfeitamente separadas uma da outra por uma massa de calcareo ou altar, separando dois corredores estreitos de comunicação entre ellas, encostados às duas paredes do N. e do S. (Figs. 16 e 17) Quando porém se extrahia todo o entulho superior reconheceu-se que aquella massa era rota inferiormente, estando a cavidade cheia com mesma terra humosa negra com abundantes ossos humanos, alguns de animais e productos de industria humana [débris de son industrie et de ses repas (de l'homme)]. Quando esta terra totalmente se extrahiu viu-se ocupando o meio desta câmara uma massa de calcareo de não menos de ——— metros cúbicos de volume, toda envolvida pelo calcareo *spathico*, como se fora o núcleo de uma grande massa que as águas houvessem corroido. O altar que eu suppunha ligasse immediatamente com o fundo da gruta não é mesmo senão uma grande massa desabada do tecto e que ficou amparada nas das paredes laterais da grande cavidade que anteriormente formaram pela sua junção as duas salas exterior e interior com esta câmara intermédia.

Nota: não existe relação entre as matérias desenvolvidas nesta página e as da página anterior. Neste caso, trata-se de um conjunto de observações de natureza geológica, por certo coligidas no sentido de serem utilizadas na caracterização das condições de formação da gruta, na monografia que dela se viesse a publicar.

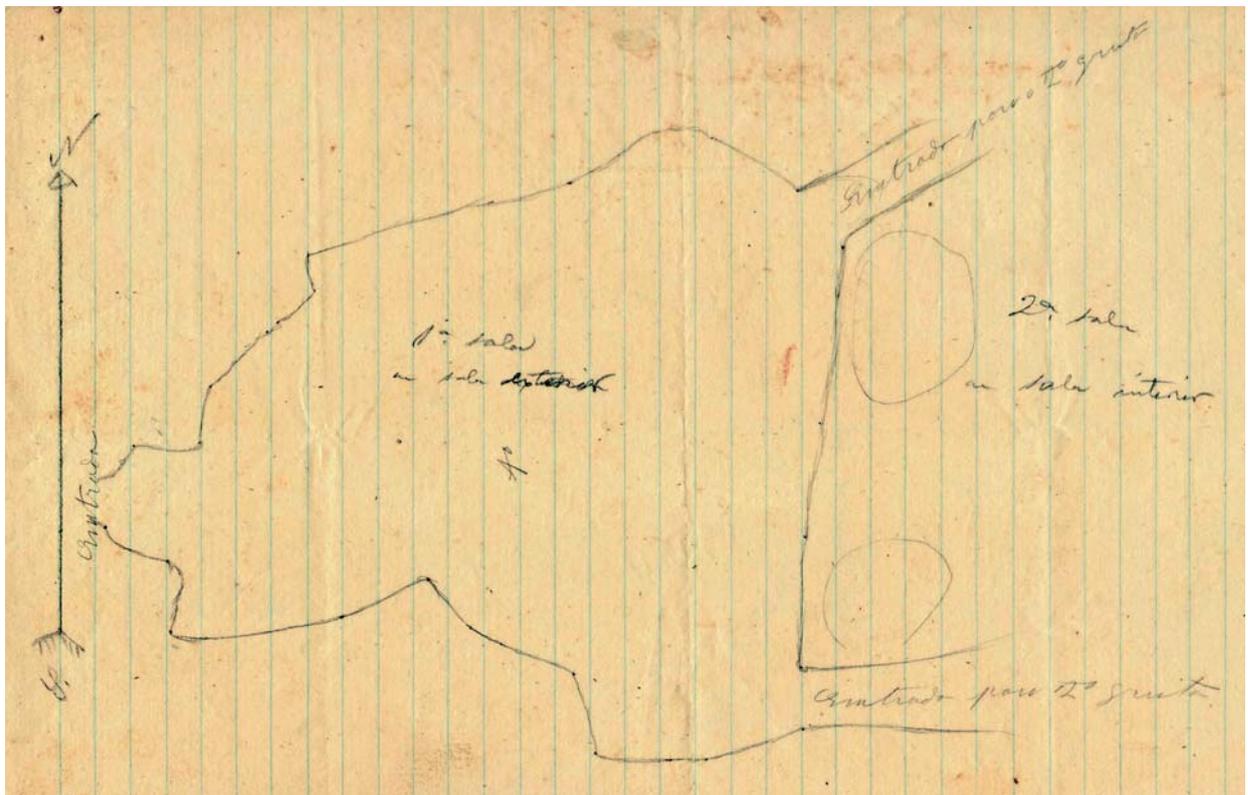


Fig. 16 – Gruta da Casa da Moura. Esboço de planta da gruta, correspondendo ao contorno definido pelo ponteados aos locais determinados pelas sucessivas medições efectuadas ao longo das paredes da 1.ª sala da gruta, cuja entrada se situa do lado esquerdo da figura. Note-se o contorno do bloco de abatimento do tecto, do lado direito, que separou a 1.ª sala da 2.ª sala, ainda incompletamente registada na figura, em comunicação através de duas passagens, uma situada a norte, outra a sul. Esboçam-se ainda os contornos das duas cavidades escavadas artificialmente sob o bloco de abatimento que delimita do lado direito a 1.ª sala, respectivamente a 3.ª sala e a 4.ª sala (ver Fig. 11).

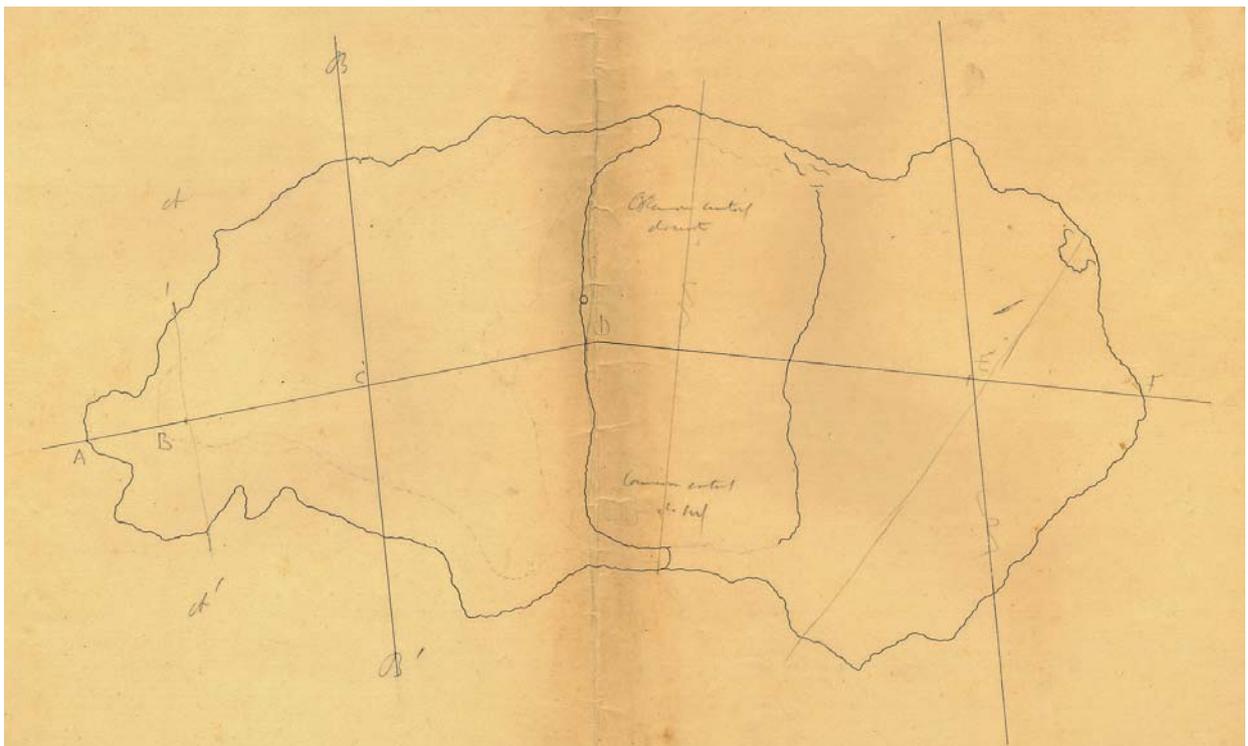


Fig. 17 – Gruta da Casa da Moura. Planta da gruta no final dos trabalhos realizada provavelmente por Miguel Pedroso, com a localização do bloco de abatimento na parte central da cavidade e a indicação das duas passagens uma a norte e outra a sul a partir das quais se escavaram duas câmaras com o intuito de efectuar a recolha dos espólios existentes sob o referido bloco (ver Figs. 11 e 16), assinaladas a lápis por Nery Delgado.

5.3 – Folha pautada (13,4x20,9), duas linhas manuscritas na primeira página

Vestígios de violência exercida sobre alguns craneos, e portanto de fractura intencional parecem-nos evidentes.

Nota: trata-se da única frase aposta na folha, tratando-se provavelmente de um apontamento que não foi desenvolvido na altura pelo autor.

5.4 – Folha pautada (13,1x20,5), 1 página manuscrita

A existencia de duas raças diferentes nesta gruta, alem de provada directamente pelo estudo dos craneos feito pelo Sr. Oliveira, vem confirmada indirectamente por muitos factos diversos. (15)

Assim a ceramica, ordinariamente de um typo e fabrico muito grosseiro apparece misturada de alguns fragmentos evidentemente contemporaneos, mas que revelam um grande adiantamento. Assim a raridade de objectos de metal (bronze cobre) encontrados nesta gruta, mas que revelam um grande estado de adiantamento.

Sendo a raça troglodytica provavelmente a vencida ou subjugada não admira que por necessidade ou por vindicta sacrificasse os seus prisioneiros, que deviam pertencer à raça invasora, talvez a mesma constructora dos dolmens.

A aproximação de caracteres osteologicos de alguns (a maior parte ?) dos craneos das grutas com as dos kjökkenmöddings do Valle do Tejo, faz descobrir que a raça troglodytica representará a ultima descendentes d'aquella, que afinal desapareceu subjugada pela outra.

Não seria para admirar pois que dentro da gruta se encontrassem vestígios de enterramentos e de anthropophagia, i. é de sacrificios humanos, mas na verdade em parte alguma eu descobri nenhum esqueleto completo, ou mesmo ao qual faltassem muitas peças, nem os restantes se mostrassem nas suas relações naturaes da posição, como se observa nos kjökkenmöddings, embora os corpos ali fossem todos dobrados quando os sepultaram, restituindo-os à terra na mesma posição em que se suppunha terem d'ella sahido.

5.5 – Folha branca (18,1x22,8), escrita a tinta, 2 páginas

– Casa da Moura –

Immediatamente por baixo do manto stalagmitico as areias estão profundamente lavadas e soltas contrastando com a cor vermelha da argilla e das areias, que em delgadas massas lenticulares e discontinuas se interpõem no banco stalagmitico. Esta lavagem superficial das areias não poderia operar-se senão pelas correntes entrando pela boca da gruta, correntes que são a manifestação de um phenomeno glaciario, porque com o regimen actual hydrographico, e com a configuração do paiz e altitude da gruta, é absolutamente impossivel que ali podessem entrar.

Um facto ethnographico da mais alta importancia é a semelhança quasi absoluta revelada pela facies geral, pela natureza da substancia, e pela igualdade da forma de muitos objectos de adorno ou instrumentos

¹⁵ Francisco de Paula e Oliveira publicou nas actas da IX Sessão do Congresso Internacional de Arqueologia e de Antropologia Pré-Histórica pequeno estudo sobre os crânios da gruta da Casa da Moura, observou a existência de crânios braquicéfalos e dolicocefalos, tal como nos concheiros de Muge com a diferença de que nestes o volume craniano era bem maior, característica a que atribuiu grande importância (OLIVEIRA, 1884, p. 299). A diversidade registada foi depois confirmada por outros antropólogos ao longo do século XX e não espanta que a mesma tenha sido também observada na Casa da Moura, sem que tal signifique necessariamente uma descendência directa destas populações das que habitaram os concheiros e muito menos duas raças distintas antagónicas, como supunha Nery Delgado. Importa referir que a ideia de sacrificios humanos e de antropofagia já o autor a tinha apresentado aquando da redacção da sua primeira memória (DELGADO, 1867), retomando-a agora, e reforçando-a, face aos novos testemunhos agora supostamente encontrados.

encontrados no entulho superior da nossa gruta e n'alguns dolmens das vizinhanças de Lisboa, e que à falta da comparação dos caracteres ethnicos e anthropologicos não é menos concludente para designar a identidade, ou quanto menos a contemporaneidade da raça troglodytica do fim da pedra polida e da construtora dos dolmens no nosso paiz. Mencionamos ainda a mesma correspondência com alguns dos restos descobertos nas sepulturas da Granja do Marquez, a meu ver não sendo senão os restos de um dolmen coberto que tivesse sido destruido n'uma epoca anterior \pm remota.

(16)

Já o Snr. Broca descrevendo a caverna do Homem morto (Compte rendu de Bruxelles, p. 197) aventou a idea que a raça construtora dos dolmens na vizinhança d'aquella gruta, e a dos troglodytas que a habitaram, viveram algum tempo justapostas nesta região. Mas o que é certo, acrescenta elle, é que estas raças differiam inteiramente uma da outra. Os craneos extrahidos dos dolmens por M. Prunières, o infatigavel sabio explorador dos dolmens de la Lozère, são muito mais espessos que os da caverna do "Homem morto"?. São muito menos dolichocéphalos, e bom número d'elles são mesmo \pm brachycephalos. Emfim o estudo das outras peças do esqueleto mostra que a estatura dos troglodytas era menos elevada do que a dos homens dos dolmens; que a sua ossatura é muito menos massiça; em uma palavra que a raça dos dolmens era muito melhor favorecida no que respeita à força physica.

Não (nos julgamos habilitados) possuímos os elementos para fazer a comparação entre a raça troglodytica e a dos dolmens no nosso paiz; mas se considerarmos como submetida a vassalagem a que forneceu os abundantes restos que se encontram dentro da gruta, em condições tais que não pode excluir-se a idea da anthropophagia, devemos julgar que esta raça era physicamente muito forte, e segundo pode julgar-se por algumas peças do esqueleto, comprehendia individuos de muito elevada estatura. É extraordinariamente notavel a espessura de alguns fragmentos do craneo, e bem assim as dimensões de alguns ossos (uma cabeça de humero descoberta em.....).

Pelo contrário os poucos craneos inteiros que se encontraram parecem muito menos fortes, bem que de formas bastantes differentes uns dos outros. M. Broca pensa que a raça brachycephalica construtora dos dolmens do departamento de La Lozère exterminasse a raça muito dolicocephala da caverna do "Homem morto" que representaria os descendentes das populações quaternarias n'aquella região.

Ao contrario esta hypotese é perfeitamente applicavel ao nosso paiz, e isso explicaria a mistura de craneos das duas raças no deposito superior da Casa da Moura, pois que os troglodytas devoraram os seus (typo grosseiro) e os seus inimigos (typo pré= raça dolmenica). A fabricação dos silex pelo menos em parte, foi feita dentro da gruta. Temos a prova disso no achado das facas e das lascas do mesmo rim juntas no mesmo ponto da gruta, com o calhao que serviu de percutor. Exemplo: na parte da letra t (profundidade 0,80^m).

(17)

(18)

¹⁶ A observação de Nery Delgado é correcta, pois a natureza e tipologia dos espólios arqueológicos recolhidos é semelhante entre os diversos tipos de sepulcros – dólmenes, grutas naturais e grutas artificiais – indício de que eram as mesmas as populações que os utilizavam. Esta conclusão, como agora se verifica, fora já enunciada correctamente pelo autor, muito antes de outros, no século XX terem constatado os mesmos factos. Chegou-se ao ponto de falar de um "Megalitismo de grutas" (GONÇALVES, 1978), expressão que em si mesmo encerra uma contradição insanável, pois como é evidente não há monumentos megalíticos contruidos em/ ou dentro/ de grutas.

¹⁷ Esta teoria de Nery Delgado não se veio a confirmar, dado que numa população existem sempre elementos anatomicamente diferentes, fazendo parte intrínseca da mesma tal variabilidade. No entanto, a mesma encontrava-se alicerçada em outras observações feitas além-fronteiras por investigadores de renome. Compreende-se que o autor tenha assumidamente adoptado tal pressuposto, o qual conferia motivo acrescido à teoria da antropofagia, por ele tão claramente assumida tanto nesta gruta, como sobretudo na Furninha, a qual deu azo a viva discussão no Congresso de Lisboa de 1880 (DELGADO, 1884).

¹⁸ Esta observação, apesar da indiscutível credibilidade do autor como geólogo não se afigura fidedigna. Com efeito, tratando-se de uma estação sepulcral, e não de carácter habitacional, como julgava o autor, só excepcionalmente é que se poderia ter verificado uma relação

5.6 – Folha branca (18,1x22,8), escrita a tinta, 2 páginas

– Casa da Moura –

A formação do manto stalagmitico (sic) que cobria as areias quaternarias, coincidiu com um periodo especial de habitação da nossa gruta, e ao qual parece ligada a enormissima quantidade restos de coelhos e de varias especies de carnivoros (*Canis* e *Felis*, principalmente). (19)

Reportando a existencia destes animaes (lobo de enormes dimensões e as grandes especies de gatos) condições climatericas muito differentes das actuaes, productos de um clima mais quente do que o que gozamos hoje, este periodo de habitação poderá corresponder ao fim da epoca do Mammuth, ou de migração para o sul das especies tropicaes, lince e outros congeneres. (20)

Não se tendo ainda descoberto a existencia da Renna ao sul dos Pyreneus, e coexistindo ella na Belgica e no norte de França com a maior parte das especies que compunham a fauna anterior (do Mammuth), poderemos julgar que a grande emissão das fontes mineraes calcaríferas, se fez nessa epoca, sendo mesmo esse phenomeno ??? concommitante da emigração, ou coincidindo com uma grande revolução climatologica.

A comparação entre os 2 quadros das especies da fauna da idade da Renna e da idade do Mammuth na Belgica, que nos é offerecido pelo Sr. ???, mostra-nos que a primeira apenas differe da que a precedeu pelo seu empobrecimento ou pela desaparição de algumas especies caracteristicas que a compunham (*Ursus spelaeus*, *U. arctos*, *Hyaena spelaea*, *Elephas primigenius*, *Rhinoceros tychorhinus*, *Cervus megaceros*, *Cervus canadensis*) e pela substituição de uma especie de *Felis*, *Felis antiqua* a *Felis leo*. Assim não há uma modificação essencial na fauna na segunda idade quaternaria, mas simplesmente a falta de certas especies, que desapareceram da superficie do globo, ou migraram para regiões tropicaes, falta que tambem se observa nas nossas grutas quando se compara a fauna do banco stalagmitico com a das areias inferiores (da Furninha). (21)

Seríamos ainda induzidos a julgar que esta possante emissão de fontes mineraes marca a solução de continuidade das camadas paleontologicas, ou *hiatus* que M. Mortillet traçou no fim da epoca quaternaria, (como julgamos ter reconhecido que um phenomeno semelhante, mas em maior escala, marca no nosso paiz o termo da existencia da fauna 2.^a siluriana, ou a passagem da divisão siluriana inferior à superior) mas que ??? colloca ao contrario entre a idade do *Mammuth* e a idade da *Renna*, representado no valle de la Somme (St. Acheul), por uma possante camada de origem glaciaria, que pela sua grande espessura deve corresponder a um periodo muito longo. As duas hypotheses seriam, como se vê, applicaveis à nossa gruta, porque há n'ella a transição

directa entre um núcleo e os produtos de debitagem dele extraídos, em resultado do talhe de tais artefactos não ter sido realizado no interior da gruta.

¹⁹ A escassez de objectos humanos associados à abundante presença de Coelho, a par das peças pertencentes a carnívoros, especialmente Lobo e Lince, faz crer que, nessa época, situável cerca de 20 000 anos BP, conforme datação obtida para mandíbula de Lobo (STRAUS et al, 1988), a gruta servisse sobretudo de abrigo a tais predadores (ZILHÃO, 1997).

²⁰ A afirmação de que o clima seria mais quente que o actual não se afigura realista. Na verdade, admitindo que a formação do depósito inferior, imdiatamente assente no banco estalagmítico, considerado estéril, é coevo da datação obtida na mandíbula de Lobo, ca. 25 000 BP, as condições climáticas então vigentes seriam tendencialmente mais frias que as acuais, conforme foi concluído pelo signatário, com base nas associações faunísticas reconhecidas no território português entre ca. 25 000 e 20 000 BP (CARDOSO, 1993, p. 546).

²¹ A fauna da Furninha é assaz distinta da da Casa da Moura, representando uma época muito anterior, de clima mais quente, reportável ao último periodo interglaciário ou a um dos primeiros interstadias da última glaciação. A interpretação de Nery Delgado, no entanto, está correcta ao referir que algumas das espécies desapareceram do nosso território, acantonando-se, com a degradação climática do final do Plistocénico em áreas mais meridionais, no caso o continente africano, como é o caso da Hiena raiada (*Hyaena hyaena spelaea*) (CARDOSO, 1993). Mais tarde, a degradação climática coeva da utilização da gruta da Casa da Moura por carnívoros de grande e médio porte, como o leopardo, esteve na origem da sua extinção até ca. 20 000 BP no território português.

subita de uma fauna extincta ou há muito desaparecida desta região, à época polida. Deverá aceitar-se uma ou outra conforme a interpretação que se der aos factos observados; mas a hypothese de Mortillet parece a mais plausível. Com effeito parecendo interna a ligação das duas faunas, e não tendo existido em nenhuma época no nosso paiz as especies das regiões articas, que no fim da época quaternaria migraram para o norte, ou para os cumes das altas serranias do centro da Europa, ambas as hypotheses são verdadeiras, mas referem-se a factos differentes, como já o fez notar o Sr. Broca (Congrès de Broux, p. 184).

Esta passagem subita levaria a julgar que as nossas grutas foram de facto inhabitaveis, durante um longo periodo, em que estiveram cheias d'agua depositando-se então o manto stalagmitico, migrando as povoações para outros logares, e talvez estabelecendo-se ao ar livre nas margens dos rios, que conservavam ainda um grande volume d'aguas, como prova a situação dos kjökkenmöddings do valle do Tejo, estabelecidos à beira do rio, hoje mui distantes (kilometros) do seu leito normal, e mesmo do limite das cheias extraordinarias.

O monticulo do Cabeço da Arruda é ao mesmo tempo uma necropole e uma estação humana. Os restos que ali se mostram revelam que aquella tribu (que parece não conhecia ainda a louça e portanto pertence à idade paleolitica = época de la Madeleine) fazia os enterramentos nos mesmos monticulos formados pelos restos da comida (rebutts de cuisine), talvez por aproveitarem do calor que a decomposição dos corpos desenvolvia, sem se importarem como os Esquimaus actuais com o cheiro que exhalava tanta materia em putrefacção. (22)

Deverá ahi procurar-se o preenchimento da camadas ou hiatus que M. Mortillet indicou na série dos tempos prehistoricos, entre o fim da época da pedra talhada (lascada) e o começo do emprego da pedra polida? (23)

A sepultura do l'Homme mort pertencente à época da pedra polida, e em que M. Broca descobriu os mesmos ritos funerarios da sepultura classica de d'Aurignac, tão bem descripta por Ed. Lartet, é porem um claro desmentido à existencia de tal hiatus (p. 195). (24)

5.7 – Folha branca (18,1x22,8), escrita a tinta mas com alguns apontamentos a lápis, apenas em uma página (Fig. 18)

– Casa da Moura –

Como explicar uma tão grande acumulação de ossos de animaes, especialmente de coelho, e a sua distribuição como em monticulos n'um e n'outro ponto da gruta, sobretudo nos pontos em que falta o manto stalagmitico?

²² Na época em que Nery Delgado escrevia, ainda se não tinha reconhecido a validade do termo Mesolítico, que viria a preencher a lacuna existente entre o paleolítico e o Neolítico.

²³ Existem elementos que levam a admitir que a organização espacial dos concheiros se fazia de forma diferenciada, entre os espaços ocupados por cabanas e os espaços onde se amontoavam os restos das refeições e se enterravam os mortos da comunidade. De acordo com Nuno Bicho (com. pessoal, 9-12-2019), os concheiros não são sítios habitacionais, e deveriam ter várias funções, sendo a principal a de necrópole, e também de marcação territorial, como sinal visual na paisagem. Claro que a primeira ocupação dos locais, ainda antes de se terem formados os montículos artificiais correspondeu a acampamento residencial de longa duração que incluía necrópole. Esta situação encontra-se claramente documentada no concheiro da Moita do Sebastião, onde a primeira ocupação integrava uma cabana, associada a enterramentos nas imediações (ROCHE, 1960). Deste modo, não é possível atribuir-lhes uma única designação, porque a função se foi alterando com o tempo. E também porque em redor dos concheiros, já em tempos avançados da vida dos mesmos, se foi constituindo um grupo de pequenos acampamentos.

²⁴ A gruta de l' Homme Mort (Lozère) forneceu cerca de uma vintena de crânios bem conservados (PRUNIÈRES, 1871), cujo estudo, efectuado pelo célebre antropólogo Broca, Nery Delgado por várias vezes menciona, utilizando-o como elemento de comparação com as observações por si realizadas na Casa da Moura.

Os ossos de coelho pela maior parte não estão partidos, mas também não havia que aproveitar-lhe a medulla. Nota-se porém que os craneos, e mesmo os fragmentos da abobada craneana, e ainda os maxillares superiores são rarissimos, em comparação dos maxillares inferiores que se contam às centenas ou milhares. Nota-se também a falta de outros ossos, das costellas, por exemplo, e das extremidades, fazendo esta falta lembrar que as partes do animal naturalmente desprezadas pelo homem fossem devoradas por algum carnívoro que o acompanhasse, suggerindo portanto a idea da existencia do cão domestico. [Alguns outros ossos de animaes apresentam-se roídos (?) para confirmação desta idea].

A lápiz: *Caso esta hypothese, se não dê, pode supor-se que elles preparavam as peças fora da gruta, para exporem ao sol as pelles, e rejeitavam portanto as barrigas e pés.* (25)

Descrevendo a gruta da Casa da Moura incorri no erro de suppor que não existia nenhuma nascente proxima da gruta. Mas com effeito a pequena distancia na base da escarpa, na origem do valeiro que desce mesmo para os Bolhos (ou para o Olho Marinho). É a fonte da Carvalleira.

A configuração interior da nossa gruta não tem nenhuma relação com a stratificação da formação de calcareos compactos do jurassico inferior, mui rija, em que é contida. A stratificação destas mesmas massas não é muito perceptivel, mas inclinam portanto para o S., ao passo que o tecto da gruta inclina para o nascente.

A base do entulho superior, ou a passagem ao manto stalagmitico, faz-se por um strato de areias avermelhadas, fortemente cimentadas pelo calcareo, em que os ossos de animaes estão de tal forma empastados que é muito difficil extrahil-os inteiros. Foi sob esta camada, que horizontalmente e verticalmente se liga ao banco stalagmitico, que se obtiveram os dentes de *Felis* e outros animaes, e que eu ??? em 1867 do deposito inferior. (26)

Ao fundo do corredor do sul na parede sul da sala interior há uma possante massa de conglomerado, isto é, de pedras maiores ou menores e de formas ± arredondada, do calcareo jurassico, cimentadas pelo tufo e stalagmites que correram desta parede, provavelmente de alguma fenda da rocha.

Foi aqui que se encontrou em 1867 alguns ossos humanos empastados, provando portanto que a formação do manto stalagmitico (como na Lapa Furada) continuou na epoca neolithica.

5.8 – Folha branca (18,1x22,8), escrita, 2 páginas

– Casa da Moura –

O manto stalagmitico, de superficie e espessura assaz irregular, e interrompido em muitos pontos na sala exterior da gruta, onde o reconhecemos, claramente designa um periodo intermediario entre o da formação das areias quaternarias subjacentes, e a acumulação do entulho superior, que pelo menos em grande parte (27)

²⁵ É de grande perspicácia e metodologicamente inovadora esta observação e Nery Delgado tomando por base a presença diferenciada dos segmentos anatómicos presentes de Coelho para concluir pelo consumo dos mesmos em locais diferentes e eventualmente por diferentes predadores. No entanto, como se sabe, estes restos foram acumulados na gruta numa época anterior ao Neolítico, uma vez que provêm de camadas arenosas avermelhadas pliocénicas (DELGADO, 1867) mais ou menos concrecionadas correspondentes à frequência da gruta essencialmente por Carnívoros (ZILHÃO, 1997).

²⁶ Foi também na base desta camada detrítica, imediatamente assente no manto stalagmitico, em pequeno retalho que se manteve intacto, que se recolheu em 1987 a mandíbula de Lobo que forneceu datação absoluta de ca. 25 000 anos BP (STRAUS et al., 1988).

²⁷ A posição do manto stalagmitico foi definida por Nery Delgado logo em 1867, ao declarar que aquele se situava por baixo da sequência de areias mais ou menos consolidadas por cimento calcário, dispostas em leitos descontínuos e irregulares (DELGADO, 1867, p. 27). A alusão ao forte pilar stalagmitico ainda hoje se conserva (Fig. 2). Sobre este depósito arenoso avermelhado, com escassos vestígios da presença humana e de época pliocénica, assentava o chamado “entulho superior”, que o autor declara ter sido artificialmente introduzido no interior da gruta, no que estava certo, uma vez que se tratava dos despojos de uma necrópole neolítica e calcolítica, com abundantes restos humanos e oferendas. Deste modo, não deixa de ser aparentemente contraditória a afirmação contida nesta passagem do manuscrito

supomos ter sido introduzido ali posteriormente e artificialmente. Nas condições actuaes da gruta não vemos motivo para se formar um tão espesso manto, que na parte central da gruta (afóra as intercalações das areias e argilla vermelha, em pequenas massas lenticulares) com não menos de 0,50^m de espessura, e incluia grandes massas spathicas, structura que o calcareo não podia tomar como pela filtração gota a gota de diferentes juntas do tecto, como agora succede. O que se nos affigura como mais provavel, e é sem duvida o mais plausivel, é que as ultimas correntes da epoca quaternaria, que varreram em parte os depositos arenaceos arrasando para dentro das grutas, fixaram dentro d'ellas poças maiores ou menores no seio das quaes o calcareo se depositou tranquillamente continuando as aguas a filtrar do tecto e das paredes, por toda a parte onde as fendas ou os orificios da rocha o permitiam. Quando correntes mais fortes entrando pela boca da gruta arrasavam uma porção das areias da superficie, ou se carregavam da argilla ferruginosa que lhe forma o cimento, formavam-se as pequenas massas lenticulares de areia ou de argilla, verdadeiros depositos de transporte intercalados no deposito chimico (Fig. 19).

Com o progresso da exploração da terra humosa superior descobriu-se ao fundo da sala exterior à parede do N., uma pequena abertura, que depois se vio dar entrada a uma ramificação d'aquella sala ou camara central, ficando por baixo da massa de calcareo ou altar que a divide da sala interior, cuja boca estava entulhada com a mesma terra e pedras, que tinham corrido para o interior d'ella, mas não a enchendo totalmente. Nesta camara achou-se tambem grande quantidade de ossos humanos, e nomeadamente dois craneos quasi completos, os melhores que obtivemos para poderem conhecer-se os caracteres ethnicos da tribo que habita esta gruta. Nesta camara central havia grande quantidade de pedras cimentadas pelo calcareo stalagmitico, algumas de grande volume, e que pareciam não ter sido para ali transportadas, mas sim desabadas do tecto.

O manto stalagmitico não se prolonga para dentro desta camara, mas passa-se immediatamente da terra humosa negra com restos humanos às areias ± avermelhadas com ossos de coelho, e ± posteriormente cimentadas pelo calcareo.

No começo do corredor do sul (ver Figs. 11, 16 e 17) por baixo verticalmente de um forte pilar exteriormente revestido, senão totalmente constituído pelo calcareo spathico stalagmitico (ver Fig. 2) havia tambem uma pequena abertura por onde mal cabia um braço, mas que alargada com um fuso de mina, deu entrada para uma cavidade totalmente obscura onde existia também a terra humosa com restos humanos formando uma capa de poucos decimetros, e em partes de alguns centimetros apenas de espessura, passando-se logo às areias

de que o referido manto estalagmítico se desenvolvia entre os depósitos arenosos e o “entulho superior”. A dúvida dissipa-se se se admitir que por manto estalagmítico o autor tivesse designado o conjunto de leitos sedimentares mais ou menos endurecidos pela precipitação química, conclusão que é reforçada pela descrição que a seguir é apresentada dos mesmos (ver a sequência geral e completa dos depósitos descritos por Nery Delgado no core longitudinal da gruta correspondente à Fig. 19).

²⁸ Trata-se da chamada 3.^a Lapa, ou câmara central do lado Norte (Fig. 11), a qual, como já anteriormente se verificou, resultou da escavação, a partir da estreita passagem que comunicava a sala exterior à sala interior da gruta (ver Fig. 16) por baixo sob o grande bloco de abatimento que selou os depósitos arqueológicos da necrópole neolítica (designado por “altar”). Essa cavidade, assim artificialmente criada, forneceu os dois crânios registados pelo autor, que, sendo os melhores de toda a escavação, devem corresponder aos apresentados ao Congresso de 1880 por F. de Paula e Oliveira (OLIVEIRA, 1884). No artigo de síntese de Nery Delgado publicado imediatamente após o final dos trabalhos de campo, ou ainda no seu rescalco, menciona a recolha de 3 a 4 crânios bem conservados e de 24 calotes cranianas “qui peuvent offrir des renseignements précieux sur les caractères ethniques de la race ou des races qui habitèrent cette contrée durant l'époque néolithique (DELGADO, 1880, p. 214). Com efeito, o autor no citado trabalho reafirmou a existência de duas raças diferentes com base na configuração craniana, o que explicaria a conflitualidade entre elas existente e denunciada por inúmeras evidências de violência observadas nos crânios.

²⁹ Trata-se de um crânio masculino e de outro feminino, cujas medidas foram apresentadas ao Congresso de Lisboa de 1880 por F. de Paula e Oliveira (OLIVEIRA, 1884).

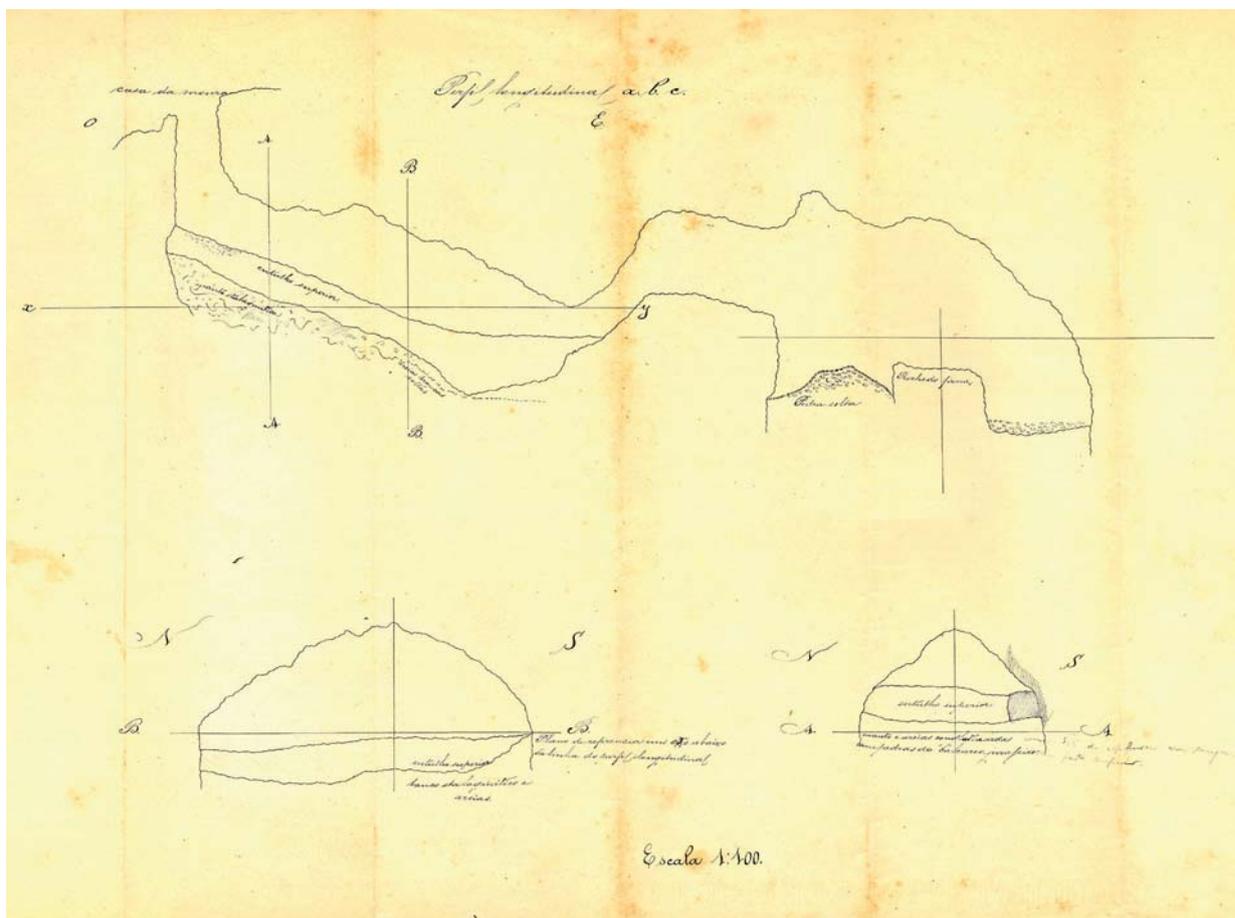


Fig. 19 – Gruta da Casa da Moura. Perfil longitudinal da gruta, indicando o desenvolvimento dos dois depósitos quase integralmente escavados, acompanhado de dois perfis transversais com indicação da potência dos mesmos. Estes perfis correspondem aos indicados na planta da Fig. 17, executados por Miguel Pedroso e depois passados a limpo em manuscrito autógrafo por Nery Delgado.

vermelhas com restos abundantes de coelhos e de outros animais. Logo à superfície, e quasi todo descoberto se achou um craneo completo, ao qual faltava só um dente e a maxilla inferior correspondente. Não se reconhecia porem ali mesmo nenhum esqueleto, e os ossos humanos mostravam-se no mesmo estado da dispersão e estrago que manifestam nos outros pontos da gruta. Encontraram-se tambem ali alguns (débeis) restos de indústria humana, e a um canto já por baixo do corredor, uma magnifica panella de louça negra, mas infelizmente muito fragil pela humidade, como os ossos, e que se fez (em) pedaços no acto da extracção, mas pode ser restaurada. A boca da entrada d’esta (cavidade) camara, que porventura era ali no começo do corredor, estava tambem obstruida com pedras, que as stalagmites depois cimentaram, estendendo-se para o interior da cavidade e cobrindo as areias vermelhas com 0,1^m de espessura ou menos, sendo por uma verdadeira fortuna que se descobriu. (30)

(31)

³⁰ É a chamada 4.^a Lapa, ou câmara central do lado Sul, cuja abertura e ulterior alargamento foi também executada artificialmente como a do lado Norte, a partir neste caso do estreito corredor sul, que ligava a primeira câmara (a externa) à câmara interna, no intuito de promover a recolha de espólios arqueológicos oriundos do “entulho superior” ver Figs. 11 e 16).

³¹ Como acima se referiu, não se tratava de uma cavidade natural mas sim de uma escavação realizada intencionalmente aquando da exploração da gruta, com o intuito de recolher espólios arqueológicos (ver Figs. 11 e 16).

O espaço que restava vazio entre (recanto) compartimento da gruta, bem como o da camara central do N. (que porventura liga com este) era muito baixo, e a custo permitia a entrada de rojos a um homem, sendo bem difficil comprehender-se como os restos humanos ali se achavam, a não ser que a terra e as pedras para ali corressem acidentalmente, obstruindo ellas mesmo a boca de entrada antes que a cavidade estivesse completamente cheia. Certamente a escuridão e a pequena altura tornara esta parte da gruta impropria para ali estacionarem os homens, e fazerem lá dentro as suas refeições. (32)

O manto stalagmitico estabelece, como dissemos, a separação stratigraphica e chronologica entre o depósito das areias inferiores e a accumulção do entulho superior com restos humanos. A sua formação, porém, é muito posterior á das areias, tendo sido a gruta habitada nesse periodo em que existiam no nosso paiz um grande numero de especies de *Felis*, alguns de grande estatura, que evidentemente não existem agora entre nós. Como character ethnographico mais importante devemos apontar que esta tribu, essencialmente vivendo da caça, amava sobretudo animaes de pequena estatura, os coelhos, cuja quantidade prodigiosissima causa verdadeiro espanto. Os ossos deste pequeno roedor apresentam-se accumulados aqui e ali no strato superior das areias em quantidade tal, que podem contar-se por centenas, (ou talvez por milhares) o número de individuos desta especie que se descobriram na gruta, não contando os restos que se achavam dispersos nas areias grosseiras inferiores ao manto stalagmitico, todavia em muito menos quantidade, e que o crivo revelou. (33)

¿ Ou seriam estes animaes arrastados pelas correntes? Se assim foram os esqueletos dos grandes animaes estariam quasi completos, e é o que não succede. (34)

Este periodo de occupação da gruta, e portanto a idade do manto stalagmitico, parece estar ainda comprehendido na grande epoca paleolithica, segundo pode julgar-se dos poucos silex lascados descobertos com estes restos de animaes; e talvez seja o representante do periodo da *Renna* (epoca de Magdaleine) ou esteja comprehendido no ??? uma parte do hiatus assignalado pelo Sr. Mortillet na passagem da epoca paleolithica à neolithica. É notavel o achado de uma lamina trapezoidal de osso e de alguns silex talhados, pouco perfeitos aliás (Cf. a pág. ? da minha memoria, pl. 1). (36)

³² Esta observação reforça a ideia de que o deposto arqueológico pode ter sofrido remobilizações naturais dentro da cavidade, até preencher quase por completo o espaço disponível. O facto de não se ter encontrado um único conjunto esquelético articulado leva também a esta conclusão, reforçando a hipótese de se estar perante um ossário e não de uma necrópole primária.

³³ A convicção do autor de se tratar de uma gruta habitada por uma tribo, pertencente a um estágio mais primitivo do que os construtores dos dólmenes encontra-se nesta passagem, mais uma vez, explicitada.

³⁴ Uma vez mais se declara ser o manto stalagmitico o separador entre as areias inferiores estereis e o “entulho superior”, o que reforça a conclusão de que, em 1880, para Nery Delgado, ao designação de “manto stalagmitico” englobava a sucessão de areias mais ou menos soltas ou consolidadas, com abundantes restos de Coelho, de Aves e de outros Vertebrados, designadamente Carnívoros, sendo portanto diferente do sentido que lhe fora atribuído em 1867 (DELGADO, 1867, p. 27). Na Fig. 19 estão representadas essas areias soltas, referidas na carta de Miguel Pedroso de 17 de Junho de 1880, como tendo sido identificadas na sanja que Nery Delgado mandou então executar, estando representadas por baixo do “manto stalagmitico”. Quanto ao *Felis* de grande tamanho mencionado, trata-se provavelmente de *Panthera pardus* L., o leopardo, os quais foram inventariados e estudados pelo signatário (CARDOSO, 1993), a par de exemplares, mais numerosos, do antepassado do lince ibérico, *Felis pardina spelaea* L.

³⁵ Os restos de Coelho não se relacionam com a alimentação humana, já que provêm de camada onde os vestígios desta presença é diminuta, como acima se referiu. É interessante verificar que Nery Delgado admitiu a alternativa, muito provável, de tais restos terem resultado de transporte aquoso a partir de outros locais da gruta.

³⁶ A existência de artefactos paleolíticos é segura, tendo a sua origem nas areias mais ou menos endurecidas com restos faunísticos, englobadas no designado “manto stalagmitico” em 1880 por Nery Delgado. Contudo, os exemplares mais característicos não foram então reconhecidos, tendo sido confundidos com artefactos neólitos e calcolíticos recolhidos no “entulho superior”. Tais exemplares, pertencentes ao Solutrense, foram identificados por sucessivos autores ao longo do século XX, tendo a última revisão do conjunto da colecção sido efectuada em 1997 (ZILHÃO, 1997).

6 – TRANSCRIÇÃO DO TEXTO INTEGRAL DO INVENTÁRIO DE NERY DELGADO DOS MATERIAIS DAS ESCAVAÇÕES DE 1879/1880, RESPEITANDO A QUADRÍCULA IMPOSTA À ÁREA ESCAVADA E COM REGISTO DAS PROFUNDIDADES DE RECOLHA, SEGUIDA DE NOTAS RELATIVAS AOS ASPECTOS MAIS RELEVANTES NELE MENCIONADOS

Trata-se de conjunto documental constituído por 54 cadernos de duas folhas cada, constituídos por folhas pautadas de 35 linhas a azul, exceptuando um, que é folhas lisas. Todos eles se encontram escritos pelo punho de Nery Delgado, em maior ou menor extensão. Os primeiros cinco cadernos correspondem a observações diversas e a apontamentos relacionados com a escavação da gruta, provavelmente textos preparatórios para a redacção de monografia que, tudo o indica, estava nos seus propósitos.

Os cadernos restantes correspondem ao inventário sistemático, por sectores escavados da gruta segundo a delimitação dos mesmos previamente estabelecida (Fig. 10) e de acordo com as respectivas profundidades de colheita. Trata-se de trabalho exigente e que foi conduzido por longo período de tempo e com extrema minúcia, revelador da categoria científica do seu autor. Tal registo, que se manteve até ao presente inédito permite a localização das peças arqueológicas mais importantes então exumadas, mesmo as que não possuem etiquetas de localização, tal o detalhe descritivo das mesmas.

De igual modo a preparação antropológica do autor é evidenciada pelo inventário realizado, o qual consta de uma folha solta com as mesmas características (Fig. 20), a qual foi sendo sucessivamente actualizada à medida que a realização do inventário progredia. Em tabela, ocupando duas folhas com as mesmas dimensões, associou a distribuição dos segmentos ósseos estudados aos respectivos locais e profundidades de colheita (Fig. 21).

Pode concluir-se, deste modo, que notável trabalho que Nery Delgado realizou, não só na escavação mas também no estudo e inventariação dos elementos arqueológicos, antropológicos e outros recolhidos no decurso da mesma é revelador de um elevado rigor servido por um espírito crítico e metodológico de características inovadoras e à época excepcionais, ainda hoje não ultraassado.

Folha 1 (21,7x30,7 cm) lisa com marca de água Almasso Prado / Thomar Casa da Moura (deposito inferior)

Facto notabilissimo. No meio desta enorme quantidade de ossos de *Lepus*, que representam o aproveitamento de pelo menos..... individuos deste genero pertencentes a 2 ou talvez 3 especies diferentes para alimentação dos nossos troglodytas, são extremamente raras as patas de lebre e de coelho não vimos como authenticos senão 4 metacarpos e 1 phalange da mão, em quanto que o número de metatarsos é prodigioso. Iguualmente muito extraordinario o número de calcaneos não obtivemos senão 5 astragalos e 5 outros ossos do tarso, e 33 phalanges do pé. (37)

Não podemos assegurar que entre os restos de animais classificados como do deposito superior se não encontram alguns que pertençam ao deposito inferior e vice-versa, porque como já dissemos é muito difficil de traçar a linha de separação entre os dois, e como é obvio não assistimos nem podiamos assistir constantemente às explorações. A lista que apresentamos pode porém tomar-se como sufficientemente exacta, e os

³⁷ A distribuição não homogénea de segmentos anatómicos de Coelho e a sua valorização revela bem a formação científica do autor e o rigor do estudo por si realizado. No entanto, é provável que os médios e grandes predadores tenham intervindo na formação desta notável acumulação faunística, mais do que os grupos de caçadores paleolíticos, dada a fraca presença de restos arqueológicos coevos.

erros commettidos não podem ser aliás grandes, porque a duvida só poderá existir sobre alguns exemplares de especies recentes ou de fauna actual, que de facto se encontram tanto n'um como no outro deposito.

Uma larga sanja e um poço profundo aberto ao meio da sala exterior, mostram que abaixo da superficie do manto stalagmitico até à porfundidade de 5,50^m o pavimento da gruta era constituido pelas areias fortemente cimentadas pelo oxydo de ferro, mas irregularmente conglutinadas, deixando algumas bolsas e porções lenticulares mas que então perfeitamente soltas e até lavadas. É o aspecto com que as areias se mostram logo no fundo do poço de entrada subindo porem ali a muito maior altura, como se fora por ali que entraram as aguas carregadas dos sedimentos que depositaram no interior da gruta, como uma cascata que deposita nas anfractuosidades da rocha o calcareo stalagmitico que traz em suspensão.

Folha 2 (21,8x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”

Extracto das cartas de Mi.el Pedroso Casa da Moura (areias inferiores)

Nas areias superiores ao manto stalagmitico – 2 silex lascados e calhaos estalados. Muitos ossos de coelho, e de outros animaes *Canis* e *Felis*. Os ossos dos grandes animaes apparecem quasi todos partidos.

A espessura destas areias não é regular; varia entre 0,40^m 0,30^m e 0,20^m.

Inferiormente à camada de stalagmites encontram-se pedras de calcareo misturadas com as areias soltas, tão incoherentes por baixo desta camada que poude enterrar só ellas sem o menor obstaculo uma tabua de 8 palmos de comprimento.

Nas areias vermelhas ligadas ao manto stalagmitico encontrou principalmente ossos de coelho. Silex lascados só encontrou 2. Ossos trabalhados nenhum. Seixos rolados uma raridade que appareçam.

Na 4.^a lapa (camada central do S.) o manto stalagmitico tinha muito pequena espessura, em partes só com alguns centimetros, e tinha por cima uma capa de areias tambem muito delgada, de 0,20^m com pouca differença com ossos de coelho e de outros animaes, e por baixo do manto uma outra capa de areias tambem com dentes de animaes, muito delgada (de 0,20^m a 0,25^m) assentando sobre rocha firme (calcareo jurassico ? ou stalagmitico) enchendo uma fenda do calcareo jurassico.

Folha 3 (21,6x32,2 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”

4 paginas manuscritas

Furninha da descida do mar (Peniche) (rasurado)

Obs.: trata-se de conjunto de observações sobre a gruta da Furninha, estabelecendo comparações com a da Casa da Moura

Deposito superior (apontamentos varios)

Os ossos dos membros são representados pelas suas extremidades commumente destacados do corpo do osso, que é dividido em fragmentos maiores ou menores e até em pequenas lascas, o que representa uma acção intelligente com proveito intencional.

Nem um osso inteiro achado nesta gruta, o que já por si só dá uma forte presumpção de que os corpos foram ali introduzidos aos pedaços. Esta circumstancia, que não se observa na Casa da Moura e n'oas grutas (como Cascaes, Palmella) compreende-se bem pela difficuldade de ingresso, ou antes do trajecto para a gruta. Na Casa da Moura, pelo contrario, o sacrificio das victimas n'alguns casos far-se-hia dentro da gruta, e isso explica que alguns craneos e ossos largos, isto é, os miolos e a medulla nestes contidos, podessem escapar à gulodice da tribo que ali estacionou por um tão longo periodo.

O grande numero de epiphyses soltas indica que os indigenas habitantes desta gruta (em vez de) estes selvagens preferiam para a sua alimentação carne de individuos novos. O mesmo deve julgar-se da relativa abundancia de maxillas de crianças, ou de jovens ainda com a 1.^a dentição ou mesmo a 2.^a incompleta; mas é para notar-se o contraste da falta relativa (embora o número absoluto seja elevado) dos fragmentos correspondentes da abobada craneana, circunstancia que tambem notamos na Casa da Moura com respeito aos restos de coelho.

A existencia de lascas alongadas e nucleos de silex da mesma natureza e alguns instrumentos mais perfeitos, demonstra que em grande parte a fabricação dos instrumentos de que se serviam foi feita dentro da gruta transportando para ali os calhãos ou rins siliciosos que lhe forneciam a materia prima para os instrumentos cortantes, e inteiros lhes serviam como instrumentos contundentes para quebrar os ossos e extrahir-lhes a medulla.

Os ossos longos só poderam determinar-se geralmente pelas cabeças ou pelas extremidades, porque a cana foi toda aproveitada para d'ella extrahirem a medulla, e por isso apparecem em pequenos fragmentos que raramente excedem 0,1^m de comprimento, ou reduzidas lascas, em grande parte raspadas interiormente.

Para os mesmos ossos não se encontra, como era natural, numero igual de extremidades superiores e inferiores. O numero das extremidades superiores de cubitus e de radius, por exemplo, é muitissimo maior do que as extremidades inferiores. Isto mostra certamente uma certa predilecção pela carne de certas partes do corpo, vindo as peças assim talhadas já do exterior da gruta, como de talhos.

(38)

Alguns ossos humanos accusam fracturas produzidas durante a vida do individuo, e que depois se soldaram; outros accusam feridas produzidas provavelmente por armas de arremesso, que penetraram todos os tecidos até ao osso sobre cuja superficie deixaram uma impressão ou cicatriz que se soldou tambem durante a vida do individuo.

Um contraste notavel entre esta gruta e a Casa da Moura é que o numero de dentes soltos humanos é ali muito diminuto, em quanto que na Cezareda são pelo contrario abundantissimos.

A falta quasi absoluta dos pequenos ossos do carpo e do tarso havendo muitissimos metacarpos e metatarsos (excluindo os calcaneos, e ainda mais os astragalos, da que há sufficiente numero) faz lembrar que os indigenas da nossa gruta aproveitassem aquelles ossos n'algum jogo, ou que por qualquer outro motivo os trouxessem para fora da gruta. Não parece plausivel a sua destruição por causas naturaes, porque outros ossos esponjosos e muito mais fracos, como o corpo das vertebrae, phalanges e até alguns fragmentos de sterno resistiram.

Ha muitos fragmentos de ossos que mostram na superficie as cicatrizes de feridas feitas sobre elles durante a vida do individuo, e outras fracturas completas que se soldaram. Um fragmento de craneo espesso, acusa o começo da operação da trepanação.

(39)

³⁸ O exercicio atrás efectuado para a distribuição de segmentos anatómicos de Coelho foi também realizado para os restos humanos. Neste caso, tudo indica que as diferenças encontradas entre a respectiva frequência relativa, a serem efectivamente reais, se devam à intervenção humana, correspondendo a caverna não a um local de enterramento primário mas sim a um ossário formado por segmentos anatómicos previamente seleccionados e ulteriormente transportados para dentro da cavidade, à semelhança do verificado com outras necrópoles colectivas em gruta do território português. Cabe a Nery Delgado o lugar de ter sido o primeiro a identificar uma dessas situações, embora a adopção, de forma tão despojada de canibalismo envolvendo o retalho dos corpos no exterior da gruta para o consumo das partes mais apetecíveis seja mesmo na época, de evidente superficialidade. Esta conclusão já tinha sido publicamente apresentada pela mesma época (DELGADO, 1880).

³⁹ A existência de feridas cicatrizadas observadas nos ossos longos humanos, ou de fracturas provocadas por impacto, segundo o autor denotariam situações de violência, só explicáveis por conflitos existentes entre populações pré-históricas diferentes. Sem excluir a

O grande numero de ossos (tíbias e femurs) que mostram as cicatrizes de feridas recebidas durante a vida, faz lembrar que a caça se exercitasse sobre estes individuos, e que quando logravam escapar da primeira vez à voracidade dos nossos troglodytas, não podiam julgar-se seguros, sucubindo a um ataque futuro. Ou então suppremos que a guerra entre as tribos vizinhas já existia nesses remotos tempos, e que não valeram esses serviços anteriormente prestados para que depois não fossem sacrificados, se é que não eram prisioneiros. Mas a preza não se fazia longe, para que as carnes podessem ser aproveitadas como alimento, como evidentemente o foram.

[Generalidades Introdução]

O hiatus (arrêt) entre a occupação das nossas cavernas na epoca quaternaria e no fim da epoca da pedra polida, é claramente ??? pelo contraste ??? analogia morphologica dos poucos silex descobertos na deposito inferior, e os machados, as facas e as flechas do entulho superior. Apenas um fragmento de faca que remoça essa norma foi descoberto nas areias quaternarias, e esse mesmo differe muito (?) pela forma de qualquer das facas da epoca posterior, embora a forma destes instrumentos em grande parte dependa da textura especial da rocha, e fosse sempre submetido a condição de obter-se um gume cortante para prehencher o fim a que o instrumento era destinado. – Sabemos aliás qual o typo geral das lascas de silex que geralmente se tem designado pelo nome de facas, remontando até à epoca miocene (silex de Thenay, pelo Abbé Bourgeois).

[Deposito superior]

!! Alguns de silex, posto que rarissimos, apresentam-se estalados em capa exterior, visivelmente pela acção do fogo. [Silex brûlé, craquelé, fritté et devenu blanc par l'action du feu. Il suffit de le voir pour ne pas le confondre avec les silex fendillés sous l'influence de la gelée, qui d'ailleurs ne changent pas de couleur. Abbé Bourgeois].

(40)

[Deposito superior – generalidades]

Julgo que se acham aqui reunidos nesta gruta todas as provas que se podem invocar para provar a fractura intencional dos ossos longos e dos craneos, que não podia ter outro fim senão o de aproveitarem a medulla; e é portanto incontestável que os troglodytas que habitaram esta nossa região no fim da epoca neolithica eram cannibaes. E não obstante pode dizer-se que esta tribo barbara, e ainda mais a que contemporaneamente habitava a Casa da Moura e que tinha eguaes habitos, gozava de uma civilização relativamente adiantada, ou pelo menos tinha chegado ao mais alto grao de perfeição na arte da fabricação dos silex, sendo algumas das pontas de lança e de flechas tão perfeitas que difficilmente a industria moderna com todos os variados meios de que dispõe, poderia egualal-a, e certamente não lograria excedel-a.

[Deposito inferior]

Ao que parece existem nas areias inferiores desta gruta diversos niveis ossiferos, mostrando que a gruta foi alternativamente habitada pelo homem, e serviu de covil às hyenas. Na base ha um deposito de

existência efectiva de tais conflitos, cuja existência está devidamente comprovada em época pré-histórica, é muito possível que, na maioria dos casos, as fracturas observadas tenham ficado a dever-se a fenómenos pós-deposicionais. Por outro lado, a referência a um crânio com indícios de trepanação é importante, conservando-se ainda tal exemplar no Museu do LNEG (Fig. 23).

⁴⁰ Por esta e outras citações bibliográficas se evidencia a actualização científica do Autor.

grossos calhaos rolados. Colligiu um grande silex em forma de amendoa a do typo dos de St. Acheul (idade do Mammuth), único até agora colligido no nosso paiz, e que se assemelha sómente a um grande instrumento de quartzite obtido solto ? à superficie do solo nas areias de Leiria.

Está pois demonstrada a existencia do homem na epoca quaternaria nesta caverna pelos seguintes factos. As provas da existencia do homem na epoca quaternaria em Portugal são deduzidas dos seguintes factos e considerações:

Pela descoberta dos restos da sua industria (silex lascado) no deposito inferior, que a enchia, o qual é incontestavelmente quaternario. Pela associação destes restos com os despojos de animaes que não existem na região; alguns dos quaes são característicos da epoca quaternaria; e enfim pelas provas da acção do homem sobre muitos destes ossos, e principalmente pelo seu transporte intencional para dentro da caverna (?).

Enfim pela comparação archeologica dos silex ali encontrados com os outros pontos do paiz, onde se achavam enterrados em depositos evidentemente quaternarios, e bem assim com os de regiões estrangeiras.

Em qualquer caso, e como quer que seja interpretada a accumulção dos ossos de animaes dentro da caverna, a existencia da craneo da phoca evidentemente demonstra que na epoca quaternaria a boca da caverna era muito proxima da praia, tendo havido uma elevação da costa posteriormente, facto que é demonstrado directamente pela formação de uma gruta inferior à que explorámos, actualmente pela acção excessiva do mar.

A hyena que habita as cavernas da Belgica (*H. spalaea*) é muito provavelmente a Hyena austral (*H. crocuta*), segundo Dupont.

O Urso pode ser o Ours gris das Montagnes Rocheuses (= *U. Ferox* das cavernas) ou Ours brun (*U. Spelaeus*, *U. arctos*, *U. Ferox*). (Compte rendu de Bruxelles, p. 224).

Entre os ossos de animaes colligidos nestas areias inferiores há um grande osso de Pachyderme, talvez Elephante ou Rhinoceronte como nas cavernas da Belgica. O humero, que é o osso de maior diametro e que mostra por conseguinte a maior porção de tecido esponjoso [*tissus spongieux à moelle*] (diploë) com tutano é de todos os ossos de Rhinoceronte e do Mammuth, o que mais frequentemente se encontra (aliás fracturado) nas cavernas da Belgica.

Os fragmentos da diaphyse são alongados no sentido longitudinal deste osso...[Compte rendu de Bruxelles, p. 236]. A ausencia das diferentes peças do esqueleto de animaes de grande estatura explica-a Dupont muito plausivelmente pelo desmembramento (deficiente) do animal no sitio em que tinha sido caçado, fazendo os troglodytas a escolha das partes que queriam aproveitar, e desprezando o resto, que deixavam no proprio lugar onde o animal tinha sido morto. Eu já tinha recorrido a esta interpretação para explicar a ausencia constante e persistente, ou a desproporção de certas peças do esqueleto humano, e a preferencia dada a outras. (41)

⁴¹ A explicação para as diferenças observadas na distribuição dos segmentos anatómicos humanos foram já discutidas (nota 2), não se justificando as razões adiantadas pelo autor, designadamente a de conflitos existentes fora da gruta entre grupos rivais, aqui adiantada pelo próprio. Quanto à desproporção observada em ossos de grandes vertebrados plistocénicos, a explicação é de outra natureza, devendo ter-se em consideração as espécies em presença. No caso de grandes e médios predadores, como os lobos e os felídeos, que poderiam utilizar a gruta como refúgio, os fenómenos pós-deposicionais podem explicar a situação identificada; no caso de serem animais caçados, tanto pelo homem, como pelos predadores referidos é possível que o desmembramento explique o transporte de segmentos diferenciados para o interior da gruta.

**Folha 4 (22,1x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”, 1 página
Casa da Moura**

M. Cazalis de Foudouce dit (compte rendu de Bruxelles, p. 198) que les grottes habitées par les hommes de l'âge de la pierre polie et dans lesquelles ils ont laissé son mobilier qui ne diffère en rien de celui des dolmens, ne sont pas ??? communes dans le midi de la France que celles qui leur ont servi de sépulture.

M. Broca em descrevendo a raça de l'Homme mort (p. 197) dit que les crânes que M. Prunières a extraits des dolmens sont beaucoup plus épais que ceux de l'Homme mort. Dans cette caverne et dans les dolmens de la Lozère nous avons très vraisemblablement les représentants des deux races que nous avons trouvés dans ce caverne. Il pense en outre que la tribu des troglodytes de l'Homme mort appartenait à une race antérieure à celle qui a construit les dolmens, c'est-à-dire que cette dernière est très probablement la race d'anthropophages qui a peuplé notre sol à fin de l'époque néolithique; et cela fait voir pourquoi nous n'avons trouvé aucune de vraie sépulture: leurs monuments funéraires étaient les dolmens.

[NB Consultar Broca e Quatrefages (p. 425) para a descrição das duas raças] Afastado n'um círculo ??? fui forçado logicamente a atribuir aos dois depositos desta gruta uma idade muito mais moderna, do que hoje reconheço dever atribuir-se-lhes.

Folha 5 (22x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”, 1 página (Fig. 20) (42)

Casa da Moura [individuos de todas as idades desde velhos até fetos]
[Não considero as epiphyses soltas]

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---------------------------|----|----|---|----|-----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|----|----|----|----|------|----|-----|---|---|---|---|---|----|----|---|----|-----|-----|
| Craneo, fragmentos | 137 | 42 | 14 | 4 | 24 | 112 | 26 | 58 | 50 | 19 | 83 | 90 | 30 | 12 | 158 | 41 | 16 | 79 | 96 | 1091 | | | | | | | | | | | | | |
| Dentes incisivos | 673 | 23 | 11 | 1 | 1 | 27 | 10 | 2 | 30 | 4 | 2 | 35 | 1 | | | | | | | 820 | | | | | | | | | | | | | |
| Caninos | 385 | 19 | 3 | 2 | 1 | 2 | 35 | 19 | 2 | 1 | 2 | 18 | 2 | 24 | 3 | | | | | 518 | | | | | | | | | | | | | |
| falsos molares | 552 | 27 | 4 | 1 | 40 | 6 | 1 | 2 | 3 | 26 | 1 | 21 | | | | | | | | 684 | | | | | | | | | | | | | |
| verdadeiros molares | 1373 | 45 | 8 | 2 | 2 | 8 | 37 | 25 | 5 | 6 | 51 | 5 | 2 | 7 | 25 | 9 | | | | 1610 | | | | | | | | | | | | | |
| maxilares superiores | 19 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 2 | 4 | 8 | 2 | 6 | 2 | 9 | 8 | 26 | 3 | 7 | 4 | 6 | 15 | 16 | 143 | | | | | | | | | | | |
| | Fragmentos | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | existência verificada | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | indubitável de indivíduos | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Maxilares inferiores | 10 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 6 | 2 | 4 | 1 | 6 | 7 | 10 | 1 | 5 | 3 | 5 | 7 | 10 | 83 | | | | | | | | | | | | |
| | Fragmentos | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | indivíduos | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | 51 | 4 | 2 | 6 | 12 | 1 | 8 | 1 | 5 | 6 | 1 | 4 | 1 | 4 | 6 | 1 | 23 | 1 | 13 | 13 | 28 | 1 | 1 | 4 | 2 | 6 | 1 | 11 | 9 | 5 | 20 | 251 | |
| | 20 | 4 | 2 | 4 | 6 | 1 | 6 | 1 | 3 | 6 | 1 | 4 | 1 | 4 | 6 | 1 | 17 | 1 | 10 | 10 | 2 | 19 | 1 | 1 | 4 | 2 | 5 | 1 | 11 | 9 | 11 | 15 | 189 |
| Humeros completos ou que se fragmentaram no acto da extracção do jazigo | 1 | 1 | 1 | 3 | 1 | 1 | 4 | 3 | 7 | 8 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 30 | |
| extremidades superiores | 2 | 2 | 1 | 3 | 2 | 1 | 3 | 1 | 2 | 2 | 3 | 5 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 27 | |
| extremidades inferiores (total) | 21 | 1 | 13 | 3 | 2 | 2 | 8 | 7 | 19 | 1 | 19 | 4 | 7 | 17 | 5 | 10 | 11 | 4 | 15 | 12 | | | | | | | | | | | | 181 | |
| subadultos com perfuração olecraniana | 5 | 2 | 1 | 1 | 1 | 5 | 2 | 5 | 1 | 2 | 1 | 3 | 2 | 2 | 1 | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | 35 | |
| Radios, completos ou quasi | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 4 | 1 | 1 | 1 | 4 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 17 | |
| extremidades superiores | 11 | 1 | 1 | 1 | 4 | 1 | 3 | 2 | 11 | 13 | 4 | 9 | 6 | 4 | 8 | 3 | 2 | 4 | | | | | | | | | | | | | | 88 | |
| extremidades inferiores | 9 | 1 | 4 | 2 | 3 | 4 | 1 | 6 | 7 | 4 | 9 | 4 | 1 | 6 | 5 | | | | | | | | | | | | | | | | | 66 | |
| Cubitos, completo ou quasi | 1 | 2 | 1 | 6 | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 11 | |
| extremidades superiores | 15 | 1 | 1 | 9 | 9 | 2 | 4 | 10 | 8 | 14 | 2 | 17 | 10 | 10 | 18 | 5 | 2 | 5 | 10 | 14 | 15 | | | | | | | | | | | 181 | |
| extremidades inferiores | 3 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 3 | 4 | 3 | 4 | 2 | 1 | 4 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 30 | |
| Femurs, completos ou quasi | 6 | 1 | 2 | 1 | 3 | 4 | 1 | 1 | 7 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 26 | |
| extremidades superiores | 3 | 1 | 2 | 8 | 3 | 7 | 11 | 2 | 10 | 8 | 6 | 5 | 4 | 4 | 5 | 12 | 5 | 11 | | | | | | | | | | | | | | 107 | |
| extremidades inferiores | 1 | 2 | 2 | 8 | 3 | 3 | 1 | 8 | 1 | 3 | 4 | 6 | 14 | 8 | | | | | | | | | | | | | | | | | | 64 | |
| Peroneo, completo ou quasi | 1 | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 2 | |
| extremidades superiores | 2 | 2 | 4 | 1 | 1 | 1 | 3 | 1 | 1 | 1 | 3 | 5 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 25 | |
| extremidades inferiores | 2 | 1 | 4 | 2 | 2 | 2 | 8 | 3 | 5 | 4 | 8 | 1 | 1 | 4 | 2 | 4 | 8 | 7 | | | | | | | | | | | | | | 68 | |
| Tibias, completos ou quasi | 5 | 1 | 3 | 2 | 1 | 5 | 2 | 1 | 1 | 7 | 3 | 4 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 35 | |
| extremidades superiores | 1 | 2 | 1 | 2 | 4 | 4 | 4 | 5 | 1 | 1 | 2 | 2 | 5 | 9 | 7 | | | | | | | | | | | | | | | | | 50 | |
| extremidades inferiores | 1 | 2 | 6 | 8 | 5 | 10 | 2 | 6 | 3 | 5 | 4 | 5 | 7 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 64 | |
| Craneos (quasi completos) | 1 | 1 | 1 | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 4 | |
| Calote craneana >< | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 1 | 5 | 2 | 1 | 2 | | | | | | | | | | | | | | | 25 | |
| Ossos do craneo (frontal) grandes fragmentos | 2 | 1 | 6 | 3 | 1 | 1 | 1 | 10 | 1 | 13 | 1 | 2 | 1 | 10 | | | | | | | | | | | | | | | | | | 53 | |

⁴² É primoroso o trabalho de inventariação dos segmentos anatómicos humanos recolhidos na gruta o qual se deve exclusivamente a Nery Delgado, o qual até à presente publicação era totalmente desconhecido (Fig. 20), revelando uma faceta também ainda quase ignorada da sua actividade científica, pois apenas no respeitante aos restos humanos exumados na gruta da Furninha se lhe conhecia a autoria de exercício semelhante (DELGADO, 1884). O presente exercício, respeitante apenas à quantificação dos restos humanos exumados foi completado pela distribuição dos mesmos pelos diversos sectores escavados e de acordo com as respectivas profundidades de colheita. O quadro assim elaborado apresenta-se de seguida bem como a reprodução do documento manuscrito original (Fig. 21).

base de ossos.

(indivíduos de todos os idades
oude velhos até bebés
(Was considered as pygmy skulls)

| | | |
|------|---------------------------------------|--|
| 1108 | Cranios, fragmentos | 137 + 42 + 14 + 4 + 24 + 112 + 26 + 58 + 50 + 19 + 83 + 90 + 30 + 12 + 158 + 41 + 16 + 1 |
| 820 | dois indivíduos | 673 + 23 + 11 + 1 + 1 + 27 + 10 + 2 + 30 + 4 + 2 + 35 + 1 |
| 518 | crânios | 385 + 19 + 3 + 2 + 1 + 2 + 35 + 19 + 2 + 1 + 2 + 18 + 2 + 24 + 3 |
| 694 | peças de ossos | 552 + 27 + 4 + 1 + 40 + 6 + 1 + 2 + 3 + 26 + 1 + 21 + 10 |
| 1640 | restos de ossos | 1373 + 45 + 8 + 2 + 2 + 8 + 37 + 36 + 25 + 5 + 6 + 51 + 5 + 2 + 7 + 25 + 9 |
| 145 | Ossos ilíacos superiores fragmentos | 19 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 2 + 4 + 8 + 2 + 6 + 2 + 9 + 8 + 26 + 3 + 7 + 4 + 6 + 1 |
| 83 | (existência individual de indivíduos) | (10 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 6 + 2 + 4 + 1 + 6 + 7 + 10 + 1 + 5 + 3 + 5 + 7 + 10 |
| 260 | Ossos ilíacos inferiores fragmentos | 51 + 4 + 2 + 6 + 12 + 1 + 8 + 1 + 5 + 6 + 1 + 4 + 1 + 4 + 6 + 1 + 23 + 1 + 13 + 1 |
| 82 | indivíduos | (20 + 4 + 2 + 4 + 6 + 1 + 6 + 1 + 3 + 6 + 1 + 4 + 1 + 4 + 6 + 1 + 17 + 1 + 10 + 1 |
| 30 | Humeros, completos ou quase completos | 1 + 1 + 1 + 3 + 1 + 1 + 4 + 3 + 7 + 8 |
| 27 | costas? sup? | 2 + 2 + 1 + 3 + 2 + 1 + 3 + 1 + 2 + 2 + 3 + 5 |
| 181 | costas? inf? (total) | 23 + 1 + 13 + 3 + 2 + 2 + 8 + 7 + 19 + 7 + 19 + 4 + 7 + 17 + 5 + 10 + 11 + 4 + 16 |
| 25 | (condições em separado de um) | 5 + 2 + 1 + 1 + 1 + 5 + 2 + 5 + 1 + 2 + 1 + 3 + 2 + 2 + 1 + 1 |
| 17 | Radius, completos ou quase | 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 4 + 1 + 1 + 1 + 4 |
| 88 | costas? sup? | 11 + 1 + 1 + 1 + 4 + 1 + 3 + 2 + 11 + 13 + 4 + 9 + 6 + 4 + 8 + 3 + 2 + 4 |
| 66 | costas? inferiores | 9 + 1 + 4 + 2 + 3 + 4 + 1 + 6 + 7 + 4 + 9 + 4 + 1 + 6 + 5 |
| 11 | Cubitos, completos ou quase | 1 + 2 + 1 + 6 + 1 |
| 181 | costas? superiores | 15 + 1 + 1 + 9 + 9 + 2 + 4 + 10 + 8 + 14 + 2 + 17 + 10 + 10 + 18 + 5 + 2 + 5 + 10 + |
| 30 | costas? inferiores | 3 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 3 + 4 + 3 + 4 + 2 + 1 + 4 |
| 28 | Femurs, completos ou quase | 6 + 1 + 2 + 1 + 3 + 4 + 1 + 1 + 7 |
| 107 | costas? superiores | 3 + 1 + 2 + 8 + 3 + 7 + 11 + 2 + 10 + 8 + 6 + 5 + 4 + 4 + 5 + 12 + 5 + 11 |
| 64 | costas? inf? | 1 + 2 + 2 + 8 + 3 + 3 + 1 + 8 + 1 + 3 + 4 + 6 + 14 + 8 |
| 2 | Pernão, completo ou quase | 1 + 1 |
| 25 | costas? superiores | 2 + 2 + 4 + 1 + 1 + 1 + 3 + 1 + 1 + 1 + 3 + 5 |
| 68 | costas? inferiores | 2 + 1 + 4 + 2 + 2 + 2 + 8 + 3 + 5 + 4 + 8 + 1 + 1 + 4 + 2 + 4 + 8 + 7 |
| 76 | Tibias, completos ou quase | 5 + 1 + 3 + 2 + 1 + 5 + 2 + 1 + 1 + 7 + 3 + 4 |
| 50 | costas? sup? | 1 + 2 + 1 + 2 + 4 + 4 + 4 + 5 + 1 + 1 + 2 + 2 + 5 + 9 + 7 |
| 50 | costas? inferiores | 1 + 2 + 6 + 8 + 5 + 10 + 2 + 6 + 3 + 5 + 4 + 5 + 7 |
| | brancos (quase completos) | 1 + 1 + 1 + 1 |
| | Calote crânico | 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 2 + 1 + 1 + 5 + 2 + 1 + 2 |

210
146
917
406
1673
135
687
162
48

Fig. 20 - Gruta da Casa da Moura. Folha autógrafa de Nery Delgado, correspondente à inventariação da totalidade dos restos humanos recolhidos, que permitiu a estimativa do número mínimo de indivíduos tumulados na gruta.

QUADRO 1 – Distribuição dos segmentos anatómicos humanos pelos sectores definidos na escavação acompanhados de informação sobre as respectivas profundidades de recolha.

| Ossos humanos | Profundidade | Oso hyoide | Craneos, mais ou menos completos | Calotes craneanos | Abobeda craneana, fragmentos >/< | Maxilares superiores, ind.os diferentes | Maxilares inferiores, ind.os diferentes | Dentes incisivos | caninos | falsos molares | verdadeiros molares | Vertebras: altas | argis | Outras vertebras cervicaes | Vertebras dorsaes | lombares | Sacrum, fragmentos | Coccyx | Sternum, peças diferentes | Costellas, fragmentos | Claviculas, id. | Omopectas, id. | Humeros +/- completos | extremidades superiores | extremidades inferiores | porções do corpo | Cubitus +/- completos | extremidades superiores | extremidades inferiores | porções do corpo | Radios +/- completos | extremidades superiores | | |
|---------------|--------------|------------|----------------------------------|-------------------|----------------------------------|---|---|------------------|---------|----------------|---------------------|------------------|-------|----------------------------|-------------------|----------|--------------------|--------|---------------------------|-----------------------|-----------------|----------------|-----------------------|-------------------------|-------------------------|------------------|-----------------------|-------------------------|-------------------------|------------------|----------------------|-------------------------|---|--|
| Boca da gruta | 2,00 | | | | 4 | | | | | | | 1 | | | | | | | | 3 | | | | 1 | | | 1 | | | | | | | |
| a | 2,00 | | | | 1 | 4 | 23 | 19 | 27 | 45 | | | | | | | | | | 7 | 3 | 1 | | | | | | | | | | | | |
| f | 0,40 | | | | | 2 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 3 | 1 | 1 | 2 | | | | | |
| l | 0,40 | | | | 4 | 1 | 4 | | | | | | | 1 | 7 | 3 | 1 | | | 1 | 11 | 7 | | 5 | 13 | | 9 | 1 | 3 | | 1 | | | |
| p | 0,40 | | | | 24 | | 6 | 11 | 3 | 4 | 8 | 3 | 2 | 2 | 6 | 2 | 1 | | | 1 | 56 | 12 | 6 | | 11 | 9 | 9 | 1 | 4 | | 1 | | | |
| q | 0,80 | | | | 6 | | 1 | | | | | | | | | | | | | 15 | 3 | 1 | | | 2 | 1 | 1 | | | | | | | |
| s | 0,60 | | | | | | 1 | | | | | | 1 | | | | | | | 4 | 2 | | | 2 | 1 | 2 | 1 | 1 | | | 1 | | | |
| t | 0,80 | | | | 12 | 1 | 6 | | 1 | | | 1 | 1 | 2 | 6 | 6 | | | | 1 | 6 | | 1 | 1 | 2 | 4 | 4 | 1 | | | | | | |
| u | 0,90 | | | | 2 | 160 | 3 | 21 | 2 | | 5 | 2 | 1 | 3 | 34 | 9 | 2 | | | 4 | 36 | 22 | 13 | 1 | 4 | 15 | 26 | 2 | 6 | 2 | 6 | 2 | 9 | |
| u | 1,20 | | | | 1 | 26 | 1 | 4 | 1 | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 2 | 3 | | | | 11 | 9 | 1 | 1 | 2 | 8 | 9 | 2 | 10 | 4 | 1 | 4 | | | |
| u | 1,50 | | | | 4 | 67 | 6 | 6 | | 1 | 2 | 2 | 2 | | 2 | 5 | 2 | | | 3 | 4 | 3 | | 1 | 13 | 4 | 8 | 2 | 1 | 1 | 1 | | | |
| v | 0,80 | | | | 1 | 34 | 6 | 10 | 1 | 2 | 8 | | | 1 | 13 | 5 | 4 | | | 1 | 12 | 7 | 4 | | 3 | 19 | 5 | 14 | 1 | 1 | 1 | 3 | | |
| x | 0,70 | | | | 19 | 2 | 6 | 27 | 35 | 40 | 67 | 1 | | 2 | 2 | 2 | | | | 7 | 6 | 3 | 4 | | 7 | | 1 | 2 | | | | 2 | | |
| x | 1,00 | | | | | | 1 | 10 | 19 | 6 | 25 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| x | 1,50 | | | | 1 | 37 | 2 | 6 | | | 1 | 2 | 2 | | 8 | 1 | 2 | | | 6 | 4 | 2 | 3 | | 2 | 8 | 2 | | 2 | 5 | | | | |
| y | 0,80 | | | | | 84 | 4 | 17 | 2 | 1 | 5 | 5 | 1 | 10 | 23 | 25 | 4 | | | 1 | 52 | 17 | 5 | | 2 | 19 | 27 | 17 | 2 | 4 | 2 | 11 | | |
| y | 1,30 | | | | 1 | 100 | 7 | 11 | | 1 | 2 | 5 | 3 | 2 | 4 | 12 | 8 | 7 | | 3 | 66 | 18 | 8 | 1 | 2 | 4 | 22 | 6 | 10 | 3 | 9 | 4 | 3 | |
| A | 0,30 | | | | | 42 | 7 | 12 | | 2 | 3 | 1 | | | 6 | 2 | 1 | | | 17 | 16 | 4 | 1 | 3 | 7 | 6 | 1 | 10 | 4 | 4 | | 4 | | |
| C | 1,00 | | | | 2 | 158 | 7 | 24 | 30 | 18 | 26 | 51 | 1 | 1 | 7 | 16 | 11 | 3 | | 2 | 26 | 17 | 5 | 4 | 1 | 17 | 24 | 18 | 3 | 4 | | 9 | | |
| C | 1,30 | | | | 1 | 40 | 5 | 5 | 3 | | 1 | 2 | 1 | 2 | 4 | 1 | | | | | 2 | 1 | | 1 | 5 | 13 | 5 | 1 | 3 | | 6 | | | |
| C | 1,50 | 1 | | | | 17 | 6 | 7 | | | 3 | | | 4 | 8 | 9 | 1 | | | 1 | 16 | 10 | 3 | | 4 | 10 | 12 | 2 | | 6 | | 4 | | |
| D | 0,40 | | | | 3 | 1 | | 1 | | | | | | | | 2 | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| D | 1,00 | | | | | 78 | 3 | 11 | 1 | 2 | 4 | | 1 | 3 | 4 | 2 | 1 | | | 1 | 8 | 8 | 1 | | 11 | 12 | 5 | 3 | | 1 | 8 | | | |
| D | 1,20 | | | | 6 | 153 | 6 | 12 | 2 | 2 | 1 | 4 | 2 | 1 | 2 | 18 | 7 | 1 | | | 43 | 10 | 7 | 3 | 2 | 4 | 14 | 19 | 3 | | 2 | 7 | | |
| D | 1,30 | | 1 | | 2 | 200 | 7 | 11 | 35 | 23 | 20 | 32 | 1 | 1 | 1 | 8 | 6 | 7 | | 21 | 9 | 5 | 7 | 3 | 15 | 7 | 14 | 1 | 1 | 1 | 2 | | | |
| D | 1,40 | | | | 2 | 7 | 6 | 12 | 1 | | 2 | 1 | | 2 | 5 | 4 | | | | 11 | 4 | 3 | 5 | | 3 | 5 | 1 | 6 | 4 | 2 | 2 | | | |
| D | 1,80 | | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| E | 0,90 | | | | 1 | 11 | | | | | | | 1 | | | | 1 | | | 4 | 3 | 1 | 2 | | 2 | 4 | 3 | | | 1 | 4 | | | |
| E | 1,00 | | | | | 23 | 4 | | | | | | 2 | 1 | | 3 | 1 | | | 1 | 4 | 3 | 5 | 1 | 1 | 4 | 2 | 4 | 1 | | | | | |
| 3ª lapa | 0,40 | | 1 | | 1 | 115 | 16 | 15 | 1 | 3 | 9 | 3 | 3 | 8 | 13 | 13 | 2 | | | 4 | 41 | 24 | 18 | 8 | 6 | 12 | 32 | 15 | 4 | 7 | 4 | 4 | | |
| 3ª lapa | 0,50 | | | | | 14 | 1 | 4 | | | | | | | 2 | 2 | | | | 3 | 4 | 2 | 1 | | 3 | 4 | 3 | | | 1 | 1 | | | |
| 4ª lapa | 0,40 | | 1 | | | 32 | 3 | 2 | 2 | 6 | 3 | 3 | 2 | | 4 | 4 | | | | 1 | 3 | 3 | 2 | 2 | | 3 | 2 | 1 | | | | | | |
| Crivo | | | | | | 167 | 19 | 42 | 788 | 485 | 667 | 1689 | 11 | 12 | 27 | 38 | 16 | 1 | | | 126 | 30 | 13 | | 3 | 12 | 19 | 1 | 4 | | | 11 | | |
| | | | | | 1 | 44 | | | | | | 3 | 7 | 13 | 15 | 12 | 3 | 1 | 3 | 32 | 27 | 3 | 1 | 2 | 21 | 12 | 1 | 15 | 3 | 2 | 1 | 11 | | |
| Totales | | 1 | 4 | 29 | 1679 | 120 | 268 | 938 | 627 | 802 | 1973 | 45 | 44 | 96 | 256 | 164 | 45 | 1 | 25 | 650 | 284 | 121 | 46 | 42 | 236 | 279 | 16 | 234 | 39 | 72 | 29 | 109 | | |

Folha 6 (22,1,1x32,4 cm), marca de água “Almasso Sobreirinho / Thomar”, 1 página

Coletor Mig.el Pedroso = 1880

Casa da Moura

Seria muito interessante, se fosse possível fazel-o, determinar o numero de individuos humanos cujos restos tem sido encontrados nesta gruta; mas sem podermos fixar rigorosamente este numero podemos afirmar que não havia até espaço para enterrar um tão grande numero de cadaveres, como é revelado pela quantidade dos dentes e dos maxillares inferiores, porem: o mesmo diremos a respeito dos restos de coelho, que não poderam por ali entrar por causas naturaes, e que representam portanto, tão bem como aqueles, os restos de festins ou refeições habituaes dentro da gruta.

Notei a desproporção dos ossos, que não representam nenhum esqueleto completo e ao contrario indicam um grande numero de individuos, a idea dos sacrificios humanos dentro da gruta, e ainda menos a dos enterramentos com n'um cemiterio, pode admitir-se.

Nenhum objecto de metal descoberto nesta gruta, a não ser a pequena flecha de cobre e o alfinete de toucado (?) (acrescento a tinta preta, corrigido por inscrição a lápis que diz: a ponta da flecha) que existe no Museu da Escola Polythecnica. O fim da epoca da pedra polida, é pois bem caracterizado, parecendo mesmo (43) que pela formação dos possantes jazigos cupriferos do Alemtejo e da provincia da Huelva, este metal fosse conhecido desde remotissima epoca no Ocidene da Peninsula pyrenaica.

A mistura de restos de especies quaternarias com os ossos humanos no entulho superior pode explicar-se, e compreender-se mui bem, porque aquelles restos existissem já nas areias superiormente ao banco stalagmitico, quando a gruta foi occupada na epoca neolithica. Por este motivo tambem elles só foram encontrados na base do entulho superior, que em parte pode ter ali sido articialmente introduzido.

Na primeira exploração (1866) tinha sido reconhecida uma grande porção de entulho, e removido de um para outro ponto da gruta. Isso difficultou um pouco o trabalho agora, porque inevitavelmente appareceram misturados alguns restos humanos com os ossos de animaes, pertencentes devidamente a dois (44) epocas diferentes.

Além disso como o banco stalagmitico é coberto pelas areias e continuo, e não é possível parar o golpe do picarete precisamente no limite das areias vermelhas, em partes menos fortemente cimentadas, seguindo-se os ossos de animaes (coelho, principalmente) aos ossos humanos, forçosamente n'alguns pontos devia de haver mistura nos objectos achados nos dois depositos.

A melhor prova de que as areias e pedras do entulho superior foram ali introduzidas posteriormente, e pouco a pouco, extendendo-as sobre o manto stalagmitico, muito provavelmente para tornarem a entrada na gruta mais facil e o frio dentro d'ella mais macio, está em que não se descobrem na sala interior, onde tambem faltam ou são mui raros os restos humanos, existindo pelo contrario o manto stalagmitico por toda a parte. Poderia lembrar que essa areia (se ali existiu outr'ora) se escapasse pelo fojo junto à parede N. da gruta; mas

⁴³ Da gruta da Casa da Moura conhecem-se duas peças metálicas, ambas presentemente conservadas no Museu Nacional de Arqueologia, que correspondem às que o autor aqui refere e que resultaram das escavações de 1865/1866: trata-se de uma ponta Palmela e uma “alène” ou punção, de contorno losanguico dos finais do Calcolítico /inícios da Idade do Bronze, já devidamente estudados (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 62, n.º 4 e 5). A cronologia de ambas as peças fora atribuída correctamente pelo autor ao “final da época da pedra polida”. Ambos os artefactos foram encontrados nas escavações de 1865/1866 (DELGADO, 1880, p. 246) e encontram-se reproduzidos numa das folhas litografadas então efectuadas (CARREIRA & CARDOSO, 1996, Fig. I. E, n.ºs 1 e 6).

⁴⁴ Esta observação corrobora a conclusão de que os trabalhos efectuados em 1865/1866 tinham como objectivo essencial a exploração do depósito plistocénico, não removendo da gruta os depósitos mais modernos, mas simplesmente colocando-os noutros locais da mesma.

até á profundidade onde poude descer-se (uns 40^m) não mostra o menor vestigio d'ellas, alem de que o fundo da gruta é irregularissimo para que ellas podessem para ali correr. Todavia as aguas que entram pelo ouvido somem-se escapando-se pelo fojo, mas não entrando pela boca.

Folha 7 (21,8,1x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

páginas manuscritas

Etiqueta nº 13 Letra A Profundidade – ?

Restos humanos – 12 fragmentos pequenos da abobada craneana, e um fragmento do occipital um pouco maior em que a linha curva superior forma um cordão ou crista mui saliente, e em que as fossas cerebraes são muito fundas, e que alem disso mostra uma grande espessura. Este fragmento é ainda notavel porque o tufo calcareo o envolveu, mostrando portanto evidentemente que a fractura é muito antiga. 2 fragmentos (ramo direito) de maxillares inferiores, um de infante. Carpo – Trapezio, 1 incompleto Metacarpos – 6 (sendo 3 primeiros). Phalanges da mão, 14. Rotula, 1 pequena Tibia, epiphyse solta da extremidade superior. Tarso – Calcaneo, 3. Astragalo, 5. Scaphoide, 2. Metatarsos, 6 (sendo 2 primarios). Phalange do pé, 9 (sendo 4 primeiras da 1^a serie).

Ethnographia – Raiz de um dente canino, com a superficie gasta e polida em duas faces planas, uma das quaes interessava a coroa do dente, onde havia um orificio de suspensão, mas quebrado infelizmente nesta parte. Era certamente destinado a ser usado em collar, ou como amuleto. 30 pequenos fragmentos de louça grosseira negra, lisa, amassada à mão, pertencentes a 14 ou mais pequenos vasos diferentes, geralmente de fundo ± abaulado, mas trez de fundo chato.

Restos animaes – Fragmento de maxillar superior de *Sus*. Fragmento de maxillar inferior de *Sus*, individuo velho. 1^o incisivo de *Bos*? Parte inferior sem a epiphyse de (canon) metatarso de Ruminante (*Ovis*). Tibia de *canis*; quasi da estatura do lobo. Epiphyse solta da extremidade inferior de tibia. Astragalo de *Bos*? Metade de um metatarso de Ruminante (*Bos*?) fendido longitudinalmente. Apophyse de uma grande vertebra. 4 dentes caninos de *Canis*. Dente canino de *Canis*? Pequena especie. Porção de maxillar inferior de *Canis*, com o dente canino e os dois premolares anteriores. 3 dentes caninos de *Felis*, pertencentes a 2 especies talvez, uma de pequena estatura. Atlas de *Canis*, provavelmente *C. lupus*. [das areias inferiores]. Tibia de *Canis*? da estatura do lobo [Id.]. Osso iliaco incompleto [Id.]. Metatarso, fragmento [Id.]. Phalange, pequena [Id.?]. Humerus de Ave [Id.?]. 2 femurs de coelho [Id.]. 2 tibias de coelho [Id.]. Tibia de Lebre, mais forte que a da lebre actual [Id.]. Radio de..... metade inferior. [Id.]

Folha 8 (21,4,1x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

3 páginas manuscritas

Etiqueta nº 36 Letra A Profundidade – 0,30^m

Restos humanos – 30 fragmentos de abobada craneana, não podendo dar idea da forma dos craneos, que todavia podem pertencer a duas raças diferentes pelo menos, pois que alguns fragmentos são de enormissima espessura, e pela comparação com os de outras partes da gruta deveremos suppor que eram de cabeças muito pouco desenvolvidas. – A base de um osso frontal, talvez desta mesma raça, tem as bossas nasaes e arcadas supraciliares enormemente desenvolvidas. – A porção superior de um occipital não mostra o menor vestigio de protuberancia occipital externa nem da linha curva superior contigua. – Alguns ossos temporaes mostram umas apophyses mastoideas tambem enormes. Maxillares superiores reunidos quasi completos e malar direito de um individuo ainda novo, pois que mostra a corôa dos dentes pouco gasta. 6 maxillares incompletos ou frag-

mentos, todos de individuos diferentes. Um d'elles queimado. Maxilla inferior de infante, incompleta, na muda dos dentes. Maxilla com os alveolos quasi fechados, e sem nenhum dente, muito notavel. Maxilla de adulto incompleta, ramo esquerdo horizontal e parte do arcudente: 10 fragmentos de maxillares inferiores pertencentes a 7 individuos pelo menos, e mostrando muitos d'elles claramente a fractura intencional ou exercida de proposito. Dente soltos: caninos, 2 Falsos molares, 3 Verdadeiro molar, 1 com uma raiz fortissima. Vertebrae dorsais, 6 Lombares, 2. Sacrum, fragmento (de infante). Costellas, 17 fragmentos. Claviculas, 2 completas, e mais 14 incompletas ou fragmentos. Omoplatas, 4 incompletos (3 de infantes). Humero, 1 completo 3 extremidades superiores com uma porção do corpo 7 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo, e destas só uma com perfuração olecraneana. 6 porções do corpo (1 superior e 3 inferiores). Cubito, 1 completo 10 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo. 4 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo 3 porções superiores do corpo porção central do corpo de outro osso. Radio, 4 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo 4 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo (uma de criança) corpo inteiro de 1 exemplar 2 porções superiores do corpo (1 de criança ou feto) 5 porções médias. Metacarpos, 9 pela maior parte de infantes e sendo 1 primeiro muito delgado, mostrando a existencia de uma raça com as mãos compridas e muito estreitas. Phalange da mão, 8. Ossos iliacos, 4 fragmentos pertencendo a 3 ossos diferentes pelo menos (1 d'elles quasi completo). Femur, 1 quasi completo, ao qual só falta a extremidade superior que se partiu na extracção 6 extremidades superiores com parte do corpo (2 de infantes), e 1 epiphyse solta da cabeça 1 extremidade inferior 4 porções superiores do corpo, 2 porções inferiores, 4 quasi inteiras, e 7 fragmentos menores. Rotulas, 2. Tibia, 5 extremidades superiores (1 de criança e outra de infante) 2 extremidades inferiores, de infantes, sem as epiphyses 20 fragmentos maiores ou menores do corpo (1 quasi completo de criança). Peroneo, 1 quasi completo ao qual falta só a extremidade inferior 3 extremidades superiores 8 extremidades inferiores 14 porções do corpo (1 quasi completo). Tarso – Calcaneos, 5. Astragalos, 7. Scaphoide, 1. 1.º s. cuneiformes, 3. 3.º cuneiforme, 1. Cuboides, 3. Metatarsos, 29 (sendo 11 primeiros). Phalange do pé da 1.ª serie, 10 (sendo 6 primeiras), 22 fragmentos de ossos longos, pela maior parte pequenos, excavados, lascados, esmagados. 19 Lascas de ossos longos, pela maior parte pequenos, excavados, lascados, esmagados.

Ethnographia – 57 fragmentos pela maior parte muito pequenos de louça de barro grosseiro de pasta negra, lisa ou com desenhos simples a traço, pertencendo a 18 vasos diferentes, pelo menos, todos de pequenas dimensões. Muitos dos fragmentos apresentam na fractura e mesmo na superficie aquelle ou perto porphyroide caracteristico, produzido pela adjução de pequenos cristaes lascados de spatho calcareo, que adicionaram ao barro para lhe demorar a seção, isto é, para que não seccasse tão depressa, e permittir o desenharem sobre ella. Outros, de pasta mais fina, não encerram estes detritos spathicos, ou encerram-os muito attenuados, mostrando portanto uma textura uniforme. Quanto à côr são negros em toda a espessura, ou vermelha n'uma ou em ambas as faces, e com maior ou menor espessura conforme o calor que receberam. Muitos dos fragmentos mostram alem disso uma pintura vermelha a negra, na superficie, feita com uma pasta fina, que lhe alisava a superficie mostrando mesmo um certo brilho. (45)

Celt de amphibolite com 0,085^m de altura e 0,045^m de largura no gume.

Fragmentos de 3 celts diferentes de schisto silicioso negro e cinzento-anegrado.

Fragmento de uma placa de ardosiã com desenhos n'uma das faces e dois orificios de suspensão.

⁴⁵ Metodologicamente inovadora é também a quantificação do número mínimo de vasos cerâmicos com base no número total de fragmentos recolhidos, evidenciando rigor e qualidade frequentemente inexistentes ainda hoje na prática arqueológica.

Ponta de lança de silex esbranquiçado de forma triangular não perfeitamente isosceles, polida nas duas faces e com o contorno dentado. Esta peça, menos perfeita que outras obtidas n'esta gruta, é todavia mui bella: está quebrada na ponta, mas mediria completa, 0,108^m de altura, e 0,060^m na base.

Fragmento de uma massa alongada de calcareo finamente granular (marmore) branco. Devia ser polida na superficie, mas as aguas aciduladas cahindo do tecto da gruta e formando o tufo e stalagmites danificaram-na muito. Era certamente uma insignia, ou bastão de mando.

Seixo muito rolado de schisto silicioso (phtanite) com duas faces planas, incrustado de calcareo, pertencente talvez às areias inferiores.

Restos animais – Costella (fragmento) de grande Ruminante. Extremidade inferior (poulie) de metatarso de Ruminante, menor que o boi. Pequeno fragmento de extremidade inferior de cubitus. Phalange do pé de um borrego (*Ovis*). Tibia, extremidade superior e inferior de *Lepus cuniculus* [das areias inferiores]. Femur, 2 extremidades superiores de *Lepus cuniculus* [das areias inferiores]

Folha 9 (21,7x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Etiquetas nº 10 e nº 20 Letra C Profundidade – 1,0^m

Restos humanos – 158 fragmentos da abobada muitos d'elles grandes, e deixando conhecer a forma do frontal, da protuberancia occipital, alguns de enorme espessura. Um parietal esquerdo mostra vestigios de fractura violenta n'uma parte da pancada que recebeu e o fez estalar Maxillares superiores reunidos, mas incompletos de 7 individuos, um d'elles sobretudo notavel pelo modo de gastamento dos dentes, que mostram um gume curtante em aresta exterior. 12 fragmentos menores, alguns muito pequenos, de maxillares superiores. 4 maxillas inferiores incompletas, e 22 fragmentos de outras pertencendo a 19 individuos pelo menos. Dentes soltos: incisivos, 30 caninos, 18 falsos molares, 26 verdadeiros molares, 51 (destes não tendo sahido dos alveolos 15). Atlas, 1. Axis, 1. Vertebrae cervicaes, 4 dorsaes, 15 lombares, 11. Sacrum, 3 fragmentos de diferentes. Sternum, 2 corpos diferentes. Costellas, 26 fragmentos. Claviculas, 16 fragmentos e sendo 7 quasi completas. Omoplatas, 4 fragmentos diferentes. Humeros, 4 completos ou que se quebraram no acto da extracção do jazigo [Só em 3 exemplares existia a perfuração olecraniana] 17 extremidades inferiores, muitas com grande porção do corpo 1 epiphyse solta da cabeça corpos de 7 exemplares, aos quaes só faltam as extremidades 17 fragmentos do corpo maior ou menor. Cubitos, 18 extremidades superiores, dum d'elles com o corpo quasi inteiro 3 extremidades inferiores 4 porções maiores ou menores do corpo. Radio, 9 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo, e dois d'elles quasi completos 9 extremidades inferiores, um d'elles com o corpo quasi completo, faltando-lhe só a extremidade Corpo de um exemplar, e fragmentos maiores ou menores de outros 20. Carpo – Scaphoide, 3. Pisiforme, 1. Grande osso, 1. Osso ????, 1. Metacarpos, 17 (sendo 2 primeiros). Phalanges da mão, 46. Osso iliaco, 19 fragmentos pertencentes a 8 ossos diferentes pelo menos. Femur, 1 completo e outro quasi completo, faltando-lhe a extremidade superior, que se partiu na extracção extremidades superiores, 5. 1 epiphyse solta da extremidade inferior. Femur extremidades inferiores, 8 com uma porção maior ou menor do corpo, e uma d'ellas com o corpo quasi todo. Corpo inteiro de 2 exemplares (um d'elles com cicatrizes de 7 feridas!) e 54 fragmentos maiores ou menores do corpo. Rotulas, 11. (46)

⁴⁶ Ver nota (39).

⁴⁷ Ver nota (39).

Tibias, 1 completa e outra à qual só falta a extremidade inferior, talvez quebrada no acto da extracção. 1 extremidade superior com a metade do corpo. 6 extremidades inferiores (1 de infante sem a epiphyse) e 1 epiphyse solta. 31 fragmentos maiores ou menores do corpo (3 d'elles quasi completos). Peroneo, 1 extremidade superior 1 extremidade inferior 32 fragmentos maiores ou menores do corpo, 1 d'elles completo e outro quasi completo. Tarso – Calcaneos, 8. Astragalos, 10. Scaphoides, 4. 1.º cuneiforme, 2. 3.º cuneiforme, 1 (de dimensões extraordinarias). Cuboide, 3. Phalange do pé, 22 sendo 5 (do dedo grande) primeiras da 1ª serie. Metatarsos, 30 (sendo 10 primeiros). 17 Fragmentos de ossos longos indeterminados, quebrados intencionalmente pela maior parte. 17 Lascas de ossos longos.

Ethnographia – Taça incompleta de barro grosseiro negro feita à mão, de forma de pequena calote spherica e espessura muito desigual, com 0,117^m de diametro na boca e 0,035^m de altura interiormente. A pasta é grosseira, a negra com pontos brancos, de grãos arenosos e de spatho calcareo que incerra a que o fabricante adicionou à pasta para demorar a sazão do barro. Exteriormente mostra tambem a côr negra, mas a superficie lisa, porque depois de feito o vaso, ordinariamente, ou sempre, o barravam com o mesmo barro fino diluido em grande porção d'agua ou formando uma pasta branda. A cor avermelhada, que apresenta n'algumas partes da superficie, especialmente na face externa e proximo da borda é devida a um começo de cozedura que soffreu, antes de receber a velatura (pintura ligeira) a negro, que lhe foi dada certamente a quente para agarrar. A louça era certamente seca na fogueira, o que lhe dava um calor incerto, e por isso umas vezes a cor vermelha corresponde à face interna do vaso, outras vezes à face externa. (48)

41 fragmentos de muitos outros vasos de superficie lisa, e de grandezas e formas diversas, das quaes podem reconhecer-se 8 pelo menos. Um fragmento, que pertencia a um vaso de fundo chato e apresenta claramente os vestigios da roda n'uma serie de sulcos paralelos poucos fundos, que foram produzidos com a cabeça dos dedos. (49)

Alguns fragmentos estão fortemente carregados de detritos spathicos, alem de grãos arenosos que a pasta sempre ou quasi encerra. Ordinariamente apresenta a côr negra na superficie, ou o vaso tivesse recebido ou não em começo de cozedura; mas um fragmento, que na fractura fresca mostra que o calor que recebeu internamente foi bastante para a côr vermelha atravessar quasi metade da espessura do vaso (a espessura total é de 0,009^m, sendo 0,005^m preto e 0,004^m vermelho) e os detritos de spatho calcareo coseram ao ponto de se transformarem em cal, recebeu pelo contrario uma velatura de cor vermelha internamente e amarellada, exteriormente, senão foi a mesma pintura que tomou diversas combiantes de cor sendo dada sobre a superficie quente do vaso preta e vermelha.

3 fragmentos de louça com desenhos a traços finos paralelos, em que a cozedura e pintura a negro posterior é manifesta. Pertenciam à borda de 3 vasos diferentes.

Pequena bola de calcareo branco em 0,039^m de diametro, incrustada de uma delgada capa de calcareo stalagmitico.

Celt de nephrite de cor branca variegada de cinzento, parecendo ter tido muito uso – 0,060^mx0,050^m

Celt de schito silicioso cinzento anegrado alterado na superficie – 0,103^mx0,056^m

⁴⁸ Esta observação é interessante, revelando interesse pela tecnologia primitiva da produção cerâmica. Na verdade, a coloração mais ou menos vermelha ou negra das superfícies externas e internas dos recipientes tem a ver com o ambiente mais ou menos oxigenado do ar no interior forno, relacionado com a temperatura atingida pelo mesmo.

⁴⁹ Não se trata da roda do oleiro tradicional, mas do que se tem usualmente chamado montagem com “torno lento”, em que a peça era rodada numa base giratória à medida que se armava o barro com os dedos, como muito bem o autor observa. Outra observação importante consiste na composição mineralógica das pastas, que, sendo pioneira, se explica pela formação geológica do autor.

Celt de anfíobolite ? – 0,125^mx0,040^m

4 pontas de flecha elegantíssimas de sílex branco, cinzento, amarelado e avermelhado, todas de forma sublosangular, com uma face plana, e mui finamente denteadas nos bordos.

Faca de sílex cinzento de secção triangular, inteira, com os dois gumes estragados (cheios de moussas) pelo uso. Comprimento 0,124^m; maior largura ao meio, 0,019^m

Faca de sílex cinzento incompleta, também de secção triangular, denteada irregularmente nos bordos: 0,080^mx0,017^m

Fragmento de outra faca muito larga de sílex cinzento claro, também estalada nos bordos pelo uso. Este fragmento mede 0,057^mx0,023^m.

Raspador de sílex ou faca de um só gume formada de uma lasca de sílex acastanhado tirada da parte exterior de um rim. Mede 0,060^m por 0,024^m na sua maior largura.

Lasca de quartzite avermelhada, tirada de um calhao lascado, e depois rolado.

2 seixos rolados de quartzite.

Restos animais – 2 lascas de defesa de javali. Dente canino de *Felis*. Fragmento de maxillar com 2 dentes molares, e um molar solto de *Capra* ou *Ovis*, muito nova. Atlas de *Canis* (provavelmente de *Canis Lupus*). Radio de Cubito de, parte superior, de espécie de grande estatura. 4 metatarsos de pequeno Ruminante, e novo. 7 phalanges de pequeno Ruminante, uma d'ellas todavia maior que as do carneiro. Radio? parte superior [provavelmente das areias inferiores]. Tibia e humeros de coelho (*L. cuniculus*) [provavelmente das areias inferiores]. Lasca de osso longo de grandes dimensões com as arestas bobadas, podendo ter servido a algum uso. Sacrum (pelvis) de ave?

Folha 10 (21,5x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

1 página manuscrita

Etiqueta nº 15 Letra C Profundidade – 1,0^m (proximo do manto stalagmitico) (Fig. 22)

Restos humanos – Calote craneana compreendendo o frontal quasi completo, o parietal e temporal direitos, e parte do occipital e do parietal esquerdo. Metade anterior incompleta de cabeça compreendendo quasi a maior parte dos ossos da face e o frontal, pertencente a um individuo adulto. Maxilla inferior muito provavelmente (quasi certo) pertencente ao mesmo individuo, incompleta. Parte do temporal esquerdo (rochedo) com o orificio auditivo, provavelmente pertencente a um dos craneos precedentes. Vertebrae cervicais, 3 dorsal, 1. Omoplata, incompleta. Clavicula, fragmento. Phalanges da mão, 2.

Ethnographia – 4 facas de sílex cinzento com os bordos denteados, destinadas a servir de serra, de 0,097^m – 0,095^m – 0,071^m e 0,054^m de comprimento. Raspador de sílex cinzento. Nucleo de sílex cinzento. 2 celts belissimos de schisto silicioso cinzento-anegrado, e fragmentos de 2 outros. Celt (goiva lisa) de schisto anfibólico. Celt de forma (machado) de schisto. Fragmento de uma placa de grés fino superficie de forma regular com a superficie lisa e os lados arredondados. Pequeno fragmento de louça grosseira lisa, amassada à mão. (50)

⁵⁰ O autor confere à descrição dos artefactos que doravante são por si apresentados assinalável detalhe, tanto no respeitante à morfologia, como à natureza da matéria prima, funcionalidade e dimensões, o que comprova que este trabalho se destinava a publicação, afastando-se do que seria esperável em um simples relatório. Deste modo, com base na caracterização apresentada, muitas das peças são identificáveis entre as estudadas e desenhadas na monografia dedicada o estudo dos espólios pós-paleolíticos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), como é o caso das pequenas bolas de calcário branco, atrás mencionadas das três registadas naquela publicação (op. cit, Fig. 59, n.ºs 2, 3 e 4). Outro exemplo é o da goiva recolhida (também designada por “celt”, tal como os machados, facilmente identificada entre os espólios estudados e desenhados (op. cit. Fig. 10, n.º 4).

Letra C.

Etiqueta n. 10

Profundidade — 1,0 (próx: do manto stalagmítico)

Partes humanas. — Calote crânica incompleta e frontal quasi completo, o parietal e temporal direitos, e parte do occipital e do parietal esquerdo.

{
 ellidade anterior incompleta do calice, comprimento quasi ~~total~~ parte de
 opon do face e o frontal, pertencente a um individuo adulto.
 Mandibula inferior int. preservada (quasi casta) pertencente ao ~~o~~ individuo, incompleta
 parte do temporal esquerdo (oculto) com o ~~o~~ officio auditivo, preservado. pertencente
 este a um do crânios precedentes.

Nastetras curvatas, 3

dorsal, 1

Emmoplata, incompleta

Clavicula, fragmento

Phalanges do nariz, 2

Estano

Ethnographica — 4 peças de sílex cinzento com os bordos denteados, destinadas a servir de punho
de ~~0,087~~ — 0,085 — 0,071 e 0,054 de comprimento.

Carafador de sílex cinzento

Nucleo de sílex cinzento

2 celtos belformes de sílex silicioso cinzento amarelado, e fragmento de 2 outros.

Celt (quasi ~~fixo~~) de sílex amphibolico.

Celt de forma ordinaria (arrachado) id.

Fragmento de um plano de grão fino micaceo de forma regular com a superfície lisa e os lados arredondados.

Pyramida fôgeta de lousa gypsosa lisa, amarelada a verde.

Etiqueta n. 7

Bola de grão fino de 0,116 de diametro

Celt de sílex silicioso cinzento escuro, e metade de outro.

3 celtos de sílex amphibolico, um d'elles int. fôgeta, talvez incompleto.

Fig. 22 — Gruta da Casa da Moura. Reprodução do original autógráfico de Nery Delgado de uma das folhas do inventário descritivo da totalidade dos espólios recolhidos em cada um dos sectores previamente definidos com indicação das respectivas profundidades de colheita: no caso trata-se das recolhas efectuadas no sector correspondente à Letra C e à profundidade de 1,0 m, próxima do manto stalagmítico.

Etiqueta nº 7

Bola de grés fino de 0,116^m de diametro. Celt de schisto silicioso cinzento escuro, e metade de outro. 3 celts de schisto amphibolico, um d'elles muito forte e talvez incompleto.

Folha 11 (21,6x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Etiqueta nº 27 Letra C Profundidade – 1,30^m

Restos humanos – calote craneana compreendendo parte do frontal e dos dois parietais, de individuo muito adulto, pois que tem as ruturas de junção bastante desvanecidas, e talvez de mulher attendendo à pouca espessura dos ossos. É singularmente notavel este exemplar pela depressão do frontal, dobrado quasi a angulo recto logo acima das bossas frontaes, o que diminue consideravelmente a capacidade do craneo. Alem disso veem-se nesta calote evidentes vestigios de fractura violenta e intencional, tendo recebido uma forte pancada no parietal direito, que parece resvalou sobre este osso dirigindo-se obliquamente para o frontal segundo indica uma serie de covinhas e a escoriação do tecido compacto do osso. 40 fragmentos de craneo pela maior parte pequenos, e alguns resultando a fractura intencional. 2 maxillas superiores incompletas sem os dentes, e 3 pequenos fragmentos. Maxilla inferior incompleta muito forte de individuo muito adulto a velho, notavel pela extraordinaria espessura. 2 outras maxillas incompletas de adultos. 2 fragmentos diferentes, uma de criança. Dentes soltos: incisivos, 3 falso molar, 1 molares verdadeiros, 2. Vertebrae = Atlas, 1. Axis, 2. Vertebrae cervicaes, 2 dorsaes, 4 lombar, 1. Claviculas, 2. Omoplata, 1 fragmento. Humero, 1 extremidade superior, e a epiphyse solta de uma cabeça. 5 extremidades inferiores (2 com perfuração olecraneana, um muito grande, e 2 de criança e infante) 2 corpos completos 3 porções superiores do corpo 8 porções inferiores do corpo. Cubitus, 5 extremidades superiores (1 de criança) 1 extremidade inferior 3 porções do corpo. Radio, 6 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo 3 porções do corpo (um quasi completo). Carpo – trapezio. Osso cuneiforme. Metacarpos, 15 (2 primeiros, e 2 de criança). Phalanges da mão, 8. Osso iliaco, 1. Femur, 1 completo 4 extremidades superiores (1 de infante e 2 de adolescente) 3 epiphyses soltas inferiores, de adolescentes, e 1 extremidade inferior de infante (rapariga) 2 corpos completos 3 porções inferiores do corpo e 8 fragmentos. Rotulas, 2. Tibia, 1 extremidade superior de infante 1 corpo completo de forma dita lame de sabre 6 fragmentos diferentes do typo precedente e da forma ordinaria. Peroneo, 1 extremidade inferior 8 fragmentos maiores ou menores do corpo. Tarso – Astragálos, 2. Scaphoide, 1. 1.º cuneiforme, 3. 2.º cuneiforme, 1. Metatarsos, 12 (3 primeiros, e 2 de criança). Phalanges do pé, 1. Fragmentos de ossos longos indeterminados, todos roídos, e um d'elles excavado interiormente, 6. Lascas ind., 8. 1 fragmento de craneo e 1 lasca tendo soffrido a acção do fogo. (51)

Restos de animais – Dente molar de pequeno Ruminante. Cubito, parte superior. Metacarpo, parte superior. Vertebrae, 2 de um pequeno carneiro, provavelmente. Phalanges da mão, 2 (1 ????)

Humero de ave (das areias inferiores ?). 2 lascas de osso muito fortes.

Vertebra de *Canis* (das areias quaternarias ?)

Ethnographia – Faca de silex cinzento com os bordos denteados para servir de serra – 0,074^mx0,018^m de secção trapezoidal. Faca de silex cinzento-azulado claro, de secção triangular com os bordos cortantes

⁵¹ Uma vez mais, menciona-se fractura intencional entre os fragmentos de crânio, em resultado de violência. Ver nota (39).

⁵² A menção à acção do fogo é aqui pela única vez referida. É possível que se relacione com rituais funerários, tal como os identificados na Lapa do Fumo, em contexto sepulcral do Neolítico Final, de cronologia idêntica à destes (SERRÃO & MARQUES, 1971).

– 0,070^mx0,013m. 75 cacos de louça mais ou menos grosseira lisa e com desenhos simples, pertencendo a 18 ou 20 vasos diferentes, pelo menos. Dois fragmentos talvez pertencentes ao mesmo vaso, que seria de grandes dimensões, tem cada um uma aza para suspensão. Um outro pequeno fragmento tem um pequeno orifício circular. Um outro apresenta uma ornamentação em serie de semicirculos concentricos e mal traçados apoiando-se na borda do vaso. Enfim outros apresentam uma combinação de traços finos e outros traços mais fundos e grossos, ou traços e pontos impressos. Pingente de azeviche de forma subtriangular com um orifício de suspensão. (53)

**Folha 12 (21,6x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas
Etiqueta n° 33 Letra C Profundidade – 1,50^m**

Restos humanos – Frontal incompleto com a bossa nasal e as arcadas supraciliares e orbitarias muito grossas e salientes. 16 fragmentos pequenos de abobada craneana. Maxillares superiores quasi completos de um adolescente, no qual estavam para romper os ultimos molares. Maxillar esquerdo superior incompleto sem nenhum dente, com o osso molar aderente. 3 fragmentos de maxillar superior direito. 1 fragmento de maxillar superior de criança com um só molar de leite. Dentes soltos: 3 molares verdadeiros. 2 maxillas inferiores incompletas 6 fragmentos de 5 exemplares diferentes, pelo menos.

Osso hyoide, de individuo novo. Vertebrae cervicaes, 4. Vertebrae dorsaes, 8. Vertebrae lombares, 9. (54)
Sacrum, 1 fragmento. Manulvio, fragmento. Costellas, 16 fragmentos, alguns muito fortes e de grandes dimensões. 4 claviculas (uma de feto) e mais 6 fragmentos diferentes. Omoplatas, 3 incompletas. Humero, 2 extremidades superiores com parte do corpo, e 2 epiphyses soltas da cabeça. Humero, 10 extremidades inferiores com parte do corpo, nenhuma com perfuração olecraniana. Humero, 4 corpos de humanos, aos quaes faltam só as extremidades. Humero, 8 fragmentos do corpo desde 0,06^m até 0,14^m de comprimento, sendo trez da parte superior. Cubito, 2 extremidades superiores, uma junta ao corpo quasi inteiro. 5 porções superiores do corpo. Porção inferior do corpo de outro exemplar. Radio, 4 extremidades superiores com uma porção do corpo. 2 extremidades inferiores com uma porção do corpo. 5 porções superiores. 4 porções do corpo maiores ou menores. Carpo – Grande osso da mão esquerda. Metacarpos, 7. Phalanges da mão, 12. Osso iliaco, 6 fragmentos pertencentes a 4 ossos diferentes, pelo menos. Femur, 1 completo e 2 quasi completos ao qual falta a extremidade inferior. 4 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo, 1 cabeça e 1 epiphyse solta da cabeça. 3 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo, e 1 epiphyse solta. 9 porções superiores (2 com o corpo quasi completo). 3 porções inferiores. 8 porções do corpo maiores ou menores. Tibia, 1 completa e outra de infante, ao qual falta a extremidade inferior. 2 extremidades superiores e 1 epiphyse solta. 3 extremidades inferiores (2 com o corpo quasi completo). 15 porções maiores ou menores do corpo. Peroneo, 4 extremidades inferiores. 1 grande porção do corpo, e 6 fragmentos menores. Osso do tarso – Calcaneo, 7. Astragálos, 6. Scaphoide, 1. 1.º cuneiforme, 4. Cuboide, 4. Metatarsos, 22 (sendo 7 primeiros). Phalange do pé, 1. Fragmentos de ossos longos, 14. Lascas, 10.

Restos animais – Maxillar inferior esquerdo incompleto de *Canis* (*Canis familiaris* ?).

Porção do craneo ascendente de maxilla inferior de *Bos* ? Lasca de um grande osso (femur de *Bos* ?).

⁵³ Deve corresponder ao fragmento reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 42, n.º 4. O pingente de azeviche adiante referido encontra-se reproduzido na Fig. 53, n.º 20.

⁵⁴ Trata-se de osso muito frágil, que raramente se conserva pelo que esta ocorrência denota o cuidado com que a escavação se realizou.

Extremidade inferior de um grande radio (*Cervus*?). Fragmento de uma grande vertebra.

Extremidade superior de humero de *Canis*. Osso iliaco, fragmento.

Omoplata de *Sus*? (individuo novo ou de pequena estatura).

Vertebra de *Canis*.

Tibia de coelho (*Lepus cuniculus*) [quaternario]. Femur e tibia de pequeno mamifero ind. *Lepus* [quaternario].

Lasca tirada da parte interna, esponjosa, de corno de boi? [quaternario].

Tibia de Ave.

Ethnographia – Massa cylindrica de calcareo finamente granular ou compacto (marmore) branco tendo 0,150^m de altura e 0,050^m de diametro. Esta massa estava quebrada em dois grandes pedacos um dos quaes se achou distante n'outro ponto da gruta (A) à profundidade de 0,30^m, e falta-lhe ainda uma lasca para estar completa. É mui semelhante a outra (até pela natureza da substancia) obtida na sepultura da Granja do Marquez. Bola de grés fino micaceo de 0,047^m de diametro. Placa subtrapezoidal com as arestas boleadas e os angulos arredondados de osso, com um furo circular para suspensão com 0,063^m de altura e 0,027^m de largura. (55)
Faca de silex cinzento completa, de secção trapezoidal e arestas cortantes. – 0,080^mx0,012^m. Faca incompleta (56)
de calcedonia de cor acastanhada clara, de secção triangular, com os dois gumes cortantes, quebrada do lado da base. Dimensões: 0,059^mx0,011^m. Faca de silex cinzento incompleta, de secção trapezoidal, com um dos bordos cortantes e o outro e a extremidade denteada. Este fragmento tem 0,063^m de comprimento e 0,019^m de largura. Como muitas outras peças semelhantes parece que foi primeiro empregada como faca, e que pelo uso estalou um dos gumes, ou d'elle se dentaram algumas lascas, o aproveitaram para servir como uma serra, fazendo-lhe um denteado ± regular. Pedacinho de ochra vermelha muito carregada de argilla. Lasca de silex cinzento alongada de secção triangular. Fragmento de um vaso de louça negra com partes brancas, exterior e internamente (?) com uma capa de verniz vermelho, e na superficie exterior ornado com um cordão em relevo formando uma ondulação regular; Será romano? Uma aza chata muito elegante, fragmento de outra e um caco pertencendo provavelmente todas as mesmo vaso de louça negra com uma capa de verniz vermelho exterior (57)
espessa, e interiormente pintada tambem de vermelho, mas ao que parece não tendo recebido o verniz. É sem duvida do mesmo typo de loiça, senão do mesmo vaso ornamentado de que fallei precedentemente. Pequeno fragmento de bordo de um vaso com verniz negro exteriormente ornado de duas series de linhas paralelas formando zigue-zague. Pequeno fragmento de um outro vaso com a borda guarneçada de traços fortemente impressos formando como uma grossa denticulação, exteriormente vermelho e no interior negro. No exterior tem alem disso uma ornamentação formada de pontos fortemente impressos produzidos com a ponta grossa de um silex ou de um ponteiro de páo. Aza de um vaso muito estragada, de loiça negra interiormente, e nas superficies exterior e interior vermelha. 36 fragmentos maiores ou menores de loiça grosseira amassada à mão pertencentes a muitos vasos diferentes, de superficie lisa, geralmente negra no interior, e exteriormente

⁵⁵ Trata-se de exemplar constituído por duas partes, que não colam, ainda hoje conservadas (op. cit., Fig. 61, n.º 7). A alusão a exemplar muito semelhante da sepultura colectiva da Granja do Marquês confirma-se, encontrando-se a peça reproduzida na referida publicação (RIBEIRO, 1880, Figs. 87 e 88), possuindo ambas, como elementos identitários comuns, a decoração de duas bandas de linhas paralelas horizontais situadas no corpo da peça.

⁵⁶ Esta peça óssea corresponde ao exemplar reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 26, n.º 8.

⁵⁷ Trata-se do exemplar reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, correspondendo a produção reportável ao Neolítico Antigo evolucionado, época bem representada na gruta da Casa da Moura, por espólios exumados, sobretudo as produções cerâmicas, como esta.

vermelha ou negra, e n'algumas tendo recebido um verniz negro, quer na face interna, quer na externa do vaso; n'outros um verniz vermelho, e n'outros vermelho e negro em cada uma das faces.

Folha 13 (21,6x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

2 páginas manuscritas

Etiqueta n.º 10 Letra C Profundidade – 2,0^m

Ethnographia – 2 furadores de osso feitos de dois metacarpos de pequeno Ruminante (carneiro?) (58)

Etiqueta n.º 12 Letra D Profundidade – 2^m

Restos humanos – Maxillar superior esquerdo, pequeno fragmento com o 2.º e 3.º molares. Maxillares inferiores, 4 fragmentos de diferentes individuos. Dentes soltos: incisivos, 23 caninos, 19 falsos molares, 27 verdadeiros molares, 45.

Restos de animais – 3 dentes incisivos de *Canis* dente molar. Maxillar inferior direito de *Canis* [das areias quaternarias inferiores ?].

Ethnographia – Massa alongada e achatada de grés fino calcareo avermelhado, pertencente provavelmente à formação valdense (letra adicionada a lápis por ND), e portanto introduzida na gruta para algum fim, como clava, etc. (59)

Etiqueta n.º 5 Letra D Profundidade – 0,50^m

Ethnographia – 2 celts de diorite, um d'elles mui bello de forma subtriangular e secção elliptica com 0,081^m de altura e 0,041^m de altura, e 0,018^m de espessura, e o outro de forma subtrapezoidal e secção quadrangular, com 0,100^mx0,046^mx0,035^m.

Folha 14 (21,5x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

2 páginas manuscritas

Etiqueta n.º 13 Letra D Profundidade – 0,40^m (encostado ao roço)

Restos humanos – Calote craneana compreendendo o parietal e temporal esquerdo, o occipital quasi inteiro, e boa parte do frontal e do parietal direito. Outra calote compreendendo os 2 parietaes, o occipital incompleto, e parte do temporal direito. Calote deformada de outro craneo mais delgado, compreendendo parte dos parietais e do occipital. Pequeno fragmento do craneo. Maxilla inferior incompleta de individuo adulto com a coroa dos dentes gasta. Vertebrae lombares, 2.

Letra D Profundidade – 1,80^m

Craneo humano quasi completo, ao qual só falta parte dos ossos da base. É uma cabeça bem conformada, brachycephala ?, com uma grande capacidade encephalica, cujo maior diametro transversal excede talvez 0,140^m. A protuberancia occipital externa é apenas visivel, mas em compensação a linha curva superior é bem distincta. A bossa nasal e as arcadas supraciliares são bastantes salientes, e as cristas temporaes bem pronunciadas.

⁵⁸ É assinalável a profundidade (2,0 m) a que foram recolhidos estes dois exemplares, indício de que o “entulho superior” teria pelo menos esta potência neste sector da gruta correspondente à Letra C.

⁵⁹ São várias as revisões a lápis, com letra de Nery Delgado, conforme se verifica pela caligrafia, prova de que trata de um original em fase de melhoria e já com revisões efectuadas no âmbito da sua publicação, sobre a qual, no entanto, não se conhece qualquer outra documentação.

Folha 15 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

3 páginas manuscritas

Etiqueta nº 12 Letra D Profundidade – 1,0^m

Restos humanos – 78 fragmentos da abobada craneana de espessuras muito diversas, nenhum d’elles representando um osso do craneo inteiro, e pelo contrario alguns sendo pequenissimos. 2 maxillares superiores reunidos e fragmentos de 2 outros maxillares diferentes (3 individuos). 4 maxillas inferiores incompletas, e 7 fragmentos de outras, todas diferentes (11 individuos). Dentes soltos: incisivos, 1 caninos, 2 verdadeiros molares, 4. Axis, 1. Vertebrae cervicaes, 3 dorsaes, 4 lombares, 2. Sacrum, fragmento. Sternum, fragmento da parte inferior. Costellas, 8 fragmentos (talvez alguma de animal). Claviculas, 8 incompletas. Omoplata, fragmento de 1. Humero, extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo, 11 Humero corpo do lado inferior sem a extremidade, 11 Humero corpo, porção superior, 1. Cubitus, extremidades superiores, 5 Cubitus, extremidades inferiores, 3. Radio, completo, 1 Radio, extremidades superiores, 8 Radio, extremidades inferiores, 2. Metacarpos, 9 (1 primeiro). Phalanges, 8. Osso iliaco, 6 fragmentos provavelmente todos de ossos diferentes. Femur, 5 extremidades superiores (1 só com a cabeça) 4 extremidades inferiores. Corpo, 4 grandes fragmentos a uma das quaes só faltam as extremidades. Rotulas, 2. Tibias, 2 extremidades superiores e 1 epiphyse solta 5 extremidades inferiores, 1 com fractura durante a vida e soldada. 5 corpos, representados por fragmentos maiores ou menores, 5. Peroneo, 1 extremidade superior 2 extremidades inferiores. Fragmento do corpo de outro osso. Tarso – Astragálos, 8. Scaphoides, 2. Metatarsos, 11 (4 primeiros). Phalanges do pé, 3. 85 fragmentos de ossos longos partidos intencionalmente, a maior parte de femures e tibias. 10 lascas de ossos longos (humero, femur e tibia) excavados interiormente. NB Entre os fragmentos de ossos longos há 2 de femur e 1 de tibia com cicatrizes de antigas feridas, 7 roídos, 21 claramente excavados para tirar a medulla, 11 esmagados e estalados, 3 com incisões de instrumento cortante. (61)

Ethnographia – Pequena faca de silex de gume cortante, quebrada na base. Fragmento de um celt de schisto silicioso cinzento escuro, partido no acto da extracção. !Bella tijella achatada de forma de calote spherica, de louça negra lisa, amassada à mão, com 0,13^m de diametro na boca. Fragmentos de 4 outras pequenas tijellas tambem de louça negra lisa. Fragmento de um grande vaso tambem de louça negra lisa. 35 fragmentos de louça negra ou vermelha, lisa. 2 fragmentos de louça vermelha com desenhos a traço.

Restos animais – 2 dentes grandes de Ruminantes (*Cervus* ou *Bos* – Ossm. pl. 133, fig. 1). (62)

Fragmento de maxillar superior de individuo novo de *Capra* ou *Bos*. 7 dentes molares soltos de individuo novo de *Capra* ou *Bos*.

Tibias, ossos iliacos, e fragmento de femur de coelho [Quaternario].

⁶⁰ A alusão a esta fractura soldada pode não ser indício de violência (ver nota 3), mas ter simplesmente resultado de uma queda com regeneração óssea. Situação idêntica foi observada no estudo dos restos humanos da gruta do Lugar do Canto (Alcanena) (LEITÃO et al., 1987).

⁶¹ A alusão a ossos excavados interiormente refere-se indirectamente ao aproveitamento da medulla óssea no âmbito das já aludidas práticas de canibalismo admitidas por Nery Delgado nesta gruta e na da Furninha (Peniche). No entanto, tal evidência não foi confirmada ulteriormente. Já a referência a instrumento cortante em alguns ossos respeita a facto indesmentível, podendo no entanto ter sido o resultado, não de consumo como julgava o autor, mas de acções de descarnação dos cadáveres, relacionados com a sua preparação mortuária. A ser assim, tal facto reforçaria ainda mais a natureza secundária deste depósito funerário, correspondendo a ossário, como já anteriormente se referiu.

⁶² É interessante notar a dificuldade que o autor teve em separar a dentição de veado da de boi, por certo devido à falta de colecções de comparação.

Pequeno cubito de Ave.
Metatarso de pequeno Ruminante e varios outros ossos id.
Extremidades inferiores de humeros de carnivoros, e outros ossos id.
Extremidade inferior de humeros de *Ovis* ou *Capra* ?
Uma concha quebrada de *Triton*.
Extremidade superior e inferior de radio de Carneiro ou Cabra.

Etiqueta nº 9 Letra D Profundidade 1,0^m

Ethnographia – 2 fragmentos de placa de ardósia com desenhos n'uma das faces e um d'elles tendo um grande orificio circular de suspensão. Pertenceriam talvez ambos à mesma placa. Fragmento de uma outra placa com orificio de suspensão, de talcschisto verdoengo escuro com traços n'uma das faces. ! Ponta de lança de jaspe castanho-avermelhado e castanho escuro, de forma triangular, com a base formada por duas linhas reunidas em angulo muito aberto. Tem os bordos regularmente e finamente denteados, e mede 0,142^m de altura e 0,085^m de largura na base. Ponta de flecha quadrangular de sílex com o angulo da base muito aberto, e o vertice muito agudo, infelizmente quebrada. É de jaspe avermelhado e branco. Completa teria mais de 0,040^m de comprimento e apenas 0,016^m de largura a distancia entre os vertices dos dois angulos oppostos lateraes. 3 celts de schisto silicioso cinzento, dois de phtanite, de 0,140^mx0,058^m; 0,136^mx0,070^m; 0,070^mx0,041^m; e 0,134^mx0,040^m (de phtanite, mui bellos). 5 celts de schisto amphibolico ou dioritico. Faca de jaspe castanho avermelhado zonada de preto e cinzento-escuro, bellissima!. Tem a secção triangular e os bordos denteados. (63)
Dimensões 0,057^mx0,015^m. 4 facas de sílex cinzento (uma branca), 2 com os bordos denteados, e as outras 2 de gume cortante, mas danificado pelo uso; duas de secção triangular, e outras 2 de secção trapezoidal achatada. De 0,080^m de comprimento medio. Pequeno seixo de quartzo branco de forma ellipoidal achatada, parecendo afeiçoado em cunha n'uma das extremidades para servir como assentador de costuras. (64)

Folha 16 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”, 3 páginas manuscritas Etiqueta nº 18 Letra D Profundidade – 1,20^m

Restos humanos – Grande calote craneana, à qual só falta parte do frontal, o temporal esquerdo e parte do occipital para o craneo ser completo. Outra calote menor comprehendendo o temporal e parietal esquerdo, parte do parietal direito e o occipital quasi completo. Este exemplar apresenta de notavel o ter uma fortissima protuberancia occipital externa, formando uma crista triangular, e que a morte do individuo foi certamente produzida por uma enorme pancada que lhe fracturou o parietal direito, e separou violentamente o frontal, como se vê pelo estrago produzido na sutura fronto-parietal encontrando-se ainda alguns pequenos fragmentos soltos, que porventura pertenciam ao mesmo craneo, e em que a fractura é patente. Outra calote

⁶³ Este exemplar poderia corresponder ao exemplar representado em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 22, n.º 3, se não fosse o facto, registado por Nery Delgado, de possuir os bordos laterais finamente denteados, o que não se verifica no exemplar em causa. Assim, só pode tratar-se da alabarda dada já como desaparecida em 2001/2002, mas reproduzido em 1886 (CARTAILHAC, 1886, Fig. 89). É interessante notar a atribuição frequente de peças de sílex vermelho da região de Rio Maior a jaspe, rocha idêntica, em geral de pior qualidade, só disponível a muito maior distância, nos terrenos paleozóicos do Alentejo, sendo os afloramentos mais próximos os da região de Grândola.

⁶⁴ É interessante notar como por vezes Nery Delgado se deixava levar pela emoção, colocando antes da descrição das peças mais significativas ou importantes (incluindo restos humanos) vários pontos de exclamação, para sublinhar a importância do objecto descrito, ou recorrendo a adjectivos, como este, quando a qualidade estética do objecto se afigurava excepcional.

de cráneo mais pequeno, que foi restaurada collando os diversos pedaços. Apresenta um estrago singular do lado direito, tendo sido como raspada segundo uma faca, de 0,015^m de largura, que partindo da protuberancia occipital externa se dirige obliquamente para a crista temporal direita. 3 outras menores calotes, uma muito espessa, outra de menor espessura, e a 3.^a muito delgada (portanto de individuo novo) mostrando tambem a fractura violenta. Osso frontal incompleto com parte dos ossos nasaes e das apophyses montantes dos maxillares superiores. Osso frontal incompleto, de espessura enorme. Frontal incompleto com parte dos dois parietais. Fragmento do frontal e do parietal direito. Parietal esquerdo incompleto. 6 ossos temporaes, mais ou menos incompletos. 2 ossos temporaes diferentes com parte do sphenoid. Fragmentos diferentes e inclassificaveis da abobada craneana, um tabuleiro cheio, 96. Dois maxillares superiores reunidos, incompletos. Fragmentos de 4 maxillares superiores diferentes, um de criança. Dentes soltos: incisivos, 2; canino, 1; falso molar, 1; verdadeiros molares, 3. 5 maxillares inferiores incompletos, e 4 fragmentos diferentes de outros. Um destes maxillares apresenta a singular circunstancia de que entre o 4.^o e o 5.^o molares do lado esquerdo se formava um outro dente, que vindo muito apertado entre os dois tinha uma forma muito diferente da d'elles; mostrou uma forma oval e está tombado para fóra, mas fixamente implantado na maxilla. Vertebrae cervicaes, 1; dorsaes, 3; lombar, 1. Costellas, 11 fragmentos. Claviculas, 4 (uma de criança ou feto). Omoplata, 1 pequeno fragmento. Humeros, 3 aos quaes falta só a cabeça; 4 extremidades inferiores com parte do corpo; 2 extremidades superiores (uma de criança) com parte do corpo, mais 4 aos quaes faltam as extremidades (corpo inteiro), e 2 fragmentos dos corpos de outros. Só 2 com perfuração olecraneana distincta. Cubitos, 10 extremidades superiores (2 de criança); 2 extremidades inferiores. Radios, 1 completo de extraordinaria grossura; 3 extremidades superiores (2 de criança ou feto), 1 extremidade inferior. Ossos do carpo – Trapezio, da mão esquerda. Metacarpos, 4 (sendo um 1.^o). Phalanges, 2. Osso iliaco, 5 fragmentos pertencentes a 3 individuos. Femures, 4 quasi completos aos quaes faltam uma ou ambas as extremidades quebradas no acto da extracção; 12 extremidades superiores, faltando a quasi todas a cabeça; 6 extremidades inferiores, faltando a quasi todas a cabeça; 8 corpos incompletos de outros exemplares. Rotulas, 2. Tibias, 5 extremidades superiores, e 1 epiphyse solta (1 de infante, outra de adolescente); 4 extremidades inferiores (1 de tibia quasi com corpo completo, faltando-lhe a epiphyse); 6 corpos incompletos de outras; 1 tibia quasi completa (faltando-lhe as epiphyses) de infante. Peroneo, 1 extremidade superior; 4 extremidades inferiores; 3 corpos de outros, faltando-lhe as extremidades. Ossos do tarso, Calcaneos, 3; Astragálos, 6; Scaphoides, 2. Cuboide, 1. Metatarsos, 9 (sendo 2 primeiros). 56 fragmentos de ossos longos quebrados intencionalmente, alguns esmagados e estalados longitudinalmente, outros excavados interiormente, alguns roídos, outros com cicatrizes de antigas feridas, e outros com impressão de instrumentos cortantes, machados de silex, e muitos excavados interiormente. 4 Lascas longitudinaes id. (65)

Ethnographia – 2 placas trapezoidaes de ardozia com desenhos em triangulos n'uma das faces, e com orificio de suspensão do lado menor. Uma das placas tem 0,20m de altura e 0,103^mx0,053^m nas bases; e o outro 0,168^m por 0,115^m e 0,065^m.

Faca de silex de bordos cortantes, de 0,118^m de comprimento. Faca de calcedonia cinzento clara, de 0,050^m de comprimento. 2 facas de silex muito fortes com os bordos denteados para servirem como serras, de 0,144^m

⁶⁵ Outra observação que, segundo o autor, corroboraria a violência, a qual estaria patenteada sobretudo nos crânios humanos, como é o caso do presente exemplar. Adiante, refere uma outra calote que apresenta raspagem oblíqua que pode relacionar-se com a limpeza e descarnação dos ossos humanos depositados ulteriormente na gruta, a par das marcas de corte, também observadas anteriormente em alguns ossos longos.

⁶⁶ Observações que se juntam às anteriormente registradas e que, segundo o autor, evidenciavam a violência, recorrentemente referida.

e 0,118^m de comprimento. Fragmento de uma placa tendo primeiro tido os bordos cortantes, e posteriormente tendo um d'elles e a extremidade affeioada uma serra. Ponta de lança de silex de forma pentagonal de 0,072^m de comprimento. Ponta de lança de forma pentagonal com os lados curvilineos, de 0,106^m de comprimento. 5 pequenas pontas de flexas de silex avermelhado e cinzento a branco, com os bordos denteados, duas d'elles incompletas. Taça de louça grosseira negra com pontos brancos de forma irregular, amassada à mão, com 0,130^m de diametro na boca, e a superficie lisa. 5 pequenos fragmentos de louça grosseira negra no interior, e na capa exterior e interior, onde recebeu a acção do calor, vermelha. Fragmento de uma peça de calcareo (insignia = bastão de commando) da forma de um semicone truncado muito alongado cortado longitudinalmente, com um cannelado fino paralelo a base na face convexa. Lasca de um calháu rolado de quartzo cinzento muito claro. Fragmento de um cristal rolado de oligoclase (ou callaite?). Fragmento de craneo humano gasto na superficie, especialmente na face interna. (67)

Restos animais – Osso iliaco e tibia de coelho.
Phalange de pequeno Ruminante, *Ovis*. Femur de carneiro (*Ovis*)
Vertebra de *Canis*.

**Folha 17 (22,5x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”, 4 páginas
Casa da Moura Letra C Profundidade 1,20^m**

Restos humanos – Dente canino e molar verdadeiro, soltos. 44 fragmentos de alveolos craneanos todos muito pequenos. 1 fragmento de maxillar superior. 2 fragmentos de maxillar inferior, diferentes, e 1 maxila quasi completa. Atlas, 2. Axis. Vertebrae cervical, 1; vertebrae dorsales, 15; vertebrae lombares, 6. Sacrum, 1 fragmento. Costellas, 32 fragmentos maiores ou menores. Claviculas, 6 fragmentos. Omoplatas, 6 fragmentos. Humeros, 8 porções inferiores do corpo com parte da extremidade (1 de feto). Cubitos, 9 porções superiores do corpo ou extremidades superiores incompletos. 1 porção inferior. Radios, 4 extremidades superiores; 1 completo; 3 extremidades inferiores; 4 porções do corpo. Metacarpos, 16 sendo 2 primeiros. Phalanges da mão, 3. Osso iliaco, fragmento. Femur, 2 extremidades superiores e 4 cabeças soltas ou epiphyses; extremidade inferior, fragmentos 2; 4 fragmentos do corpo (um com vestigios de uma ferida). Rotulas, 3. Tibias, 3 extremidades superiores; tibia, 1 extremidade inferior; tibias, 2 porções do corpo. Peroneos, 1 extremidade inferior; 15 fragmentos do corpo, pequenos pela maior parte. Calcaneo, 1. Astragálos, 5. Scaphoides, 2. 1.º Cuneiforme, 1. Cubitos, 2. Metatarsos, 14 (primeiros) + 22 = 36. Phalange do pé. 8 fragmentos de ossos indeterminados com fractura intencional, alguns roídos. 49 lascas de osso partidos intencionalmente, e excavados, um fragmento da canna de tibia com tres cavidades circulares ou furos, e outra com uma pequena cavidade ????. (68)

Restos de animais – *Canis* – humero, extremidade superior. Calcaneo.

Capra ou *Ovis* – Ultimo molar da maxilla inferior. Apophyse jugular (da base do craneo) Humero, extremidades superior (com a epiphyse solta). Ultimo molar da maxilla inferior. Astragálo. Vertebra, fragmento. (69)

⁶⁷ Este exemplar não se localizou em 2001/2002 nas colecções do Museu Nacional de Arqueologia, nem nas do Museu Geológico do LNEG. É interessante notar a existência de um pequeno seixo rolado de rocha verde, que corresponde a ocorrência muito rara em contextos neolíticos e e calcolíticos.

⁶⁸ Mais uma alusão a lesões ósseas resultantes de violência, neste caso na diáfise de um fémur.

⁶⁹ Este exemplar, que pela descrição poderia configurar um instrumento musical executado em osso humano, tornando-o exemplar único entre os espólios do território português não foi localizado no estudo dos restos arqueológicos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), provavelmente por ter permanecido misturado com os espólios antropológicos.

Lepus cuniculus – Humero. Femur, 1 completo e 2 faltando-lhe a extremidade superior. Atlas. Ossos iliacos, 3.
Bos ? Vertebra caudal ?
Cervus Osso do carpo.

Felis, grande especie [Pertencente talvez às areias quaternarias ?] Cubito, extremidade superior incompleta. Metatarso. Femur, extremidade superior de individuo de extraordinaria estatura, sem as epiphyses, evidentemente do deposito inferior [quaternario]. (70)

Meles taxus, osso iliaco, fragmento.

Ethnographia – Fragmento de uma placa de schisto com desenho nas duas faces pertencente à peça em forma de baculo ou *pistolet*, cujos fragmentos pela maior parte se obtiveram em $y=0,80^m$, tendo trez furos para suspensão. Peça analoga, e certamente com a mesma significação que a outra semelhante (e única) colligida no dolmen da Estria. Celt da schisto silicioso cinzento-escuro. Valva convexa de *Pecten maximus* ? 7 fragmentos de diversos vasos de louça grosseira negra de superficie lisa. (71)

**Folha 18 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas
Etiqueta nº 23 Letra D Profundidade – 1,30^m**

Restos humanos – Craneo quasi completo, ao qual falta sómente parte do parietal esquerdo, o temporal direito e parte do occipital. Na bossa frontal esquerda tem um orificio e uma fractura resultado de forte pancada que recebeu, e que parece lhe destacou interiormente uma lasca. Duas calotes craneanas, uma comprehendendo os dois ossos parietais e a maior parte do occipital; e a outra o osso frontal quasi completo, e parietal direito, e parte do esquerdo. Outra cabeça representada pelo osso frontal e ossos interiores da face, comprehendendo os 2 maxillares superiores. É notavel nesta peça a grandissima saliencia das bossas nasaes e da arcada supraciliar, que daria um aspecto estúpido ao individuo a quem esta pertenceu. 2 ossos frontaes incompletos. Mais 7 fragmentos de craneo um pouco maiores, e 2 taboleiros cheios de fragmentos pequenos de varios craneos, muitos d’elles posteriormente encrustados pelo tufo calcareo. Maxillares superiores ligados de 3 individuos, e mais 4 maxillares superiores direitos. Maxillares inferiores, 5 mais ou menos incompletos, à excepção de uma à qual falta só o ramo ascendente do lado direito; e mais 6 fragmentos diferentes, em d’ellesde criança com a primeira dentição ainda incompleta. Mais 3 pequenos fragmentos de maxillas inferiores, e 5 de maxillar superior indet. Dentes soltos: incisivos, 35. Caninos, 23. Falsos molares, 20. Verdadeiros molares, 22. Id. Não tendo ainda nascido dos alveolos, 10. NB – Uma das maxillas inferiores era de velho, que perdera todos os dentes, porque tem todos os alveolos fechados. O bordo superior da maxilla está como esmagado, certamente pelo esforço empregado na masticação de substancias duras. Vertebrae – Atlas, 1; Axis, 1; Cervicaes, 1; (72)

⁷⁰ Restos de grande Felídeo, provavelmente lince ibérico. Foram já inventariados e estudados (CARDOSO, 1993), revelando que a gruta, no Plistocénico teria funcionado essencialmente como abrigo de carnívoros, tendo sido identificados 46 exemplares pertencentes à espécie referida.

⁷¹ É interessante sublinhar a designação de báculo para o exemplar ainda hoje conservado (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 58) e cuja terminologia continua a ser a mesma, comparando-o com o único exemplar então conhecido, recolhido na anta da Estria (Sintra) (RIBEIRO, 1880, Est. V, n.º 5; Est. VI, n.º 1). Importante é também a alusão a conchas marinhas, de utilização simbólica no contexto funerário em questão, como é o caso da concha de vieira referida, que se soma ao fragmento de buzina (provavelmente *Triton nodiferus*), acima mencionado.

⁷² A descrição deste crânio, especialmente o facto de exhibir um lascamento na face interna, que não poderia resultar de processo pós-deposicional configuraria mais uma evidência da violência, no caso resultante de impacto, assinalada recorrentemente pelo autor com base nas modificações ósseas por ele observadas.

Dorsaes, 8; Lombares, 6. Sacrum, 7 fragmentos pertencentes a 5 individuos pelo menos. Costellas, 21 fragmentos. Claviculas, 9 todas diferentes mas mais ou menos incompletas. Omoplatas, 5 diferentes e incompletas. Humeros inteiros, 7 (1 de criança, e a 3 faltando-lhe a cabeça). Humeros extremidades superiores com uma porção maiores ou menores do corpo, 3 (faltando-lhes as cabeças). Humeros extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo, 15. Humeros corpo, 7 fragmentos mais ou menos longos. Só 1 mostra a perfuração olecraniana. Cubitos, extremidades superiores, 14, duas d'ellas juntos ao corpo quasi inteiro, e um de criança. Cubito, extremidade inferior, 1. Cubito, corpo, 1 fragmento mostrando ter sido roído. Radio inteiro, 1. Radio extremidade superior, 2; Radio extremidades inferiores, 6; Radio corpo, 5 fragmentos diferentes. Ossos do carpo – Scaphoide, 1; Osso cuneiforme, 1. Metacarpos, 10 (sem do 3 primeiros). Phalanges, 55. Osso iliaco, 15 fragmentos pertencentes a 10 ossos diferentes pelo menos. Femur, extremidades superiores, 5, e mais 2 cabeças e 2 epiphyses soltas da cabeça: ao todo 9. Femur, extremidades inferiores, 14, faltando a uma os condylos, e um femur quasi completo, faltando-lhe sómente a extremidade superior. Femur corpos, 25 mais ou menos longos, dos quais 5 completos e 3 mostrando cicatrizes de antigas feridas, 4 roídos, e muitos excavados interiormente, um d'elles mostrando-se alem disso lascado na superficie. Rotulas, 6. Tibias, quasi completas, às quaes falta só parte de uma das extremidades, 7; Tibias, extremidades superiores, 9 (uma de infante, faltando-lhe a epiphyse; Tibias, extremidades inferiores, 5 (uma de adolescente, faltando-lhe tambem a epiphyse); Tibias, corpo, 23 fragmentos ± longos, 2 d'elles mostrando cicatrizes de antigos ferimentos, e 2 roídos. Peroneos, 3 extremidades superiores; Peroneos, 8 extremidades inferiores, uma d'ellas com o corpo quasi completo e roído; Peroneo, corpo, 2 outros fragmentos, um d'elles roído. Osso do tarso – Calcaneos, 11; Astragálos, 11; Scaphoides, 2. Metatarsos, 17 (sendo 7 primeiros). Phalanges, 30. Ossos longos quebrados intencionalmente, 60 fragmentos, dos quaes 6 mostrando vestigios de cicatrizes de antigas feridas, 6 tendo sido manifestamente roídos, 9 excavados interiormente e muitos outros estalados. Numerosas lascas longitudinais excavadas inteiramente, das quaes conservei umas 20. (73)

Restos d'animaes – Valva de *Tapes decussata*.

Osso maxillar inferior, e metade superior de Femur de Coelho. [Quaternario].

2 dentes caninos e um molar principal de *Canis*. Femur, extremidade superior, de *Canis*. Vertebra cervical de *Canis*.

Astragálo de *Cervus*?. Manubrio, fragmento do occipital junto ao buraco occipital.

Calcaneo de *Capra*. 5 phalanges diferentes (3 provavelmente humanas, de individuo muito novo). Pequeno osso ind. Cubitus de ave, que tambem se encontrou na Furninha (Peniche) [Quaternario]. (74)

Ethnographia – Pequena tygella feita à mão de barro grosseiro negro com grãos de areia e porcellas spathicas, lisa com 0,052^m de diametro no bojo. Fragmento de bordo de um grande vaso de louça grosseira negra com pontos spathicos brancos, amassada à mão e mal cozida, lisa. 29 pequenos fragmentos de louça

⁷³ Observações corroborantes das anteriormente apresentadas a propósito da violência e do canibalismo que a ela se encontraria associado.

⁷⁴ Ver nota anterior. É interessante sublinhar a presença das designadas feridas cicatrizadas, cujas marcas se conservaram nos ossos, denotando não apenas violência, mas também (sobretudo ?) um quotidiano adverso, associado a múltiplas quedas no âmbito das actividades desenvolvidas.

⁷⁵ Os resultados obtidos na gruta da Furninha estavam na altura muito presentes, dado que ambas as escavações decorreram no mesmo período de tempo, embora apenas tenham sido então apresentados os resultados exaustivos obtidos na primeira, em Setembro de 1880, ao Congresso de Lisboa (DELGADO, 1884), antecidos por publicação preliminar em que se apresentaram conjuntamente e de forma resumida as principais conclusões das escavações realizadas nas duas grutas (DELGADO, 1880).

grosseira semelhante, de cor negra e envernizada n'uma ou nas duas faces, outras vezes vermelha em toda a espessura, ou só na parte externa, pela maior parte com a superfície lisa, sómente 5 tendo uma ornamentação feita a traço. Bellissima ponta de lança triangular de silex com 0,097^m de base e 0,120^m de altura (supondo-a completa na ponta, à qual falta pouco \pm 0,01^m) polida nas duas faces, com uns 0,005^m de espessura, e finalmente denteada em todo o perimetro por effeito de golpes applicados nas duas faces para dentear pequenas lascas. 4 facas de silex, todas quebradas na ponta, mas tambem quasi completas, medindo 0,120^m; 0,085^m; 0,065^m; 0,050^m de comprimento (branco; cinzento e 2 acastanhadas). Raspador de silex branco terminando em ponta aguda. Raspador mais forte de silex vermelho-acastanhado, de forma rectangular. Placa subtrapezoidal de ardozia com desenhos a traço fino irregular enchendo alternadamente espaços triangulares, n'uma das faces, com furo de suspensão com 0,140^m de altura e 0,086^m de largura na base. Fragmento pequeno de outra placa de ardozia com desenhos nas duas faces, já muito apagados. Pequeno dente (canino de carnivoro ?) com a superfície muito gasta e com orificio de suspensão. 5 celts de diorite. 2 destes de schisto amphibolico. Celt de schisto silicioso e fragmento de outro. Dois pequenos fragmentos de stalactites.

Folha 19 (21,7x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Etiqueta n° 37 Casa da Moura Letra D Profundidade – 1,40^m

Restos humanos – Grande calote craniana comprehendendo o frontal e os dois parietais sendo o esquerdo quasi completo. Sobre este e na parte anterior proxima da rotura fronto parietal há um corte profundo, ou sulco de forma oval, apresentando talvez o começo de uma operação cirurgica analoga à trepanação. Este craneo parecia bem conformado, mui regularmente abobadado, com a arcada supraciliar e bolsas nasaes, e bem assim as bossas frontaes proeminentes. Outra calote do mesmo typo com o frontal incompleto e mostrando uns pequenos ossos wormios no ramo direito da sutura lambdoide. 7 fragmentos de craneo revelando a existencia de mais outro individuo. Maxillares superiores reunidos de individuo adulto com a dentição completa e a corôa dos dentes muito gasta. ! Maxillares superiores incompletos de outro individuo com os dentes incisivos gastos do lado interior até à raiz. Maxillar superior direito e osso malar correspondente, ao qual estava já ??? o 5.º molar. Maxillar superior esquerdo de outro individuo com evidentes signaes de prognathismo, isto é, com os dentes anteriores fortemente inclinados; 2 pequenos fragmentos de maxillares superiores. Dentes soltos: 1 incisivo, e 2 verdadeiros molares. ! Maxilla inferior quasi completa de individuo ainda novo, pois que o 5.º molar ainda se conserva no alveolo, que casulamente se partio ao meio, mostrando que um novo e forte dente canino ia romper obliquamente à maxilla por detraz dos dois premolares do ramo direito; ! Maxilla inferior à qual só falta parte dos ramos ascendentes, de individuo adulto, que perdera o dente principal direito e do esquerdo só resta uma parte, mas não sendo bem claro os vestigios da corôa. O primeiro verdadeiro molar direito que resta, está gasto na corôa e anteriormente, isto é, do lado do dente que falta. Os dentes incisivos estão tambem gastos na corôa e anteriormente; Maxilla inferior incompleta de individuo velho com os alveolos dos molares quasi todos tapados e os ramos da maxilla gastos (pelo trabalho de masticação ?) nesta parte. 10 fragmentos maiores ou menores de maxillas pertencentes a 8 ou talvez 9 individuos diferentes. Atlas, 1; Vertebrae cervicaes, 2; Dorsaes, 5; Lombares, 4. Costellas, 11 incompletas. Claviculas, 1 muito notavel e 3 fragmentos. Omoplatas, 3 incompletas. Humeros, 5 quasi completos faltando a 4 só as cabeças e ao outro a extre-

(76)

⁷⁶ Trata-se de exemplar ainda conservado, correspondendo a um início de trepanação, feita com instrumento cortante, a partir de dois sulcos arqueados e simétricos, que não chegaram a atravessar o osso craniano (Fig. 23).

midade inferior; 3 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo. 3 porções inferiores do corpo, e 2 porções medias id. Cubitos, 1 completo; 6 extremidades superiores, tendo 3 o corpo quasi completo, e sendo uma de criança muito nova; 4 porções diferentes do corpo, uma d'ellas de forma excavada singularissima (!!). 3 radios, 2 completos e 1 ao qual só falta a extremidade superior; 2 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo; 1 corpo quasi completo, e 1 fragmento de outro. Carpo – Pyramidal da mão direita. Trapezoides da mão esquerda. Metacarpo, 10 (sendo 1 primeiro). Phalange da mão, 12. Ossos iliacos, 3, um d'elles tendo adherentes 1 metacarpo, 2 phalanges da mão, e 1 primeiro do pé. Femur, 1 completo ao qual só falta a cabeça que se partiu no acto da extracção; 2 corpos completos sem as extremidades, de infantes; 3 extremidades superiores; 2 extremidades inferiores; 3 porções do corpo. Rotulas, 3. Tibias, 2 completas, aos quaes só falta a extremidade superior; 2 corpos completos e 6 porções grandes do corpo, uma d'estas com vestigios de muitas feridas (?), e outro mostrando uma forte callosidade de fractura (?) produzida durante a vida e tendo sido roida. Muitos d'estes ossos tem a forma muito achatada, podendo a secção triangular, e portanto pertencendo muito provavelmente ao typo em forma de folha de sabre. Peroneo, 1 extremidade superior; 2 extremidades inferiores; 3 pequenas porções do corpo. Tarso – Calcaneo, 1; Astragálo, 2; Scaphoide, 1; 1.º cuneiforme, 3; Cuboide, 1. Metatarsos, 15 sendo 3 primeiros. Phalanges do pé, 3.



Fig. 23 – Gruta da Casa da Moura. Pormenor da clote craniana exibindo início de trepanação, por incisão e raspagem. Museu Geológico do LNEG. Foto arquivo O. da Veiga Ferreira/João Luís Cardoso.

Restos de animais – Maxillar inferior direito, incompleto, de *Canis* provavelmente lobo (*Canis lupus*).

Maxillar inferior esquerdo de *Lepus* (coelho branco comum), Vertebra id., Osso ilíaco id., Femur, 2 diferentes id.; Tibias, 2.

Omoplata de carneiro?, *Ovis*? [Pertencerá ao depósito inferior, quaternário?]; Costellas, 2 fragmentos id. Fémur de Insectívoro indeterminado; Tibia, da mesma espécie id.

Ethnographia – Ponta de lança de sílex cinzento-claro, denteada nos bordos proporcionalmente muito longa com um ângulo na base, medindo 0,068^m de altura e 0,061^m de largura entre os dois ângulos opostos da base. 6 peças de sílex, todas excepto uma de secção trapezoidal, três d'ellas as mais fortes, com os bordos denteados para servirem como serras. A maior e muito perfeita tem 0,138^m de comprimento e 0,022^m de largura. A menor, que esta quebrada na ponta, mede 0,075^m de comprimento e 0,013^m de largura. As que estão afiadas para servir como serra, parecem que o foram depois de terem tido um gume cortante, que o uso foi sucessivamente obliterando terminando por serem impróprias para o objecto, e isso levando a adopção do 2.º destino. 10 machados de diversas formas e grandezas, todas de gume cortante, quasi todos muito perfeitos, sendo 8 de schisto anfíbolico, e 2 de schisto silicioso. Um destes últimos (que são, como de ordinário, menos espessos que os outros) tem 0,147^m de comprimento,⁷⁸ 0,048^m de maior largura e 0,019^m de grossura. Placa de grés fino micáceo de cor averdoengada de forma subrectangular, tendo servido talvez como pedra de amolar, mas podendo também ter outra significação. Excepto n'uma extremidade, onde está quebrada, foi gasta em toda a superfície, tanto nas suas duas faces maiores, planas, como na face menor continua, que lhe forma o contorno. Mede 0,146^m de comprimento, 0,063^m de largura, e 0,024^m na sua maior grossura ao meio. Placa trapezoidal de schisto ardoso com 3 orifícios de suspensão, com desenhos simples a traço, formando series de triângulos horizontalmente n'uma das faces, e lisa na outra face. Tem 0,130^m de altura, e 0,074^m e 0,050^m nas duas bases. Decerto era um amuleto, ou insígnia. Massa subcylíndrica de calcário granular fino (marmore) branco, com 0,140^m de altura e proximoamente 0,052^m de diametro. (77)

Furador d'osso formado de uma tibia de Ruminante, carneiro ou cabra. (78)

Fragmento de um vaso de louça negra muito elegante de paredes delgadas, de superfície lisa, com o fundo abaulado e com uma velatura vermelha na superfície. Fragmentos da borda de 2 outros vasos, um liso, outro com desenhos ou traço e pontos impressos. 2 Fragmentos de 2 outros vasos, um liso, outro com traços raros. (79)

⁷⁷ Não se compreende como se considerou esta peça proporcionalmente muito longa, quando as dimensões apresentadas pelo autor apontam o contrário. De qualquer modo, não se trata de uma ponta de lança, como foi classificado pelo autor, com base em critérios pessoais, mas sim de um punhal ou alabarda.

⁷⁸ Nery Delgado assinalou correctamente as diferenças morfológicas existentes entre os artefactos de pedra polida de anfíbolito e os de rochas afaníticas de coloração negra, de origem sedimentar ou metassedimentar, incluindo vulcanitos e metavulcanitos paleozóicos, que ele designa, e bem, por “schistos siliciosos”. Com efeito, enquanto que as peças de anfíbolito correspondem essencialmente a machados, as de rochas afaníticas, de natureza predominantemente sedimentar ou metassedimentar (vulcano-sedimentar), de menor dureza, correspondem a enxós, por possuírem os gumes assimétricos, em bisel. O facto de ocorrerem tanto em povoados como em necrópoles fosta a hipótese de corresponderem a artefactos de cunho simbólico, não funcionais. Sobre a natureza petrográfica e origem destas rochas ver, por todos, os estudos relativos aos exemplares do Algar do Bom Santo, Alenquer (CARDOSO, 2014) e da gruta do Lugar do Canto (CARDOSO & CARVALHO, 2008), ambas situadas na mesma região da gruta da Casa da Moura.

⁷⁹ Trata-se de exemplar não publicado na monografia de 2001/2002, mas fotografado para este trabalho, possuindo a etiqueta D=1,40 m (Fig. 6, n.º 12), coincidente com a indicação contida neste inventário quanto ao seu local de recolha.

**Folha 20 (21,6x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas
Casa da Moura Letra E – Profundidade 0,90^m**

Restos humanos – Calote craneana compreendendo a maior parte do occipital e dos dois parietais, bastante espessa, e em que a protuberancia occipital externa é indistincta, mas as linhas curvas superior e inferior são mui salientes; fragmentos reunidos dos dois parietaes; 10 pequenos fragmentos, alguns envolvidos pelo tufo calcareo. Axis. Sacrum, incompleto. ! Costellas, 4 (uma d’ellas enorme com 0,025^m de largura). Claviculas, 3 incompletas. Omoplata, 1 fragmento. Humeros, 2 faltando-lhes parte da extremidade inferior, e 1 d’elles com a perfuração olecraniana; 2 extremidades inferiores, uma com o corpo quasi completo; 4 porções do corpo (uma inferior). Cubitos, 3 extremidades superiores; Radios, 4 extremidades superiores, 4 (um d’elles deformado, tendo soffrido fractura durante a vida); 1 talvez completo (faltando-lhe a extremidade inferior, que se partiu na extracção); 2 porções do corpo. Carpo – Scaphoide, 1. Metacarpos, 7 sendo 2 primeiros. Phalange da mão, 1. Osso iliaco, 1 fragmento. Femur, 1 extremidade inferior; 4 fragmentos do corpo. Tibia, 2 corpos completos com as extremidades; 2 porções superiores com parte da extremidade; 2 porções inferiores sem as epiphises (uma de infante); 3 porções do corpo. Peroneo, 1 fragmento do corpo. Tarso – Calcaneo, 1; Scaphoide, 1. Metatarsos, 3.

Restos d’animaes – *Lepus cuniculus* [quaternario] – Maxillares superiores reunidos, e ossos intermaxillares; 2 maxillares inferiores direitos; Humeros, 9; Cubitos e radios, do mesmo membro; Osso iliaco; Femur, 6 incompletos em fragmentos; Tibias, 9 só uma completa; Metatarso, 1.

Ruminante, pequena especie e individuo novo, porventura *Capra*. Humerus; Omoplata; Vertebrae, 6; Femur.

Cervus (Cfr. *C. Capreolus* – Giebol, Pl. 28, fig. 4) – Pequeno fragmento de maxillar inferior.

Bos ? Humerus, extremidade inferior e parte da cabeça.

Carneiro ind. Fragmento de maxillar inferior sem os dentes.

Ethnographia – 2 machados de schisto silicioso cinzento, estalados pelo uso, ambos com gume cortante curvilineo com 0,136^m e 0,086^m de comprimento. Fragmento (mais de metade) de uma taça hemispherica de louça grosseira negra modelada à mão, de superficie lisa com 0,085^m de diametro na boca. 3 pequenos fragmentos de outros vasos. Lasca de uma grosso calhão rolado de quartzite. Lasca de calcareo coberta pelo tufo, provavelmente sem nenhuma significação ethnographica.

**Folha 21 (21,7x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
1 página manuscrita**

Etiqueta n° 41 Letra E Profundidade – 1,0^m

Restos humanos – Ossos da face e parte do frontal de uma cabeça muito notavel em que os ossos do nariz e a fronte não tem a menor saliencia, de modo que o perfil é dado por uma linha recta !!!!

**Folha 22 (21,6x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas**

Etiqueta n° 41 Casa da Moura Letra E – Profundidade 1,0^m

Restos humanos – Fragmentos de abobada craneana maiores ou menores, 23, alguns mostrando a fractura intencional. Maxillar superior esquerdo, incompleto. ! Maxilla inferior incompleta, de individuo adulto, muito espessa. Maxilla inferior incompleta, à qual faltam os ramos ascendentes. 2 outros fragmentos diffe-

rentes. Axis, 2 fragmentos diferentes. Vertebra cervical, 1. Vertebrae lombares, 3. Sacrum, 1 peça. Sternum, 1 peça. Costellas, 4. Claviculas, 3. Omoplatas, 5 fragmentos. Humeros, 1 completo; 1 extremidade superior; 4 extremidades inferiores, duas d'ellas com o corpo completo, nenhuma com perfuração olecraneana; 2 fragmentos do corpo. Cubitos, 4 extremidades superiores, uma com o corpo completo; 1 extremidade inferior, muito forte. Radio, extremidade inferior; 2 porções do corpo; Metatarsos, 5 (um primeiro); Phalanges da mão, 3; Osso iliaco, 5 fragmentos diferentes; Femur, 1 completo ao qual só falta parte da extremidade superior; 7 extremidades superiores ± completas com uma porção maior ou menor do corpo; 2 extremidades inferiores, sendo uma epiphyse solta; 3 corpos completos, e porção superior de 3 outros; Rotula; Tibia, completa da forma dita *en lâme de sabre*; 4 extremidades inferiores, uma com o corpo completo e tambem d'aquella forma, bem como outras; 5 corpos completos ou quasi completos e 4 fragmentos menores; Peroneo, 2 extremidades inferiores; 1 corpo completo e 3 pequenos fragmentos. Tarso – Calcaneos, 3. Astragalos, 5. Cuboide, 1. Metatarsos, 2.

Ethnographia – Caco de louça grosseira negra pintada de vermelho, do fundo de um vaso com aza.

Restos animais – Valva de *Mytilus edulis*.

Ruminante, pequena especie e individuo muito novo, provavelmente *Capra*. 2 vertebrae; Tibia, epiphyse solta da extremidade superior; Femur, faltando-lhe a extremidade superior (cabeça); Humerus; Radio, extremidade superior; Metacarpo, extremidade superior.

Lepus timidus – Humerus, metade inferior; Femur, sem a extremidade superior; Tibia completa.

Lepus cuniculus – Femur, partido na extremidade inferior.

(80)

**Folha 23 (21,5x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”, 4 páginas
Casa da Moura Letra C – Profundidade 1,40^m**

Areia quaternarias, logo por cima do manto stalagmitico.

Lepus, 2 ou 3 ? especies, compreendendo a lebre (*Lepus timidus*) que é representada só por um humero, que infelizmente se partio no acto de extracção do jazigo. Fragmentos do craneo, 6. Maxillares superiores, 7. Maxillares inferiores, 42. Omoplatas, 5. Costella, 1. Humeros, 28 completos, alguns muito pequenos. 3 extremidades superiores (uma da *Lepus timidus*). 11 extremidades inferiores. Cubitos, 10 completos ou extremidades superiores. Radios, 2 completas e 7 fragmentos. Vertebrae, 33. Ossos iliacos, 38. Femures, inteiros, 24. Extremidades superiores, 27. Extremidades inferiores, 12. Tibias inteiras, 14. Extremidades superiores, 31. Extremidades inferiores, 19. Calcaneo, 1. Metatarsos, 14.

Canis lupus spelaeus – Dente canino da maxilla superior, esquerdo; 2 fragmentos dos maxillares superiores do mesmo individuo.

Felis – Osso iliaco, fragmento. *Felis* – Astragalo.

Canis – Phalange

Ruminante ? – Femur, extremidade superior e extremidade inferior, sem as epiphyses, do mesmo exemplar.

(81)

⁸⁰ É problemática a diferenciação entre a Lebre e o Coelho, pelo que o critério que o autor terá utilizado, dada a falta de meios de diagnóstico necessariamente especializados e a que não tinha acesso, foi certamente o tamanho dos ossos, o qual não constitui elemento decisivo de diferenciação.

⁸¹ A designação de *Canis lupus spelaeus* foi utilizada nesta passagem do manuscrito (não noutras), por certo para designar o tamanho e robustez destes exemplares. O lobo é, com efeito, a espécie mais abundante de todas as reconhecidas na gruta, com 59 exemplares recuperadas nas escavações de 1879/1880 (CARDOSO, 1993).

Aves (3 especies pelo menos) – Omoplatas, 2 sendo uma de ave de grande estatura. Humeros, 10; Cubitos, 11; Radio; Metacarpo; Pelvis, 3 fragmentos; Femures, 4. Tibias, 5 e metade superior de outra diferente. Tarsometatarsos, 7 de duas especies diferentes.

Ethnographia – Pequena faca de silex ponteaguda com 0,041m de comprimento e 0,011m de largura. Calháo ellipsoidal de quartzite fendido longitudinalmente pelo fogo ou pancada ? Calháo muito rolado achatado de quartzite, com duas cavidades ou depressões nas duas faces maiores oppostas, tendo talvez servido para sobre ella triturarem sementes ou quaisquer corpos duros.

**Folha 24 (21,5x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”, 2 páginas
Casa da Moura Letra C – Profundidade 1,50^m**

Das areias quaternarias nas anfractuosidades do calcareo jurassico. Falta o manto stalagmitico nesta parte. [A etiqueta indicava 0,50^m, por erro provavelmente]

(82)

Felis, grande especie, muito provavelmente *F. lynx*.

(?) Radio (de carnívoro, mas certamente de outro genero, muito provavelmente *Canis*). Vertebrae, 10. Sacrum. Osso iliaco. Femur, os dois do mesmo individuo, completos. Metacarpos, 2. Astragálo.

Felis sp. – Maxillar inferior direito. Omoplatas, 2 provavelmente do mesmo individuo. Radio, metade inferior. Metacarpo.

Felis, pequena especie, menor mas mais forte que o gato domestico. Humero, de individuo novo, sem as epiphyses.

Cervus ? Phalange, semelhante às do carneiro, mas maior. Osso do carpo ?

Lepus, apenas uma extremidade inferior do humero que possa referir-se à lebre. Maxillares superiores, 59 n'alguns reunidos os dois ossos. Maxillares inferiores soltos, 158. Vertebrae, 93. Sacrum, 20. Omoplatas, 21. Radios, 9. Humeros, 59 inteiros; extremidades inferiores, 63 (mais uma extremidade inferior de *Lepus timidus*); extremidades superiores, 3. Cubitus, 40 (extremidades superiores). Ossos iliacos, 90. Femures, 65 + 56 = 121 inteiros. Extremidades superiores, 64. Extremidades inferiores, 22. Tibias, inteiras, 41. Extremidades superiores, 36. Extremidades inferiores, 43. Calcaneos, 6. Astragalos, 2. Osso do tarso, 1. Metacarpos, 2. Metatarsos, 11. Phalange unguinal da mão, 1.

Vespertilio Insectívoro ? ind. Cubito (Será do deposito superior ?); Humeros, 2; Radio; Omoplata, 2.

Aves 1 só especie, pequena Omoplata; Vertebra; Humerus, 22; Cubitus, 11. Metacarpos, 2. Pelvis (ossos da bacia), 2. Femures, 7. Tibias, 2. Tarso–metatarsos, 4.

**Folha 25 (21,7x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
1 página manuscrita**

Letra F Profundidade – 0,40^m

Restos humanos – Maxillares inferiores, 2 fragmentos diferentes. Costellas, 7 fragmentos. Humeros, 3 fragmentos do corpo. Radio, 3 fragmentos do corpo. Cubito, extremidade superior. Extremidade inferior.

⁸² A observação quanto à indicação da profundidade da colheita indicada na etiqueta estar errada comprova a informação, contida nas cartas de Miguel Pedroso, de que os espólios eram remetidos para Lisboa acondicionados em caixotes etiquetados, e que era na Secção Geológica que a inventariação dos mesmos se efectuava, a cargo de Nery Delgado, autor do referido comentário. Com efeito, provindo o conjunto das areias quaternárias, a sua profundidade de colheita seria por certo superior aos 0,50 m referenciados na etiqueta.

2 fragmentos de corpo. Clavicula, 3 fragmentos. Omoplata, pequeno fragmento. Phalange da mão, 1. Tibia, 2 fragmentos. Metacarpos, 6. Calcaneo, 1. Metatarsos, 5 (sendo 1 primeiro). Fragmentos de ossos longos ind., 4. Lascas de ossos longos ind., 13.

Ethnographia – Faca de sílex avermelhado de secção triangular, e bordos denteados – 0,085^mx0,020^m. 3 cacos de louça grosseira lisa, e 1 com desenhos.

Restos animais – *Cerithium*. Femur de carnívoro, metade superior (*Canis*) (das areias quaternárias); Metatarso de Ruminante (*Capra ou Ovis*); 3 femurs e 1 tibia de coelho; Metatarso de *Canis*; Metatarso ?; Humeros de Ave; Lasca de grande osso longo (das areias inferiores provavelmente).

**Folha 26 (21,6x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
1 página manuscrita**

Casa da Moura Letra f – Profundidade 1,40^m

Areias vermelhas logo por baixo do manto stalagmítico, com uma cor intensa, tingidos os ossos de vermelho. Ossos inteiros quase todos.

Lepus Maxillares inferiores, 10. Humerus, 10. Cubitus, 2. Radius, 5. Omoplatas, 3. Costellas, 3. Femures, 10. Tibias, 9. Ossos iliacos, 5. Vertebras, 6.

Felis Carnívoro de pequena estatura como um gato, muito provavelmente deste grupo Cubitus, faltando-lhe a extremidade inferior.

Aves Fragmentos da mandíbula, 4. Sternum, 2 fragmentos. Forquilha, 1. Humerus, 4. Cubitus, 4. Radius, 4. Tibias, 2. Femures, 2. Pelvis, 1. Metacarpos, 3. Tarso – metatarsos, 2.

Letra f – Profundidade 1,0^m Immediatamente por cima do manto stalagmítico

Ave Tibia, faltando-lhe a extremidade superior de uma ave diferente e um pouco maior do que a galinha e o pato.

**Folha 27 (21,5x32,2 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas**

Casa da Moura [Quaternário] Letra f Profundidade 1,60^m (logo associado ao/ por cima do manto stalagmítico)

Lepus cuniculus, e *Lepus* sp. Maxillares superiores, 16 em muitos os dois ossos reunidos. Maxillares inferiores soltos, 54. Costella, 1. Vertebras, 33. Sacrum, 2. Omoplatas, 7. Cubitus, 3 + 6 incompletos, de duas espécies diferentes. Radios, 10 sendo dois incompletos. Humeros, 29 completos. 3 extremidades superiores todos diferentes. 15 extremidades inferiores. Ossos iliacos, 36. Femures completos, 64. Extremidades superiores, 30. Extremidades inferiores, 12. Tibias, 46 completas. Extremidades superiores, 18. Extremidades inferiores, 21. Porções do corpo, 15. Metatarsos, 10. *Canis*, Dente canino e último molar verdadeiro de *C. familiaris* ? Osso temporal esquerdo com a apophyse zygomatica. Peça de sternum. Tibia, extremidade inferior. Vertebra. Astrágalo. Costella. Humeros, fragmento do corpo. Metatarsos, fragmento. Phalange.

Felis Radio, extremidade superior.

Aves Cabeça de uma espécie do tamanho da galinha talvez. Radio. Humerus, 15. Cubitus, 24. Metacarpo. Pelvis, 3. Femures, 6. Tibias, 13 de três espécies diferentes pelo menos. Tarso-metatarsos, 5.

**Folha 28 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
1 página manuscrita**

Casa da Moura Letra h – Profundidade 0,50^m [Quaternario] (encontrado no roço)

Felis ou *F. lynx* Femur completo; *Lepus cuniculus* Maxillares inferiores soltos, 3; Omoplata; Humeros, 3. Cubitus, 1. Ossos iliacos, 3. Femures, 4, um só inteiro. Tibias, 6 representados por fragmentos. Metatarso. Osso do tarso.

Amostra das areias vermelhas posteriormente cimentadas pelo calcareo sem ossos de coelho.

**Folha 29 (21,5x32,2 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas**

Casa da Moura Letra h – Profundidade 1,20^m (logo por cima do manto stalagmitico) [Quaternario]

Lepus [Apenas um humero de lebre, que pertencerá acaso ao terreno superior]. Uma cabeça incompleta de grande coelho, com os dois maxillares superiores. Maxillares superiores, 8 (4 reunidos os dois maxillares). Maxillares inferiores soltos, 39. Vertebrae, 17 (sendo 2 atlas). Sacrum, 5. Costellas, 2. Clavicula, 1. Omoplatas, 3. Humeros, 43 completos. Humerus, extremidade superior, 1. Humeros, extremidades inferiores, 10 (com o corpo quasi completo). Radios, 7 completos + 6 grandes fragmentos diferentes. Cubitos, 5 de duas especies diferentes. Ossos iliacos, 28 + 13 fragmentos todos provavelmente diferentes. Femures completos, 46 + 21 = 67. (1 de lebre?) Femures, extremidades superiores, 46 – com o corpo quasi completo, pela maior parte. Femures, extremidades inferiores, 16 – com o corpo quasi completo, pela maior parte. Tibias completas, 49. Tibias, extremidades superiores, 13. Tibias, extremidades inferiores, 27. Tibias, porções do corpo, 12. Metatarsos, 3.

Felis, sp. de grande estatura, muito provavelmente *F. lynx*; Os 4 metatarsos de um pé ainda soldados pelo tufo.

Felis, sp. de pequena estatura – Humero de individuo novo; Femur de individuo novo (porventura de outro genero). (83)

Canis lupus, muito provavelmente – Osso intermaxillar superior esquerdo com os 3 incisivos. 2 metatarsos, e fragmentos de 2 outros. 2 phalanges, uma de primeira e outra de 2.^a serie. 2 vertebrae incompletas. Scaphoide ?

Aves Omoplata. Sternum. Humeros, 20. Radio, 1. Cubitos, 19. Metacarpos, 5. Ossos da bacia, 4. Femures, 3. Tibias, 18. Tarso–metatarsos, 7.

Helix, pequena especie involvida nas areias mais ou menos fortemente cimentados e às vezes muito rijamente, pelo calcareo stalagmitico com o oxydo de ferro e de manganez que os cercava anteriormente.

**Folha 30 (21,5x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas**

Casa da Moura Letra k – Profundidade 1,50^m Areias quaternarias, logo por cima do manto stalagmitico.

[NB – Na relação das etiquetas diz que a maxilla de lobo foi encontrada à profundidade de 1,40^m] (84)

⁸³ A presença de dois felídeos de tamanhos diferentes presentes na gruta, descontando a ocorrência raríssima de restos de Leopardo (*Panthera pardus* L.), do qual apenas se registaram dois restos, corresponde ao Lince ibérico (*Linx pardina spelaea* L.), que o autor reporta a “*Felis* de grande tamanho” e a Gato-bravo (*Felis sylvestris* L.), designado por “*Felis* de pequena estatura”.

⁸⁴ Novo comentário relativamente à discrepância (no caso pequena diferença na indicação da profundidade de recolha de uma hemimandíbula de lobo) existente entre a etiqueta associada à peça e a etiqueta relativa ao estante conjunto, que bem comprova o extremo

Canis lupus spelaeus – Maxillar inferior esquerdo quasi completo. (individuo de grande estatura); Dente incisivo da maxilla superior. Vertebra lombar. Vertebra caudal. Costella. Cubito, faltando-lhe a extremidade inferior. Radio, completo. Osso iliaco, incompleto. Femurs, os 2 um partido intencionalmente faltando-lhe a extremidade inferior. 1 extremidade inferior de outro femur maior. Tibias, as 2 faltando-lhes as extremidades inferiores, partidas intencionalmente. 1 extremidade inferior. Peroneo, metade superior. Calcaneos, 2 opostos talvez do mesmo individuo. Astragalo. Metacarpos ou metatarsos, 5 e mais 3 fragmentos. Phalange. (85)

Lepus, restos de 2 especies diferentes, uma maior que o coelho branco comum, e outra muito menor, mas não de lebre. Craneo, 2 fragmentos (1 cabeça quasi completa). (86)

Maxillares superiores, 3. Maxillares inferiores, 11. Vertebrae, 12. Sacrum, 1. Humeros, 10 + 1 = 11. Radio, fragmento. Cubitus, 2 de especies diferentes. Omoplatas, 2 incompletas. Femurs, 26 + 3 = 29, quasi todas completas de 2 especies diferentes pelo menos. Tibias, 19 + 5 = 24, quasi todas completas de 2 especies diferentes pelo menos. Ossos iliacos, 12 raramente completos. Metatarso.

Aves, restos de 3 ou 4 especies. Cabeça incompleta de uma pequena especie do tamanho de uma perdiz. Omoplata. Humeros, 4 (de 2 especies diferentes). Cubitus. Metacarpos, 2. Femur. Tibias, 4 talvez todas diferentes, um fragmento de especie de grande estatura. Tarso-metatarso.

Casa da Moura Letra k – Profundidade 1,40^m

Areias quaternarias, com parte coradas de roxo (manganez) logo por cima do manto stalagmitico, cimentadas pelo calcareo com os oxydos de ferro e manganez. (87)

Felis Humerus de uma pequena especie, porção inferior do corpo.

Hyæna crocuta juv. Fragmento de maxillar superior direito com os dois ultimos molares, unicos que possuía, seguindo-se imediatamente ao dente principal o alveolo do canino. Era portanto de um individuo muito novo. (88)

Lepus, 2 sp. Fragmentos de craneo, 8 [Nenhum resto de lebre !]. Maxillares superiores (muitos d'elles reunidos ambos os ossos), 40. Maxillares inferiores soltos, 78. Costellas, 4. Omoplatas, 9. Clavicula. Vertebrae, 53, sendo 2 atlas. Sacrum, 7. Humerus, 54 quasi todos completos, raros existindo já partidos no deposito. Radios, 7. Cubitus, 9. Ossos iliacos, 50 um d'elles offerecendo um caso pathologico. Femurs, 99, bastantos representados só por fragmentos e alguns já fracturados no deposito. Tibias, 84 representadas, por extremidades superiores, extremidades inferiores, e inteiras quasi em igual numero. Metatarso, 1. Ossos roidos (tibias), 6.

Roedor ? Radius ind., 2.

rigor de Nery Delgado e o facto de não ter sido ele o autor da etiquetagem das peças no decurso da escavação ou o seu acondicionamento para Lisboa.

⁸⁵ Ver nota 81.

⁸⁶ Ver nota 80. Desconhece-se a que espécie poderia corresponder estes restos que, segundo Nery Delgado, não seriam nem de Coelho, nem de Lebre.

⁸⁷ As sucessivas indicações apresentadas sobre a posição das areias quaternárias é clara quanto à posição que ocupavam, assentando invariavelmente no manto estalagmítico.

⁸⁸ Não se identificaram restos desta espécie na revisão efectuada das faunas pliocénicas recuperadas nas escavações de 1879/1880 na Casa da Moura (CARDOSO, 1993).

Amostra da brecha ossea formada de ossos de coelho e de aves aglutinados pelas areias fracamente cimentadas pelo tufo e pelos oxydos de ferro e de manganez. (89)

Aves – Omoplata. Clavicula. Sternum. Vertebra. Humeros, 3. Cubitus, 11 (de duas especies, pelo menos). Metacarpos, 2. Osso da bacia. Femurs, 6 pertencendo a 2 ou 3 especies. Tibias, 8 pertencendo a 2 ou 3 especies. Tarso-metatarso, 4.

Folha 31 (21,6x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

1 página manuscrita

Etiqueta nº 2 Letra l Profundidade – 0,40^m

Por cima do banco stalagmitico. Nenhum osso longo inteiro!

Restos humanos – 4 pequenos fragmentos de craneo. Maxillar superior esquerdo incompleto. Maxillas inferiores, 6 fragmentos pertencentes a 4 individuos diferentes pelo menos. Um dos fragmentos é notavel pela grande apophyse ????, que apresenta. Vertebrae: cervical, 1; dorsal, 7; lombar, 3. Sacrum, 1 fragmento. Sternum, 1 corpo. Costellas, 11 fragmentos. Claviculas, 7 incompletas ou grandes fragmentos. Humerus, 13 porções inferiores do corpo com parte da extremidade (1 com o corpo inteiro, e 2 mostrando vestigios da perfuração olecraneana). 5 porções superiores do corpo sem vestigio da extremidade (cabeça do humero). Cubito, 9 extremidades superiores ± completas com uma porção maior ou menor do corpo. 3 porções do corpo. Radio, extremidade superior com a tuberosidade bicipital mui saliente. Extremidade inferior. Porção media do corpo. Femur, 2 extremidades superiores (sendo 1 de femur de criança quasi completo). 8 porções do corpo, geralmente pequenos. Rotulas, 2. Tibia, epiphyse solta da extremidade superior. 7 fragmentos do corpo (até 0,05^m de comprimento!) dos dois typos ordinario e achatadas. Peroneo, 7 fragmentos pequenos. 10 Fragmentos de ossos longos ind., esmagados, polidos, ??, 10. 47 Lascas id. ????, algumas muito boas, 47.

Ethnographia – Fragmento de um celt de schisto silicioso cinzento-anegrado. Pequeno fragmento de louça negra com desenhos. Id. de um vaso de louça negra mui rija com juntos pontos brancos, com velatura vermelha nas superficies interior e externa, provavelmente dada n’um banho pouco demorado. 3 cacos de louça grosseira negra, lisa.

Restos de animaes – Tibia de lebre, metade superior. Costella, fragmento ind.

Folha 32 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

2 páginas manuscritas

Casa da Moura Crivo – Letras p – t [Quaternario]

(90)

Felis – Calote craneana. Maxillar superior direito, fragmento, com o canino e os dois molares maiores. Humerus, extremidade inferior com a maior parte do corpo, e extremidade superior talvez pertencente ao mesmo exemplar, mas não ajustando com aquella. Humerus fragmento de extremidade inferior da mesma especie, e talvez do mesmo individuo. Vertebra lombar.

⁸⁹ Como geólogo, Nery Delgado conferiu a devida importância à recolha de amostras dos depósitos fossilíferos, como agora se comprova.

⁹⁰ É interessante verificar que, mesmo as peças recolhidas no crivo foram referenciadas pelo local da sua proveniência no interior da gruta, o que revela um trabalho muito bem organizado e metódico, dirigido por Miguel Pedroso. A própria utilização do crivo comprova a qualidade e o rigor com que os trabalhos de campo se realizaram.

Canis – Calote craneana. Fragmento de maxillar superior direito com os 4 ultimos molares. Intermaxillar inferior esquerdo com o 2.º incisivo, o canino e o 1.º premolar. Intermaxillar (fragmento) superior esquerdo com o 3.º incisivo. 2 fragmentos de maxillar inferior. 3 dentes molares soltos, 2 incisivos e 1 canino. Radio, 3 extremidades superiores, e 2 inferiores (diferentes). Omoplata, fragmento. Vertebrae lombares, 2. Atlas, fragmento. Osso iliaco, 2 fragmentos. Femur, 2 extremidades superiores e 1 inferior. Tibias, 2 extremidades superiores, 1 inferior e 1 porção do corpo. Ossos do tarso?, 3. Phalanges, 3 (sendo uma unguial). Calcaneo, 1.

Lepus cuniculus – Numerosos ossos empastados pelo tufo com as areias, das quais afastei: Maxillares inferiores, 3. Humerus, 3 extremidades inferiores e 1 completo. Ossos iliacos, 2. Femur, 4. Tibias, 2. Ruminantes – *Cervus*? Humerus, 2 extremidades inferiores diferentes. Costella. Metacarpo sem as epiphyses terminales. (91)
Metatarso, extremidade superior. Femur, porção do corpo. Tibia, extremidade inferior com a epiphyse solta, incompleta. Astragalo.

Bos ? Costella, fragmento.

Silex branco-avermelhado às manchas de forma subtriangular alongada, denteada n'um dos bordos, que é curvilíneo, e cortante no outro, que é recto. Typo intermedio entre as facas e raspadores claramente afeiçãoado a servir como serra. Evidentemente da época quaternaria. Exemplar único. Amostras da brecha ossea, das areias ferroginosas cimentadas pelo calcareo stalagmitico. (92)

**Folha 33 (21,5x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas
Etiqueta n.º 1 Letra p Profundidade – 0,40^m, por cima do banco stalagmitico**

Ethnographia – Bellissima placa subrectangular de ardósia com desenhos n'uma das faces, e orificio de suspensão. Dimensões: 0,171^mx0,083^m. Bellissima placa trapezoidal de ardósia, a maior que temos até agora colligido, com desenhos a traço n'uma das faces, e orificio de suspensão. Tem 0,187^m de altura, e 0,115^m de largura na base maior e 0,063^m na menor. Fragmento de outra placa trapezoidal de ardósia, com dois orificios de suspensão, com desenhos n'uma das faces. 2 celts, um d'elles bellissimo, de schisto silicioso (93)
cinzento-anegrado (phitanite). ! Celt pequeno de forma trapezoidal com gume cortante, muito perfeito, com 0,066^m de altura, 0,033^m no gume, e 0,014^m na cabeça. De nephrite cinzento-esverdeada clara. Deixa-se cortar difficilmente pelo aço, sendo a dureza ± 6. ! Grande ponta de lança de silex esbranquiçado muito reforçada, com 0,145^m de altura e 0,078^m de maior largura, de forma suboval, denteada finamente nos bordos, e lascada nas duas faces. Assemelha-se a outra, posto que de forma mais alongada, mas da mesma substancia e do mesmo genero de trabalho, obtida no dolmen de Mont'Abraão. !(Punhal?) /Ponta de lança mui bella de forma pentagonal muito alongada, terminando em ponta agudissima, denteada em redor e afeiçãoada nas duas faces (94)
que são convexas. Tem 0,104^m de altura e 0,033^m de largura ??? da base, medindo esta sómente 0,019^m. É de

⁹¹ A limitação da identificação segura de certas peças com espécies ainda existentes na actualidade, como o veado, mostra a ausência de uma colecção de comparação, o que se estranha num estabelecimento que tantas intervenções tinha já realizado em numerosas estações pré-históricas onde a presença de faunas era uma constante.

⁹² Não se conseguiu referenciar este exemplar, pela descrição apresentada, entre o conjunto do Paleolítico Superior recolhido e recentemente objecto de republicação (ZILHÃO, 1997).

⁹³ A adjectivação atribuída a certas peças arqueológicas, já antes utilizada (ver a utilização da mesma expressão na descrição da placa de xisto anterior) é sugestiva do verdadeiro entusiasmo com que Nery Delgado se dedicava às investigações arqueológicas, apesar de a sua ocupação dominante ser no campo da geologia e da paleontologia do Paleozóico.

⁹⁴ Trata-se do exemplar representado em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 23, n.º 2, que o autor comparou à grande alabarda do dolmen de Monte Abraão, escavado por Carlos Ribeiro, que reproduz a referida peça (RIBEIRO, 1880, Fig. 28).

silex cinzento. ! Faca de sílex branco denteada n'um dos bordos, ou talvez estalada no gume, com moegas produzidas pelo uso, de 0,107^m de comprimento. Faca de secção trapezoidal, reforçada, mui finamente e intencionalmente denteada nos bordos, quebrada n'uma das extremidades n'uma pequena parte, pois que mede 0,114^m de comprimento por 0,014^m de largura. De sílex pardacento muito claro. 2 Facas incompletas de sílex branco sujo, de secção trapezoidal, bastante reforçadas, e denteadas nos bordos. Estes dois fragmentos medem 0,084^m e 0,072^m de comprimento. Faca quasi completa de sílex pardacento ou cinzento muito claro, faltando-lhe apenas uma parte n'uma das extremidades, primeiro estalada e depois denteada nos bordos, com 0,113^m de comprimento. Faca de sílex cinzento de secção triangular muito reforçada, estreitando em ponta para uma das extremidades, e denteada nos bordos. Com 0,127^m de comprimento. 2 Facas de sílex quasi completas de secção transversal triangular, uma esbranquiçada, outra pardacento clara, de 0,080^m e 0,082^m de comprimento. ! Ponta de lança ou dardo de sílex esbranquiçado sujo, quebrada na base, mas mostrando uma profunda chanfradura de cada lado limitando as duas pontas agudas da base. É formada de uma placa polida nas duas faces, e depois afeiçoada destacando pequenas lascas para lhe formarem os bordos que são denteados. Tinha mais de 0,10^m de altura. Lasca de sílex zonado de branco e côr de carne. (95)

Furador de osso mui bello formado de uma lasca longitudinal de osso longo, medindo 0,134^m de comprimento. Porção de osso longo com 0,055^m de comprimento cortada e polida nas duas bases ou extremidades. Dente principal da maxilla superior de lobo (*C. lupus*) furado nas trez raizes para ser usado como berloque ou pingente. Pequena marca de osso para ser usado em collar. Conta globular de serpentina comum (ophiolite). Disco de grés micaceo vermelho de cimento calcareo, liso malha para jogo. Pequeno vaso de forma cylindrica com o fundo convexo, feito à mão, de superficie lisa pouco regular, e com a base plana e guarnecida de uma serie de traços paralelos. Tem 0,040^m de altura, 0,030^m de diametro interior na boca, e 0,007^m de espessura. Tijella de forma discoide pouco funda de louça negra lisa amassada à mão com 0,084^m de diametro na boca. Tijella de barro grosseiro negro fabricada à mão, de forma hemispherica, de 0,066^m de diametro na boca e 0,046^m de profundidade, de superficie lisa pouco regular. Fragmento de uma tijella semelhante. Fragmento de um vaso de fundo chato e borda pouco alta revirada para fóra. Fragmentos de borda de 7 outros vasos, um d'elles com traços na superficie externa, e outro com uma serie de golpes ou covinhas na borda, e outro com traços e golpes. 40 fragmentos de louça grosseira, alguns de pasta negra com verniz vermelho exteriormente, muito rija e bem cozida, mas com os mesmos pontos brancos arenosos e calcareos (Será romana?). Placa de calcareo granular (marmore) fino branco, com 3 orificios de suspensão, incrustada de calcareo stalagmitico. (96)

(97)

(98)

(99)

⁹⁵ É importante sublinhar que o autor tinha já identificado a técnica utilizada na confecção das produções bifaciais de alabarda, que envolviam, numa primeira fase, o polimento e desbaste das placas de sílex, atingindo assim a espessura desejada, as quais só depois eram afeiçoadas por lascamento orientado e por pressão a partir dos bordos, situação particularmente evidente nas bellissimas peças de base convexo-côncava (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 23, n.ºs 4 e 6).

⁹⁶ Trata-se do quarto pré-molar superior (P 4), reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 54, n.º 12.

⁹⁷ Deve tratar-se do exemplar representado em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 39, n.º 7, pois as dimensões e descrição coincidem, com excepção de os traços paralelos não se encontrarem junto à base, mas sim a decorar o lábio o recipiente. Com efeito, na descrição apresentada, o autor designa por fundo a base, indicando que a mesma é convexa, tal qual se observa no exemplar em causa.

⁹⁸ Pela descrição, tudo indica tratar-se de materiais neolíticos, já que na revisão efectuada em 2001/2002 não se identificaram quaisquer vestígios da presença romana.

⁹⁹ Este exemplar foi desenhado em associação com outro elemento igualmente incompleto (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 62, n.º 2), configurando uma peça curvilínea de calcário, de natureza simbólica, semelhante a outras, como exemplar das grutas do Poço

Fragmento de um celt de schisto aphanítico, que partiram no acto da extracção. 2 seixos achatados de quartzite quebrados n'uma das extremidades, tendo muito provavelmente servido de percutores. Lasca de quartzo avermelhado, talvez fragmento de uma faca. 2 pequenos calháus estalados de quartzo.

NB – Os ossos humanos estão todos muito quebrados, e os longos especialmente reduzidos pela maior parte a pequenos fragmentos e a lascas, sendo também muito grande o número dos ossos roídos, e maior do que em nenhuma outra parte da gruta.

(100)

Restos humanos – 24 fragmentos pequenos da abobada craneana, sómente um medindo 0,13^m de comprimento. 12 fragmentos de maxillares inferiores, pertencentes a 6 individuos diferentes pelo menos. Dentes soltos: incisivos, 11. Caninos, 3. Falsos molares, 4. Molares verdadeiros, 8. Atlas, 3. Axis, 2. Vertebrae cervicaes, 2. Dorsaes, 6. Lombares, 2. Sacrum, 1 fragmento. Sternum, pequeno fragmento do corpo. Costellas, 56 fragmentos muito pequenos, pela maior parte. Clavicula, 12 fragmentos maiores ou menores, alguns d'elles quasi completos. Omoplata, 6 pequenos fragmentos. Humero, 3 extremidades inferiores (um de infante, outra com perfuração olecraneana enorme). 8 porções inferiores do corpo, com parte da extremidade. 9 outras porções do corpo. Cubito, 9 extremidades superiores, alguns incompletos (1 de infante ou criança). 1 extremidade inferior. 4 porções do corpo. Radio, 1 extremidade superior. 4 extremidades inferiores, 3 sem as epiphyses, (1 de criança ou infante) e 1 de adulto. 16 porções do corpo maiores ou menores. Metacarpos, 34 (sendo 7 primeiros) – Um 2.^o metacarpo, de adulto, é de comprimento extraordinario (0,077^m). Phalanges da mão, 17. Osso iliaco, 6 fragmentos. Femur, 8 extremidade superiores ou cabeças (1 de infante ou criança). 2 epiphyses soltas da extremidade inferior. 20 porções maiores ou menores do corpo, alguns quasi completos. Rotulas, 4. Tibias, 2 extremidades inferiores. 17 porções maiores ou menores do corpo (sendo 3 de criança), muitas do typo muito achatado platicnemicas (lame de sabre). Peroneos, 2 extremidades superiores (1 de infante sem a epiphyse). 4 extremidades inferiores. 15 porções maiores ou menores do corpo. Tarso – Calcaneos, 2. Astragalos, 11. Scaphoide, 1. Metatarsos, 27 (sendo 3 primeiros). Phalanges do pé, 9 (4 primeiras da 1.^a serie). 42 fragmentos da canna de ossos longos não determinados, quebrados intencionalmente, 42. 70 lascas id., muitas d'ellas roídas.

Restos de animais – Dente canino de *Canis*, individuo velho, mas de pequena estatura.

Dente molar de pequeno Ruminante, e fragmento de outro.

Femur, extremidade inferior de *Canis*.

3 Phalanges de Ruminante ? ou Pachyderme ?

Calcaneo, pequeno de *Felis*, individuo novo [Quaternario?]. Femur, extremidade inferior com metade do corpo, sem a epiphyse, que se desprendeu.

Coelho [Quaternario ?] – Maxillar inferior esquerdo. Vertebra. Humeros, 3 fragmentos (1 completo).

Femur, 6 fragmentos (1 completo). Tibia, 5 fragmentos (1 completa). Metatarso.

Humero de Ave [Quaternario ?] – Tibia, faltando-lhe a extremidade inferior. Phalange e outros ossos indeterminados.

Velho, Cascais (PAÇO, 1941, Est. 19 a), e outro da sepultura II do Cabeço da Arruda, Torres Vedras (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, p. 284).

¹⁰⁰ O elevado estado de fragmentação dos ossos humanos evidencia as vicissitudes sofridas, nos processos pós-deposicionais ocorridos no interior da gruta, já que, mesmo correspondendo a deposições secundárias, seria expectável que correspondessem a exemplares inteiros ou quase. O facto de aquela fragmentação se observar com maior evidência em área específica da gruta é compatível a possibilidade de esta corresponder a sector onde tais processos se tivessem manifestado com maior intensidade.

Lasca de um osso longo muito forte, de boi ou cavallo.

Nota – Alguns destes ossos podem pertencer, e julgo mesmo que pertencem às areias inferiores.

Folha 34 (22x32,2 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

3 páginas manuscritas

Casa da Moura Letra q – Profundidade 0,80^m (logo por cima do manto stalagmitico)

Restos de animais [quaternarios]. *Lepus cuniculus* – Maxillares superiores, 2 e intermaxillares de uma cabeça. Maxillares inferiores soltos, 21. Vertebrae, 6. Omoplatas, 2. Costellas, 2. Humeros completos, 11. Extremidades inferiores, 13. Extremidades superiores, 11. Radios, 10 completos e mais 9 fragmentos. Cubitos, 4 inteiros e mais 5 fragmentos. Ossos iliacos, 31. Femures inteiros, 45 de diversas idades. Extremidades superiores, 69. Extremidades inferiores, 36. Fragmentos do corpo, 31. Tibias inteiras, 29. Extremidades superiores, 62. Extremidades inferiores, 78. Fragmentos do corpo, 57. Calcaneo, 1. Metatarsos, 14.

Lepus timidus – Femur, 2 corpos um com a extremidade superior incompleta [quaternario]. (101)

Felis – 2 dentes caninos soltos. Maxillar inferior esquerdo, fragmento de *F. catus*. Humero, extremidade inferior provavelmente de *F. catus*. Humero completo e metade superior de outra especie maior. Radios, 2 (um de especie de grande estatura muito provavelmente de *Canis*). Femur, 1 completo de individuo novo sem as epiphyses [De outro genero? Um *Gulo luscus*?]. Femur, metade inferior de outro, tambem sem muita duvida (102)

de *Felis*. Metatarsos, 2 e fragmento de outro. (103)

Canis – Fragmento de abobada craneana. Maxillar superior, fragmento com os 4 ultimos dentes. Maxillar, dente carnicheiro, solto de grande especie. Costella. 2 vertebrae cervicaes e fragmento de axis. Radio, fragmento ind. (pode talvez ser de grande *Felis*). (104)

Metatarso, 1 completo e 2 fragmentos.

Cervus ? – Lasca de corno. Humero, extremidade inferior de pequena especie. Phalange. Metacarpo? Fragmento da canna. Calcaneo, de especie de maior estatura, provavelmente *Cervus*. Lascas e fragmentos da canna de ossos longos ind.

Aves – Craneo, 2 calotes uma de ave de grande porte. Mandibula, ramo direito incompleto de pequena especie como um frango. Omoplatas, 3, uma de grande especie, outra de ave de pequena estatura. Humeros, 7 e extremidade inferior de outro muito maior. Radio, metade superior. Cubitos, 3 extremidades inferiores de grande especie, e 12 outros menores. Metacarpos, 4. Femur, extremidade inferior de grande especie, e 4 outros menores. Tibias, de pelo menos 3 especies, 11 completas ou fragmentos. Tarso-metatarsos, 3 incompletos.

Patella 2 conchas de diferentes formas. (105)

¹⁰¹ Como já anteriormente se referiu, é pouco credível a identificação de Lebre, a não ser pelo tamanho, à falta de elementos de diagnose mais seguros. Ver nota 80.

¹⁰² Não é ao gato doméstico que estes restos se podem atribuir, dado que a introdução desta espécie no território português é muito mais recente. Devem corresponder ao Gato-bravo ibérico, *Felis sylvestris tartessia* espécie aliás identificada na revisão dos restos faunísticos pliocénicos (CARDOSO, 1993).

¹⁰³ Não se trata seguramente de Glutão (*Gulo gulo* L.), espécie de climas muito rigorosos, não identificada no Pliocénico do território português.

¹⁰⁴ A dúvida na classificação desta peça a nível de género (*Canis* ? *Felis* ?) evidencia bem as limitações do autor, decorrentes por certo de a Secção Geológica não possuir coleção de comparação. Ver nota 91.

¹⁰⁵ Já anteriormente o autor fez referência à recolha de valvas de moluscos marinhos com evidente carácter ritual, como a existência da Vieira (*Pecten maximus* L.) . Ver nota 71. Porém a presença de conchas de Amêijoia (*Venerupis decussatus* L.) e de mexilhão (*Mytilus*

Restos humanos – [Epoca neolítica]. Fragmento de maxillar inferior de criança. Fragmentos de cráneo, 6. Costellas, 15 fragmentos. Claviculas, 3 fragmentos. Omoplata, fragmento. Húmero, 2 fragmentos do corpo. Radio, 2 fragmentos do corpo. Cubito, extremidade superior, de infante. Extremidade inferior com o corpo (de criança). Peroneo, 3 fragmentos. Metacarpos, 2 (sendo um 1.^o). Metatarsos, 7 (sendo um 1.^o). Phalanges do pé, 2. Lascas de ossos longos excavados inteiramente, 15.

**Folha 35 (21,7x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas**

Etiqueta nº 25 Letra s Profundidade – 0,60^m

Nota à margem: Muitos destes ossos manifestamente sofreram a acção do fogo. Era portanto ali o lar, que proximamente correspondia ao meio da gruta.

Restos humanos – Maxillar inferior quasi completo, partido em dois pedaços, de individuo com a dentição completa, mas ainda novo, fragmento tem as corôas dos dentes pouco gastas. O dente principal e o ultimo molar direito apresentam dois grandes furos da coroa; o 5^o molar esquerdo tambem atacado. Axis. Costellas, 4 fragmentos. (106)

Clavicula, 1 e fragmento de outra. Húmero, 2 extremidades inferiores com o corpo, n'uma das extremidades quasi completa. 1 fragmento do corpo. Cubitos, 2 extremidades superiores. 1 porção do corpo. Radio, 1 extremidade superior. 1 porção superior do corpo. Metacarpos, 2 (1 primeiro). Phalanges da mão, 2. Femur, 4 porções superiores do corpo faltando-lhe as cabeças (1 de infante ou criança). Notavel um dos fragmentos, de individuo novo, fragmento tem uma crista agudissima correspondendo à linha aspera. 1 fragmento do corpo. Tibia, 1 incompleta de criança ou infante. Corpo incompleto de outra id. 4 fragmentos do corpo de diferentes. Peroneo, porção inferior, faltando-lhe a extremidade articular. Tarso – Calcaneo, 1.

Restos de animais – 3 Tibias de coelho (*L. cuniculus*) de diversa grandeza [das areias inferiores]. Humeros (de pequeno Ruminante) *Ovis*? Femur de *Felis*? Astragalo, 1. Metatarsos, 4 (1 primeiro).

Ethnographia – Bella ponta de lança de silex subtriangular, de cor acastanhada ou de mel, polida nas duas faces e denteada nos bordos, com um espigão na base quebrado, bem como a ponta. Teria completa 0,115^m de altura e 0,070^m de largura entre os dois angulos oppostos da base. Faca pequena de silex cinzento-acastanhado claro com 0,057^mx0,010^m. Celt de schisto silicioso cinzento anegrado, de forma subtrapezoidal com o gume curvilineo – 0,121^mx0,057^mx0,015^m. Pequeno fragmento de uma placa de ardosa com desenhos já quasi apagados. 20 fragmentos de loiça lisa negra pertencendo a 8 vasos diferentes pelo menos, todos pequenos. (107) (108)

edulis), atrás mencionada, ou agora a de Lapa (*Patella* sp.), podem simplesmente corresponder a oferendas de comida, não deixando porém de assumir carácter ritual.

¹⁰⁶ A alusão, por parte do autor, a dentes cariados, é excepcional.

¹⁰⁷ A referência sistemática a pontas de lança não foi ulteriormente legitimada. Com efeito, as folhas bifaciais descritas pelo autor correspondem a punhais ou a alabardas, não sendo contudo evidente a diferenciação tipológica entre ambas as tipologias, em casos limite, questão que tem permanecido até à actualidade.

¹⁰⁸ É de destacar o cuidado na análise efectuada com a quantificação do número mínimo de exemplares cerâmicos, a partir dos fragmentos recolhidos num dado sector da escavação, conforme já anteriormente se referiu. Ver nota 45.

**Folha 36 (21,7x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado/ Thomar”,
2 páginas manuscritas
Etiqueta nº 22 Letra t Profundidade – 0,80^m**

Restos humanos – Fragmentos de abobada craneana, todos pequenos, 12. Maxillar superior direito incompleto. Maxillares inferiores, 8 fragmentos pertencentes a 6 individuos diferentes pelo menos. Dente canino solto, 1. Atlas, 1. Axis, 1. Vertebrae cervicais, 2. Vertebrae dorsaes, 6. Vertebrae lombares, 6. Sternum, fragmento do manubrio. Costellas, 6 fragmentos. Omoplata, fragmento de uma de criança. Humero, completo, ao qual só falta a extremidade inferior que se partiu no acto da extracção. 2 extremidades inferiores (1 de criança) a outra com perfuração olecraniana). 4 porções inferiores do corpo. Cubitus, 4 extremidades superiores com uma porção do corpo. 1 extremidade inferior. Radio, 4 porções do corpo. Metacarpos, 9 (sendo 6 primeiros). Phalanges da mão, 9. Osso iliaco, 5 fragmentos pertencentes a 3 ossos diferentes pelo menos. Femur, 5 fragmentos do corpo. Rotulas, 2. Tibia, 2 extremidades superiores de infante, e 1 epiphyse solta superior. 5 porções do corpo. Peroneo, 2 extremidades inferiores. 2 porções do corpo. Tarso – Calcaneos, 3. Astragalos, 5. Cuboides, 2. Metatarsos, 16 (sendo 3 primeiros). Phalange do pé, 7 (sendo 4 primeiros da 1.^a serie). Lascas de ossos longos ind., 8. (109)

Restos d’animaes – Dente molar de Ruminante (ultimo da maxilla superior de Carneiro).

Das areias inferiores – Humeros, 2 tibias (extremidade inferior) e osso iliaco de *Lepus cuniculus* Cubitus de Ave. Tibia id.

Ethnographia – Fragmento de uma massa de calcareo granular branco (insignia?) incrustada de calcareo stalagmitico na forma semelhante a uma peça encontrada na sepultura da Granja do Marquez. Cilindro de calcareo granular branco (marmore) com uns traços curvos proximo de uma das bases, simulando duas semi-luas contiguas, ou talvez os dois olhos. NB. Peças mais ou menos semelhantes a estas e maiores ou menores, mas sem os desenhos, foram encontradas no dolmen de Monte Abrahão, na sepultura da Granja do Marquez, e nas grutas de Cascaes e de Palmela. Este exemplar tem 0,088^m de altura, e 0,028^m de diametro na parte central que é a mais grossa. Nas bases o diametro é de 0,025^m. Pequeno cilindro liso da mesma substancia, tambem incrustada de calcareo stalagmitico com 0,061^m de altura e 0,020^m de diametro. Celt de schisto silicioso cinzento-anegrado coberto de uma patine esbranquiçada. É de forma pouco regular, terminando superiormente em ponta, e inferiormente em gume cortante. Tem 0,127^m de altura e 0,060^m de largura na base. Celt de diorite schistoide ou amphibolite, com gume. 0,097^mx0,045^mx0,030^m. Celt subtrapezoidal de amphibolite perfeitissimo com gume cortante curvilineo. 0,108^mx0,051^mx0,031^m. Celt de schisto silicioso mui perfeito, afiado de fresco como o precedente, de forma subtriangular estreitando para a parte superior, e inferiormente terminando em gume. Tem 0,098^m de altura, 0,045^m de largura por cima da base, e 0,016^m de espessura. Fragmento pequeno de uma placa de ardosa com desenhos. Lasca alongada de secção triangular de quartzo hyalino, fragmento (110)

¹⁰⁹ Tal como a quantificação dos recipientes cerâmicos a partir dos respectivos fragmentos, também a quantificação do número mínimo de individuos foi ensaiada pelo autor a partir da análise dos fragmentos ósseos ou dentários recolhidos.

¹¹⁰ Ver nota 55. Não se reconheceu mais nenhum exemplar presentemente conservado identificado ao recolhido naquela gruta artificial, para além do mencionado na referida nota, correspondente ao reproduzido por CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 61, n.º 7.

¹¹¹ Terá sido a primeira vez que se mencionou a existência da representação de tatuagens faciais num artefacto ideotécnico calcolítico, no caso um cilindro de calcário, depois identificadas em muitos outros tipos de suportes, presentes em contextos habitacionais e funerários estremenhos, sempre relacionados com a representação da divindade feminina. O exemplar em causa foi publicado em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 62, n.º 1.

de uma pequena faca. Fragmento de outra faca de sílex esbranquiçado manchado de vermelho e azulado de secção triangular com 0,022^m de largura! Pequena lasca de sílex do mesmo rim evidentemente, de que foi fabricada a faca precedente. Pequena lasca de sílex zonado de branco e rosado, parecendo o fragmento de uma faca. !2 lascas irregulares de sílex evidentemente do mesmo rim do sílex precedente. Nota – Estes dois exemplares são a prova evidente de que a fabricação dos sílex se fazia dentro da gruta. Calhao rolado de quartzite avermelhado, com duas faces de fractura posterior nos topos, muito provavelmente tendo servido de percutor, e talvez para a fabricação dos sílex. Caco de louça grosseira com desenhos a traço grosso e fundo proximo da boca do vaso. 24 fragmentos de louça grosseira lisa, negra, pertencentes a 14 vasos diferentes pelo menos, de diferentes formas e grandezas, e um d'elles com uma pega, inicio da aza. (112)

Folha 37 (21,632,4cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Etiqueta n° 32 Casa da Moura Letra u – Profundidade 0,90^m

Restos humanos – Calote craneana compreendendo o frontal, parietal e temporal esquerdo quasi completos, de um craneo mui alto, talvez um pouco deformado. Outra calote imperfeita compreendendo parte do frontal e o occipital, e o parietal e temporal direitos. 160 fragmentos de craneo maiores ou menores, alguns esmagados, outros mostrando um estrago intencional. Maxillares superiores reunidos incompletos de 3 individuos. 5 pequenos fragmentos de maxillares inferiores, talvez todos de diferentes individuos. Maxillar inferior com a dentição completa faltando-lhe os ramos ascendentes. 25 fragmentos maiores ou menores de maxillares inferiores de individuos de todas as idades, 15 diferentes pelo menos. Dentes soltos: caninos, 2. Molares verdadeiros, 5. Atlas, 2. Axis, 1. Vertebrae cervicaes, 3. ! dorsaes, 34 (sendo 4 deformadas e soldadas entre si, talvez por doença). Lombares, 9. Sacrum, 1e fragmento de outro de criança muito nova ou feto. Sternum, 4 incompletos. Costellas, 36. Claviculas, 22 (sendo 12 completas ou quasi completas, e 2 de criança). Omoplatas, 13 fragmentos maiores ou menores de 9 individuos pelo menos. Humerus, completo faltando-lhe só parte da extremidade inferior, que não tinha a perfuração olecraniana. 2 extremidades superiores e 2 epiphyses soltas da cabeça. 15 extremidades inferiores (uma só com perfuração olecraniana, e 2 tendo o corpo completo). 4 corpos completos ou quasi. 5 porções superiores do corpo. 12 porções inferiores. 5 porções medias. Cubitus, 2 faltando-lhe a extremidade superior, que se partiu no acto da extracção do jazigo. 6 extremidades superiores. 2 extremidades inferiores. 6 porções do corpo, sendo trez quasi inteiras de criança ou feto. Radios, 2 completos. 9 extremidades superiores. 6 extremidades inferiores (3 muito novas sem as epiphyses). 2 corpos completos. 7 porções maiores ou menores do corpo. Carpo – Semilunar, 1. Trapezio, 1. Metacarpos, 23 alguns de infante a criança (1 só primeiro). Phalanges da mão, 12. Ossos iliacos, 17 fragmentos alguns de criança. Femur, completo sem as epiphyses, de infante. 9 extremidades superiores (uma com o corpo inteiro, de adulto, 1 de criança e 2 de infante). 3 epiphyses soltas da cabeça, de infantes. 1 extremidade inferior com (114)

¹¹² A “prova evidente”, invocada pelo autor, do fabrico dentro da gruta de artefactos de sílex baseava-se apenas na identidade da matéria-prima em que foram confeccionadas diversos produtos laminares recolhidos; para sustentar a referida afirmação era necessário ter encontrado os referidos “rins” e o encaixe nos mesmos dos produtos de lascagem mencionados. Porém, nenhum dos mencionados “rins” se encontrou, e muito menos se conseguiu a remontagem dos produtos deles extraídos. Esta afirmação enquadrava-se na perspectiva defendida pelo autor de que a gruta fora utilizada como local de habitação, o que, como mais tarde se concluiu, não corresponde à verdade.

¹¹³ Ver notas 45 e 108.

¹¹⁴ É relevante a observação de existirem 4 vértebras dorsais deformadas e soldadas, revelando um caso patológico de natureza articular, dos primeiros a serem registados em contextos pré-históricos peninsulares.

o corpo inteiro, e outra de criança. 3 epiphyses soltas inferiores, uma de infante. 3 corpos completos. 35 fragmentos maiores ou menores do corpo de femur de individuos de diversas idades, alguns com uma forte linha aspera, alguns roídos, outros mostrando a fractura intencional. Rotulas, 9. Tibias, 2 completas um pouco danificadas na superficie.

(115)

2 corpos completos, aos quaes só faltam as extremidades. 2 extremidades superiores (1 de adulto com o corpo quasi completo, e outra de criança). 4 extremidades inferiores. 16 porções maiores ou menores do corpo, uma com uma forte crista mui saliente, outras de forma achatada. Peroneo, 2 extremidades superiores, uma com grande porção do corpo. 5 extremidades inferiores, id. 19 fragmentos maiores ou menores do corpo. Tarso – Calcaneo, 11. Astragalo, 20 (sendo 1 de infante, e outro de criança). Scaphoide, 5. 1.º cuneiforme, 4. Cuboide, 5. Metatarsos, 56 (sendo 14 primeiros). Phalanges do pé, 5.

Restos de animais – (Alguns pertencem certamente às areias quaternarias inferiores). *Felis* – Fragmento de maxillar inferior esquerdo [Quaternario]. Metade inferior de radio, de individuo novo de outra especie. Vertebra (em duvida deste genero). Femur, extremidade superior de uma pequena especie [Quaternario].

Sus ? – Lasca de defeza de javali ?

Canis – Cubitus, metade superior. Humerus, metade inferior. Radio, metade superior. Femur, extremidade inferior. Tibia, faltando-lhe a extremidade superior e a epiphyse, da inferior.

Lepus cuniculus – [Restos pertencentes, todos ou quasi todos às areias quaternarias]. Maxillares inferiores soltos, 8. Humerus, 5. Cubitus, 1. Omoplata, 1. Vertebra, 4. Sacrum, 1. Ossos iliacos, 10. Femur, 15 (raros completos). Tibia, 7 completos e 7 fragmentos.

Ovis – Costella; metacarpo, extremidade superior; osso iliaco; phalange.

Bos – Astragalo

Equus – Dente molar [Quaternario]

Aves [Quaternario] – Humeros, 3. Cubitus, 5 (pertencentes a 2 especies diferentes, uma muito maior que um pato). Femur. Tibias, 2. Tarso–metatarso.

Valva de *Tapes decussata* (ameijoa da pedra) (82)

Ethnographia – ! Porção do corpo de radio humano com 0,075^m de comprimento cortado perpendicularmente nas duas extremidades, formando talvez o cabo ou bainha de algum instrumento. Furador de osso quebrado na base e na ponta formado de uma lasca longitudinal de metatarso de pequeno Ruminante (cabra ou carneiro). Dente canino de maxilla inferior direita de *Canis* (talvez lobo) furado na raiz. Faca de silex bastante forte denteada nos bordos e na extremidade para servir como serra e raspador, com 0,078^m de comprimento. Faca de silex curta com os bordos cortantes: 0,047^mx0,018^m. Fragmento de um grande vaso de louça muito grosseira vermelha em quasi toda a espessura com aza horizontal. 2 fragmentos da borda de um grande vaso de louça menos grosseira negra com desenhos a traço e pontos impressos proximo da borda, tendo proximo 0,20^m de diametro na boca. 29 fragmentos de outros vasos em numero indeterminado, a maior parte de superficie lisa e cor negra ou avermelhada.

(116)

¹¹⁵ A existência de ossos roídos mostra a intervenção de roedores ou de cães, quando ainda havia partes moles residualmente associadas aos ossos.

¹¹⁶ Não existe nenhuma razão para se duvidar que se trata de um rádio humano, dada a evidente experiência do autor na identificação de ossos humanos. Assim sendo, a secção por serragem nas duas extremidades nele observada é caso único em contextos pré-históricos do território português.

Folha 38 (21,5x32,23 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
3 páginas manuscritas
Letra U Profundidade – 1,20^m

Restos humanos – Grande calote craneana compreendendo a maior parte do frontal e dos dois parietais, e ainda parte do occipital. Pertencia a um individuo velho pois que tem as suturas quasi completamente soldadas, distinguindo-se a custo a ligação dos ossos, mas pela sua fraca espessura contrasta notavelmente com os fragmentos de outros craneos achados n’outros pontos da gruta, os quaes eram aliás muito mais curtos e menos volumosos do que este. !!! Parece mostrar fractura violenta na região occipital. (117)

26 fragmentos de craneo, pela maior parte pequenos, e inclassificaveis, e muitos manifestamente revelando a fractura intencional. Maxilla inferior incompleta de individuo adulto. 5 fragmentos de maxillares inferiores pertencentes a 3 individuos, pelo menos. Maxillar superior direito incompleto de individuo novo, com o 5.º molar ainda por romper. Dentes soltos: incisivo, 1. Canino, 1. Falso molar, 1. Verdadeiros molares, 2. Axis, 1. Vertebra cervical, 1. Dorsal, 2. Lombares, 3. Costellas, 11 fragmentos. Claviculas, 9 fragmentos pertencentes a 8 individuos diferentes provavelmente. Omoplata, 1 fragmento. Humero, 1 quasi completo, ao qual falta a epiphyse da cabeça e a extremidade inferior. 8 porções inferiores, duas com o corpo completo, e nenhuma com a perfuração olecraniana. 2 extremidades superiores. 9 fragmentos do corpo (sendo 6 porções inferiores do corpo). Cubitus, 1 completo e outro ao qual só falta a extremidade inferior. 10 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 1 corpo completo, 2 porções superiores e 1 da parte central do corpo. Radio, 1 quasi completo faltando-lhe a extremidade inferior que se partiu no acto da extracção. 4 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 2 porções superiores do corpo. 2 extremidades inferiores (1 com a maior parte do corpo, e a outra de criança). Ossos do carpo – Grande osso, 1. Osso cuneiforme, 1 (muito pesado, com uma côr verdoenga, com o aspecto de recente. Um ligeiro ensaio feito pelo Sr. Wittnich, mostra que ele encerra, como 9 outros ainda materia organica). Metacarpos, 8. (118)

Phalanges da mão, 4. Ossos iliacos, 3 ilions (1 quasi completo) e 1 fragmento de pubis. Femur, 3 extremidades superiores (duas com uma grande porção do corpo, sendo 1 destas de criança). 2 extremidades inferiores. 8 porções maiores ou menores do corpo, muitas d’ellas com uma muito forte linha aspera. Rotulas, 4. Tibias, 3 (uma completa, outra faltando-lhe a extremidade superior, e outra faltando-lhe a inferior, mas ambas se fracturaram no acto da extracção). 1 fragmento da extremidade superior de outro exemplar. 3 fragmentos do corpo. Peroneo, 1 completo (faltando-lhe a extremidade superior que se partiu no acto da extracção). 4 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo do osso, sendo 1 de criança. Tarso – Calcaneos, 6. Astragálos, 5. Scaphoides, 3. 1.º cuneiforme, 3. 3.º cuneiforme, 2. Cuboide, 1. Metatarsos, 11 (sendo 3 primeiros). Phalange do pé, 1 (1.ª da 2.ª serie, ou do dedo grande). 20 fragmentos de osso longos, muitos d’elles mostrando a fractura intencional, 1 com vestigios ou cicatrizes de feridas recebidas durante a vida, alguns esmagados, outros estalados ou lascados longitudinalmente com um instrumento contundente, outros excavados interiormente, ?????. 10 lascas de ossos longos id.

¹¹⁷ As particularidades morfológicas observadas neste crânio somam-se às marcas de violência que o mesmo exhibe. Aliás, a invocação da violência para explicar a geometria de certas fracturas constitui uma das mais recorrentes observações do autor.

¹¹⁸ É difícil explicar a introdução de um osso humano recente na gruta. Quanto à presença de matéria orgânica, a mesma é natural e frequente em ossos pré-históricos. A determinação foi realizada pelo Sr. Wittnich, que tanto poderia ser o Prof. Luiz Wittnich Carrisso, Professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra como, mais provavelmente, pelo Sr. Ricardo Henrique Wittnich, secretário e bibliotecário da Secção dos Trabalhos Geológicos (CARNEIRO, 2005, p. 169).

Ethnographia – 23 fragmentos de louça mais ou menos grosseira de pasta negra, e exteriormente ou interiormente ou em ambas as faces geralmente vermelha, alguns com um verniz vermelho, outros negros, de superfície excepto 2 pertencentes a um mesmo vaso, que tinha uma elegante ornamentação a traço fino. Um outro fragmento da borda de um vaso, que tinha aza, mostra os sulcos que fizeram na pasta ainda molle para que ella adherisse. Faca de silex cinzento muito claro, incompleta, de secção trapezoidal, cortante nos dois gumes. Este fragmento tem 0,077^m de comprimento e 0,018^m de largura e 0,002^m de espessura. Lasca de silex de côr rosada, da pasta exterior de um rim, tendo servido de faca || 0,076^mx0,20^m. Celt de diorite fina, e fragmento de outro da mesma substancia. Celt pequeno de schisto amphibolico. Alfinete de tocar de osso com a cabeça cylindrica, lisa, incompleto. Furador de osso formado de um metatarso de pequeno Ruminante. Osso longo de ave afeiçoado em ponta para servir de furador. (119)

Valva convexa de *Pecten maximus* ?

Restos de animais – Femur de grande *Felis*, porção superior. [Das areias inferiores]. Femur de *Felis* porção superior [Das areias inferiores].

De grande coelho (*Lepus cuniculus*) [Das areias inferiores] – Humerus completo, e metade inferior de outro. Vertebra dorsal. Osso iliaco, fragmento. Tibias, 2 porções superiores e 2 inferiores. Femur, 2 metades inferiores. Calcaneo. Metatarso. Vertebra cervical. Radio, porção inferior. Tibia.

4 humeros de ave. Ischion.

Phalange de grande carneiro (*Ovis*). Phalange pequena de... ? Lasca de um grande osso longo [Das areias inferiores]. Ossos ind. (2 diferentes).

**Folha 39 (21,6x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas**

Letra u Profundidade – 1,50^m

Nota à margem: Muitos dos ossos humanos estão fortemente incrustados de tufo envolvendo as areias avermelhadas, como o craneo e maxilla humana descriptos na minha memoria, e os ossos de *Felis*. (120)

Restos humanos – Grande calote craneana de uma grande cabeça deformada no jazigo, e que, infelizmente se partiu na extracção, mas que pode quasi restaurar-se. Comprehende o frontal quasi completo, o parietal e temporal direitos, grande parte do parietal esquerdo e uma pequena porção do occipital. A espessura é pouco consideravel, ou normal. Outra calote craneana, menor, de uma cabeça muito mais curta, talvez brachycephala compreendendo parte do frontal e dos dois parietaes, e uma pequena parte do occipital, como uns pequenos ossos wormios. 2 outras pequenas calotes representadas só por parte dos parietaes e do occipital. Osso frontal completo mostrando a notavel saliencia das bossas frontaes. Osso frontal incompleto, adherindo a uma massa de tufo e com a bossa nasal muito saliente. Parietal esquerdo e parte do frontal de um craneo

¹¹⁹ A presença de um “alfinete de tocar” de osso, com a cabeça cilíndrica reporta-se a exemplar tipologicamente característico do Neolítico Final/início do Calcolítico (CARDOSO & SOARES, 1995), frequente em estações funerárias estremenhas daquela época (CARDOSO, 2015 b). Deve tratar-se de um dos exemplares reproduzidos em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 54, n.ºs 8, 9 e 10.

¹²⁰ É importante a referência de muitos dos ossos humanos se apresentarem incrustados pelo tufo calcário envolvendo as areias avermelhadas, de idade plistocénica, o que significaria que teriam a idade destas. Foi este critério que conferiu especial importância ao crânio e à mandíbula humanas publicadas em 1867 (DELGADO, 1867, Est. I, n.º 1), dado que o autor refere agora que o mesmo possuía o mesmo depósito aderente. Na citada memória, esta peça é dada como proveniente da base do “entulho superior”, pelo que não é possível assumir certeza sobre a sua idade paleolítica (ver discussão em CARDOSO, 2008), anteriormente aceite (ZILHÃO, 1997), embora este novo testemunho, só agora conhecido, possa reforçar tal indício.

com grande espessura. 6 fragmentos de craneo de maiores dimensões, mostrando alguns d'elles claramente a fractura intencional, e 58 fragmentos menores de craneos de diversas grossuras e idades. Maxillares superiores pertencentes a um individuo adulto, achados soltos, mas que foram collados. Apresentam um notavel gastamento nos dentes caninos da parte de fora, em quanto que os incisivos medios ou anteriores estão gastos internamente. O 4.º molar esquerdo tem um grande furo de caria. Maxillares superiores reunidos muito gastos na superficie tricurante, talvez corroidos pelo tufo calcareo que envolveu esta peça. 4 fragmentos diferentes de maxillares superiores. 6 fragmentos de maxillas inferiores maiores ou menores todos diferentes. Dentes soltos: canino, 1. Molares verdadeiros, 2. Atlas, 2. Axis, 2. Vertebrae dorsales, 2. Vertebrae lombares, 5. Sacrum, 2 fragmentos diferentes. Costellas, 3. Claviculas, 3 quasi completas e 1 fragmento de outra. Omoplatas, 3 incompletas. Humero, 1 extremidade superior com o corpo quasi completo, tendo-lhe sido separada violentamente a extremidade inferior. 7 extremidades inferiores, sómente uma com perfuração olecraniana. 6 porções inferiores do corpo com a extremidade incompleta. 4 porções maiores ou menores do corpo. Cubitus, 8 extremidades superiores. 2 porções superiores do corpo. 1 porção media do corpo. Radio, 1 completo de criança. 1 extremidade superior. 3 extremidades inferiores. Metacarpos, 10 (sendo 2 primeiros). Phalanges da mão, 2. Osso iliaco, 6 fragmentos diferentes. Femur, 7 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo (1 de infante). 2 extremidades inferiores. 3 porções superiores do corpo. 3 porções inferiores. 2 corpos completos e mais 31 fragmentos maiores ou menores. Rotulas, 2. Tibias, 2 extremidades superiores com uma porção do corpo (1 de infante quasi completa). 6 extremidades inferiores. 18 porções maiores ou menores do corpo. Peroneo, 2 extremidades inferiores. 1 corpo quasi completo e 7 fragmentos pequenos. Tarso – Calcaneos, 7. Astragalos, 8. Scaphoides, 2. 3.º cuneiforme, 1. Metatarsos, 13 (sendo 4 primeiros). Phalanges do pé, 4 (3 primeiras da 1.ª serie). 23 fragmentos de ossos longos ond., uns fundidos, outros roídos. 11 lascas id. 4 amostras de tufo calcareo empastando ossos humanos, fragmentos do calcareo jurassico, juntamente com a terra da gruta.

Etiqueta n.º 32 Letra u Profundidade – 1,50^m

Restos de animais – Maxillar inferior esquerdo quasi completo de *Canis* (*C. vulpes?* ou *C. latrans?*). Será quaternario, das areias inferiores ? e muitos outros ossos, a maior parte das areias inferiores que não determinei. (121)

(122)

Ethnographia – Vaso de louça grosseira de barro negro de paredes grossas, de forma oval truncada, com 0,104^m de profundidade e 0,095^m de diametro interior na boca, se estivesse completo. Tem a superficie lisa, e proximo da borda uma pequena pega, à qual deverá corresponder outra posição diametralmente opposta. Vaso muito elegante de louça negra com as paredes delgadas e o fundo accuminado um pouco ou oval. Estreita para a boca, e tem a borda tão perfeita que parece ter sido feito à roda, chegando mesmo a julgar que fosse moderno; todavia a forma dos desenhos a traço fino, terminando em duas series de pontos impressos paralelos à borda e distanciados 0,025m mui semelhantes aos desenhos de outros vasos, e a grande porosidade da louça fazem ver que é prehistorica. Não tem vestigio de aza, cabendo-lhe portanto talvez o nome de tijella. Massa cylindrica de calcareo finamente granular a compacto branco (marmore), incompleta e partida em dois

¹²¹ A peça em questão com base no pequeno tamanho, menor que uma mandíbula de Cão e ainda menor de Lobo, só poderá ser de Raposa, *Vulpes vulpes* L. dada a inexistência da outra espécie (o Coiote) no Plistocénico português.

¹²² As areias inferiores teriam em determinadas áreas o aspecto de uma brecha ossífera, compreendendo-se a impossibilidade de determinação da maioria dos restos, fosse pelo seu estado de conservação, fosse pelas dificuldades do apoio bibliográfico e de uma colecção de comparação então inexistente.

pedaços que depois se soltaram. O fragmento que resta tem 0,090^m de altura e 0,055m de diametro. Era certamente uma insignia ou arma semelhante a outra obtida n'outro ponto da gruta (em C=1,50^m), e a outra que se descobriu na sepultura da Granja do Marquez. Faca de silex amarellado manchado de vermelho de secção trapezoidal, espessa, e com os bordos regularmente denteados para servir como serra. Parece quebrada na base, faltando-lhe uma pequena parte. Tem 0,090^m de comprimento e 0,018m de maior largura. 2 celts de schisto silicioso cinzento escuro (pthanite) um perfeitissimo de 0,154^m de comprimento e 0,043^m de largura; o outro com a superficie estalada e irregular tem 0,143^mx0,048^m. 3 celts de diversas formas de amphibolite schistoide, mui bellos. Celt de diorite perfeitissimo de forma trapezoidal e gume cortante com 0,095^m de comprimento 0,040^m de largura no gume, e 0,020^m na cabeça. Calhao rolado de quartzite cinzento-averdoengado com algumas lascas denteadas e depois rolado tendo provavelmente servido como percutor. Fragmento de um vaso hemispherico de louça pouco grosseira, negra, fabricado à mão, tendo recebido um começo de cosedura e por isso mostrando uma capa delgada vermelha exterior e internamente tendo recebido posteriormente uma velatura amarellada, e offerecendo a superficie lisa ornamentada proximo da borda por grupos de pontos impressos triangulares certamente feitos com a ponta de um silex. Este fragmento devia de pertencer a um vaso de forma pouco regular, mas que não tinha menos de 0,20^m de diametro na boca. Fragmento de outro vaso de louça muito grosseira de pasta negra em partes, n'outros vermelha pela cosedura que recebeu, com muitos pontos brancos ??? e de spatho calcareo pela maior parte reduzidos a cal. Este vaso tinha a forma semioval (ou hemispherico acuminado para o fundo), e não recebeu nenhuma velatura para lhe esconder as asperezas ou cavidades da superficie. Tem por unico ornamento trez traços largos e profundos paralelos à borda e marcados por series de pontas impressas feitas com uma ponta grossa. ??? provavelmente tinha mais de 0,20^m de diametro na boca. Pequeno fragmento de outro vaso de louça grosseira negra bastante espessa, e provavelmente de grandes dimensões (panella ?) com uma pequena aza horizontal, com uns desenhos simples a traço contiguos. 2 pequenos fragmentos da borda de 2 outros vasos com desenhos a traço. 58 fragmentos maiores ou menores de louça lisa de diversos typos, ± grosseira, e de diversas espessuras desde 0,003m até 0,025m, fabricada à mão, geralmente, mas um fragmento de um pequeno vaso (precisamente o de paredes mais delgadas) mostrando evidentes vestigios da roda. (123)

Depois do empaste ou barragem superficial que os vasos soffreram, muitos delles receberam tambem uma velatura vermelha ou amarella, ou preta, e são esses os que apresentam a superficie mais lisa, aperfeiçoamento que os antigos troglodytas reservavam só para a louça de pasta mui fina. Um fragmento de uma elegante taça desta louça mais apurada apresentava a forma de uma calote de ellipsoide. ? Alguns dos fragmentos serão de loiça romana, ou de uma raça invasora, que viesse misturar-se à loiça dos indigenas, ??? a tivessem obtido violetamente, ou representará as relações de trafico da tribo troglodyta com outra tribo vizinha mais adiantada? Lasca de osso longo polida na superficie e com as arestas arredondadas, tendo servido n'algum mister. (124)

¹²³ Pela descrição parece corresponder ao exemplar reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 41, n.º 4, onde as impressões triangulares foram produzidas pelo arrastamento de uma ponta segundo duas linhas horizontais paralelas ao bordo do vaso.

¹²⁴ Os “evidentes vestígios de roda” devem corresponder ao traço dos dedos na montagem do vaso, ao torno lento, tratando-se deste modo de um exemplar pré-histórico. Por outro lado, não se confirma a presença de qualquer produção de época romana. Note-se ainda que a diferença de qualidade das produções cerâmicas pré-históricas deve remeter-se simplesmente para os diferentes usos das mesmas e não para a explicação apresentada pelo autor, no quadro da sua hipótese de existência conflituosa de duas populações no local.

Folha 40 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

3 páginas manuscritas

Etiqueta n.º 17 Letra v Profundidade – 0,80^m

Restos humanos – Calote craneana compreendendo parte do occipital e dos dois parietaes, 2 ossos temporaes, 1 parietal esquerdo quasi completo mostrando as suturas sagital, lambdoide e fronto-parietal desva-necidas ou quasi soldadas (de individuo velho), 3 fragmentos de frontal, 1 outro com os ossos da face em parte ainda adherentes, e 27 fragmentos do craneo menores e inclassificaveis. Maxillares superiores, 8 fragmentos, pertencentes a 6 individuos diferentes, pelo menos. Maxilla inferior quasi completa (à qual só falta o condylo direito, os dois dentes incisivos anteriores medios e o canino direito) de individuo adulto, com a dentição completa e a coroa dos dentes gasta. 4 maxillas inferiores incompletas de adultos ou velhos. Nota – Uma das maxillas inferiores apresenta fechados os alveolos dos molares do lado direito, e aquella curvatura singular, que eu supuz atribuida ao uso de um páo ou corpo duro atravessado como um freio, nos cantos da boca. 1 maxilla inferior de infante com a 1.^a dentição incompleta. Mais 4 fragmentos de maxillas inferiores pertencentes a 4 individuos diferentes. Dentes soltos: incisivos, 1. Caninos, 2. Verdadeiros molares, 8. Vertebrae cervicaes, 1. Vertebrae dorsaes, 13. Vertebrae lombares, 5. Sacrum, 4 fragmentos de 2 ou 3 ossos diferentes. Sternum (manubrio). Costellas, 12 fragmentos. Claviculas, 7, só uma completa. Omoplatas, 4 fragmentos diferentes. Humerus, 3 extremidades superiores, com uma parte maior ou menor do corpo; 19 extremidades inferiores, descobrindo-se em 5 uma perfuração olecraniana maior ou menor, id.; mais o corpo de 5 outros. Cubitus, 14 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo (um d’elles apresenta uma fractura consolidada/sofreu fractura durante a vida) {... la non perforation de la cavité olécrânienne de l’humerus, la fracture consolidée du radius gauche, au tiers inférieur de l’os, avec déformation considérable et ??? de la portion fracturée, fracture survenue pendant la vie, ainsi que l’indique le cal osseux. (Rivière, Compte rendu de Bruxelles, p. 168)}. Cubitus, 1 extremidade inferior mais o corpo de um outro. Radio, 1 completo, 3 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo, 4 extremidades inferiores, id. e mais o corpo de 4 outros. Carpo – Scaphoide da mão direita, 1 exemplar. Metacarpos – 14, sendo 2 primeiros. Phalanges da mão, 15. Osso iliaco, 14 fragmentos de talvez 6 ossos diferentes. Femurs, 11 metades superiores, faltando a quasi todas (menos 2) as cabeças; 8 metades inferiores, só 3 d’ellas com a extremidade articular (os condylos). Rotulas, 5. Tibias, 2 quasi completas, faltando-lhe só a extremidade inferior; 4 extremidades superiores com parte do corpo; 8 extremidades inferiores id. Peroneos, 1 extremidade superior e parte do corpo; 8 extremidades inferiores; id. mais o corpo de um outro. Ossos do tarso – Calcaneos, 7. Astragálos, 8. Scaphoides, 3. 1.^o cuneiforme, 1. 3.^o cuneiforme, 2. Cuboides, 2. Metatarsos, 16, sendo 3 primeiros. Phalanges do pé, 7, uma d’ellas parecendo ter sido roida. 52 fragmentos e 7 lascas de ossos longos, dos membros superiores e inferiores, a maior parte mostrando claramente a fractura intencional, e alguns mostrando as cicatrizes da ferida recebida durante a vida, outros tendo sido estalados, outros roidos, muitos excavados interiormente, e um cubitus mostrando a soldadura de fractura produzida durante a vida. Costellas, 4 fragmentos de enormes dimensões, humanos !!!

(125)

(126)

¹²⁵ As modificações observada nesta peça, que atingiriam o próprio osso mandibular podem de facto ter uma causa funcional. Na anta 3 de Santa Margarida, foram observadas modificações dentárias em resultado de uma actividade doméstica que recorria aos dentes para ser executada pela mulher ali inumada, apelidada da “cesteira” (GONÇALVES, coord., 2003). Trata-se de situação muito interessante e que deveria ser retomada no quadro do estudo sistemático do espólio antropológico existente.

¹²⁶ O autor reitera a existência de abundantes marcas de violência exibidas pelos ossos, como fracturas intencionais nos ossos longos, marcas de golpes e uma fractura com regeneração.

Restos d'animaes – Vertebra de *Canis*, grande espécie [Quaternario].
Femur de Coelho, metade inferior [Quaternario].

Ethnographia – Placa trapezoidal de ardózia com furo de suspensão, com chanfradura nos angulos superiores, e desenho simples a traço em faixa em zig-zag n'uma das faces. Placa (amostra) de mica schisto elegantemente ondulada. Metade incompleta de um vaso hemispherico de louça de barro grosseiro negro e amarellado exteriormente vermelho pela acção do fogo, feito à mão com 0,018^m de grossura no fundo e adelgçando gradualmente para a borda onde é muito delgado. Exteriormente e junto à borda tem uma ornamentação feita por linhas de pontos impressos dispostos aos grupos e regularmente espaçadas, correspondendo a um dos intervallos lisos uma pequena aza. Este vaso teria 0,11^m de altura inteiramente, e 0,17^m de diametro na boca. Fragmentos da borda de um outro grande vaso de louça grosseira, interiormente negra e exteriormente vermelha, fundindo-se gradualmente uma na outra as duas cores, o que mostra que o fogo applicado exteriormente é que a endureceo, de proximamente igual grossura 0,007^m ou um pouco mais grossa na borda, e com elegantes desenhos a traços finos juntos rectos, e ondulados. Teria 0,22^m de diametro na boca. 3 pequenos fragmentos de 3 outros vasos com desenhos semelhantes ao precedente. Fragmento de um vaso de superficie lisa envernizado de negro interiormente e exteriormente, com a borda muito baixa, uma especie de cesta. 10 pequenos fragmentos de louça lisa negra e vermelha na face externa. Ponta de lança trinagular de silex com os bordos denteados, de 0,087^m de altura. 5 facas muito perfeitas de silex de diversas cores, 3 d'ellas com os bordos denteados para servirem como serra. Lasca alongada subtrapezoidal de silex, provavelmente fragmento de uma grande faca. Pequena conta cylindrica de osso. 5 celts de diversas formas muito perfeitos de schisto amphibolico. Celt de schisto argillo-silicioso cinzento, menos perfeito que os precedentes. 4 placas ou discos do calcareo jurassico das paredes da gruta com uma face plana e contorno mais ou menos circular, duas d'ellas principalmente podendo ter servido n'algum jogo, como o da malha (palet). (127)

**Folha 41 (21,5x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas**

Casa da Moura Letra v – Profundidade 2,50^m

A 2,50^m de profundidade do antigo parapeito da gruta, n'uma cova por baixo de uma grande pedra do calcareo jurassico no fundo duma sala exterior, immediatamente sobre o manto stalagmitico. Em parte as areias e os ossos estão cimentados ± fortemente pelo calcareo stalagmitico mas o maior numero estavam soltos nas areias. (128)

Nenhum osso de lebre!

Lepus 23 fragmentos do craneo, principalmente da região occipital. 61 maxillares superiores, em muitos d'elles reunidos os dois ossos. 114 maxillares superiores soltos. 84 vertebrae. 14 sacruns. 7 costellas. 2 clavículas. 10 omoplatas. Humerus, 38 completos, ou antes perfeitos. 62 faltando-lhe a extremidade superior } N° total 100 diferentes. 8 extremidades superiores com o corpo. Os ossos que apparecem partidos foram-no na extracção, pela maior parte, bem como nos outros pontos da gruta. Cubitus, 19 pertencendo a duas espe-

¹²⁷ Deve corresponder ao exemplar reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 44, n.º 3, no qual a decoração de linhas de pontos impressos se organiza em métopas verticais, produzidas pela técnica “boquique”, ou do puncionamento arrastado, típica do Neolítico Antigo evolucionado.

¹²⁸ A presença ou ausência de lebre foi determinada seguramente pelo critério do tamanho dos ossos, o qual como acima se referiu é em si mesmo pouco fiável. Ver nota 80.

cies, um grande coelho e uma pequena especie. Radius, 30 de duas especies pelo menos (fragmentos e ossos inteiros). Ossos iliacos, 73, nenhum completo. Femurs, 81 completos. 96 extremidades superiores. 30 extremidades inferiores. Tibias, 39 completas. 51 extremidades superiores. 48 extremidades inferiores. 71 porções do corpo. Calcaneos, 6. Astragalo, 1. Metatarsos, 33. Phalange, 1.

Aves – Ramo direito da mandibula de ave menor que a galinha. Omoplatas, 5. Claviculas, 4. Sternum, 2 fragmentos. Humeros, 13. Cubitus, 33 muitos d’elles completos e um de grande estatura. Radio, 1 fragmento. Metacarpo, 1. Pelvis, 6. Femurs, 8. Tibias, 9 sendo 2 completas. Tarso-metatarsos, 2.

Canis lupus spelaeus – Maxillar inferior direito com a dentição quasi completa. 4 dentes incisivos e 3 molares soltos. Atlas. Humerus, faltando-lhe as extremidades. Tibia id. (129)

Canis familiaris ? Metatarso, extremidade inferior, e 2 metatarsos inteiros.

Felis sp. 2 Dentes molares de maxilla superior (principaes); tibia faltando-lhe só a extremidade inferior, e extremidade superior da outra igual. Peça do sternum ? incompleta; dente canino; humerus, metade inferior de individuo novo, de pequena estatura; omoplata.

Myoxus ? Femur. Ossos indeterminados.

Cervus – Epiphyse da extremidade inferior do radio. Epiphyse (metade) da extremidade inferior de metacarpo. 2 phalanges. 2 dentes molares.

**Folha 42 (21,9x32,4cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
4 páginas manuscritas
Etiqueta nº 74 Letra x Profundidade – 0,70^m**

Restos humanos – Abobada craneana, 19 fragmentos, o maior com 0,120^mx0,075^m. Osso malar direito. Maxillares superiores, 2 direitos, incompletos. Maxillares inferiores, 6 fragmentos provavelmente todos diferentes. Dentes soltos: incisivos, 27. Caninos, 35. Falsos molares, 40. Verdadeiros molares, 37 (um com um grande furo de caria). Molares ainda não sahidos dos alveolos, 30. Atlas, 1. Vertebrae cervicaes, 2. Vertebrae dorsaes, 2. Vertebrae lombares, 2. Costellas, 7 incompletas. Claviculas, 6 incompletas. Omoplata, 3 fragmentos talvez todos diferentes. Humero, 3 quasi completos, faltando-lhe a um a extremidade inferior, e aos 2 outros a superior, tendo ambos estes uma pequena perfuração olecraniana. 1 de infante quasi completo, faltando-lhe as extremidades. 7 porções inferiores, uma só com a extremidade. Cubito, 1 quasi completo, faltando-lhe só as extremidades. 2 porções superiores de dois outros. Radio, 2 porções superiores com as extremidades. 1 extremidade inferior. 1 fragmento importante do corpo, roído. Carpo – Scaphoide da mão esquerda. Metacarpos, 7 (um primeiro). Phalanges da mão, 34. Osso iliaco, 2 fragmentos talvez pertencentes ao mesmo. Femur, os corpos de 2 quasi completos, e faltando-lhe as extremidades. 2 extremidades superiores. 5 fragmentos do corpo de menor comprimento. Rotulas, 3. Tibia, 1 quasi completa, faltando-lhe a extremidade superior. 8 fragmentos do corpo, 3 quasi completos. Peroneos, 3 extremidades inferiores (uma d’ellas tendo soffrido fractura, e sendo soldada durante a vida). 7 fragmentos maiores ou menores do corpo. (130)

Tarso – Calcaneo, 1. Astragálos, 4. Cuboide, 1. Metatarso, 13 (sendo 5 primeiros). Phalanges do pé, 27. 37 fragmentos de 6 ossos longos dos membros anteriores e posteriores, partidos intencionalmente, muitos esma-

¹²⁹ Esta designação refere-se ao grande lobo encontrado na gruta, de muito maior tamanho que os exemplares recolhidos na mesma época pelo autor na gruta da Furninha, mais antigos, que se integram na subespecie *Canis lupus lunellensis* (CARDOSO, 1993).

¹³⁰ Mais uma evidência de fractura soldada, a somar às já acima referidas, e que constituíam uma situação frequente em populações desta época, com base nos restos encontrados noutras gutas da região, como a do Lugar do Canto (Alcanena). Ver nota 24.

gados, outros excavados interiormente, 2 tibias com vestígios de feridas recebidas durante a vida. 9 lascas id. excavados inteiramente.

(131)

Restos de animais – Maxillares superiores de *Capra* com a maior parte dos dentes, um molar solto, e os 2 cornos ligados; e fragmento do craneo de outro individuo semelhante.

Metatarso, e phalange de Ruminante. 3 pequenos molares, e 1 incisivo de Ruminante. Radio (porção inferior). Femur de Coelho [Quaternario].

Ethnographia – Placa rectangular de talcschisto, com desenhos a traço n'uma das faces, e com dois orificios de suspensão. Dimensões 0,110^mx0,064^m. 8 pequenas pontas de flecha de silex de diversos typos, todas com os bordos denteados. 3 facas de silex todas com os bordos denteados, podendo servir como serras; uma de cor cinzento-avermelhada, de secção trapezoidal, com os bordos curvilinios, apresentando ± ao meio a sua maior largura de 0,023^m, e com 0,113^m de comprimento. As outras duas cinzentas, de secção triangular, com 0,087^m e 0,073^m de comprimento. Pequena faca de silex avermelhado escuro, de secção trapezoidal, quebrada n'um dos bordos, de gume cortante, com 0,047^mx0,012^m. 3 fragmentos de 3 outras facas. Raspador de silex de forma oval, branco-amarellado. Lasca de silex da parte externa do rim de que talvez o raspador precedente foi extrahido. Furador de osso, feito de um metatarso de Ruminante pequeno. Cabeça de um alfinete de tocar formado de uma porção de osso longo, cortada e polida tendo 0,013^m de comprimento e 0,012^m de maior diametro. Pequena conta de forma cylindrica com 0,001m de altura, de callaite? Valva de *Pectunculus* furada no umbão. Pequeno fragmento de ochra vermelha. Placa rectangular 0,043^mx0,027^m de louça grosseira de barro negro com dois orificios, como uma fibula? 1 Fragmento pequeno de um vaso com uma serie de traços parallellos terminando n'uma linha de pontos impressos. Fragmento de uma pequena taça de forma hemispherica irregular de louça negra, exteriormente vermelha pela acção do fogo (ou de um inducto que recebesse e penetrasse no barro?), amassada à mão, de superficie lisa. Fragmento de outro vaso com desenhos a traços parallellos proximo da borda. 28 fragmentos pertencentes a 10 vasos diversos pelo menos, de diferentes formas e grandeza, todos de superficie lisa, de louça negra amassada à mão, alguns envernizados de negro interiormente, outros exteriormente vermelhos, e um de pasta bastante fina. Fragmento de uma peça cylindrica de calcareo (insignia?) com 0,050^m de altura por 0,040^m de diametro. Fragmento de outra peça de calcareo alongada com a secção formada por um segmento de circulo com 0,050^m de corda e 0,025^m de flecha, tendo 0,050^m de altura.

(132)

(133)

NB – Esta peça, bem como a precedente, é semelhante a outras que se obtiveram no dolmen de Mont'Abrahão, e outras estações nas vizinhanças de Bellas. Favorece portanto a presumpção de que os dolmens fossem os monumentos funerarios da tribo troglodytica a que estes restos pertenceram. Massa conica

¹³¹ Observações recorrentes ao longo do texto que reforçam as conclusões obtidas em outros estudos recentes acerca da violência no Neolítico e Calcolítico (SILVA et al., 2012). Neste contexto, assumem especial interesse, por ter sido a primeira vez que em Portugal tal questão foi apresentada com base em factos de observação.

¹³² Trata-se de mais um indício de recolha selectiva de conchas de moluscos marinhos com fins rituais. No caso, esta valva de *Glycymeris* com furo no umbo tal como outra já anteriormente referida, por certo de origem natural, em resultado do rolamento na praia onde terá sido recolhida, poderia ter sido utilizada como candeia, para iluminação do interior da gruta, mas nada autoriza essa hipótese, dada a ausência de vestígios de combustão os quais, caso existissem não deixariam de ser assinalados pelo autor.

¹³³ O ocre vermelho era frequentemente utilizado com finalidades rituais, quer em contexto doméstico, como comprovam os fragmentos recolhidos no povoado pré-histórico da Penha Verde, Sintra (CARDOSO, 2010/2011), quer em contextos funerários, dos quais o exemplo mais evidente é o da Lapa do Fumo, Sesimbra, onde a chamada “camada vermelha” denunciava o seu uso intensivo nas cerimónias ali desenroladas (SERRÃO & MARQUES, 1971).

de calcareo spathico, semelhante a um Belemnite, sem duvida formado de uma stalactite a que gastaram a superficie. 2 calhás rolados de quartzite cinzento anegrada e avermelhada escura, com 0,066m e 0,075^m de comprimento, e 0,035^m de maior diametro. (134)

Letra x Profundidade – 1,30^m

Ethnographia – Tijella mui bella de barro fino vermelho feita à mão, de forma semiellipsoidal, com 0,120^m e 0,097^m de eixo maior e menor na boca e quasi 0,050^m de profundidade.

Folha 43 (21,7x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

1 página manuscrita

Etiqueta n° 6 Letra x Profundidade – 1,0^m, por cima do banco stalagmitico.

Restos humanos – Fragmento de maxilla inferior com o canino e os dois premolares esquerdos. Dentes soltos: incisivos, 10. Caninos, 19. Falsos molares, 6. Molares verdadeiros, 25. Phalange da mão, 11. Phalanges do pé, 15 (sendo 5 primeiras da 1^a série).

Restos d’animaes – Dente molar de pequeno Ruminante e lasca de outro (ultimo de Carneiro *Ovis*).

Ethnographia – Fragmento de um celt de schisto silicioso negro, partido no acto da extracção. Cabeça de um alfinete de osso, de forma cylindrica com trez sulcos paralelos à base. Pequena taça de louça grossera exteriormente vermelha por começo de cozedura e pela velatura desta cor que recebesse, amassada à mão, hemispherica, de 0,056m de diametro interior na boca. Fragmento de uma placa de grés fino micaceo de forma semi oval com duas faces planas, pr certo pedra de amolar. Disco de contorno polygonal de calcareo, coberto de patine branca, provavelmente malha para algum jogo. Pequeno fragmento de argilla ferruginosa (ochra vermelha impura). Pequena lasca triangular de silex. (135)

Folha 44 (21,6x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

2 páginas manuscritas

Casa da Moura Letra x – Profundidade 1,50^m

Restos humanos – Parte de craneo esmagado compreendendo o frontal e parietal direito, incompletos. Frontal e outros ossos e fragmentos de craneo em n.º de 37. Maxillares superiores de 2 individuos, que poderam ajustar-se. 3 maxillares inferiores quasi completos de individuos adultos, offerecendo dois d’elles a particularidade, aliás rara, de caria nos dentes. 3 fragmentos de outros maxillares, todos diferentes. Dente molar verdadeiro, solto. Atlas, 2. Axis, 2. Vertebrae dorsaes, 8. Vertebra lombar, 1. Sacrum, 2 fragmentos. (136)

¹³⁴ A observação sobre a semelhança destes artefactos ideotécnicos de calcário aos recolhidos no dólmen de Monte Abraão, Belas, escavado por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1880; BOAVENTURA & CARDOSO, 2014) é recorrente ao longo do texto e é correcta, mas a conclusão que o autor tira dessa semelhança é falsa. Na verdade, tanto dólmenes como grutas artificiais eram utilizadas pelas mesmas populações, o que levou à designação inconsistente, já atrás comentada, de “Megalitismo de grutas” (GONÇALVES, 1978). Ver nota 16 às observações de Nery Delgado. Na verdade, ao contrário do que supunha este autor, a presente gruta, tal como outras da região, não era o local de habitação dos construtores dos dólmenes, nem muito menos dos seus inimigos, embora no quadro dos conhecimentos do seu tempo essa conclusão fosse lógica e fizesse todo o sentido.

¹³⁵ Este exemplar difere de outro já atrás referenciado (ver nota 83) por possuir a cabeça amovível decorada com caneluras ou linhas incisivas paralelas e horizontais, podendo em conformidade, corresponder a qualquer dos exemplares reproduzidos em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 54, n.ºs 1, 2 e 3).

¹³⁶ A presença, rara, de cáries dentárias foi já assinalada pelo autor anteriormente. A mesma raridade foi observada a quando da revisão recente do material crânio-facial (ANTUNES, CARDOSO & CUNHA, 2009).

Omoplatas, 2. Claviculas, 4 sendo uma completa. Costellas, 6. Humeros, 2 faltando-lhe só a cabeça, mas um d'elles excavado interiormente. 1 faltando-lhe a extremidade inferior. 2 extremidades inferiores (uma d'ellas, e única, com uma grande perfuração olecraniana). Corpo completo, excavado interiormente do lado da cabeça. 3 porções inferiores do corpo. 1 porção superior do corpo e 3 outros fragmentos. Radios, 5 faltando-lhe a extremidade inferior. 2 extremidades inferiores. 1 porção superior do corpo. Cubitos, 2 extremidades superiores, uma com o corpo quasi completo. 2 corpos quasi completos e muito fortes. Metacarpos, 7 sendo dois primeiros, e um 5.º mostrando o callo de uma fractura. Phalange da mão, 2. Ossos iliacos,_____.

(137)

Femurs, 2 quasi completos (1 de infante) ao qual falta a extremidade inferior, que talvez se partiram no acto da extracção. 3 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 1 epiphyse solta inferior. 2 corpos completos. 11 porções maiores ou menores do corpo, um d'elles com uma fortissima linha aspera. Rotula, 1. Tibias, 6 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo, tendo 3 d'ellas o corpo quasi completo. Uma d'ellas é de criança muito nova. Outra de adulto é muito achatada e larga. 8 fragmentos maiores ou menores do corpo pertencentes aos dois typos. Peroneo, 1 extremidade superior; 3 extremidades inferiores; 2 porções do corpo. Tarso – Calcaneos, 2. Astragálos, 4. Scaphoide, 1. 3.º cuneiforme, 1. Cuboide, 1. Metatarsos, 11 (sendo 3 primeiros). Phalanges do pé, 2.

Restos de animais – *Canis* Humeros, extremidade superior e extremidade inferior diferentes; Omoplata; Tibia.

Capra ou *Ovis* – Humeros, extremidade inferior [Quaternario].

Bos Tibia, extremidade inferior [Quaternario ?].

(138)

Ethnographia – 7 cacos de louça grosseira pertencentes talvez todos a vasos diferentes, ! uns lisos, outros com desenhos simples a traço, 2 com inicio de aza, e um (o mais notavel) com quatro pequenos furos espaçados entre si 0,02^m proximamente e dispostos sobre uma mesma linha ao que parece obliqua em relação à borda do vaso, o que o tornava impróprio para conter liquidos. Este fragmento tem ainda de notavel ser coberto de uma capa vermelha viva, de uma velatura espessa que provavelmente recebeu em fresco e que adheriu à superficie sem penetrar muito na pasta.

Folha 45 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Etiquetas nº 11, nº 14, nº 17 Letra y Profundidade – 0,80^m

Restos humanos – Abobada craneana, 84 fragmentos (1 occipital quasi completo). Maxillares superiores, 6 fragmentos pertencentes a 4 individuos pelo menos. Maxillares inferiores, 23 fragmentos maiores ou menores, pertencentes a 17 individuos pelo menos. Um d'elles é notavel pela grande saliencia da barba, triangular. Dentes soltos: incisivos, 2; caninos, 2; falsos molares, 1; verdadeiros molares, 5. Sternum, fragmento. Atlas, 5. Axis, 1. Vertebrae cervicaes, 10. Dorsaes, 23. Lombares, 25. Sacrum, 4 fragmentos. Corpos de vertebrae ind., 6. 52 Costellas, 52 fragmentos maiores ou menores. Claviculas, 9 (4 completas) e mais 8 frag-

¹³⁷ A observação de fracturas consolidadas, frequentemente assinalada pelo autor é dado importante, relacionando-se sobretudo com o modo de vida destas populações cujo quotidian decorria em região pedregosa e acidentada, propícia a quedas graves (e não apenas com a existência de violência, comprovada pelas lesões provocadas por impacto).

¹³⁸ A diferenciação entre os restos de ovelha e cabra continua a ser na actualidade problemática, pelo menos para alguns dos mais importantes segmentos anatómicos pertencentes às duas espécies. É interessante verificar que esta diferenciação não passou despercebida ao autor, ainda que ele não tivesse meios para a estabelecer.

mentos diferentes. Omoplatas, 5 fragmentos diferentes. Humero, 2 extremidades superiores. Corpo quasi inteiro de outro exemplar e 5 porções superiores de outros corpos. 19 extremidades inferiores (3 de infante) tendo 5 perfuração olecraniana (duas destas muito grandes), e uma das extremidades com o corpo quasi inteiro. 15 porções inferiores, uma com o corpo quasi inteiro, e outra representada por uma grande lasca longitudinal. 5 fragmentos maiores ou menores do corpo. Cubitus, 17 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 4 porções superiores do corpo sem a extremidade. 2 extremidades inferiores. Radio, 11 extremidades superiores (uma de criança) com fragmentos maiores ou menores do corpo. 2 completas, um dos quaes falta a extremidade inferior que se partiu no acto da extracção. 6 extremidades inferiores, e 2 porções inferiores do corpo sem a extremidade. 14 porções maiores ou menores do corpo de outros radios. Ossos do carpo – Scaphoide da mão direita, 1. Trapezio id., 1. Ossos do tarso – 1.º cuneiforme, 1. 3.º cuneiforme, 3. 3 cuboides (2 do pé direito e 1 esquerdo). Scaphoides, 6. Astragálos, 17. Calcaneos, 13. Metacarpos, 20 (2 primeiros). Phalange da mão, 23. Metatarsos, 36 (13 primeiros). Phalanges do pé, 13 (10 primeiros da 1.ª serie). Ossos iliacos, 16 fragmentos pertencentes a 6 ou 7 ossos diferentes pelo menos. Rotulas, 10. Femur, 10 extremidades superiores todas de individuos novos, e 4 epiphyses soltas da cabeça. 3 extremidades inferiores id., e 2 epiphyses soltas dos condylos. 17 fragmentos do corpo ± longos, sendo 2 quasi completos. Tibias, 4 extremidades superiores (3 d'ellas com o corpo quasi completo) e 1 epiphyse solta de individuo novo talvez infante. 5 extremidades inferiores (uma de criança ou feto, outra com o corpo quasi completo) e 2 epiphyses soltas. 23 porções maiores ou menores do corpo. Peroneo, 1 extremidade superior. 5 extremidades inferiores. 5 porções de corpo. 100 fragmentos de ossos longos mostrando a maior parte evidentes vestigios de terem sido partidos e estalados intencionalmente, muitos excavados interiormente, outros roidos. 53 lascas id.

Restos de animais – Maxillar superior direito de *Canis lupus* com a serie dentaria quasi completa. Dente canino solto de *Canis*.

Lepus cuniculus. [Quaternario] – Femur completo e fragmentos de 3 outros. Tibia completa, e porções de 3 outras. Humero incompleto. Maxillar inferior. Vertebra lombar.

Humerus, parte superior de Carnivoro (*Canis*?). Tibia, porção superior do corpo (serão do entulho inferior, quaternario?). Cubitus, id. id. 2 fragmentos e uma lasca de osso longo. Femur. Astragalo. Omoplata. Osso do carpo (Scaphoide?).

Ethnographia – 2 conchas de *Cassis* muito estragadas e incrustados de tufo calcareo. 1 exemplar de *Turbo*? gasto de um lado para descobrir a espira.

(139)

Inscrição posterior a lápiz de Nery Delgado – Objectos de arte, adorno

Ethnographia – 2 pequenas taças hemisphericas de barro grosseiro amassado à mão, uma negra com 0,062^m de diametro na boca, e a outra amarellada, menos perfeita, com 0,048^m. 57 fragmentos de 14 ou 15 vasos diferentes pelo menos da mesma louça grosseira negra com grãos de areia e detritos de calcareo spathico, todos com a superficie lisa. 2 fragmentos de louça negra com desenhos a traço fino. 5 flechas de silex de diversos typos. ! 1 pequena faca de quartzo hyalino com 0,033^m de comprimento. Faca de silex muito perfeita, de secção triangular e com os bordos cortantes, medindo 0,111^m de comprimento, de cores variegadas branco, cinzento, avermelhado e castanho. Pequena faca de silex, tambem inteira, de cor acastanhada e cinzenta, com

¹³⁹ A presença destes búzios de origem marinha relaciona-se, como muito bem observou o autor, com objectos de carácter simbólico ou meramente decorativos, podendo ser utilizados como adornos corporais ou na indumentária. A referência à concha de *Turbo* gasta de um lado para descobrir a espira é interessante, reforçando a finalidade de adorno pessoal deste exemplar, embora o desgaste possa ser puramente natural, comum nos exemplares rolados recolhidos na praia.

0,050^m de comprimento. Fragmentos (metades ?) de duas facas com 0,055^m e 0,022^m de comprimento. Faca incompleta na base de secção triangular, com os bordos finamente denteados, de cor cinzento clara-avermelhada, com 0,056^m de comprimento. 3 pequeninas lascas irregulares de silex cinzento e acastanhado. Seixo elipsoidal alongado de quartzite com 0,068^m de comprimento (no eixo maior) de cor cinzento-avermelhada escura, tendo servido como pilão nas duas extremidades. Celt de schisto silicioso cinzento, superficialmente alterado, com 0,145^m x 0,060^m. Metade inferior de outro celt semelhante ao precedente e da mesma substancia. Pequeno fragmento de outro id. Fragmento (lasca) de um celt de porphyro cinzento. ! Belissima placa muito alongada (incompleta) de ardósia, de forma um pouco recurvada com trez orificios de suspensão e dezenhos a traço em faxas e em triangulos, alternadamente lisos e cheios de traço, nas duas faces. [Esta peça foi restaurada com diferentes pedaços encontrados em varios pontos, todavia proximos, da gruta]. Furador de osso feito de um metatarso de pequeno Ruminante (cabra ou carneiro ?). ! Belissima spatula de osso, completa. (140)

Alfinete de tocar de osso, do qual resta só a cabeça e parte do corpo, semelhante aos das outras grutas. (141)

Fragmento de 3 estiletos ou alfinetes de osso. Base de uma massa de calcareo, que terá a forma alongada, e a secção transversal formada por um grande segmento de circulo com as arestas arredondadas. Alfinete de cobre batido de forma losangular muito alongada, como uma agulha de marear. Pertencerá à epoca romana, e (142)

pelo seu peso e forma penetraria a tão grande profundidade no entulho. (143)

Letra y Profundidade – 0,30^m

Celt de diorite

Letra y Profundidade – 0,40^m

Placa trapezoidal de ardósia com furo de suspensão e desenhos em espaços triangulares alternando com espaços lisos, n'uma das faces. Dimensões 0,107^m x 0,080^m x 0,052^m.

NB – Os desenhos desta placa estão muito apagados, e mesmo ella está gasta no contorno, reconhecendo-se que as suas dimensões foram anteriormente maiores. Porque motivo a gastariam ? Era evidentemente um amuleto. (144)

Letra y Profundidade – 0,50^m

Placa trapezoidal de ardósia com os lados curvilineos com desenhos a traço n'uma das faces. Esta tambem gasta nos bordos, especialmente no lado da base. Dimensões: 0,177^m x 0,093^m x 0,065^m? Infelizmente quebrada n'um dos angulos superiores. Ponta de lança subtriangular de silex branco e ligeiramente rosado, infelizmente quebrada na ponta. Completa, teria 0,10^m de comprimento, e tem 0,048^m de largura de angulo a angulo na base, e os bordos finamente denteados. Ponta de lança de forma triangular muito alongada com um espigão ou ponta

¹⁴⁰ A nota 35 refere a recolha na Letra C a 1,20 m de profundidade do báculo reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 58, pelo que a referência à presente peça, recolhida na Letra y a 0,80 m de profundidade, ainda que corresponda à descrição daquela, terá de corresponder a outra, que presentemente não se conserva nas colecções.

¹⁴¹ Este alfinete junta-se a outros exemplares, já acima referidos, e pode corresponder a qualquer dos que se encontram desenhados em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 54.

¹⁴² Trata-se de uma “alène” de cobre, acima mencionada (ver nota 43).

¹⁴³ A atribuição desta peça à época romana é errónea, mas a justificação de que, pela sua forma e peso, tal peça poderia penetrar profundamente no entulho, seria perfeitamente aceitável, caso se se confirmasse aquela cronologia.

¹⁴⁴ Trata-se da primeira referência a uma placa de xisto que foi objecto de reutilização, após fractura, conforme se pode concluir da descrição apresentada. Esta é temática que só recentemente despertou a atenção dos investigadores (CARDOSO & VILAÇA, 2020). Contudo, nos exemplares da Casa da Moura publicados (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), não se reconhece nenhum que pudesse corresponder à descrição apresentada.

na base e denteada nos bordos. Mede 0,095^m de comprimento, e 0,025^m de largura na base. Faca rectangular de silex pardante muito perfeita, denteada em todo o perimetro, e afeiçoada para servir como serra, e nos topos tambem como raspador. Mede 0,076^m x 0,025^m. Faca rectangular de secção trapezoidal achatada, denteada nos bordos e n'um dos topos, e na outra extremidade quebrada, faltando-lhe porem ao que parece muito pouco. Mede 0,096^m x 0,024^m.

Folha 46 (22x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Etiquetas n.º 19 e n.º 25 Letra y Profundidade – 1,30^m

Restos humanos – Calote craneana singularissima pela forma, e pela existencia de dois grandes ossos vormios ocupando uma parte importante do occipital. Um destes ossos de forma subpentagonal com 0,050^m de altura é collocado posteriormente à sutura lambdoide, o outro collocado lateralmente e à direita deste, tem a forma subtriangular, com 0,060^m de comprimento, medidos sobre a sutura lambdoide, e 0,035^m de altura. A sutura saggital na sua metade posterior está muito desvanecida, tendo-se soldado um ao outro os dois parietaes. Semelhantemente a ligação do frontal com os dois parietaes na parte media da sutura fronto-parietal, estava quasi concluida. 100 fragmentos de craneo, a maior parte muito pequenos e com fractura fresca, mas em muitos reconhecendo-se a fractura antiga antes de terem sido envolvidos no deposito, e alguns até tendo os bordos gastos como se tiveram servido para algum fim. Comprehende 8 ossos temporaes, um d'elles quasi completo; um osso malar, e porções maiores ou menores de frontal, de occipital e dos parietaes. Maxillares superiores reunidos, quasi completos de individuo ao qual estavam rompendo os 5.ºs molares. Maxillares id. incompletos de outro individuo mais idoso. 7 fragmentos de maxillares superiores pertencentes a 5 individuos diferentes pelo menos. ! Maxilla inferior à qual só faltam os condylos, que parece não seriam grandes, e os dois dentes incisivos esquerdos. Parece de um individuo velho ou muito adulto, tendo no ramo direito fechados os alveolos dos 3 molares verdadeiros, e no ramo esquerdo faltando-lhe o dente principal, e mostrando tambem o alveolo fechado. Os ramos ascendentes desta maxilla eram muito largos e proporcionalmente baixos, e o chanfro sigmoideo não muito profundo. A barba era triangular e muito saliente, e as apophyses geni tambem muito pronunciadas. A apophyse coronoidea larga e revirada para fora. O rego myloideo largo e profundo, tudo indicando uma forte musculatura. Mas o mais notavel desta maxilla é o gastamento dos dentes especialmente na face externa, de forma que vista esta peça pela frente, a superficie de gastamento será dada por um angulo diedro, cuja aresta correspondesse ao plano mediano inclinando para diante. Vista de perfil a superficie que razasse a coroa dos dentes mostra uma forte curvatura sobre a geral não era possivel aplicar-se a superficie de trituração dos dentes da maxilla superior. Notando-se alem disso que os dentes não parecem limados, mas estão gastos pelo uso, e que o ramo direito da maxilla offerece superiormente uma larga superficie plana, faz lembrar a idea suggerida já pelo exame de outra maxilla achada nesta gruta, de que o gastamento dos dentes para estes individuos pelo menos, seja o effeito do uso de um corpo duro atravessado n'um, ou em ambos os cantos da boca, e que mascassem ou ahi trouxessem permanentemente [Cf. Photographias dos indios do Brazil, e a ??? de Capello e Ivens acerca do soba que foi cumprimental-os montado ou às cabritas n'outro preto.]. Maxilla inferior incompleta do mesmo typo da precedente, à qual falta a maior parte do ramo direito, e está alem disso quebrada no bordo inferior. Conserva só o ultimo molar verdadeiro, estando fechados os

(145)

¹⁴⁵ Ver nota 125, relativa a modificações dentárias e do osso mandibular de outra peça comparável à agora descrita, cuja funcionalidade poderia relacionar-se ou ser compatível com a cestaria, como parece deduzir-se da descrição apresentada, que bem evidencia as qualidades de observação do autor.

alveolos do 1.º e 2.º, e a maxilla muito deprimida nesta parte, em virtude do que a linha myloidea é horizontal e muito saliente, e o rego contiguo muito largo e profundo. Maxilla inferior incompleta, à qual faltam os dois ramos ascendentes. Pertencia a um individuo adulto, mas ainda novo, porque tem a dentição completa, mas a coroa dos dentes pouco gasta. O mais notavel desta maxilla é que o bordo exterior dos alveolos dos dentes anteriores formava um grosso cordão saliente, que se vai desvanecendo gradualmente, mas não desaparece de todo, até ao ultimo molar. 3 outras maxillas incompletas de adultos. 8 fragmentos de maxillares inferiores pertencentes a 5 individuos pelo menos. Dentes soltos: canino, 1. Falsos molares, 2. Verdadeiros molares, 5. Atlas, 3. Axis, 2. Vertebrae cervicaes, 4. Dorsales, 12. Lombares, 8. Sacrum, 7 fragmentos de diferentes esqueletos. Sternum, 3 fragmentos diferentes. Costellas, 66 fragmentos (alguns de animal?). Clavicula, 1 completa e mais 17 fragmentos de diversas grandezas. Omoplata, 8 fragmentos pertencentes a 5 diferentes pelo menos. Humero, 1 completo, faltando-lhe só a cabeça que se partiu talvez no acto da extracção, com uma pequena perfuração olecraniana. 1 extremidade superior e a epiphyse solta da cabeça de outro exemplar. 4 extremidades inferiores (2 com perfuração olecraniana) com uma porção maior ou menor do corpo. 3 corpos quasi completos, faltando-lhe só as extremidades. 11 porções superiores de corpos de humanos ± longos. 8 porções inferiores id. Cubitus, 6 completos ou quasi faltando-lhe só uma das extremidades. 10 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 3 extremidades inferiores id. 9 porções superiores ± longas faltando-lhe a extremidade olecraniana. Radios, 4 completos ou quasi completos faltando-lhe só uma das extremidades (um de criança). 13 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 7 extremidades inferiores. 2 porções do corpo de dois outros exemplares, talvez. Metacarpos, 25 (sendo 4 primeiros). Phalanges da mão, 17. Ossos iliacos, 10 fragmentos pequenos ind. de 5 ou 6 ossos de individuos novos. Femur, 8 extremidades superiores com uma porção do corpo ± longa (5 de infantes). 2 epiphyses soltas de cabeças. 3 extremidades inferiores. 4 epiphyses soltas ou condylos. 16 porções maiores ou menores do corpo. Rotulas, 4. Tibias, 5 quasi completas faltando-lhe uma das extremidades. Uma destas tem uma crista muito saliente, diferenciando-se bastante (como aliás sucede a respeito de muitas outras) de tibia do esqueleto recente. 4 extremidades superiores (uma de infante). 10 extremidades inferiores. 14 porções maiores ou menores do corpo. Peroneo, 1 extremidade superior. 4 extremidades inferiores. 2 porções de corpo. Metatarsos, 45 (sendo 15 primeiros). Phalanges do pé, 2. Ossos do tarso – Calcaneos, 17. Astragálos, 15. Scaphoides, 4. 1.º cuneiforme, 1. 3.º cuneiforme, 1. Cuboides, 4. 75 fragmentos de ossos longos muitos mostrando indubitavelmente a fractura intencional, excavados, esmagados. 50 lascas longitudinaes id. (146)

Restos de animais – 4 ossos iliacos, 3 femurs, 4 tibias e 2 radios de Coelho. Cubito, extremidade superior, de ...?

Tibia, metade superior de *Canis* [Quaternario?]. Femur, extremidade inferior. Humerus, fragmento.

Radio e fragmento de humero de Ave. Pequenos fragmentos de ossos longos fracturados. (147)

Ethnographia – Lasca de uma defesa de Javali.

Fragmento de uma valva de grande *Pecten* (*P. jacobus*?). Celt de amphibolite schistosa de 0,130^m de comprimento e 0,040^m de largura. Celt de schisto silicioso. Ø 0,090^m x 0,044^m. Id. de schisto argillo-silicioso estalado na superficie Ø 0,125^m x 0,057^m. Fragmento lascado de outro celt semelhante e da mesma substancia. Estilete ou ponta de um alfinete de osso de 0,069^m de comprimento. Peça trapezoidal de calcareo com orificio

¹⁴⁶ É lícita esta interrogação relativamente à possibilidade de algumas das costelas inventariadas não serem de humanos, dada a evidente dificuldade de diferenciação, sobretudo de exemplares incompletos.

¹⁴⁷ A platicnemia observada nalgumas tibias foi recorrentemente assinalada pelo autor.

conico para suspensão, de 0,030^m de altura e 0,027^m de largura na aresta superior, ou base maior do trapezio. É um fragmento de um pingente de collar, ou amuleto? Fragmento de uma placa de ardósia de 0,004^m de grossura com desenhos n'uma face. ! Faca de sílex cinzento perfeitíssima de secção triangular e estreitando para a ponta, estalada nos bordos pelo serviço que prestou, a maior que tenho visto, pois mede 0,209^m de comprimento e 0,026^m de largura no terço inferior. 3 facas de sílex cinzento e amarelado escuro de diferentes typos, uma com 0,071^m de comprimento e 0,012^m de largura de secção trapezoidal e cortante nos dois bordos, e as duas outras de 0,077^m e 0,078^m de comprimento e proximamente 0,020^m de largura, tambem de secção trapezoidal. 2 facas denteadas nos bordos, reforçados, de secção trapezoidal, uma de sílex cinzento com 0,130^m de comprimento, e a outra de sílex amarelado com 0,136^m. Sílex alongado de secção triangular variegado de branco, cinzento, e acastanhado. Raspador de sílex muito espesso formado talvez da ponta de uma faca denteada em redor. 0,046^m x 0,015^m. 2 pontas de flecha de sílex mui bellas, de forma lozangular com uma face plana, e denteadas em redor. ! Pequeno vaso subcylindrico ou em forma de barril semelhante a um cadinho, quebrado na borda com 0,050^m de altura e 0,030^m de diametro, amassado à mão, com a borda revirada para fóra. 2 fragmentos de borda de dois grandes vasos com desenhos simples a traço, de louça negra. Fragmento da borda de um vaso de louça negra com verniz negro interiormente e vermelho externamente com uma serie de cavidades ou pontos impressos na ??? exterior. 22 fragmentos pertencentes a 10 vasos diferentes pelo menos, de diversas formas e grandezas, todos feitos à mão e de superficie lisa. (148)

**Folha 47 (21,8x31,9 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas
Casa da Moura (Boca da gruta) Profundidade – 2,0^m**

Restos humanos – Craneo, 4 pequenos fragmentos. Atlas, fragmento. Vertebra lombar, fragmento. Humero, extremidade inferior. Cubitus, extremidade superior. Costellas, 3 fragmentos (um d'elles com a cicatriz de uma ferida na face interna!!! uma exostose (segundo Virchow). Femur, extremidade superior (cabeça). Tibia, corpo quasi completo com muitos sulcos paralelos (!) e uma cicatriz de antiga ferida (exostose?). Peroneo, extremidade inferior e 2 fragmentos do corpo – junto ao malleolo externo parece mostrar o callo de uma antiga fractura soldada. Astragálo, 1. Scaphoide, 1. Cuboide, 1. Metatarsos, 3 (sendo 2 primeiros). 2 fragmentos de ossos longos id. 2 Lascas id. (149)

Restos de animais – *Equus*, Axis, fragmento; Vertebra ?, id. Sacrum, id. Humeros, extremidade inferior. Radio. Omoplata, incompleta. Osso iliaco, id. Femur, extremidade superior. Extremidade inferior. Lasca do corpo. Astragalo.

Capra ou *Ovis*, condylo do occipital

Canis, 2 vertebrae lombares

Capra ou *Ovis*, metacarpo de pequeno Ruminante (cabrito ou ovelha). *Capra* ou *Ovis*, metatarso id. (id.).

Bos, 2.^a phalange de Ruminante [Quaternario]. Femur de coelho.

Canis, cubito de carnívoro de grande estatura (das areias inferiores).

Sus, extremidade superior de metacarpo.

¹⁴⁸ Trata-se do exemplar reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 13, n.º 15.

¹⁴⁹ A referência a cicatriz de ferida na face interna de uma costela é difícil de explicar, podendo a modificação óssea ter origem noutra causa.

Ethnographia – 28 fragmentos de louça grosseira ou mais ou menos fina, de pasta negra, e exteriormente vermelha ou negra, de superfície lisa, a maior parte muito pequenos. 2 lascas de osso, uma d'ellas visivelmente afeiçãoada para servir como furador, mas partida.

Folha 48 (21,6x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Casa da Moura (Crivo)

(a lápis escreveu-se de novo a palavra Crivo, com letra que não parece ser de Nery Delgado)

Restos humanos – 15 fragmentos de maxillares superiores pertencentes a 9 individuos pelo menos. 42 fragmentos maiores ou menores de maxillares inferiores pertencentes a 18 individuos pelo menos. Dentes soltos: incisivos, $31+18 = 49$. Caninos, $25+14 = 39$. Falsos molares, $28+20 = 48$. Verdadeiros molares, $110+36 = 146$. 130 pequenos fragmentos de craneo incluindo um pequeno osso wormio isolado. Atlas, 11. Axis, 12. Vertebrae cervicaes, 27. Dorsales, 38. Lombares, 16. Sacrum, 1 fragmento. Costellas, uns 126 fragmentos em geral pequenos. Clavicula, 30 fragmentos maiores ou menores. Omoplata, 12 a 14 pequenos fragmentos. Humero, 3 extremidades inferiores. 2 epiphyses soltas da cabeça de humeros de infantes. 7 porções inferiores do corpo com a extremidade incompleta. 5 fragmentos do corpo. Cubitus, 19 extremidades superiores ± completas. 1 extremidade inferior. 4 porções do corpo. Radio, 11 extremidades superiores. 7 extremidades inferiores. 24 porções maiores ou menores do corpo. Carpo – Scaphoide, 1. Pyramidal, 3. Grande osso, 7. Metacarpos, 98 (sendo 12 primeiros) $99+17 = 116$. Phalanges da mão, $56+10 = 66$. Ossos iliacos, 15 fragmentos diferentes alguns de criança. Femur, 4 extremidades superiores e 1 epiphyse solta da cabeça, e 1 femur de feto. 6 epiphyses soltas da extremidade inferior de femurs de crianças e de infantes. 3 fragmentos do corpo. Rotulas, 24. Tibias, 1 extremidade superior de infante e 2 epiphyses soltas superiores. 1 extremidade inferior. 2 fragmentos da canna. Peroneo, 2 extremidades superiores. 4 extremidades inferiores. 41 fragmentos (pequenos pela maior parte) do corpo. Tarso – Calcaneos, 18. Astragalos, 20. Scaphoide, 24. 1.º cuneiforme, 14. 2.º cuneiforme, 4. 3.º cuneiforme, 9. Cuboide, 11. Metatarsos, 181 (sendo 29 primeiros). Phalanges do pé, 48. Fragmentos de ossos longos ind., 10. Lascas id., 136 algumas perfuradas ou com vestigios de instrumento cortante.

Restos de animais – *Lepus*, restos numerosissimos pertencendo quasi exclusivamente às areias quaternarias, e a uma especie de maior estatura que o coelho bravo comum *L. cuniculus*. Os restos de lebre são muito raros, e pela maior parte pertencem ao deposito superior.

Lepus cuniculus – Maxillares inferiores, $577+51+522 = 1250+287 = 1:537$. Maxillares superiores e fragmentos do craneo. Vertebrae, sacrum, costellas (poucas), omoplatas, humerus (inteiros e fragmentos), cubitus, radios (pouco numerosos), ossos iliacos, femurs, tibias, metacarpos, metatarsos e phalanges. ! Uma tibia, e um radio e correspondente cubito com callosidade de fractura.

Lepus timidus – Fragmento do craneo. Humero, extremidade superior. Cubito, extremidade superior. Radio, fragmento. Vertebrae, 4. Omoplata. Femur, 3 extremidades superiores e 1 inferior. Tibia, 4 extremidades inferiores.

Felis, 4 especies. [Pertencentes às areias quaternarias]. Maxillares inferiores, 4 fragmentos de 2 especies diferentes, e 3 dentes caninos soltos. Sternum, 3 peças. Vertebrae 4, e 1 sacrum. Costella, fragmento. Omoplatas, 2 incompletas diferentes. Humeros, 1 pequeno de individuo novo, e outro de grande estatura. 2 extremidades superiores diferentes. Radio, extremidade inferior. Cubito, extremidade superior, diferente especie da precedente. Osso iliaco, _____. Femurs, 4 extremidades superiores (2 especies). 2 extremidades

inferiores, diferentes. Tibia, 1 extremidade superior e porção superior do corpo. Calcaneos, 6 (3 especies). Astragalo. Metacarpos e metatarsos, talvez confundidos com os de outros carnivoros. Phalanges.

Canis (pertencentes às areias quaternarias), 2 ou 3 especies. 2 fragmentos de maxillar inferior. 3 dentes molares soltos e 2 caninos, um de lobo ou ainda maior especie. Vertebra lombar e 5 vertebrae caudales. Omoplata, 2 de uma pequena especie. Humeros, 3 extremidades inferiores de duas especies. Cubitus, 2 extremidades superiores diferentes. Femur, extremidade inferior. Phalanges, 5.

Canis, 1 occipital, 4 vertebrae e fragmentos de humeros, do deposito superior (neolithico).

Hypodeus (Arvicola), 2 especies das areias quaternarias, representadas pelas maxillas superiores e inferiores; e uma ou ambas estas especies do entulho superior. (150)

Cervus, maxillar inferior, 2 fragmentos, e varios dentes molares soltos. Atlas, omoplata, osso iliaco, tibia e metacarpo (fragmentos); rotula, astragalo, e phalanges, 15 (sendo uma unguial), pertencendo provavelmente a mais de uma especie. (151)

Myoxus, [do entulho superior] 5 maxillares inferiores.

Sus, 2 fragmentos de maxillar inferior e 1 phalange [entulho superior]

Vespertilio, 4 craneos incompletos. 1 maxillar inferior. 2 humeros e 4 fragmentos id. Femur, 1.

Ovis ou *Capra* [entulho superior] – 4 dentes molares soltos. Vertebra caudal. Cubitus, extremidade superior. Metacarpos, 3 extremidades superiores. Metatarso, 1 extremidade superior. Astragalo. Phalanges, 4.

Equus Osso iliaco, fragmento. Ossos do carpo.

Mustela ? (*Hyaena crocuta* juvenil) Dente molar da maxilla superior, de individuo novo. (152)

Ossos indeterminados e lascas do osso (um tabuleiro).

Aves – Cubitus, omoplatas, pelvis, humeros, radio, femur, tibia, tarso–metatarso, pertencentes a 3 especies pelo menos.

Ethnographia – Abundantes cacos de louça grosseira lisa e com desenhos, negra e vermelha externamente, alguns fragmentos de azas, ou furos para suspensão. Seixos e calhaus muito rolados de quartzite inteiros e disformes arredondados, outros lascados, e alguns lascados e depois rolados. 10 furadores ou estiletos e facas de osso (spatulas) formados de diferentes ossos de animais. (!!!) 16 facas de silex, a maior parte d'ellas completas. [Uma d'ellas quaternaria]. 6 pequenos fragmentos id. 7 settas de silex. Raspador de silex jaspoide avermelhado. 2 pequenos fragmentos de hematite terrosa. 7 lascas de silex. 2 lascas de defeza de javali. Ossos de coelho e uma lasca de maxilla inferior muito rolada de ????. (153)

¹⁵⁰ É de assinalar a capacidade do autor em classificar pequenos mamíferos, contrastando com a dificuldade na identificação de ossos de grandes mamíferos, atribuível a ausência de coleção de comparação.

¹⁵¹ Ver nota 150.

¹⁵² A referência a dente de provável hiena das cavernas juvenil não se confirmou, já que esta espécie não foi identificada entre as representadas nos contextos plistocénicos (CARDOSO, 1993).

¹⁵³ A referência a uma “faca” do depósito plistocénico não se confirmou entre os exemplares conservados, a menos que se tratasse de um dos exemplares publicados posteriormente aquando da revisão dos materiais paleolíticos (ZILHÃO, 1997, Fig. 12.3).

Folha 49 (21,7x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

3 páginas manuscritas

Etiquetas n.º 2, 3, 6, 8, 9, 21 Casa da Moura Crivo

Objectos achados no entulho até 2,0^m de profundidade na sala exterior da gruta

Restos humanos – 37 fragmentos pequenos de craneo. Dentes soltos: incisivos, 673+48+18= 739. Caninos, 387+48= 435+11= 446. Falsos molares, 545+7+50= 602+17= 619. Molares verdadeiros, 1:543. Maxillares superiores, 19 fragmentos maiores ou menores, pertencentes a 10 individuos pelo menos. Maxillares inferiores, 55 fragmentos pertencentes a 24 individuos pelo menos. Metacarpos, 36 primeiros + 65 dos outros quatro – 101 + 12 = 113. Carpo – Scaphoide, 13. Sermilunar, 10. Pyramidal, 6. [Pisiforme (falta)]. Trapezio, 6. Trapezoide, 3. Grande osso, 12. Osso cuneiforme, 14. Phalange da mão, 654+24= 678. Tarso – Calcaneos, 5. Astragálos, 19. Scaphoides, 9. 1.º cuneiforme, 14. 2.º cuneiforme, 10. 3.º cuneiforme, 8. Cuboide, 14. Metatarsos, 24 primeiros + 56 dos outros – 80+16= 96. Phalanges do pé, 93 primeiras + 293+99 das outras – 485+24= 509. Rotulas, 16. Humerus, 1 completo com perfuração olecraniana. 21 extremidades inferiores, algumas com o corpo completo, 5 d’ellas com perfuração olecraniana e 4 de infante. 2 epiphyses soltas da extremidade inferior. 5 epiphyses soltas da cabeça. 2 extremidades superiores. 6 corpos completos ou quasi completos com a extremidade inferior incompleta, e mais 6 porções inferiores. Radio, 1 completo com uma forte tuberosidade bicipital. 11 extremidades superiores, tendo 3 o corpo completo. 9 extremidades inferiores, 1 com o corpo completo. 3 fragmentos do corpo, e 2 corpos completos. Cubitus, 1 completo. 15 extremidades superiores (1 com o corpo completo, alguns de infantes). 3 extremidades inferiores (1 de criança ou infante). 2 porções do corpo. Costellas, 32 fragmentos muitos d’elles completos. Claviculas, 13 e mais 14 fragmentos (3 de criança ou feto). Omoplatas, 3 incompletas. Sternum, 3 (2 manubrios incompletos, e 1 corpo muito largo) ! Atlas, 3. Axis, 7. Vertebrae cervicaes, 13. Dorsaes, 15. Lombares, 12. Sacrum, 3 fragmentos. Coccyx, 1.^a peça. Osso iliaco, 12 fragmentos maiores ou menores. Tibias, 5 (faltando a 2 a extremidade superior que se partiu accidentalmente no acto da extracção do jazigo). 1 extremidade superior, e 1 epiphyse solta. 1 extremidade inferior, e 1 epiphyse solta. 29 fragmentos maiores ou menores do corpo, alguns quasi completos, e representando aquelle typo distincto, que tem uma forte crista prolongando-se sem discontinuidade até à extremidade inferior. Estes exemplares são alem disso muito achatados, podendo referir-se talvez aquella variedade que tem sido denominada da forma de “lame de sabre”. Femurs, 3 quasi completos faltando-lhe só parte de uma da extremidades, de adultos. 3 id. de infantes, faltando-lhe a extremidade inferior. 3 extremidades superiores, sendo dois de infantes. 4 epiphyses soltas da cabeça, de infantes. 1 extremidade inferior. 3 epiphyses soltas inferiores. 3 corpos quasi completos e 22 fragmentos maiores ou menores de outros. Peroneo, 2 extremidades superiores. 2 extremidades inferiores. 5 fragmentos pequenos do corpo. 65 fragmentos de ossos longos quebrado intencionalmente. 40 lascas id. id. Metacarpo, phalange e outros ossos pequenos com vestigios de antiga fractura com callo. Pequena calote craneana comprehendendo o parietal esquerdo e parte do frontal de um craneo humano muito espesso de individuo muito adulto, pois que tem as suturas quasi desvanecidas. 2 pequenos fragmentos do craneo de um feto. 42 fragmentos diversos.

¹⁵⁴ Ver nota 147.

¹⁵⁵ Ver nota 154.

Folha 50 (21,7x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Casa da Moura Crivo Objectos achados no entulho superior até 2,0^m de profundidade

(Ethnographia)

2 pontas de lança incompletas, e um fragmento de outra, denteadas no contorno, infelizmente partida no acto de extracção do jazigo. – Uma d’ellas de silex cinzento escuro, à qual falta a ponta, e os angulos da base, tinha a forma subtriangular, com a base formada por duas linhas curvas encontrando-se n’um angulo muito obtuso, e mediria (completa) 0,070^m de largura na base, e 0,105^m de altura. – Uma outra de forma inteiramente semelhante, e de silex cinzento claro amarellado, media 0,072^m de largura na base e 0,087^m de altura – Fragmentos de uma terceira ponta de lança de silex cinzento, ainda da mesma forma, provavelmente mais estreita na base, e sem duvida com mais de 0,100^m de altura. Punhal (?) de silex cinzento, de forma triangular muito alongado, denteado nos lados, e na base para servir como raspador. Mede 0,112^m de altura e 0,021^m de largura na base. Ponta de outro instrumento semelhante, ainda mais largo, media 0,050^m de altura por 0,018^m de largura na base ou face de fractura. 144 flechas de silex (só uma de quartzo branco semitransparente) de todas as formas imaginaveis, todas com os bordos denteados, umas com aza lateraes, outras com umas simples pontas salientes; umas pedunculadas, outras simplesmente losangulares; e outras triangulares com a base cavada; umas com denticulação mui fina quasi imperceptivel, outras com uma denticulação forte muito regular ou irregular com fortes dentes; umas mais longas, outras de forma alongada elegantissima, e enfim variando tambem pela côr, que é branca, cinzenta ± escura, amarellada, acastanhada e avermelhada. A mais comprida de todas tem 0,064^m de comprimento por 0,024^m de largura; a mais estreita mede 0,032^m x 0,009^m, e é como a precedente pedunculada. Uma outra de forma pentagonal tem 0,016^m x 0,011^m. Outra quadrangular mede 0,018^m x 0,016^m. Uma bellissima de jaspe vermelho, quebrada na ponta, 0,050^m x 0,016^m. 2 pequenas facas de quartzo hyalino de 0,028^m x 0,008^m e 0,024^m x 0,009^m ambas quebradas na ponta. Pequeno nucleo de um cristal de quartzo hyalino. Cristal de quartzo hyalino lascado n’um dos extremos. 2 pequenas facas de quartzo branco semitransparente com 0,023^m x 0,009^m e 0,021^m x 0,011^m, ambas quebradas na ponta. (156)

Lasca de um cristal de quartzo hyalino podendo ter talvez servido como raspador. 49 facas de silex branco, cinzento, avermelhado, amarellado, acastanhado, e zonado destas cores, alguns com os bordos denteados (provavelmente tendo-o sido depois que o fio estalou ou abriu bocas pelo uso) e de varias grandezas desde 0,024^m até 0,135^m (comprimento de uma faca incompleta mui bella, à qual falta ainda a base). Umas são muito reforçadas, outras pelo contrario são formadas de laminas muito delgadas, variando tambem as formas, sendo algumas ponteagudas. 59 facas incompletas, ou grandes fragmentos para deixarem perceber a forma. 58 pequenos fragmentos de facas. Fragmento de osso longo de grande diametro afeiçoado com gume n’um dos bordos. Lasca afeiçoada de dente de javali. Metade superior de um femur de coelho gasto na superficie e com a superficie de fractura tapada com uma pequena lasca de osso, como uma pequena rolha. 15 raspadores de silex (157)

¹⁵⁶ A dificuldade do autor na separação tipológica entre punhais e as alabardas (por ele designadas por “pontas de lança”) ainda hoje não se encontra cabalmente resolvida. No caso, é provável que se trata do punhal representado por CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 21, n.º 3, executado sobre lâmina e cuja base convexa e com retoques a partir de ambas as faces levou a considerá-lo como raspador (raspadeira).

¹⁵⁷ É evidente a variedade tipológica das pontas de seta, sugerindo a sua efectiva coexistência aquando das oferendas depositadas na gruta, tal como o verificado em outras necrópoles colectivas. No entanto, a hipótese de as mesmas terem sido fabricadas dentro da gruta não é verosímil (ver nota 76). A atribuição a jaspe de algumas delas carece de confirmação, pois, se na aparência é essa matéria-prima que pode estar presente, por outro lado a abundância a curta distância de nódulos de silex vermelhos ou castanho-avermelhados na região de Rio Maior configura essa origem, até porque as verdadeiras pontas de jaspe reconhecidas nos sítios da Estremadura são sempre em número reduzido, por se tratar de matéria-prima oriunda do Alentejo, vindas certamente já manufacturadas, e de muito pior qualidade (CARDOSO, 2019).

de diversas formas. 8 furadores de osso. 2 cabeças e parte do pé de um alfinete de tocar de osso. Fragmentos de duas placas polidas, delgadas, de osso (semelhante a outra achada na Furninha). Fragmento pequeno de craneo humano, phalange do pé (pequena da 1.^a serie); dois ossos do tarso (scaphoide e 3.^o cuneiforme); extremidade inferior da tibia de coelho; e mais 5 pequenos ossos (humero e calcaneo de coelho) muito rolados, ou com a superfície muito gasta (como na Furninha). (158)

Dente canino pequeno de *Felis* com orificio de suspensão na raiz.

Dente canino de *Canis* (lobo) gasto na raiz, e com orificio de suspensão.

Defeza de (javali) *Sus* tendo pertencido a individuo muito velho, e estalada (ébreché) n'uma ??? por ter servido talvez como raspador? Peça de osso de forma muito singular, formada de uma lasca longitudinal gasta nas duas faces (e semelhando a um cravo de ferradura) quebrada na ponta. Fibula ou passadeira de falso marfim, com dois furos obliquos um para o outro ao meio para fixação como um botão, semelhante a outra da 1.^a gruta de Palmella, com duas chanfraduras de cada lado. É formada de uma lasca de defeza de Javali, tomada na face interna do dente. Fibula de osso plana, com dois orificios obliquos para fixação, semelhante a outras das grutas de Palmella. Pequena conta de osso com uma pequena garganta nos dois topos semelhante a outra maior achada na Furninha. 11 contas de serpentina e 3 pingentes (penduricos, berloques). Uma das contas tem 0,033^m de altura. 1 conta achatada de callaite verde esmeralda. 1 conta de spatho calcareo com 0,028^m de altura. 8 contas e um pingente subrectangular de azeviche. Uma das contas tem a forma ellipsoidal, e as outras 7 a forma de dois cones juntos pelas bases. 2 pequenos fragmentos de argilla ochracea vermelha. 5 bellos nucleos de silex cinzento. 2 nucleos e 7 pequenas lascas de quartzo branco | Provas de que foi aqui officina de fabricação de settas e facas. 3 nucleos e 17 lascas maiores de silex, algumas d'ellas talvez podendo ter servido como raspadores. 92 lascas pequenas de silex, algumas pequenissimas, restos despegados do trabalho de fabricação pela maior parte. 6 lascas e pequenos calháus rolados estalados de quartzite. 3 idem de quartzo. 9 pequenos seixos muito rolados de quartzo e de quartzite, um délles de quartzo roseo. Grande fragmento de uma placa trapezoidal de ardosa polida com desenhos. 1 fragmento menor de outra placa com desenhos, (159) (169)

¹⁵⁸ Referência a mais um alfinete de osso com cabeça amovível, que se junta aos anteriormente mencionados, característicos dos conjuntos do Neolítico Final da Estremadura. Ver notas 119 e 135.

¹⁵⁹ É significativa a recolha no mesmo sector e profundidade, dos dois únicos botões campaniformes identificados na gruta, configurando uma peça de vestuário semelhante à que é denunciada pelos botões alinhados de um dos enterramentos campaniformes da gruta 2 de São Pedro do Estoril (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964, Est. C). É interessante registar a presença destas peças sem que estejam associadas às respectivas produções cerâmicas campaniformes. A razão pode ser de ordem geográfica, tendo presente a extrema rarefacção de tais produções na Alta Estremadura. Situação análoga foi identificada no sistema cársico do Almonda (Torres Novas), situado na mesma região (ZILHÃO, 2016).

¹⁶⁰ Com efeito, foi nas grutas de Palmela, exploradas em 1876, que, em Portugal, se recolheram pela primeira vez este tipo de botões (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961). A referência, logo a seguir, a contas de diversas mineralogias merece também comentário. Assm, a designação de “calaite” refere-se a minerais verdes, muito provavelmente, a variscite, que é o mineral largamente dominante na região da Estremadura portuguesa (ODRIOZOLA et al., 2013). A conta considerada de “spatho calcário”, com o comprimento de 38 mm, deve corresponder à conta de fluorite cuja análise foi apresentada no Congresso de Lisboa de 1880 (BENSAUDE, 1884), determinação recentemente confirmada, aquando do estudo de outros exemplares pré-históricos da mesma região (CARDOSO, DOMÍNGUEZ-BELLA & MARTÍNEZ LÓPEZ, 2012). O erro de Nery Delgado nesta determinação é facilmente explicável dada a falta de análise química, ou em lâmina delgada (como a executada por Bensaúde) ou outra (como a seguida no último trabalho citado). Com efeito é grande a semelhança à simples vista desarmada entre os dois minerais. Tal significa que, aquando da redacção do manuscrito o estudo de Alfredo Bensaúde, apresentado em Setembro de 1880 ainda não estar concluído, pelo que tudo indica que a redacção deste original deve ter sido feita de forma concentrada no tempo, entre a conclusão das escavações na gruta, nos inícios de Julho e a celebração daquela reunião, correspondendo assim ao Verão de 1880. A data de redacção do manuscrito ter-se-á seguido imediatamente à publicação da monografia dedicada às antas de Belas, cujos espólios são frequentemente citados, a qual se encontra datada de 1880 (RIBEIRO, 1880).

2 outras com orifícios de suspensão, e 15 pequeníssimas lascas e fragmentos de placas da mesma substancia. Fragmento de uma placa de schisto cinzento muito micaceo. 9 lascas de silex do typo de facas e raspadores, que o Sr. Carlos Ribeiro julga pertencerem à epoca quaternaria, o que não é todavia possível, pelo menos para todas ellas. 2 pequenas tijelas de barro grosseiro negro amassado à mão, de forma hemispherica, uma d'ellas incompleta, de superficie lisa e com 0,055^m e 0,060^m de diametro na boca. Fragmento de outro vaso maior com a superficie lisa e velatura negra na superficie, de paredes mais finas (0,003^m a 0,006^m). Numerosissimos fragmentos de outros vasos, a maior parte de superficie lisa, de diversas formas, e igualmente de côr negra, alguns fragmentos com desenhos a traço, e um d'elles de louça muito rija negro-azulada, tendo uma aza muito elegante e a superficie sendo coberta de um inducto ou verniz vermelho. Pertencendo este objecto às primeiras explorações não pode fixar-se ao certo a profundidade em que seria encontrado, nem o ponto da gruta onde estava. Placa trapezoidal de basalto com duas faces planas e polidas, e de cor vermelha, tendo sem duvida servido como mó para triturar a ochra com que pintavam a louça, e talvez tambem os homens o corpo ou a cara. Placa ellipsoidal muito achatada de rocha ophitica porosa (Leiria e Monte Real) com as duas faces maiores planas, tendo provavelmente servido como mó movente para triturar grãos ou outras substancias. 2 massas discoides de calcareo areoso com uma face plana, e uma d'ellas com uma cova semispherica quasi ao meio desta face, podendo tambem ter servido como mó movente, em quanto que a outra é um instrumento do mesmo genero em esboço, ou ainda incompleto. À primeira vista tomar-se-hiam estas peças como malhas de jogo. Grande pilão de forma ovoide ou ellipsoidal alongada truncada nos polos; de calcareo granular fino saccharoide (marmore) branco, com 0,15^m de altura e 0,093^m de maior diametro. Bola irregular de calcareo argiloso compacto, cinzento, jurassico, com 0,10^m de maior diametro, da qual destacaram uma pequena calote, offerecendo deste lado uma superficie irregular de fractura. Bola de calcareo oolitico brechiforme com 0,060^m de diametro. Fragmentos de duas peças alongadas de calcareo saccharoide branco (bastão de commando) de forma alongada e accuminada para os extremos, de secção semelhante a um grande segmento de circulo com os angulos boleados. Tronco de um cylindro de superficie polida de calcareo saccharoide branco, mostrando vestigios de uma meia-lua proximo da base, como tem uma peça semelhante da sepultura (dolmen coberto) da Granja do Marquez. Lamina de calcareo oolitico ou saccharoide branco em forma de crescente truncada n'uma das extremidades, inteiramente analoga a outra achada na gruta de Cascaes. 2 peças conicas (fragmentos) de

(161)

(162)

(163)

(164)

(165)

(166)

¹⁶¹ Trata-se de divergência do autor, ainda apresentada em vida de Carlos Ribeiro superior hierárquico de Nery Delgado, o que jamais colocou em causa a lealdade existente entre ambos.

¹⁶² Refere-se o autor às primeiras explorações efectuadas na gruta em 1879, quando ainda não teria sido estabelecido o sistema de referenciação que condicionou o desenvolvimento ulterior da escavação, ainda no decurso do final desse ano, já que logo a 2 Janeiro de 1880 Miguel Pedroso apresentou a Nery Delgado o referido sistema de referenciação.

¹⁶³ A classificação como moventes de mós manuais destas peças é consentânea com a sua real utilização, o que é para sublinhar dada a ausência de paralelos etnográficos aos quais o autor pudesse recorrer. O exemplar com uma depressão no centro da face plana foi reproduzido em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 59, n.º 1.

¹⁶⁴ Devem corresponder aos exemplares reproduzidos em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 61, n.ºs 1, 4 e 5.

¹⁶⁵ Este exemplar, que o autor associou correctamente ao recolhido na gruta artificial da Granja do Marquês (Sintra), já então publicado por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1880, Fig. 87 e 88) não se encontra presente nas colecções. Trata-se de peça de grande importância, por documentar até esta região o culto da Lua, o qual se centrou na região imediatamente a norte e a sul da Serra de Sintra, conforme evidenciam a distribuição dos achados de objectos conectados com aquele culto, com destaque para as lúnulas de calcário (JALHAY & PAÇO, 1941, Fig. 17).

¹⁶⁶ Esta peça já foi anteriormente referida, tendo-se admitido que seja constituída por dois fragmentos que não colam (ver nota 63). A parte que possui as três perfurações foi recolhida na Letra p à profundidade de 0,40 m por cima do banco estalagmítico. A que agora é

rocha trappica partidas do lado da base, talvez fragmento de uma arma ou instrumento de muito maiores dimensões. Goiva perfeitíssima de schisto silicioso negro. (167)

Celt de diorite schistoide de forma pentagonal, partido no gume: 0,100^m x 0,056^m x 0,038^m com as arestas arredondadas. Celt trapezoidal de schisto diorítico com gume cortante curvilíneo: 0,076^m x 0,042^m x 0,018^m. Celt trapezoidal de schisto: 0,078^m x 0,051^m x 0,029^m. (Fragmento) Celt incompleto de schisto diorítico de forma rectangular com gume rectilíneo : 0,041^m x 0,032^m x 0,013^m. Celt de schisto diorítico de forma trapezoidal e gume cortante de 0,058^m x 0,040^m. Pequeno fragmento de cabeça de um pequeno celt polido de diorite muito fina. Celt de rocha feldspathica branca variada de negro, schisto ?, muito gasto pelo uso. Celt de schisto silicioso negro com gume cortante rectilíneo: 0,060^m x 0,048^m x 0,015^m. Celt de schisto incompleto de forma rectangular com o gume curvilíneo: 0,117^m x 0,064^m x 0,018^m. Celt de schisto silicioso de forma trapezoidal, cortado por uma face plana na base correspondendo ao gume, que provavelmente teve anteriormente: 0,064^m x 0,031^m x 0,013^m. Pequenino celt de schisto quartzoso esbranquiçado, de 0,038^m x 0,016^m. Fragmentos de 6 outros celts diferentes, de schisto silicioso negro, de diversas formas. Fragmento de 1 celt de basalto de forma trapezoidal: 0,050^m x 0,049^m x 0,013^m. Fragmento de calcareo jurássico com a forma de um celt, talvez produzida naturalmente. 6 calhás rolados e estalados de quartzito tendo servido provavelmente de percutores. (168)

1 concha de *Cerithium*.

2 valvas de *Ostrea*.

4 valvas de *Pectunculus* furados no umbão e rolados; mais 3 valvas roladas 1 outra a qual mostra um enorme buraco faltando-lhe só a charneira e os bordos, e 2 fragmentos de outras. (169)

5 valvas de *Patella* algumas d'ellas porventura pertencendo às areias inferiores. (170)

4 fragmentos de valva convexa de um grande *Pecten* (*P. maximus* ou *jacobeus*?).

2 valvas de *Cardium* e 1 fragmento de outra.

Fragmento de uma valva de *Tapes* (ameijoia da pedra).

mencionada pelo autor provém do crivo e é a que possui evidente analogia com o exemplar recolhido nas grutas do Poço Velho (Cascais) (PAÇO, 1941, Fig. 19 a).

¹⁶⁷ Esta goiva, que corresponde ao único exemplar completo recolhido na gruta, foi reproduzida em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002 Fig.10, n.º 4). Trata-se de exemplar de pequenas dimensões, de assinalável raridade nos contextos neolíticos ou calcolíticos do território português (CARDOSO, 1980); G. e V. Leisner (LEISNER & LEISNER, 1951) estabeleceram dois grupos principais, pelo tamanho: os exemplares de grandes dimensões ocorriam preferencialmente nos monumentos megalíticos alentejanos, enquanto os de pequenas dimensões eram predominantes nas estações calcolíticas da região estremenha existindo, porém, também aqui, grandes exemplares neolíticos, como o recolhido na gruta do Lugar do Canto (Alcanena) (CARDOSO & CARVALHO, 2008, Fig. 16, n.º 1).

¹⁶⁸ Trata-se na verdade de exemplar de fibrolite (silimanite fibrosa), de carácter votivo, dadas as pequeníssimas dimensões e a matéria-prima, idênticos a outros reconhecidos em diversas áreas do território português, o qual foi publicado em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 10, n.º 3). O facto de Nery Delgado se ter enganado na classificação petrográfica deste exemplar explica-se facilmente pelo facto de ocorrências deste tipo de matéria-prima susceptíveis de fornecerem massas com suficiente volume serem praticamente desconhecidas em território português.

¹⁶⁹ Já anteriormente se tinha referido a presença de conchas de moluscos marinhos, entre elas valvas de *Glycymeris* sp. (ver nota 96), como as que aqui são mencionadas, as quais não se confundem com a sua utilização como braceletes, elementos de adorno característicos do Neolítico Médio do centro e sul do território português, atingindo os finais do IV milénio a.C. (Neolítico Final), como se verifica pelo exemplar incompleto recolhido em Leceia (CARDOSO, 2015 b).

¹⁷⁰ O autor já tinha referido a presença deste género na gruta, tal como a de *Pecten* e de *Tapes* (*Ruditapes*); agora menciona pela primeira vez a de *Cardium* (ver nota 69). Correspondem a moluscos marinhos ou estuarinos cuja ocorrência na cavidade se relaciona com oferendas funerárias ou com objectos de adorno (ver nota 103). Quanto à presença de *Helix* (caracol terrestre) a mesma deve reportar-se a infiltrações de materiais vindos do exterior da gruta.

9 conchas de *Helix nemoralis*. (171)

2 radiolos de Echinideo, fosseis, do terreno jurassico.

Ferro oxydado vermelho terreo (ochra vermelha), 10 pequenos fragmentos, o maior apresentando diferentes superficies lisas, e mostrando claramente ter sido raspado ou gasto para d'elle obterem pó. (172)

Folha 51 (21,7x32 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

3 páginas manuscritas

Etiqueta nº 34 Camara central do Norte (3.^a Lapa) Desde a superficie até 0,40^m de profundidade.

Restos humanos – Calote craneana de individuo muito adulto ou velho, pois que tem as suturas soldadas, comprehendendo parte do occipital, dos dois parietaes e do frontal. É mui notavel pela espessura que junto à sutura fronto-parietal excede 0,01^m, e pela extraordinaria saliencia da protuberancia occipital externa e da linha curva superior que formam uma crista continua e da crista occipital externa que tambem é muito saliente. Correspondendo ao vertice da sutura lambdoide tambem tem uma bossa mui saliente. 2 ossos frontaes, um d'elles notavel pela saliencia das bossas frontaes, e pela fractura que apresenta n'uma d'estas bossas, que todavia não interessa todo o tecido osseo. Osso frontal incompleto notabilissimo pela extraordinária saliencia da bossa nasal e das arcadas supraciliares. 7 ossos temporaes quasi completos, e 22 fragmentos de outros semicompletos. 105 fragmentos dos ossos da abobada craneana, pela maior parte de pequenas dimensões. Craneo quasi completo faltando-lhe só uma parte da base, encontrado à superficie do solo desta divisão da gruta (cuja entrada estava tapada com terra e pedras que para ali tinham rolado naturalmente). A parte do occipital, que falta, foi extrahida violentamente por uma forte pancada, pois que os bordos da fractura apresentam um contorno irregular e a superficie escabrosa, e sobre o parietal direito vê-se uma serie de cavidades, como se a arma ou instrumento tivesse resvalado na pancada. (173)

– Esta cabeça parece aliás bem conformada, e não differir muito do typo dos da nossa raça actual. [Serão pois estes os vestigios de uma lucta estabelecida entre a raça autochtone e uma raça invasora ?]. 2 ossos maxillares superiores direitos e 14 fragmentos de outros. 2 maxillas inferiores e 18 fragmentos pertencentes a 13 individuos pelo menos. [13 + 2 = 15]. Dentes soltos: incisivo, 1. Caninos, 3. Verdadeiros molares, 9. Atlas, 3. Axis, 3. Vertebraes cervicaes, 8. Dorsaes, 13. Lombares, 13. Sacrum, 2 fragmentos. Sternum, 4 fragmentos. Costellas, 41 fragmentos. Claviculas, 6 completas ou quasi completas, e 18 fragmentos diferentes de outras. Omoplatas, 11 fragmentos de 7 diferentes pelo menos. ! Humero, corpo de um exemplar mui grosso, deformado ?, mui notavel. É do braço esquerdo, e distingue-se pela enorme grossura e grande torsão que apresenta. Humerus, completos ou aos quaes falta só uma das extremidades, 8 (uma com fractura e grande callo) (174)

¹⁷¹ Estes fósseis não passaram despercebidos ao autor, que os não confundiu, e bem, com objectos arqueológicos, como por vezes tem acontecido, em resultado da deficiente formação em Geologia e Paleontologia da maior parte dos pré-historiadores.

¹⁷² A existência de corante vermelho (ocre) foi já anteriormente assinalada, sendo utilizado em rituais funerários diversos, como os identificados na Lapa do Fumo, Sesimbra. O presente exemplar (não desenhado) pode observar-se ainda no Museu Geológico do LNEG. Ver nota 133.

¹⁷³ Esta descrição não deixa dúvidas quanto à natureza violenta e intencional da lesão, somando-se a muitas outras observações apresentadas pelo autor ao longo deste inventário. Ver notas 39, 51, 60, 65, 66, 68, 72, 73, 74, 117, 126, 131 e 137.

¹⁷⁴ A existência conflituosa de dois grupos humanos, representados por individuos anatomicamente distintos justificaria, para o autor, as frequentes marcas de violência observáveis, sobretudo nos crânios. Ver nota 69.

junto à extremidade inferior). 2 extremidades superiores com metade do corpo, ou mais, e 3 cabeças e uma epiphyse da cabeça soltas. (175)

12 extremidades inferiores com uma porção maiores ou menores do corpo (sendo 2 de criança e 1 de feto). NB – De todos estes ossos apenas 1 mostra a perfuração olecraniana; 8 porções superiores do corpo; (176)

14 porções inferiores do corpo. 10 porções maiores ou menores do corpo, parte media. Cubitus, 15 extremidades superiores, 3 d'ellas com o corpo completo. (1 de infante). 4 extremidades inferiores. 5 porções superiores do corpo e 2 porções inferiores. Radio, 1 completo de criança ou feto. 3 de adultos, aos quaes falta uma das extremidades, que se partiu no acto da extracção do jazigo. 4 extremidades superiores com uma porção do corpo maior ou menor. 5 extremidades inferiores id. (1 de criança). 3 corpos completos. 3 porções superiores do corpo, e mais 8 porções medias do corpo. Carpo – Semi-lunar, 2. Trapezio, 1. Grande osso, 1. Metacarpos, 45 (sendo 5 primeiros). NB – Alguns dos ossos do metacarpo e do metatarso, depois de limpos apresentam auquelle aspecto fresco, e maior peso especifico que facilmente induziria a tomal-os como recentes. Mas é evidente que nesta parte da gruta, que estava oculta debaixo do entulho superior, e cuja existencia mesmo não se suspeitava, nenhum animal podia ter penetrado. Sendo esta parte do entulho superior a mais antiga, e sendo ahi que se encontrou o maior numero de ossos longos inteiros, poderia julgar-se que ali fosse o cemiterio, mas esta opinião é destruida pelo facto de que os ossos apresentam o mesmo estrago que na sala exterior da gruta, e que há ali a mesma falta dos ossos que seriam necessarios para completar tantos esqueletos quanto é o número dos maxillares. Os metacarpos em grande numero pertencem ainfantes. As phalanges revelam (177)

uma mão pequena e muito delgada. Phalanges da mão, 41 (sendo 5 primeiras da 1ª serie). Osso iliaco, 12 fragmentos. Rotulas, 6. Femur, inteiro, 1. 7 faltando-lhe uma das extremidades, mas que parece se partiram no acto da extracção. 11 extremidades superiores com uma porção maior ou menor do corpo. 8 extremidades inferiores id. e 1 epiphyse solta. 21 corpos completos ou quasi. 3 porções superiores do corpo. 11 porções inferiores do corpo. 9 porções medias do corpo maiores ou menores. Tibias completas, 3 (uma d'ellas muito chata, do typo chamado folha de sabre ?). 4 faltando-lhe a extremidade superior (todas deste typo, achatadas). 7 extremidades superiores, e 2 epiphyses soltas. Tibias, 7 extremidades inferiores com uma porção maior ou menor do corpo, (178)

e 2 epiphyses soltas. 10 corpos completos ou quasi completos. 27 fragmentos maiores ou menores do corpo. Peroneo – 5 extremidades superiores. 7 extremidades inferiores. 5 corpos completos ou quasi. 20 fragmentos menores. Tarso – Calcaneos, 10. Astragálos, 12. Scaphoides, 8. 1.º cuneiforme, 1. 3.º cuneiforme, 2. Cuboides, 10. Metatarsos, 52 (sendo 10 primeiros). Phalanges do pé, 22 (sendo 9 primeiras da 1.ª serie, e 1 primeira da 2.ª serie). Fragmentos de ossos longos quebrados, excavados, roidos, 18 (1 com um golpe profundo de sílex). Lascas id. id., 24. (179)

¹⁷⁵ É recorrente a menção a fracturas consolidadas, especialmente observadas nos ossos longos o que em si mesmo não é sinónimo de violência, embora possa sê-lo, em parte. As fracturas podem denunciar igualmente o modo de vida destas populações, de grande mobilidade e que viviam em domínios pedregosos de baixa montanha.

¹⁷⁶ É interessante a observação da existência de restos de feto, o que denuncia o cuidado da recolha, neste caso em resultado da utilização do crivo.

¹⁷⁷ A distribuição não homogénea dos segmentos anatómicos pelas diferentes partes do esqueleto mostra que houve manipulação prévia dos ossos, tal qual se verificou na gruta da Furninha, Peniche, escavada na mesma época, correspondendo a um ossário, ou depósito secundário. Esta constatação é corroborada pela observação do autor de não ter encontrado restos humanos em conexão anatómica. Ver nota 68.

¹⁷⁸ Ver nota 147.

¹⁷⁹ A referência ao golpe profundo observado em um osso longo indeterminado ter sido provocado por um sílex é de reter, embora tal não seja relevante para a conclusão da existência de canibalismo. Ver, entre outras, as notas 61 e 73.

Restos animais – Ossos de coelho, de *Felis*, de Aves, e de outros animais, em parte pertencentes às areias superiores, e que por isso puz de parte para serem estudados mais tarde. (180)

Equus – extremidade superior de cubitus [Quaternario?]. Vertebrae dorsales, 2 incompletas.
Bos – Astrágalo. Phalange, metade superior. Cabeça de fêmur.
(Gamo?) Capra? – ponta, 2 fragmentos da mesma [Quaternario?].
Canis lupus? – extremidade superior incompleta de cubitus [Quaternario?].
Felis – Omoplata, fragmento [Quaternario?]. Extremidade superior do humero [Quaternario?].
Capra ou *Ovis*, indivíduo novo – 3 dentes molares
Ruminante ou *Cervus?* = Radio, metade superior

**Folha 52 (21,7x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
3 páginas manuscritas**

Etiqueta nº 38 Casa da Moura Camara central do N. (3.ª Lapa) Profundidade – 0,50^m

Restos humanos – Maxilar superior esquerdo incompleto, de indivíduo com a dentição completa, mas a coroa dos dentes bem conservada. ! Maxilares inferiores, 4 fragmentos diferentes, sendo uma barba e parte do maxilar direito de enorme espessura e apresentando um caso pathológico notabilíssimo, fistula e engrossamento do osso. 14 fragmentos da abóbada craneana. Axis, fragmentos. Vertebrae dorsales, 2. Lombares, 2. Costellas, 3. Claviculas, 4 (2 quasi completas). Omoplatas, 2 fragmentos. Humeros, 4 (um completo e a 3 faltando-lhe só a cabeça, mas excavados interiormente). 4 fragmentos de corpo. Cubitus, 3 extremidades superiores. Radio, 1 completo. 1 extremidade superior. 1 extremidade inferior. Femur, extremidade superior com uma grande porção do corpo. Extremidade inferior, diferente. 4 fragmentos do corpo partidos intencionalmente, um com vestígios de feridas. Tibia, extremidade inferior. 7 fragmentos maiores ou menores do corpo, um d’elles quasi completo de criança ou feto, e outro com vestígios de feridas. ! Peroneo, fragmento do corpo, de forma notabilíssima, formando em parte como uma folha de sabre. Rotulas, 2. Calcaneos, 3. (181)

Astrágalos, 3. (182)

(183)

Ethnographia – Fragmento de um vaso de louça negra com inducto vermelho externamente e internamente, amarelado (de oxido de ferro anhydro e hidratado reduzido a pó), com uma aza horizontal, junto à qual de um dos lados tem desenhos simples a traço muito superficial e a partes impressas. Fragmento de superfície lisa pertencente ao mesmo vaso precedente. Taça incompleta representada por trez fragmentos que puderam ajustar-se dando perfeita idea da sua forma irregularmente hemispherica. Como o vaso precedente este foi modelado à mão, mas neste genero são mui perfeitos ambos. Como elle é interior e exteriormente

¹⁸⁰ Ciente da sua incapacidade para estudar adequadamente a generalidade dos restos faunísticos recolhidos, designadamente os recolhidos nos depósitos plistocénicos, o autor declara tê-los posto de parte para estudos ulteriores. O mesmo verificou-se na Furninha, onde os restos de aves só muito mais tarde foram estudados por Newton (in HARLÉ, 1910/1911), e as faunas de vertebrados plistocénicos por Harlé e publicadas neste mesmo trabalho.

¹⁸¹ O autor estava desperto e capacitado para a identificação de casos patológicos conservados nos ossos, como se conclui pela presente descrição.

¹⁸² Mais uma referência a marcas de violência neste caso observada em fêmures, supostamente partidos intencionalmente. Note-se no entanto que estas fracturas, sejam intencionais ou acidentais, podem ter resultado da manipulação dos ossos aquando do seu depósito em contextos secundários (ossários) que eram os que provavelmente estariam presentes na gruta.

¹⁸³ A platicnemia estaria igualmente presente no perónio, para além da sua ocorrência insistente nas tíbias, como já foi assinalado em notas anteriores. Ver, entre outras, as notas 147 e 178.

revestido de inducto, por dentro vermelho e por fóra negro. 3 fragmentos de trez outros vasos de pasta mui grosseira e superficie lisa. Seixo de quartzite quebrado n'um dos topos.

Restos de animaes – [Alguns talvez todos, pertencerão porventura ao deposito inferior, quaternario]

Felis da estatura do lince, *F. Lynx*. Humerus, extremidade inferior; Cubitus, extremidade superior; os 2 femurs; Sacrum.

Coelho, *Lepus cuniculus*. Tibia; Femurs, 2 diferentes; Fragmento de maxillar superior direito, faltando-lhe os 2 primeiros premolares; Radio, extremidade superior e grande porção do corpo; Humeros, faltando-lhe a extremidade superior e excavado interiormente com golpes de instrumento cortante que serviu provavelmente para o partir; Cubitus, extremidade superior; Costellas, 2; Omoplata, fragmento; Tibia, extremidade superior; Calcaneo; Astragalo. *Bos*, especie de pequena estatura. Phalange; Fragmento do corpo de osso longo, provavelmente femur.

Cervus, 2 especies pelo menos ou antes 2 especies de Ruminantes maiores que o Carneiro. Fragmento de páo de Veado; Humerus, 2 extremidades inferiores diferentes; Costella; Metacarpo, extremidade inferior; Tibia, extremidade inferior; Phalanges, 2; Metatarso, extremidade inferior dividida em duas lascas longitudinais; 2 extremidades superiores representadas por duas lascas longitudinaes.

Vertebras, 2 fragmentos de individuo do genero *Equus*, de pequena estatura [Quaternario ??]. Osso iliaco, 2 fragmentos. Rotulas, 2. Calcaneo, 1. Ossos do tarso, 2.

Metacarpo, completo de grande *Canis*. Humeros, 2 extremidades inferiores e dois fragmentos do corpo, de *Canis*. Radio, 4 fragmentos indeterminaveis, talvez de *Canis*. Metatarso, extremidade superior separada de outro com uma lasca do corpo. Phalanges do pé, 6 sendo uma unguial. Osso do tarso ou de corpo indeterminado.

Lasca longitudinal de metatarso um pouco maior que o do carneiro. Pertence ao deposito superior, porque esta cheio de terra com detritos de carvão. Do gen. *Ovis*? (184)

Lascas de grande osso longo, provavelmente de *Bos*.

Folha 53 (21,4x32,4 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

2 páginas manuscritas

Camara central do N. junto à Letra D. (3ª Lapa)

Ethnographia – 3 celts magnificos de schisto silicioso cinzento-anegrado (phtanite). 7 celts id. de amphibolite schistosa, o maior medindo 0,19^m de comprimento e o menor 0,10^m, todos de formas diferentes. Nucleo de silex cinzento. 2 facas de silex cinzento, porventura do nucleo precedente, de 0,10^m e 0,088^m de comprimento, de secção trapezoidal e bordos cortantes. Faca de silex cinzento e branco às manchas com os bordos denticulados, de 0,055^m de comprimento. Flecha de silex de forma losangular com os bordos denteados mui bella. ! Ponta de lança de silex acastanhado de forma triangular com as duas faces planas e polidas e os bordos finamente denteados, magnifica! NB – Foi encontrada a 0,40m de profundidade da superficie. 2 pequenas tijellas de barro vermelho exteriormente, e interiormente negro com numerosos pontos brancos spathicos, feitas (185)

¹⁸⁴ A menção a “detritos de carvão” pode relacionar-se com a prática de fogos rituais, como os observados na Lapa do Fumo, Sesimbra, associados ao uso do ocre vermelho e à manipulação de ossos humanos (SERRÃO & MARQUES, 1971), tal qual poderia ter acontecido na gruta em apreço. Sob este aspecto, tem interesse a menção explicita, feita anteriormente, a ossos queimados em área circunscrita da gruta (Letra s, prof. 0,60 m), que eventualmente corresponderia a localização e uma fogueira ritual, como as identificadas na Lapa do Fumo.

¹⁸⁵ Trata-se de uma das alabardas recolhidas na gruta, sistematicamente designadas por “pontas de lança”, cujo processo de manufactura exigia prévio polimento, para se atingir a espessura da placa de silex que era ulteriormente afeiçoada por levantamentos periféricos. Ver nota 95.

à mão. Uma d'elles é pouco funda; a outra quasi hemispherica. NB – Foram ambas encontradas a 0,30^m de profundidade. Furador de osso feito de uma lasca longitudinal de metatarso de Ruminante provavelmente de carneiro ou de cabra. Fragmento de outro furador semelhante ao precedente. Fragmento de uma goiva de corte obliquo fabricada de aphanite. Pequeno fragmento de craneo humano muito gasto nas arestas e na superficie. Vaso de forma elegante de barro pouco grosseiro, interior e exteriormente vermelho pela cozedura e por uma velatura desta cor que recebeu, de paredes delgadas (0,005^m a 0,006^m) e duas pequenas azas nascendo da borda e sobressahindo um pouco sobre ella. Obtiveram-se mais fragmentos, todavia sufficientes para poder fazer-se d'elle a restauração. O calor atravessou muito desigualmente as paredes do vaso que n'uns pontos são vermelhas em toda a espessura, n'outros deixaram uma longa faixa escura no interior. 10 fragmentos de vasos diferentes (8 pelo menos) de louça negra com desenhos, exteriormente negra ou vermelha, com velaturas destas cores, sendo principalmente notáveis um fragmento que tem os traços na superficie interna, e outro que tem os desenhos em linhas curvas interrompidas semelhando correntes (?), mas que muito provavelmente pertenciam ambos ao mesmo vaso. Fragmento de um vaso de louça grosseira negra com pontos brancos de superficie lisa, mas com dois pequenos botões salientes, um d' elles situado na borda. Uma aza e 38 fragmentos de superficie lisa ± grosseira e de diversa espessura, de cor negra ou vermelha. A maior parte destas louças foram fabricadas à mão, mas alguns fragmentos, de louça mais fina e mais bem cosida, revelam o emprego da roda. (186)

**Folha 54 (22,1x32,3 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,
2 páginas manuscritas**

**Quaternario Casa da Moura Camara central do S. (4^a Lapa) – Profundidade 0,50^m
(logo por baixo do manto stalagmitico)**

Lepus Maxillares inferiores soltos, 7; Vertebrae, 5 (sendo um axis); Humeros, 5 inteiros. 2 extremidades superiores. 2 extremidades inferiores, todas diferentes. Radios, 3. Cubitus, 1. Ossos iliacos, 5 fragmentos. Femur, 1 inteiro de individuo novo sem as epiphyses. 7 extremidades superiores. 1 extremidade inferior. Tibias, 3 inteiras. 2 extremidades superiores. 8 extremidades inferiores. 10 porções do corpo. Calcaneo. Metatarsos, 2. Phalanges, 5. (187)

Vespertilio – Humerus, extremidade superior.

Aves – Humero; Femur; Metacarpo.

Canis lupus – Humero. Femur, metade inferior. Tibia, extremidade inferior incompleta. Vertebra caudal.

Mustela – Maxillar inferior direito, igual do outro colligido a 0,40^m de profundidade. Lasca de silex triangular, talvez ponta de flecha partida no apice. [Evidentemente quaternaria]. (188)

¹⁸⁶ Embora não seja referido o modo de jazida destas duas peças, é inquestionável que ambas detinham a mesma funcionalidade no depósito. Por outro lado, a qualidade da escavação, apesar da sua extensão e da dificuldade de execução no interior da gruta permitia o registo de situações como esta.

¹⁸⁷ Deve tratar-se do fragmento publicado em CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 48, n.º 2.

¹⁸⁸ O autor deve estar a referir-se à técnica do penteado arrastado, produzindo uma decoração de linhas incisivas paralelas, que podem ser frequentemente ondeadas, contínuas ou interrompidas, presentes em diversos exemplares conservados, sendo característica do Neolítico Antigo evolucionado.

¹⁸⁹ É interessante verificar a capacidade do autor para classificações que eram exigentes, por exigirem elementos comparativos, como é o caso da identificação da Doninha, *Mustela nivalis*, assinalada na gruta.

Felis – Maxillar inferior, fragmento de *Felis* sp. Peça do sternum. Costella, 1.^a. Calcaneo de *Felis catus*. Calcaneos, 2 de outra especie maior. Omoplata, fragmento. (190)

Osso iliaco, fragmento. Atlas. Vertebra dorsal. Humerus, de grande especie, provavelmente *F. Lynx*. Cubitus, metade superior. Radios, metade inferior e outro ao qual só falta a extremidade inferior. Femur, metade superior e metade inferior, diferentes. Tibia, extremidade inferior roída. (191)

Equus – Costellas diferentes. Amostras de brecha ossea com as areias amarelladas cimentadas pelo calcareo stalagmitico. Involvidos nesta brecha aparecem tambem algumas pedras de calcareo, e juntamente com as amostras vieram tambem alguns fragmentos de stalagmites cylindricas ± grossos. (192)

Folha 55 (21,7x32,5 cm), pautada, marca de água “Almasso Prado / Thomar”,

4 páginas manuscritas

Casa da Moura Camara Central do S. (4^a Lapa)

Objectos encontrados desde a superficie até 0,40^m de profundidade.

Restos humanos – Craneo completo, ao qual faltam só as arcadas zygomaticas e o 1.^o incisivo direito e os ultimos molares, tendo sido achado proximo da superficie, estando até em parte descoberto. Era de um individuo adulto, mas ainda novo parecendo que os ultimos molares não tinham chegado a romper completamente vista a profundidade de um dos alveolos que resta, e ??? a corôa dos dentes se mostra pouco gasta; mas por outro lado algumas das suturas são pouco perceptíveis, o que induziria a atribuir-lhe maior idade. 32 fragmentos da abobada craneana compreendendo um frontal quasi completo, 1 osso molar e 2 occipitales. Maxillar inferior esquerdo de individuo adulto. Maxillares superiores reunidos incompletos de outro individuo. 2 pequenos fragmentos de maxillares superiores. Fragmento pequeno de maxillar inferior. Dentes soltos: incisivos, 2. Caninos, 6. Falsos molares, 3. Molares verdadeiros, 3. Atlas, 2. Vertebrae dorsales, 4. Lombares, 4. Costellas, 3 fragmentos. Sternum, 1 peça de individuo muito novo ou criança. Omoplatas, 2 incompletas. Claviculas, 3 fragmentos (1 de criança ou feto). Humerus, 2 quasi completos, aos quais só falta parte da extremidade inferior. 3 extremidades inferiores, 2 de criança (e uma só de todas 5 tendo a perfuração olecraneana). Cubitus, 2 extremidades superiores. 1 extremidade inferior. Radios, 2 extremidades inferiores. 2 fragmentos do corpo, um d'elles roído e afeiçãoado nas extremidades. Metacarpos, 9 (sendo 2 primeiros). Phalanges da mão, 11. Ossos iliacos, 3 fragmentos (sendo 1 ischion de criança). Femur, 1 quasi completo faltando-lhe a extremidade inferior, mas não excavado inteiramente. 1 id. ao qual falta a extremidade superior. 2 extremidades superiores, sendo uma de criança. 1 extremidade inferior. Corpo de um outro femur, faltando-lhe a extremidade inferior e parte da superior. Rotula, 1. Tibias, 1 completa. 1 faltando-lhe a extremidade superior, mas excavado interiormente. 4 extremidades superiores com o corpo quasi completo, um de infante. 1 fragmento do corpo. Peroneo, 1 extremidade superior. 2 extremidades inferiores. 6 fragmentos do corpo (2 d'elles roídos, e afeiçãoados nas extremidades). Tarso – Calcaneos, 2 de criança. Astragálos, 3. Cuboides, 2 (um de criança). Metatarsos, 10 sendo 2 primeiros. Phalanges do pé, 3.

¹⁹⁰ Já anteriormente o autor tinha assinalado a presença do Gato doméstico, o que não pode corresponder à realidade, dada a introdução tardia desta espécie doméstica na Península Ibérica, de origem oriental. Ver nota 103.

¹⁹¹ Na verdade, o Lince ibérico plistocénico (*Lynx pardina spelaea*) é a espécie de mamífero mais abundante presente nos contextos plistocénicos da Casa da Moura (CARDOSO, 1993). Ver nota 83.

¹⁹² É duvidosa a identificação de Cavalo, até porque, neste caso, a mesma se ter baseado em costelas, sempre muito pouco fiáveis para a diagnose. Na revisão das faunas plistocénicas esta espécie não foi identificada na gruta (CARDOSO, 1993).

Ethnographia – Vaso incompleto, de superfície lisa, de forma mui elegante com o fundo abaulado e estreitando para a boca, com duas pegas (provavelmente, porque só existe uma) em dois pontos diametralmente opostos correspondendo a 1/3 da altura, onde tem o maior diametro. É de barro grosseiro negro com grãos arenosos, exterior e interiormente avermelhado por uma velatura que recebera em fresco. 10 pequenos fragmentos de outro vaso elegantemente ornado de traços ondulados e traços rectos em diversos sentidos. 12 pequenos fragmentos pertencentes a 3 outros vasos também ornados. 2 fragmentos da borda de dois outros vasos de superfície lisa, um fundo e outro muito chato com o fundo abaulado. Fragmento de bordo de outros vasos com uma pequena pega, de superfície lisa. NB – Todos estes restos de cerâmica parece não terem sofrido cozedura, talvez fosse apenas secca ao sol, ou junto a alguma fogueira, e foi manifestamente fabricada à mão, recebendo na superfície uma velatura (aguarella) vermelha ou amarellada, que penetrou a pasta em mui diminuta espessura, ou é apenas superficial. Furador de osso. Faca de sílex mui pequena com 0,027^m de comprimento e 0,007^m de largura [Será quaternaria?]. *Nerite*, pequeno exemplar rolado. (193)

Restos de animais. [Em parte das areias inferiores quaternarias]

4 *Canis* – 2.º molar verdadeiro da maxilla inferior de *Canis* (lobo ou especie ainda maior). Tibia, _____, pode outra especie muito menor. Calcaneo.

7 *Felis* – Humerus, metade inferior. Ou *F. Lynx*. [Das areias quaternarias]. Radio, id. (194)

Femur, metade superior. Tibia, metade superior e metade inferior de dois ossos diferentes. Metatarsos ou Metacarpos, 2 fragmentos. Phalange da mão, 1. Vertebrae caudales, 3.

6 *Hyaena* – Tibia, extremidade inferior imperfeita com metade do corpo. (Quaternario). Metacarpos ou metatarsos, 4.

5 *Mustela* – Maxillar inferior esquerdo incompleto.

1 *Vespertilio* – Humerus, de 2 especies. Radio, fragmento do corpo. Cubitus, de 2 especies.

2 *Erinaceus europaeus* – Maxillar inferior, fragmento.

3 *Talpa europaea*? – Humerus. Tibia.

8 *Lepus timidus* – Sacrum, 2. Atlas. Vertebrae lombares, 2. Metacarpos, 2. Humerus, 2. Cubito, 1. Ossos iliacos, 3. Femur, 2 extremidades inferiores e 1 extremidade superior, de individuo de grande estatura. Metatarso, 1. Calcaneos, 6. Phalanges, 6.

Lepus sp.? – Radio de forma semelhante ao da lebre, mas muito curto e reforçado. (195)

Lepus cuniculus – Maxillar superior, fragmento. Maxillares inferiores, numerosos. Omoplatas, 8. Vertebrae dorsales, 2. Vertebrae lombares, 4. Sacrum, 5. Costellas, 2. Humerus, muitos. Radios, 7 fragmentos. Cubitus, 13 extremidades superiores. Metacarpo, 1. Ossos iliacos, muitos. Femurs, muitos. Tibias, muitas. Calcaneos, numerosos. Astragalo, 1 junto ao calcaneo. Phalange ungueal, 1. Metacarpos e metatarsos, muitissimos.

Equus, especie de pequena estatura. – Costella; 3ª vertebra cervical e fragmento de outra; 6 vertebrae dorsales incompletas; 1ª peça do sacrum; 2 phalanges. (196)

Ruminante? ou? *Cervus* – Ultimo dente molar da maxilla inferior.

¹⁹³ Trata-se de pequeno búzio intencionalmente recolhido na praia visto corresponder a exemplar rolado, cuja ocorrência na cavidade se poderá explicar por integrar objecto de adorno.

¹⁹⁴ Ver nota 191.

¹⁹⁵ Provavelmente trata-se de um rádio de carnívoro compatível com o tamanho da Lebre, talvez um mustelídeo.

¹⁹⁶ É problemática a identificação de *Equus* na gruta. A alusão a exemplar de pequeno tamanho é compatível com Burro doméstico (*Equus asinus* L.), o qual, tal como o Cavallo, é compatível com a presença calcolítica identificada na gruta, dado que, pelo menos o primeiro, corresponde já a animal doméstico no ocidente peninsular no decurso do 3.º milénio a.C. (CARDOSO et al., 2013). Ver nota 192.

Omolata, incompleta. Humerus, extremidade inferior com a epiphyse solta e extremidade superior. Radio, metade superior e metade inferior com a epiphyse solta do mesmo osso. Na superfície de fractura estão roídos, e por isso não podem reunir-se. Metacarpo, extremidade inferior sem a epiphyse. Phalange unguial.

Ovis – Metatarso, metade da epiphyse da extremidade inferior.

Ossos indeterminados de diferentes espécies de mamíferos.

Aves (2 ou 3 espécies) – Omoplatas, 6. Humerus, 8. Cubitus, 11. Radio, extremidade inferior. Metacarpos, 3. Femur. Tibia, extremidade inferior. Tarso-metatarsos, 3.

7 – SÍNTESE CONCLUSIVA

1 – O objectivo principal deste estudo foi o de dar a conhecer a metodologia inovadora adoptada na escavação de 1879/1880 da gruta da Casa da Moura por Nery Delgado. A documentação agora publicada configura a primazia daquele geólogo e arqueólogo português na aplicação do método que ainda hoje é utilizado na escavação arqueológica e que consiste na imposição no terreno de um sistema de referência susceptível de proporcionar o conhecimento da posição de cada peça recolhida, depois de terminados os trabalhos de campo. Note-se que esta preocupação não era inédita à época: já nas escavações de Kent' Cavern, em 1866/1868, William Pengelly tinha adoptado método semelhante, consistindo na escavação de prismas com uma jarda de comprimento e um pé de altura e de largura (McFARLANE & LUNDBERG, 2005, Fig. 1), dando origem a uma sobreposição na vertical de sucessivos prismas desenvolvidos na horizontal segundo uma linha única de referência como se apresenta na Fig. 24, de acordo com um desenho original de William Pengelly (WARREN & ROSE, 1994, Fig. 10). Na escavação de 1879/1880 da gruta da Casa da Moura Nery Delgado elegeu a sala principal da gruta (ou 1.^a sala), possuindo contorno piriforme e ocupando a zona mais próxima da entrada o respectivo vértice, sendo delimitada do lado oposto por um grande bloco caído do tecto, para a aplicação deste novo método.

A principal diferença relativamente à metodologia de William Pengelly residia na maior facilidade de referência adoptada por Nery Delgado, ao impor à superfície do solo a escavar uma malha mais regular, definindo unidades elementares aproximadamente sub-quadrangulares e com áreas semelhantes, mais facilmente ajustáveis à geometria pré-existente da gruta, conforme consta do desenho que acompanhava a carta de Miguel Pedroso de 2 de Janeiro de 1880 (Fig. 10).

A imposição deste sistema de referência no terreno respeitou um eixo de simetria definido por uma linha que dividia a galeria da gruta a escavar em duas partes sensivelmente iguais, a partir da qual se desenvolveu um sistema de linhas ortogonais, paralelas entre si, que conduziram às áreas de escavação elementares, definidas univocamente por uma letra do alfabeto, as quais foram sucessivamente escavadas em profundidade segundo níveis artificiais previamente definidos.

Deste modo, o nome de Joaquim Filipe Nery Delgado, até hoje ignorado como pioneiro da metodologia da escavação arqueológica, fica assim definitivamente ligado à própria História da Arqueologia, sublinhando a qualidade técnica do seu trabalho, já anteriormente reconhecida (ZILHÃO, 1993; CARDOSO, 2008).

2 – Na transcrição da documentação utilizada, até agora inédita, e que permitiu a atribuição do estatuto pioneiro de Nery Delgado no âmbito da Arqueologia oitocentista, respeitou-se a ortografia original, embora no que respeita ao inventário autógrafo de Nery Delgado, correspondente ao Capítulo 6 da presente contribuição se não tivessem adoptado as pontuações e os espaçamentos entre linhas; por economia de espaço, optou-se por transcrição corrida. As palavras ilegíveis assinalaram-se por quatro pontos de interrogação: ????.

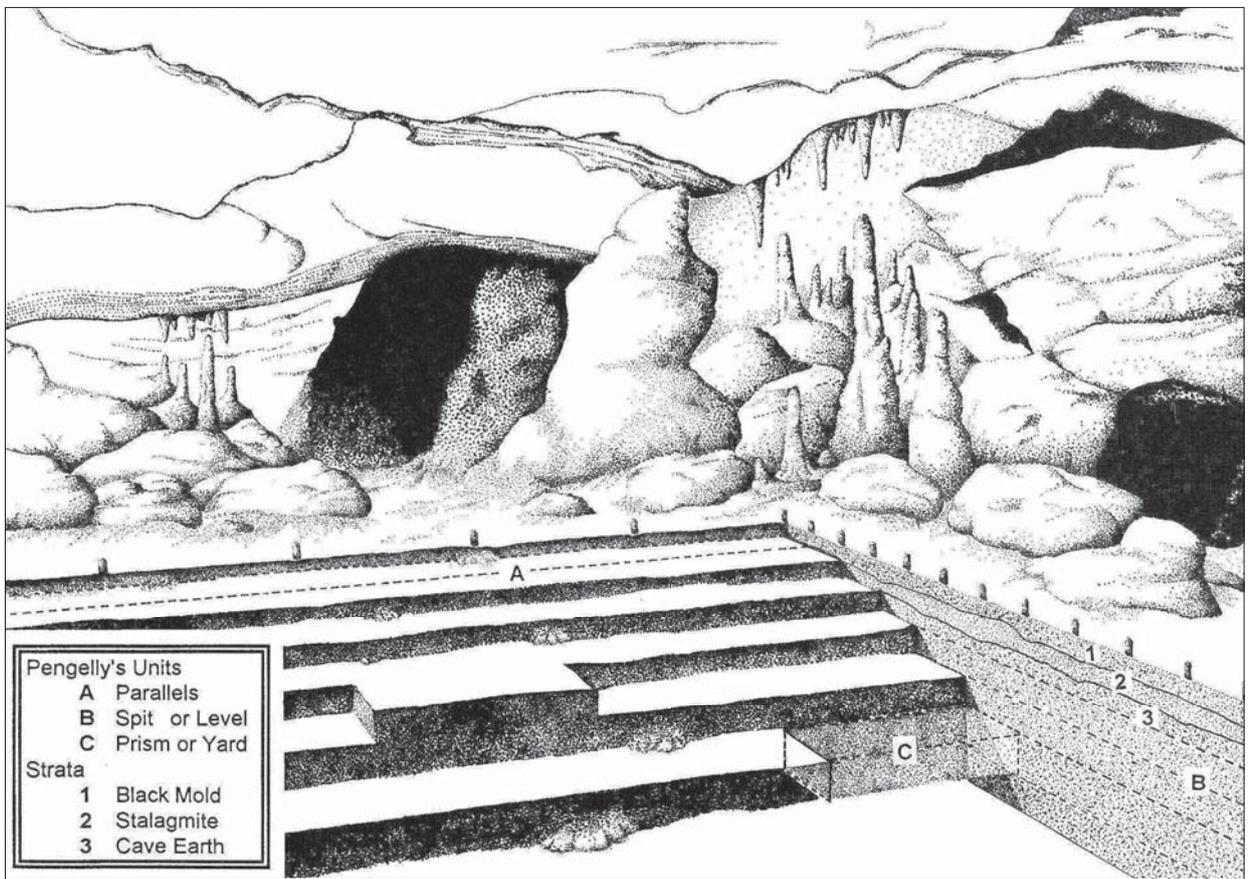


Fig. 24 - Desenho esquemático das escavações de William Pengelly em Kent's Cavern em 1866/1868, ilustrando o modo de constituição das suas unidades de escavação (in WARREN & ROSE, 1994, Fig. 10).

Para além da transcrição integral do referido inventário, que revela a preparação do autor para a identificação e descrição dos segmentos anatómicos humanos, bem como dos espólios arqueológicos recolhidos, foram transcritas as suas observações acerca dos resultados das escavações e do seu significado, e as missivas do colector Miguel Pedroso que fazem parte do acervo a que se teve acesso por ele remetidas para Lisboa dando conta do progresso das escavações. O conjunto documental assim reunido e integralmente transcrito, comnetado e estudado permite perspectivar com detalhe os trabalhos realizados e os resultados obtidos.

3 - As cartas enviadas pelo colector Miguel Pedroso a Nery Delgado ou a Carlos Calderon, funcionário da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, remetidas entre 2 de Janeiro de 1880 e 3 de Julho de 1880, revelam que o trabalho de campo por aquele conduzido teve escassa participação de Nery Delgado que, por carta, ou em pontuais visitas no decurso dos trabalhos, dava as instruções necessárias para que a metodologia por ele definida fosse seguida no terreno por Miguel Pedroso, chefiando uma pequena equipa constituída por homens contratados localmente.

É hoje difícil imaginar as contrariedades sentidas por este humilde colector, sem qualquer experiência anterior neste tipo de trabalhos - pois a sua presença na Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal cinge-se aos anos de 1879/1880 coincidindo com a escavação da Casa da Moura (CARNEIRO, 2005, Table 4) - na condução desta missão.

Sem uma formação técnica ou científica adequada - pois é ele próprio que declara não saber realizar cortes e perfis topográficos, pedindo para tal o conselho de Nery Delgado - acabou por ter ultrapassado com sucesso

tais insuficiências, como se comprova pelos levantamentos remetidos para Lisboa (Figs. 11, 12, 16, 17 e 19). Também difíceis de imaginar são as dificuldades de escavação no interior da gruta, apenas iluminada à luz de archotes e em terreno muito irregular e difícil, exigindo por um lado o recurso a dinamite, e o rebaixamento da escavação a vários metros de profundidade, mas ao mesmo tempo requerendo grande minúcia, exigida a trabalhadores cujas lacunas de sensibilidade e preparação para este tipo de trabalhos só eram colmatadas pela dedicação e empenho com que os realizavam: tais eram os desafios colocados a este colector, a quem cabe indiscutivelmente o sucesso dos trabalhos realizados.

4 – As cartas de Miguel Pedroso ora publicadas na íntegra não são as únicas existentes. Na correspondência dos colectores conservada no Arquivo Histórico do LNEG da qual o signatário teve conhecimento através de informação amavelmente cedida pela Prof.^a Doutora Ana Carneiro, conclui-se que as escavações se iniciaram pelo menos em Outubro de 1879. Carta do colector Manuel Roque de Oliveira a Nery Delgado, de 24 de Dezembro de 1879 refere que esteve com Miguel Pedroso e que não conseguiram fazer grandes colheitas nesse dia, mas que no dia anterior acharam “duas placas de xisto com desenhos, umas facas de sílex e uma porção de osso aguçada e outras coisas mais conhecidas, mas boas”. Estes achados foram recolhidos no entulho superior, “na letra p. que V. Ex.^a marcou no esboço que mandou ao Miguel”. Por esta informação se conclui que a escavação, em finais de Dezembro de 1879 ia já muito adiantada, o que se confirma pelo facto de, logo a 2 de Janeiro de 1880, carta de Miguel Pedroso para Calderon, acima transcrita, conter esboço de Nery Delgado, com a definição dos sectores escavados ou ainda a escavar (Fig. 10).

A escavação da gruta, na fase final dos trabalhos, em Junho de 1880, parece ter sido realizada intermitentemente com a ocupação de Miguel Pedroso em outras explorações de grutas na região, de que ao certo apenas se sabe a efectuada na Lapa Furada, referida na correspondência transcrita e da qual enviou esboço de planta a Nery Delgado (Fig. 13). Com efeito, conserva-se no Museu Geológico do LNEG um conjunto de espólios arqueológicos recolhidos indiferenciadamente na Lapa Furada e na gruta da Malgasta, já estudados pelo signatário (CARREIRA & CARDOSO, 1992).

5 – Boa parte das peças recolhidas em 1879/1880 provenientes do sector mais importante da gruta, situado mais próximo da entrada, designada por 1.^a sala, ou 1.^o gruta em 1879/1880, conservam pequenas etiquetas de papel nas quais se encontra inscrita uma letra maiúscula ou minúscula, que coincidem com as existentes no único esboço conservado da área escavada, seguida de um número, referenciado a metros (m), relativo à profundidade de colheita do respectivo exemplar. Existe assim a possibilidade de ainda hoje se poderem localizar tais peças na área então escavada. Esta conclusão encontra-se confirmada pelas descrições dos objectos recolhidos em cada sector e que constam do inventário realizado por Nery Delgado coincidirem com as características observadas nas peças. Nalguns casos, o detalhe descritivo é tão claro que foi possível identificar certas peças pela sua simples descrição, mesmo que não tenham conservado as etiquetas relativas ao local e profundidade de recolha.

Após a escavação integral desta sala – apenas um pequeno retalho ficou incólume, onde se efectuou nova escavação em 1987, que confirmou as observações de Ney Delgado (STRAUS et al., 1988) – a escavação prosseguiu mais para o interior da gruta onde se identificou uma segunda sala, praticamente desprovida de depósitos arqueológicos, separada da primeira por um grande bloco de abatimento do tecto mas em comunicação com a primeira por duas estreitas passagens, situadas a norte e a sul do referido bloco (Fig. 16). A escavação por baixo desse bloco resultou na abertura de duas cavidades artificiais designadas respectivamente por 3.^a e 4.^a grutas ou lapas (Fig. 11). Estes foram os dois únicos locais da escavação em que o sistema de referenciação ortogonal não se aplicou, efectuando-se apenas a recolha dos materiais com registo das profundidades respectivas.

6 – Esta intervenção sucedeu-se à primeira escavação efectuada em 1865 e 1866, conforme se encontra comprovado não só pelos registos dos cadernos de campo do próprio Nery Delgado (ZILHÃO, 1997, p. 182), mas também pelas datas exibidas em etiquetas ainda conservadas em algumas das peças então recolhidas.

Ao que tudo indica tratou-se da primeira escavação de uma gruta com ocupação pré-histórica realizada na Península Ibérica. Nessa altura, a preocupação essencial foi a de caracterizar o depósito plistocénico, assente numa bancada estalagmítica que cobria o substrato geológico que constitua o chão primitivo da gruta, a qual, por sua vez, cobria o substrato geológico constituído por calcários do Jurássico Inferior nos quais a gruta foi aberta. Tal conclusão é corroborada pela afirmação contida no manuscrito em análise de que em 1866 o “entulho superior” fora simplesmente removido de um para outro ponto da gruta, indício de que não era o objectivo principal da escavação realizada.

No entanto, o autor na memória publicada em 1867 – a qual corresponde à primeira publicação deste género a nível peninsular – não deixa de abordar a questão da formação do depósito superior, correspondente à instalação de uma necrópole neolítica (DELGADO, 1867). Com efeito, reconheceu a existência de enteramentos múltiplos e secundários, o que explicaria a ausência de peças em conexão anatómica e a elevada presença de ossos fracturados (p. 64-65). Esta realidade era compatível com a aludida falta de vértebras, costelas, ossos do carpo e do tarso, bem como de falanges, “que todos são mui raros”, e a menor abundância das cabeças articulares dos ossos longos (p. 118), para além de diversas observações de carácter antropológico sobre os restos recuperados.

Tais observações não desceram a maior detalhe, pois o objectivo da memória era outro, centrando-se na demonstração da antiguidade da presença do Homem no território português, objectivo que aliás se encontra logo expresso no próprio título. Nestes termos, na memória de 1867 apenas foi valorizado um crânio, com a respectiva mandíbula, recolhido no contacto entre os dois depósitos, podendo provir originalmente do depósito mais antigo ou, em alternativa, ter sido nele enterrado. A peça extraviou-se, pelo que nenhuma conclusão sobre a sua verdadeira idade pode ser presentemente avançada. Caso este crânio fosse de facto plistocénico, tratar-se-ia do mais antigo testemunho do Homem anatomicamente moderno recolhido a nível mundial, antecedendo as recolhas da caverna de Cro-Magnon (ZILHÃO, 1997). No entanto, logo na própria época surgiram fundadas dúvidas sobre a antiguidade desta peça; Boyd Dawkins, em 1874, apresentou sobre a questão o seguinte comentário: “A human skull with lower jaw as dug out the deepest part, but, since the matrix has been disturbed, it had probably been interred after the accumulation of the deposit.” (DAWKINS, 1874, p. 145 e seg.).

A oportunidade de esclarecer esta e outras questões, designadamente a exploração do depósito superior, ainda muito insuficientemente estudado surgiu aquando do agendamento para Lisboa da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, o qual se efectuou em Setembro de 1880.

Sendo necessário apresentar aos congressistas espólios arqueológicos de diversas épocas, foram determinadas novas escavações na gruta da Casa da Moura, tal como na da Furninha, ambas interrompidas desde 1865/1866.

7 – A escavação na Casa da Moura realizada em 1879/1880 conduziu à exploração integral do que restava do depósito inferior, de época plistocénica, e onde a presença humana era residual, bem como do depósito superior, o chamado “entulho superior”. Este, correspondia à instalação de uma necrópole neolítica cujos abundantes espólios arqueológicos tinham sido aparentemente negligenciados na escavação anterior, atendendo à escassez das peças arqueológicas então recolhidas, as quais ainda hoje se conservam no Museu Nacional de Arqueologia.

Foi também a oportunidade para ensaiar metodologia de escavação mais rigorosa. Com efeito, embora em 1865/1866 tivesse sido conduzida escavação cuidadosa, registando a profundidade dos achados conforme

declara o autor: “Levantando o entulho, uma camada após a outra, fácil nos foi recolher todos estes objectos, sabendo-se sempre a altura a que tinham sido achados n’um e n’outro ponto da gruta”, em 1879/1880 levou-se essa prática ao ponto de ser possível localizar cada peça no interior da gruta, dividindo-a em sectores como acima se referiu, encontrando-se as peças reportadas a cada um deles, de acordo com a profundidade a que foram recolhidas. O rigor metodológico evidenciado foi acompanhado por escavação cuidadosa.

Só assim se explica a ocorrência de peças de grande fragilidade, como um osso hióide ou os restos de um feto. Importa ainda sublinhar a utilização sistemática do crivo que permitiu a recolha de pequenas peças que passaram despercebidas aquando da escavação, realizada em total obscuridade e apenas à luz de archotes, pontualmente referidos no manuscrito. Em geral, as peças identificadas na crivagem estão também reportadas aos locais de proveniência no interior da gruta, o que sublinha a forma controlada e organizada como era processada a evacuação das terras para o exterior.

8 – As características do depósito plistocénico – as “areias inferiores” onde, como se referiu, a presença humana, atribuível essencialmente ao Solutrense, é residual (ZILHÃO, 1997) – são conhecidas desde 1867, sendo descritas no original manuscrito ora publicado, em diversos locais onde o mesmo foi posto a descoberto e escavado, no decurso da intervenção de 1879/1880.

9 – Já no respeitante ao depósito superior “o entulho superior”, na designação de Nery Delgado, o mesmo espraiava-se pelo interior da 1.ª sala da gruta, tal como o depósito plistocénico subjacente, de acordo com o corte ora publicado, em desenho autógrafa de Nery Delgado (Fig. 19). De acordo com sucessivas indicações sobre a sua potência estratigráfica, a potência máxima observou-se na Letra C, sendo da ordem de 2 m, embora a escavação nalguns locais tenha atingido os 2,5 m de profundidade.

10 – No respeitante aos espólios antropológicos, avulta a enorme quantidade de despojos acumulados na gruta. Com efeito, o autor estima em 150 o número mínimo de indivíduos tumulados na gruta baseada na quantidade de dentes molares isolados encontrados, apresentada em folha autógrafa inutilizada pelo próprio, razão pela qual não foi transcrita mas apenas reproduzida (Fig. 15); a referida conclusão foi na mesma altura publicada em França (DELGADO, 1880).

Este número será ainda maior se se considerar os restos da intervenção de 1865/1866, jamais estudados e que foram destruídos no incêndio da Faculdade de Ciências de Lisboa em 1978 onde se encontravam.

Tem interesse assinalar que o autor manteve no manuscrito ora publicado todas as observações de 1867, produzindo outras, em resultado da muito maior área investigada, correspondente à exploração integral do enchimento arqueológico e com ela ao aumento muito substancial dos espólios observados e inventariados; assim, são de destacar as seguintes considerações:

– a formação do referido depósito dever-se-ia à acumulação de despojos humanos desarticulados, já que não foi observada nenhuma situação de restos conservando as posições anatómicas, embora a dado passo declare que “uma parte dos corpos foram introduzidos inteiros na gruta, outros aos pedaços”; esta afirmação está em contradição com a verificação que fez da ausência de sepulturas devido à falta de “ossos que mostrassem as suas relações naturais de posição”, situação que é sucessivamente confirmada no decurso do trabalho de inventariação;

– a desproporção na representação dos diversos ossos humanos presentes na gruta, já observada em 1867, manteve-se, com base nas observações relativas à intervenção de 1879/1880. Esta situação confirma a natureza secundária do depósito, constituindo um verdadeiro ossário, a que não faltava a presença de crânios isolados inteiros, ou quase, acompanhados de ossos longos, dos quais alguns também inteiros (DELGADO, 1880, p. 244).

No entanto, sem prejuízo de aceitar tal conclusão, há que rectificar algum exagero nas afirmações do autor: o estudo sistemático dos restos crânio-faciais das escavações de 1879/1880 (ANTUNES, CARDOSO & CUNHA, 2009) veio demonstrar que não se observavam assinaláveis diferenças entre o número de maxilares e de mandíbulas, enquanto que tanto em 1867 (DELGADO, 1867, p. 115), como no manuscrito agora estudado, o autor assinalou um número muito superior destas últimas;

– a existência, com base nos caracteres anatómicos, de duas raças distintas: uma raça mais primitiva, descendente directa da dos concheiros do vale do Tejo, já suficientemente conhecidos na época (COSTA, 1865; RIBEIRO, 1884); e outra mais evoluída, correspondente aos construtores dos dólmenes; tal conclusão baseava-se no estudo craniológico comparativo efectuado por Paula e Oliveira dos dois crânios mais completos recuperados em 1879/1880, apresentado naquele mesmo ano ao Congresso de Lisboa (OLIVEIRA, 1884). As relações violentas entre estas duas populações fora já admitida na obra de 1867, e reforçada na pequena síntese de 1880 (DELGADO, 1880), referindo-se a canibalismo que teria sido praticado por parte de um desses grupos, com base nas marcas conservadas nos ossos pertencente ao grupo opositor; nesta perspectiva, em ambas as publicações se admite que os corpos seriam esquartejados antes de introduzidos na gruta, onde habitaria o grupo autor da antropofagia;

– violência e conseqüente canibalismo seriam assim, na perspectiva de Nery Delgado, duas facetas da mesma realidade. A violência é recorrentemente invocada no manuscrito: são numerosos os crânios que, segundo o autor revelavam impactos intencionais também extensivos aos ossos longos, intencionalmente fracturados e nalguns casos com marcas de corte. Com efeito, foram assinalados vestígios de violência, que não passaram despercebidos à equipa que procedeu à revisão do espólio crânio-facial, a qual integrava o falecido Prof. A. Santinho Cunha, médico forense de renome (ANTUNES, CARDOSO & CUNHA, 2009).

Conforme foi então observado, as lesões cranianas observadas são incisivas (op. cit. p. 191, 192), o que aumenta a probabilidade de serem intencionais e de terem provocado a morte. A questão da violência é tema que tem vindo a despertar a atenção dos especialistas forenses que têm trabalhado em Portugal com espólios pré-históricos, desde o trabalho seminal dedicado ao estudo do espólio crânio-facial do Mesolítico de Muge (ANTUNES & CUNHA, 1993) que abriu novas perspectivas até então completamente ignoradas e por algum tempo combatidas. Presentemente, existe já um assinalável número de evidências atribuíveis a violência registadas em crânios provenientes de necrópoles neolíticas e calcolíticas do território português (SILVA et al., 2012, Table 17.1), conjunto que não cessa de crescer. Com efeito, novas evidências compatíveis com violência foram recentemente confirmadas em material craniano do dólmen de Ansião, Coimbra, incluindo duas lesões perfurantes devidas provavelmente a uma seta para além de cinco fracturas com afundimento, a par de duas outras do mesmo tipo observadas no material do dólmen do Carrascal, Sintra (SILVA et al., 2019, p. 354). Assim sendo, as observações de Nery Delgado sobre a violência podem considerar-se confirmadas.

Já o mesmo não sucede quanto à hipótese de canibalismo, cuja presença era indubitável para Nery Delgado com base nas escavações de 1865/1866 (DELGADO, 1867), e nas efectuadas em 1879/1880 (DELGADO, 1880). Com efeito, foram por ele assinaladas, para além das marcas de impacto nos crânios, marcas de corte nos ossos exumados nas escavações de 1879/1880, as quais, no entanto, podem explicar-se facilmente pela prática ritual da descarnação dos ossos, antecedendo a formação do ossuário. A prática do canibalismo foi, aliás, também invocada na gruta da Furninha (DELGADO, 1884) não tendo a maioria dos congressistas do Congresso de Lisboa de 1880, aquando da apresentação da respectiva comunicação, acolhido a opinião de Delgado.

Do mesmo modo, as fracturas longitudinais dos ossos longos, feitas com o intuito de extracção da medula – o autor chega a mencionar ossos escavados interiormente – podem simplesmente resultar da dissecação

dos ossos, depois de expostos ao ar, hipótese que é reforçada pelo facto de alguns deles se mostrarem roídos, conforme é indicado pelo autor.

Em consequência, tudo leva a considerar a existência de práticas funerárias que envolviam, não o canibalismo, mas antes a manipulação dos ossos humanos no interior da gruta por uma única população, semelhantes às descritas na Lapa do Fumo, Sesimbra, com o recurso a fogueiras rituais, as quais na Casa da Moura estariam evidenciadas pela abundância de carvões no “entulho superior”, como é referido no manuscrito. Acresce a presença, tal como na Lapa do Fumo, de porções de ocre vermelho utilizado nas referidas cerimónias a ponto de ter dado origem à designação da “camada vermelha” nesta última gruta (SERRÃO & MARQUES, 1971). Sob este aspecto, tem interesse a menção à existência de ossos queimados em área circunscrita da gruta (Letra s, prof. 0,60 m), sugestiva da localização de uma fogueira ritual, como as identificadas na Lapa do Fumo.

11 – Destacam-se ainda outros aspectos particulares observados nos restos humanos por Nery Delgado:

– para além dos traumatismos cranianos, os quais foram confirmados no estudo dos materiais crânio-faciais (ANTUNES, CARDOSO & CUNHA, 2009), aquele autor assinalou diversas fracturas consolidadas existentes em ossos longos, bem como em costelas, que podem, pelo menos em parte, ter resultado da circulação quotidiana destas populações em terrenos pedregosos e acidentados como são os que se desenvolvem na envolvência da gruta, propícios a acidentes, à semelhança do verificado em outras necrópoles da região estremenha, como na gruta do Lugar do Canto, Alcanena (LEITÃO et al., 1987);

– a alusão, embora rara, a ossos roídos, tanto humanos como de animais, foi confirmada, no respeitante ao espólio crânio-facial, no estudo de 2009. Esta realidade parece evidenciar a exposição das peças ósseas à acção de pequenos e médios carnívoros, a qual poderia ter-se verificado no âmbito da preparação dos ossos antes da sua tumulação secundária na gruta, ou já depois desta, por animais que a pudessem frequentar (*Herpestes*, *Genetta*, *Putorius* e outros).

– a referência frequente a tíbias em forma de “baínha de sabre”, evidenciando assinalável platicnemia, foi aspecto já identificado em outros espólios da mesma época, como a sepultura individual de Castro Marim (GOMES, CARDOSO & CUNHA, 1994); observou-se ainda:

– a existência de perfuração olecraniana no húmero, a robustez de alguns ossos cranianos e ossos longos, o que reforçaria no entender de Nery Delgado a existência de duas populações distintas;

– a presença de fémur com *linha áspera*;

– a trepanação iniciada num crânio, ainda hoje conservado nas colecções (Fig. 23);

– um rádio humano com cortes intencionais em ambas as extremidades (ver nota 80 do Capítulo 6) bem como a ocorrência de uma tibia com vários furos (ver nota 33 do Capítulo 6) atestam a manipulação de ossos humanos, eventualmente associados ao seu reaproveitamento simbólico;

– a presença de indivíduos de todas as idades, confirmada pelo estudo efectuado em 2009 (ANTUNES, CARDOSO & CUNHA, 2009, Quadro 2);

– a presença de cáries dentárias, as quais foram igualmente identificadas de forma pouco insistente no estudo de 2009. Esta situação sugere consumo pouco importante de açúcares; é interessante verificar que, na mesma região geográfica, se observou o aumento das cáries dentárias entre o Neolítico e o Calcolítico tomando por base o estudo de dois monumentos muito próximos, o dólmen de Agualva e o tholos de Agualva, este mais moderno que aquele em cerca de 600 anos (SILVA et al., 2019), o que pode indicar uma alteração dos hábitos alimentares;

– as modificações dentárias assinaladas no manuscrito são de grande interesse. Nos dentes de uma hemimandíbula e no próprio osso mandibular foi observado assinalável desgaste lateral selectivo, o qual pode rela-

cionar-se com uma actividade artesanal como a cestaria, em que o artesão utilizaria acessoriamente os dentes com base em paralelos etnográficos actuais conforme foi assinalado em um exemplar recolhido na anta 3 de Santa Margarida, Reguengos de Monsaraz (GONÇALVES, coord., 2003);

– enfim, o manuscrito menciona a existência de um caso patológico de assinalável interesse: quatro vértebras dorsais deformadas e soldadas “talvez por doença”, peça que não foi abrangida pelo estudo de 2009, limitado ao conjunto crânio-facial;

12 – As observações de natureza arqueológica contidas no manuscrito confirmam a notável capacidade de observação do autor, de evidente originalidade, servida por informação científica actualizada. A este respeito, o manuscrito contém diversas informações que importa comentar:

– a frequente citação de obras científicas, algumas na altura muito recentes, evidencia a actualização dos conhecimentos sobre as matérias tratadas. Com efeito, tanto Carlos Ribeiro como Nery Delgado, enquanto respectivamente membro director e adjunto da Comissão Geológica de Portugal e dos organismos que lhe sucederam tomaram como prioridade desde cedo assumida o contacto científico internacional, consubstanciado não apenas em permuta e compra de publicações, mas também em viagens científicas de longa duração, a par da frequência de Congressos Internacionais, tanto de Geologia, como de Arqueologia (CARNEIRO, 2001; CARNEIRO, MOTA & LEITÃO, 2013).

– compreensivelmente, algumas das conclusões são erróneas em resultado de a informação então disponível não ter permitido um melhor enquadramento dos dados de observação recolhidos. É o caso da conclusão de terem sido os tumulados na gruta os mesmos que ali fabricaram os artefactos líticos de que se serviram, pelo facto de estes evidenciarem analogias com a natureza petrográfica dos respectivos núcleos ali recolhidos. A premissa de a gruta ter servido de local efectivo de habitação de um grupo humano que praticava o canibalismo, tal como na Furninha (DELGADO, 1880, p. 245) determinou a valorização da observação apresentada, tomando-a como prova daquele pressuposto. Sabe-se hoje que, no Neolítico e Calcolítico, as grutas naturais desta região foram utilizadas como necrópoles, pelo que tanto os núcleos como os produtos de debitage deles obtidos poderiam ter recorrido às mesmas variedades de sílex, disponíveis na região, sem obrigar à sua confecção no interior da gruta, como defendeu o autor, tanto no presente manuscrito como na síntese das escavações publicada na altura (DELGADO, 1880, p. 247).

Compreende-se, no entanto, que Nery Delgado aceitasse a referida premissa, dada a então já bem conhecida utilização doméstica das cavernas nos tempos paleolíticos. A falta de informação então disponível sobre a existência povoados pré-históricos de ar livre, exceptuando-se como caso mais emblemático o povoado de Leceia, Oeiras, publicado pouco antes pelo seu colega Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1878), reforçou a validade da referida premissa.

Não obstante, evidencia-se o espírito analítico do autor: foi o primeiro a calcular, a partir dos fragmentos recolhidos em diversos locais da gruta, o correspondente número mínimo de recipientes originalmente presentes.

Igualmente, sobressai a cuidadosa descrição das peças arqueológicas exumadas, incluindo a sua natureza petrográfica e as respectivas medições, a tal ponto rigorosas que se tornou possível a identificação da maioria delas na publicação respectiva (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). O autor deixa-se frequentemente levar pela impressão estética que lhe provocavam algumas dessas peças, reveladoras de capacidades técnicas e até artísticas que para Nery Delgado constituíam verdadeiras revelações: é o caso da frequente utilização do adjetivo “belíssimo/a”;

– algumas terminologias eram já então problemáticas: assim, o autor utiliza o termo “pontas de lança” para designar as peças presentemente conhecidas pelo nome de “alabardas” e tem dificuldade na utilização do

termo “punhal”, para um exemplar que efectivamente corresponde a tal terminologia, mas que noutros casos dificilmente se separa das “alabardas”, situação que continua a observar-se;

- recolheu-se uma goiva completa e, possivelmente mais um outro exemplar incompleto, confirmando a raridade deste tipo artefactual, cuja presença e diacronia no território português já foram discutidas (CARDOSO, 1980);

- assinala-se pela primeira vez a existência de uma placa de xisto partida e reaproveitada, particularidade a que só muito reentamente foi dada importância, merecendo trabalho de síntese com base nos exemplares mais relevantes dados a conhecer (CARDOSO & VILAÇA, 2020), mas que não passou despercebida a Nery Delgado;

- a recolha, no mesmo quadrado e à mesma profundidade, de dois botões campaniformes configura uma deposição que pode ser comparável à encontrada na gruta 2 de São Pedro do Estoril, Cascais (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964), a qual por corresponder a ocupação tardia da Casa da Moura, nada terá a ver com a constituição do ossário, que remontará ao Neolítico Final, podendo assim configurar uma tumulação individual. Tem interesse notar que estes exemplares não são acompanhados de cerâmicas campaniformes, o que se explica pela situação geográfica da estação face à distribuição daquelas produções, tal como se verificou na gruta do Caldeirão, Tomar (ZILHÃO, 2016);

- algumas peças descritas não constam presentemente das colecções. Estão neste caso uma notável alabarda reproduzida ainda no século XIX (CARTAILHAC, 1886, Fig. 89). Outras peças de assinalável interesse recuperadas nas escavações de 1879/1880 parecem faltar no acervo estudado em 2001/2002 (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), tomando como certa as descrições apresentadas, destacando-se um segundo báculo para além do ainda conservado e um ídolo de calcário com uma “meia lua” como o bem conhecido exemplar da gruta artificial da Granja do Marquês, Sintra;

- enfim, merece destaque a identificação de uma enxó miniatura de fibrolite, de carácter ritual, que se soma a muitos outros exemplares da mesma natureza conhecidos de norte a sul do território português e de larga diacronia, desde o Neolítico Antigo ao final do Calcolítico, como se comprova por recolhas efectuadas nos povoados de Mota da Ladra, Vila Franca de Xira e de Outeiro Redondo, Sesimbra (CARDOSO, 2019);

13 – A recolha de diversas conchas de moluscos remete para utilizações simbólicas ou simplesmente na indumentária, como adereços. No primeiro caso inscrevem-se algumas conchas de *Pecten*, as quais mantiveram até a actualidade um marcado e bem conhecido cunho religioso; de outra natureza simbólica são as conchas de *Triton*, *Patella*, *Ostrea*, *Mytilus* e *Venerupis* recolhidas, que podem corporizar oferendas de comida aos defuntos. Como adereços, podem considerar-se alguns búzios sem interesse alimentar (*Cassis* e *Cerithium*) e um pequeno búzio rolado, recolhido na praia, como também terá sido o caso de diversas conchas de *Glycymeris*, algumas com perfuração natural no umbo. Acresce a tal conjunto um exemplar de *Turbo*, que o autor refere com desgaste para ostentar a espira, embora tal possa ser puramente natural.

14 – Se alguns moluscos com interesse comestível podem ser considerados como oferendas aos defuntos, também é nesse sentido que devem ser interpretados alguns restos de mamíferos domésticos. O autor identificou restos de *Bos*, *Capra/Ovis* e *Canis*, embora o cão não esteja seguramente representado (DELGADO, 1880, p. 245).

Tais oferendas podem ter sido feitas aquando da constituição do depósito funerário numa ou em etapas sucessivas e recorrentes, acompanhando os espólios arqueológicos que ocorrem em grande quantidade e revelam qualidades de manufactura notáveis. A abundância dos espólios deve ser compaginada com o assinalável número de indivíduos ali tumulados, que ascende a pelo menos 150 indivíduos, conforme o cálculo realizado pelo próprio Nery Delgado, a partir da quantificação dos molares soltos recolhidos.

15 – A concluir, importa referir que as alterações a lápis introduzidas no manuscrito pelo punho do autor mostra que se tratava de original em fase de melhoria. A existência de várias versões manuscritas do mesmo original foi já identificada aquando dos estudos dos originais produzidos por Carlos Ribeiro, mas jamais publicados por este, ilustrando um processo de revisão lento mas consistente. No entanto, enquanto que no caso de Carlos Ribeiro as versões sucessivamente melhoradas por via da introdução das modificações nelas introduzidas pelo autor eram copiadas integralmente umas das outras (CARDOSO, 2013; CARDOSO, 2015 c), no caso em apreço trata-se de uma única versão escrita por Nery Delgado e por ele pontualmente alterada. Tal significa que o original destinado a publicação ainda não corresponderia à presente versão.

Em síntese, com a publicação dos inventários exaustivos e sistemáticos dos materiais recolhidos por cada sector escavado e de acordo com a progressão da escavação em profundidade em cada um deles, ficou demonstrada a excepcional qualidade do trabalho de Nery Delgado como arqueólogo, e o seu contributo original para a metodologia das técnicas de escavação, pelo que se deverá inscrever entre um dos pioneiros mais notáveis da Arqueologia europeia.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. José Carlos Henrique, meu colaborador desde há mais de vinte anos, pela transcrição preliminar da documentação que integra este trabalho, pela dedicação requeridos para a execução de tão árdua tarefa cumprida com o empenho e interesse habituais.

Ao Doutor Miguel Ramalho e Dr. José António Anacleto, pelo apoio na obtenção de fotos de exemplares da Casa da Moura conservados no Museu Geológico do LNEG com as respectivas etiquetas que atestam os locais e profundidades de recolha.

À Prof.^a Doutora Ana Carneiro pela cedência da transcrição da correspondência dos colectores existente no Arquivo Histórico do LNEG.

Ao Prof. Doutor João Zilhão, pelo interesse demonstrado por este estudo, tendo cedido informação bibliográfica sobre a escavação de William Pengelly em Kent's Cavern.

Ao Dr. Sérgio Medeiros, do GPS – Grupo Protecção Sicó, por ter providenciado a planta da Casa da Moura levantada na década de 1980 pelo Espele Clube de Torres Vedras.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M. Telles & CUNHA, A. Santinho (1993) – Violência, rituais e morte entre os “bons selvagens” de Muge. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*. Lisboa. 32, p. 197-239.
- ANTUNES, M. Telles; CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. Santinho (2009) – Espólio humano da gruta da Casa da Moura (Cesareda): observações osteológicas crânio-faciais. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17, p. 175-221.
- BENSAUDE, A. (1884) – Note sur la nature minéralogique de quelques intruments de pierre trouvés en Portugal. *Congrès International d'Anthropologie e d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la IX^{ème} Session à Lisbonne (1880)*. Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences, p. 683-697.
- BOAVENTURA, R. & CARDOSO, J. L. (2014) – Carlos Ribeiro (1813-1882) e as antas de Belas: um contributo para a História da Ciência em Portugal no século XIX. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 35-80.

- CARDOSO, J. L. (1980) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 1ª parte. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 90, p. 211-304.
- CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2008) – Joaquim Filipe Nery Delgado, arqueólogo. In *Nery Delgado (1835-1908), Geólogo do Reino*. Lisboa: Museu Geológico/INETI/Centro de História e Filosofia das Ciências/FCT/UNL, p. 65-79.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 467-552.
- CARDOSO, J. L. (2013) – Carlos Ribeiro, a “Breve notícia acerca do terreno quaternario de Portugal” e a questão do Homem terciário em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 27-88.
- CARDOSO, J. L. (2014) – Polished stone tools. In CARVALHO, A. F., ed., *Bom Santo cave (Lisbon) and the Middle Neolithic societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve, p. 185-194 (Promontoria Monográfica, 17).
- CARDOSO, J. L. (2015 a) – Carlos Ribeiro and Francisco António Pereira da Costa: dawn of the Mesolithic shellmiddens of Muge (Salvaterra de Magos). In Bicho, N., Detry, C.; Price, T. D. & Cunha, E., *Muge 150th: The 150th Anniversary of the Discovery of Mesolithic Shellmiddens*. Cambridge Scholars Publishing (2015), p. 1-18.
- CARDOSO, J. L. (2015 b) – Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: contributos de um percurso pessoal. In *O Neolítico em Portugal antes do Horizonte 2020: perspectivas em debate*. Lisboa (2015): Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 25-49. Também publicado, com maior riqueza iconográfica em: *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22 (2015), p. 93-138.
- CARDOSO, J. L. (2015 c) – Carlos Ribeiro (1813-1882), as formações quaternárias portuguesas e a antiguidade do Homem: um manuscrito desconhecido. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22, p. 43-92.
- CARDOSO, J. L. (2018) – Primórdios dos estudos pré-históricos em Portugal: os concheiros mesolíticos de Muge (Salvaterra de Magos) e a *Memória* pioneira de Francisco António Pereira da Costa sobre o concheiro do Cabeço da Arruda. In *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa. 2. Primeiros textos de Pré-História, História e Heráldica* (dir. FRANCO, J. E. & FIOLEAIS, C.). Introdução, p. 91-112. Da existência do Homem em épocas remotas no vale do Tejo. Notícia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda. Transcrição revista, comentada e anotada, p. 441-499. Lisboa, 2018: Círculo de Leitores.
- CARDOSO, J. L. (2019) – Outeiro Redondo – Sesimbra – escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 87-338.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1992) – Escavações de Nery Delgado no planalto de Cesareda nas grutas da Lapa Furada e da Malgasta (Peniche): estudo do espólio arqueológico. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 78 (2), p. 145-173.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2008) – A gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e sua importância no faseamento do Neolítico do território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Oeiras. 16, p. 269-300.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J. L. & VILAÇA, R. (2020) – Uma placa de xisto reaproveitada da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Akra Barbarion*. Sesimbra. 4 (no prelo).

- CARDOSO, J. L.; DOMÍNGUEZ-BELLA, S. & MARTÍNEZ LÓPEZ (2012) – Ocorrência de contos de fluorite no Neolítico Final e no Calcolítico da Estremadura (Portugal). *Actas do IX Congresso Ibérico de Arqueometria (Lisboa, 2011)*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 35-42 (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 19, 2012).
- CARDOSO, J. L.; MEDEIROS, S. & MARTINS, F. (2018) – 150 anos depois: uma rara placa de xisto decorada encontrada na gruta da Casa da Moura (Óbidos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 21, p. 57-69.
- CARDOSO, J. L.; VILSTRUP, J.; EISENMANN, V. & ORSLANDO, L. (2013) – First evidence of *Equus asinus* L. in the Chalcolithic disputes the Phoenicians as the first to introduce donkeys into the Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science*, 40, p. 4483-4490.
- CARNEIRO, A. (2001) – The travel of Nery Delgado (1835–1908) in the context of the Portuguese Geological Service. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 88, p. 277-292.
- CARNEIRO, A. (2005) – Outside government science, “Not a single tiny boné to cheer us up!” The Geological Survey of Portugal (1857-1908), the involvement of common men, and the reaction of civil society to geological research. *Annals of Science*. 62 (2), p. 141-204.
- CARNEIRO, A.; MOTA, T. S. & LEITÃO, V. (2013) – *O chão que pisamos. A Geologia ao serviço do Estado (1848-1974)*. Lisboa: Colibri.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82, p. 145-168.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARTAILHAC, É. (1886) – *Les ages préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.
- COSTA, F. A. Pereira da (1865) – *Da existencia do Homem em epochas remotas no valle do Tejo. Primeiro opusculo. Noticia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. Lisboa: Comissão Geologica de Portugal.
- DAWKINS, W. Boyd (1874) – *Cave hunting, researches on the evidence of caves respecting the early inhabitants of Europe*. London: MacMillan & Co.
- DELGADO, J. F. N. (1867) – *a existência do Homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas. Primeiro opusculo. Noticia acerca das grutas da Cesareda*. Lisboa: Comissão Geologica de Portugal.
- DELGADO, J. F. N. (1884) – La grotte de Furninha a Peniche. Congrès International d’Anthropologie e d’Archéologie Préhistoriques. *Compte-Rendu de la IX éme Session à Lisbonne (1880)*. Lisbonne: Typographie de l’Académie Royale des Sciences, p. 207-278.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. Santinho (1994) – A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 80, p. 99-105.
- GONÇALVES, V. S. (1978) – *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, V. S., ed. (2003) – *STAM – 3, a anta 3 da herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 32).
- HARLÉ, E. (1910/1911) – Les mammifères et oiseaux quaternaires connus jusqu’ici en Portugal. Mémoire suivi d’une liste générale de ceux de la Péninsule Ibérique. *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*. Lisboa. 8, p. 22-85.

- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1941) – A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 4, p. 103-144.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º 8 – Nova Série).
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI G. (1987) – A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 5, p. 37-65.
- MCFARLANE, D. & LUNDBERG, J. (2005) – The 19th century excavation of Kent’s Cavern, England. *Journal of Cave and Karst Studies*, 67, 1, p. 39-47.
- ODRIOZOLA, C.; VILLALOBOS GARCÍA, R.; BOAVENTURA, R.; SOUSA, A. C.; MARTÍNEZ-BLANES, J. M. & CARDOSO, J. L. (2013) – Las producciones de adorno personal en rocas verdes del SW peninsular: los casos de Leceia, Moita da Ladra y Penha Verde. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, 2013, p. 605-622.
- OLIVEIRA, F. de Paula e (1884) – Notes sur les ossements humains qui se trouvent dans le Musée de la Section Géologique de Lisbonne. Congrès International d’Anthropologie e d’Archéologie Préhistoriques. *Compte-Rendu de la IX éme Session à Lisbonne (1880)*. Lisbonne: Typographie de l’adémie Royale des Sciences, p. 305.
- PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 22, p. 45-84.
- PRUNIÈRES (1871) – Sur une grotte funéraire dite la grotte de l’homme mort à Saint-Pierre-des-Tripiés (Lozère) *Bulletins et Mémoires de la Société d’Anthropologie de Paris*. Paris. 6, p. 428-433.
- RELATÓRIO (1866) – *Relatorio dos trabalhos executados do Instituto Geographico durante o anno economico de 1865-1866*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- RELATÓRIO (1881) – *Relatorio dos trabalhos geodésicos, opographicos, hydrographicos e geológicos do Reino percennete ao anno económico de 1879-1880*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- RELATÓRIO (1882) – *Relatorio do anno económico de 1880-1881 da Direcção-Geral dos Trabalhos Geodesicos, Topographicos, Hydrographicos e Geologicos do Reino*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Monumntos megalihicos das vizinhanças de Bellas*. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- RIBEIRO, C. (1884) – Les kjoekkenmoeddings de la vallée du Tage. Congrès International d’Anthropologie e d’Archéologie Préhistoriques. *Compte-Rendu de la IX éme Session à Lisbonne (1880)*. Lisbonne: Typographie de l’Académie Royale des Sciences, p. 279-292.
- ROCHE, J. (1960) – *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge, Portugal)*. *Archéologie*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- SERRÃO, E. C. & MARQUES, G. (1971) – Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). *2.º Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional de Educação, 1, p. 121-142.
- SILVA, A. M.; BOAVENTURA, R.; FERREIRA, M. T. & MARQUES, R. (2012) – Skeletal evidence of interpersonal violence from portuguese Late Neolithic burials: na overview. In SCHULTING, R. & FIBIGER, L., *Sticks, stones & broken bones neolithic violence in a european perspective*. Oxford University Press, p. 318-340.

- SILVA, A. M.; SOUSA, A. C.; BOAVENTURA, R. & SCARRE, C. (2019) – The forgotten bones of the dolmen of Carrascal (Aqualva, Sintra, Portugal). Examining old human remains. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 76 (2), p. 345-356.
- STRAUS, L.; ALTUNA, J.; JACKES, M. & KUNST, M. (1988) – New excavations in Casa da Moura (Serra d’El Rei, Peniche) and at Abrigo de Bocas (Rio Maior), Portugal. *Arqueologia*. Porto. 18, p. 65-95.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1906) – Acquisições do Museu Etnologico Português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 11, p. 89-92.
- WARREN, C. N. & ROSE, S. (1994) – *William Pengelly’s spits, yards and prisms. The forerunners of modern excavation methods and techniques in Archaeology*. Torquay Natural History Society.
- ZILHÃO, J. (1993) – As origens da arqueologia paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série X, 3, p. 111-125.
- ZILHÃO, J. (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. 2 volumes. Lisboa: Colibri.
- ZILHÃO, J. (2016) – Beaker people without beaker pots: the Chalcolithic funerary contexto from the Galeria da Cisterna (Almonda karst system, Torres Novas, Portugal). *Estudis en homenatge a Bernat Martí Oliver*. Valencia: SIP, p. 379-386.